

*Coletânea  
da Teologia de  
João Wesley*

**BURTNER E CHILES**  
Compiladores

**COLETÂNIA DA TEOLOGIA  
DE  
JOÃO WESLEY**

Compilação de  
Robert W. Burtner  
e  
Robert E. Chiles

Tradução de Messias Freire

Do original norte-americano:  
A Compend of Wesley's Theology. Nashville,  
Abingdon Press.

1ª edição em Português: 1960, pela Junta Geral de  
Educação Cristã da I.M.B.

2ª edição: 1995

Editor: Filipe P. de Mesquita

Capa: Atalá da S. Nascimento

BURTNER, R.W. e CHILES, R.E., compiladores.  
Coletânea da Teologia de João Wesley. 2. ed.  
Rio de Janeiro  
IGREJA METODISTA, Colégio Episcopal, 1995.

1. Teologia; 2. Metodismo; 3. João Wesley.

Setor de Publicações da Pastoral Bennett  
Instituto Metodista Bennett  
Rua Marquês *de* Abrantes, 55 - Tel.: 285-1001  
Rio de Janeiro

## PREFÁCIO

João Wesley é largamente reconhecido como o líder de um grande reavivamento religioso do século 18 e como homem de grande zelo e de talentos múltiplos e fora do comum. Este livro nasceu da convicção de que a sua grandeza ainda deve ser medida em outro campo - o da teologia. Esta afirmação bem pode parecer estranha, pois já passa mais de uma geração desde que a teologia de Wesley foi admitida como tal. Somente há poucos anos atrás foi feita uma revalorização do seu pensamento religioso.

O arranjo sistematizado de trechos selecionados de seus escritos teológicos pode contribuir para o interesse crescente na teologia de Wesley em vários sentidos. O primeiro se baseia no fato de que a coleção de trabalhos de Wesley atinge a bem mais de 30 volumes nas edições aqui usadas e que alguns destes não são facilmente obtidos ou pertencem a edições esgotadas. Além disso, o número e a variedade dessas diferentes publicações perfazem uma soma de material que não é facilmente sobrepujada. Uma Coletânea, até certo ponto, vem ao encontro dessas dificuldades, apresentando, num só volume, alguns dos valiosos escritos teológicos dos numerosos volumes, e fornecendo referências a ainda outros. Por sua própria natureza, esta Coletânea é um índice do pensamento de Wesley, visto que a referência a cada passagem torna o contexto, do qual *ela* foi tirada, prontamente acessível. O índice de assuntos é um guia adicional provendo referências do material dos outros volumes encontrado neste livro.

Wesley não foi um teólogo sistemático como foi, por exemplo, Calvino. na sua vida muito ativa *ele* raramente estudou uma doutrina suficientemente de modo a dar forma organizada *e ade-*

quada a todos os seus pormenores. Neste sentido ele não é diferente de Lutero. Talvez a fonte mais compensadora da teologia de Wesley sejam os seus sermões, os quais foram pregados ao povo mais simples. Embora eles sejam lógicos, sucintos e conduzam análises doutrinárias a extensões surpreendentes, a sua natureza impede que sejam curtos tratados teológicos. Esta formulação sistemática, embora não esteja presente em detalhe explícito, é contudo pressuposta em toda a parte nos seus escritos. Tal tentativa envolve diversas dificuldades. Na maioria dos casos o material precisa ser extraído do seu contexto. Isto exige decisões mais ou menos arbitrárias quanto ao começo e ao fim das passagens e a eliminação de comentário muito útil. Surgem problemas, continuamente, quanto ao arranjo, à divisão das doutrinas e à proporção do espaço, para nada se dizer do problema da continuidade muito necessária. Além disso, qualquer tentativa em considerar separadamente vários aspectos da doutrina tende a não ser natural como se pode ver, por exemplo, da doutrina de Wesley a respeito do homem. Espera-se que o reconhecimento destas dificuldades e um certo grau de precaução possam dar valor positivo a esta Coletânea. Se ela conseguir selecionar e organizar o melhor do pensamento de Wesley numa forma tal que alcance um círculo maior de leitores, ele terá atingido o seu objetivo.

Todos os principais escritos de Wesley foram colecionados e examinados num esforço para que um trabalho representativo da sua teologia total fosse produzido. De modo geral o nosso objetivo foi a largueza da seleção representando assuntos sob consideração de uma variedade de fontes. Fizemos ainda um outro esforço para tornar as seleções representativas, examinando outros trabalhos secundários sobre o pensamento de Wesley. Tais esboços de sua teologia foram estudados e freqüentemente referidos na organização desta Coletânea. Além disso, o material citado nessas fontes secundárias foi conferido com o original e examinado para a sua possível inclusão. Conseqüentemente,

mais material do que o constitui este volume foi extraído, considerado e finalmente abandonado.

Quase todos os trechos vêm de escritos feitos após a experiência de Aldersgate em 1738. Deu-se, também ênfase especial aos padrões doutrinários do metodismo histórico. Wesley escreveu e imprimiu nas Atas da conferência de 1763 (e continuou a reimprimi-lo) uma escritura Modelo que teria se ser seguida nos assuntos pertencentes à propriedade e ao uso das capelas metodistas. Entre outras coisas ele estabelece que

*os administradores das propriedades permitirão às pessoas nomeadas pela conferência anual do povo chamado Metodista... e a ninguém mais, tê-las e desfrutar das mesmas para o fim preestabelecido, desde que essas pessoas nunca preguem doutrina que não esteja contida nas "Notas sobre o Novo Testemunho" do Sr. Wesley e nos 4 volumes de "Sermões" (Obras VIII, 330-331).*

A publicação subsequente de sermões adicionais e a reorganização dos sermões nas edições posteriores produziu incerteza sobre quais eram os sermões referidos na escritura-modelo. Essa incerteza, no entanto, dissipou-se sendo aceito o ponto de vista de que aqueles sermões eram os 44 contidos nos primeiros 4 volumes da edição de 8 volumes dos Sermões de Wesley, publicada em 1787-88. Estes e os sermões discutidos bem como uma história da referida disputa encontram-se na edição dos Sermões Padrões feita por Sugden. Estes e as Notas formam os padrões doutrinários apontados por Wesley e recomendados aos seus seguidores na Escritura-Modelo. Obedecendo ao desejo expresso de Wesley, portanto, deu-se, nesta Coletânea, prioridade aos materiais tirados dos sermões "padrões" e os mesmos foram considerados como normativos.

Na organização do livro tivemos como critério a simplicidade, a facilidade de leitura e o desejo e a conformidade com a

própria disposição de Wesley. Fizemos todo o esforço para permitir que o próprio Wesley fale. As contradições e as omissões foram mantidas onde ocorrem. Procuramos não torcer o pensamento de Wesley forçando uma aparência de exatidão e compreensão onde, de fato, elas não existam.

A organização do pensamento de Wesley em um compêndio já foi tentada na *Wesleiana*, no começo do século 19, quando se fez uma compilação de passagens tiradas quase sem exceção dos sermões. Pode-se crer que um homem que fez "extratos e resumos das principais obras de teologia prática que têm sido publicadas na língua inglesa", em sua Biblioteca Cristã, aproveite esta tentativa destinada a iniciar e estimular o conhecimento das idéias teológicas que julgou de maior valor.

As introduções dos capítulos dão algumas indicações das peculiaridades e dos problemas de cada capítulo e sugerem as suas relações com a teologia total de Wesley. Os versos no final dos capítulos, ilustrando as várias doutrinas, tanto quanto se pode determinar, foram tirados mais dos escritos poéticos de João do que de Carlos Wesley.

Para facilitar a leitura, tomamos a liberdade de inserir ou omitir palavras ou frases no começo das passagens onde são necessárias para tornar o sentido mais exato. Tiramos do texto, em todos os casos, o número dos parágrafos, mas o mesmo foi retido nas referências identificadoras. Estas referências ocorrem em forma um tanto abreviada. Os números romanos indicam a parte e os arábicos a secção da obra citada. Os números indicando exatamente o volume e a página das edições que foram usadas são dados entre parênteses. Um "S" no começo dos sermões indica a edição de Sugden dos Sermões Padrões e um "J" indica a lista de Jackson dos sermões restantes. As edições citadas são as mais aceitas e usadas. As referências encontradas através do livro são feitas a estas edições. Todavia, na maioria dos exemplos, a informação dada é suficiente para se localizarem as passagens em qualquer edição completa.

A Coletânea recebeu o benefício de sugestões de sábios e estudantes a respeito de Wesley. Somos gratos a Edwin Lewis que leu o manuscrito e deu sugestões úteis, e , também, a Arthur W. Nagler e Albert C. Outler. Diversos membros da Faculdade do Instituto Bíblico Garrett e do Seminário Teológico União (Nova York) bondosamente leram e comentaram o manuscrito em diversas partes. Os Bispos encorajaram a publicação do mesmo. Somos gratos a todas estas pessoas.

Este livro, contudo, deve a sua origem e realidade a David C. Shopley mais do que a qualquer outra pessoa, O trabalho foi concebido pela sua inspiração. O seu interesse e conselho ajudaram-nos a terminá-lo. Somos-lhe imensuravelmente devedores. Expressamos finalmente a nossa gratidão às nossas esposas Cleo e Virgínia que nos ajudaram com paciência neste trabalho de amor.

ROBERT W. BURTNER

ROBERT E. CHILES



## NOTA DA 2ª EDIÇÃO

O livro Coletânea da Teologia de João Wesley foi traduzido e publicado em Português em 1960.

Tornou-se de inestimável auxílio para os interessados e os estudiosos do Metodismo, e para os metodistas de um modo geral.

A obra de João Wesley é vasta e só especialistas têm tempo e condições de estudá-la em sua amplitude. Assim, esta Coletânea, adequadamente organizada por seus compiladores, é uma obra ao mesmo tempo ampla e resumida, para propiciar aos leitores uma visão a respeito de diversos temas teológicos discutidos e comentados por João Wesley, e que são básicos ao Metodismo em particular, e ao cristianismo, em geral.

Esta obra é, por outro lado, uma obra didática que oferece aos leitores e leitoras mais simples a possibilidade de lerem, entenderem e se apropriarem dos escritos de um dos maiores vultos da Igreja Cristã, que foi mestre na arte de falar para o povo e ao povo - João Wesley, o teólogo, o pastor, o pregador, o evangelista.

Filipe P. de Mesquita  
Editor

# ÍNDICE

<b>I - CONHECIMENTO RELIGIOSO E AUTO- RIDADE</b>	15
1. <i>A Bíblia</i>	18
2. <i>Revelação e razão</i>	23
3. <i>Experiência religiosa</i>	28
4. <i>Tradição cristã</i>	33
5. <i>A criação natural</i>	36
<b>II - DEUS</b>	39
1. <i>Os atributos de Deus</i>	41
2. <i>O caráter de Deus e a predestinação</i>	46
3. <i>A atividade de Deus como criador</i>	52
4. <i>Atividade de Deus como governador         ou preservador</i>	55
5. <i>A atividade de Deus como juiz</i>	59
6- <i>A atividade de Deus como redentor</i>	62
<b>III- JESUS CRISTO</b>	65
1. <i>A pessoa de Cristo</i>	67
2. <i>A obra de Cristo como sacrificio pelo         pecado</i>	72
3. <i>Outras conseqüências da obra de Cristo</i>	77

IV - O ESPÍRITO SANTO	83
1. <i>A obra redentora do Espírito Santo</i>	85
2. <i>Testemunho do Espírito (certeza)</i>	89
3. <i>Frutos do Espírito</i>	96
V - O HOMEM	99
1. <i>Imagem de Deus</i>	101
2. <i>A queda e seus resultados</i>	104
3. <i>Culpa e depravação do pecado original</i>	110
4. <i>Pecado original e pecados atuais</i>	115
5. <i>O homem natural</i>	118
6. <i>Livre arbítrio</i>	124
VI - SALVAÇÃO	127
1. <i>Natureza geral da Salvação</i>	130
2. <i>Salvação pela graça</i>	134
3. <i>Graça Salvadora</i>	137
4. <i>Arrependimento</i>	142
5. <i>Fé</i>	147
6. <i>Justificação pela fé (perdão e aceitação)</i>	154
7. <i>Novo Nascimento (regeneração)</i>	157
8. <i>O pecado nos crentes</i>	164
9. <i>O arrependimento dos crentes</i>	169
10. <i>Santificação completa</i>	173

VII. O IDEAL MORAL	181
1. <i>A Lei</i>	183
2. <i>Amor Cristão</i>	190
3. <i>Perfeição cristã</i>	195
4. <i>O reino de Deus</i>	205
VIII - O PADRÃO MORAL	209
1. <i>Caráter cristão</i>	211
2. <i>Os deveres cristãos</i>	217
3. <i>A família</i>	226
4. <i>A ordem econômica</i>	229
5. <i>A ordem política</i>	235
IX - A IGREJA	239
1. <i>Natureza da Igreja</i>	241
2. <i>As Sociedades Unidas (congregações)</i>	246
3. <i>O ministério</i>	248
4. <i>O sacramento da Ceia do Senhor</i>	251
5. <i>O sacramento do Batismo</i>	255
X - ESCATOLOGIA	259
1. <i>Destino humano</i>	261
2. <i>A vida eterna</i>	264
3. <i>Coisas eternas</i>	268

# **Conhecimento religioso e autoridade**

## Conhecimento religioso e autoridade

*A Bíblia é para Wesley a constante e última fonte de conhecimento e autoridade. O seu credo "eu sou um homem de um livro" manifesta-se através dos seus sermões e de suas obras. De modo geral, como sugerem as suas Notas, Wesley não se prende ao literalismo, embora ele constantemente faça afirmações polêmicas no seu esforço por estabelecer a infalibilidade da Bíblia. Wesley prescreve para todos a mesma disciplina mental que caracteriza a sua própria vida, negando vigorosamente que os metodistas renunciem ao critério da razão. A sua doutrina distintiva da experiência religiosa é usada como prova posterior para as idéias religiosas. Ela consiste em dois elementos: uma experiência interna e direta do amor de Deus e um apelo à comunidade dos crentes em favor da confirmação da conduta e da doutrina. Isto pode ser chamado na sua essência de teologia empírica, pois nisso nada existe de abstrato e de teórico. Wesley repetidamente cita estes três elementos "a Escritura, a razão e a experiência" em confirmação dos seus juízos religiosos. Duas outras fontes de conhecimento religioso e de autoridade são indicadas: a tradição cristã que reflete a formação espiritual de Wesley na Igreja Anglicana e inclui os escritos dos Pais da Igreja Primitiva, os credos ecumênicos e o Livro Comum de Orações anglicano, e a criação natural que sugere o seu profundo interesse pelo mundo físico.*

\*\*\*

### 1- A Bíblia

Eu não tenho receio de revelar os meus pensamentos mais íntimos aos homens sinceros e sensatos. Eu tenho pensado que sou uma criatura de um dia passando pela vida como uma flecha através do ar. Sou um espírito vindo de Deus e que para ele voltará; espírito

apenas pairando sobre o grande abismo, até que daqui a uns poucos momentos eu não seja mais visto e entre numa eternidade imutável! Quero saber uma coisa - o caminho para o céu; como desembarcar-me com segurança naquela praia feliz. O próprio Deus condescendeu em ensinar o caminho; para este fim, ele veio do céu. Ele o escreveu em um livro. Oh! dá-me esse livro! Por qualquer preço, dá-me o livro de Deus! Eu o tenho. Aqui há conhecimento suficiente para mim. Seja eu o homem de um livro. De modo que estou distante dos costumes atarefados dos homens. Eu me assento a sós: somente Deus está aqui. Em sua presença abro e leio o seu livro; para este fim achar o caminho do céu. Há alguma dúvida a respeito do significado daquilo que leio? Parece alguma coisa difícil ou intrincada? Ergo o meu coração ao Pai das luzes; "Senhor, não é tua palavra, se alguém necessita de sabedoria peça a Deus? Tu dás liberalmente e não lanças em rosto. Tu disseste: se alguém quiser fazer a tua vontade, ele a conhecerá. Eu quero fazê-la, dá que eu conheça a tua vontade." Eu então pesquiso e considero as passagens paralelas das Escrituras, "comparando as coisas espirituais com as espirituais." E então medito com toda a atenção e sinceridade de que é capaz a minha mente. Se ainda persiste alguma dúvida, consulto aqueles que são experimentados nas coisas de Deus e, então, os escritos que estavam quase mortos, ainda falam. E o que assim aprendo, isso ensino.

*Prefácio aos Sermões, 5 (S, 1, 31-32)*

\*\*\*

Com referência às Escrituras em geral, pode-se observar que a palavra do Deus vivo que dirigiu também os primeiros patriarcas foi escrita no tempo de Moisés. Foram adicionados a esta os escritos dos outros profetas em várias gerações posteriores. Depois os apóstolos e os evangelistas escreveram o que o Filho de Deus pregou e o que o Espírito Santo falou através dos apóstolos. Isto é o que nós agora chamamos de Escritura Sagrada. Esta é a palavra de Deus que permanece para sempre; dessa palavra não passará um til, embora passem os céus e a terra. Portanto, a Escritura do Antigo e do Novo Testamentos é o mais sólido e precioso sistema de verdade divina. Todas as partes da mesma são dignas de Deus, e todas juntas constituem um corpo total, no qual não há defeito nem excesso. Ela é a fonte de sabedoria celeste, a qual aqueles que são capazes de prová-la preferem a todos os escritos dos homens, quer sejam sábios, cultos os santos.

Um exato conhecimento da verdade foi acompanhado no escritores inspirados por uma série exatamente regular de argumentos, por uma expressão precisa do seu significado e por um vigor genuíno de afeições próprias. A cadeia de argumentos é exposta em cada livro no resumo que o precede que contém também a soma dos mesmos e isso pode ser mais útil do que antepor-se o argumento a cada capítulo. A divisão do Novo Testamento em capítulos foi feita na Idade Média de maneira muito incorreta, freqüentemente separando coisas que deviam estar unidas e unindo as que são inteiramente distintas umas das outras.

Podemos observar na linguagem dos Escritos Sagrados a maior profundidade bem como a maior facilidade. Todas as elegâncias das composições humanas são nada em relação a eles. Deus não fala como homem, mas como Deus. Seus pensamentos são muito profundos, e daí o serem suas palavras de inexaurível virtude. E a linguagem dos seus mensageiros é também do mais alto teor, pois as palavras que lhes eram dadas correspondiam exatamente à impressão feita nas suas mentes; e daí o dizer Lutero: "A teologia nada mais é do que a gramática da língua do Espírito Santo". Para entendermos isto perfeitamente, devemos observar a ênfase que existe em cada palavra, os santos sentimentos ali expressos e o temperamento manifesto pelos escritores. Mas como têm sido pouco consideradas estas coisas, especialmente a última! No entanto, elas estão maravilhosamente difundidas através de todo o Novo Testamento e são na verdade uma recomendação contínua daquele que age ou fala ou escreve.

*Notas: Prefácio, 10-12 (v-vi).*

\*\*\*

Há quatro argumentos grandes e poderosos que nos induzem fortemente a crer que a Bíblia precisa ser de Deus: o milagres, as profecias, a bondade da doutrina e o caráter moral dos escritores. Todos os milagres fluem do poder divino; todas as profecias, da compreensão divina; a bondade da doutrina, da bondade divina, e o caráter moral dos escritores, da santidade divina.

De modo que o Cristianismo é construído sobre quatro grandes pilares: o poder, a compreensão, a bondade e a santidade de Deus. O poder divino é a fonte de todos os milagres; a compreensão divina, a de todas as profecias; a bondade divina, a da bondade da doutrina; a santidade divina, a do caráter moral dos escritores.



Peço licença para propor um argumento curto, claro e forte para provar a inspiração divina das Sagradas Escrituras.

A Bíblia deve ser a invenção de homens bons ou de anjos; de homens maus ou de demônios; ou de Deus.

1 - Ela não podia ser a invenção de homens bons ou de anjos, pois eles não fariam nem poderiam fazer um livro contando mentiras durante todo o tempo em que o estavam escrevendo, dizendo: "Assim disse o Senhor" quando o livro era a sua própria invenção.

2 - Ela não podia ser a invenção de homens maus ou de demônios pois eles não fariam um livro que impõe todos os deveres, proíbe todos os pecados e condena as suas almas ao inferno por toda a eternidade.

3 - Eu tiro portanto a conclusão de que a Bíblia precisa ter sido dada pela inspiração divina.

*Obras: "Demonstração Clara e Concisa da Inspiração Divina das Sagradas Escrituras"(XI, 478-79).*

\*\*\*

A regra geral da interpretação da Escritura é esta: o sentido literal de cada texto deve ser tomado se ele não contraria algum outro texto; nesse caso o texto obscuro deve ser interpretado por outros que falem de modo mais claro. Se alguém quiser que ande mais depressa do que as suas forças permitem, você não terá licença de Deus para fazê-lo. Se alguém quiser que ande mais longe quando já estiver cansado, você deverá querer que lhe empreste o seu cavalo ou que vá a pé em sua companhia.

*Cartas: "A Samuel Furly" (III, 129)*

\*\*\*

Meu fundamento é a Bíblia. Sim, sou intransigente a favor da Bíblia, Sigo-a em todas as coisas, grandes ou pequenas.

*Diário: Quinta-feira, 5 de junho, 1766 (V, 169).*

Não considero qualquer escrito senão o inspirado, em matéria de religião, Tauler, Behmen, e todo um exército de autores místicos são nada para mim em comparação com S. Paulo. Em todos os pontos apelo para a lei e para o testemunho, e não dou valor a qualquer outra autoridade senão a esta.

A um tempo quando eu estava no grande perigo de não dar o devido valor a esta autoridade, vós me fizestes aquela importante observação: "Eu sei onde está o seu erro. O senhor devia ter uma religião filosófica, mas não pode haver tal coisa. A religião é a coisa mais clara e simples do mundo. Ela é apenas isto: "Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro", tanto quanto o senhor adicionar filosofia à religião, tanto quanto o senhor a deturpará. "Desde então nunca me esqueci dessa observação, e confio em Deus que nunca o farei.

*Cartas: "Ao Rev. Sr. Law"(III, 332)*

\*\*\*

A regra cristã do certo e do errado é a Palavra de Deus - os escritos do Antigo e do Novo Testamentos, tudo o que os profetas e os homens santos da antigüidade escreveram quando eram movidos pelo Espírito Santo; toda a Escritura que foi dada pela inspiração de Deus que é realmente proveitosa para a doutrina ou para ensinar toda a vontade de Deus, para reprovação do que lhe é contrário, para correção do erro, para instruir-nos e treinarmos na justiça (II Tim. 3:16).

Ela é lâmpada para os pés do cristão bem como luz para todos os seus caminhos. Ele a recebe como a sua única regra do que é justo e do que é errado, de tudo aquilo que é realmente bom ou mau. Ele nada tem como bom senão aquilo que nela se contém, quer diretamente ou por simples conseqüência; nada tem como mau senão o que ela proíbe, quer claramente ou por inferência inegável. Tudo que a Escritura não proíbe nem ordena quer diretamente ou por simples conseqüência, ele crê que seja de natureza indiferente, nem bom nem mau em si mesmo; esta é a regra total e única pela qual a sua consciência é dirigida em todas as coisas.

*Sermões: "O testemunho de nosso próprio espírito", 6 (S,1,225-26).*

Toda a Escritura é inspirada por Deus. O Espírito de Deus não só inspirou aqueles que a escreveram, mas inspira continuamente e assiste de modo sobrenatural àqueles que a lêem com sincera oração. Daí o ser ela tão aproveitável para a doutrina, para instrução do ignorante e para reprovação ou convicção daqueles que estão no erro ou no pecado; para correção ou emenda de tudo aquilo que é errado ou impróprio e para instruir ou treinar os filhos de Deus em toda a justiça.

*Notas: II Tini. 3:16*

\*\*\*

Este é o modo de entenderdes as coisas de Deus: "Meditai sobre elas dia e noite"; assim atingireis o melhor conhecimento que é o conhecer o único e verdadeiro Deus e a Jesus Cristo a quem ele enviou. E este conhecimento vos levará a amá-lo porque ele vos amou primeiro; sim, "a amardes ao Senhor vosso Deus de todo o vosso coração toda a vossa alma, com toda a vossa mente e com todas as vossas forças". Não haverá então em vós "aquela mente que houve também em Cristo Jesus?" Em conseqüência disto, enquanto vós experimentais todos os santos sentimentos descritos neste livro, igualmente manifestareis em toda a vossa conversação que "sois santos como é santo aquele que vos chamou".

Se vós desejais ler as Escrituras de maneira a conseguirdes atingir este objetivo efetivamente, não vos será aconselhável, (1) Separardes um pouco de tempo, se puderdes, todas as manhãs e todas as noites para esse fim? (2) Em cada hora daquelas, se tiverdes tempo, lerdes um capítulo do Antigo e um do Novo Testamento; se não puderdes fazê-lo, lerdes um capítulo apenas ou parte de um? (3) Lerdes tais passagens com humildade para conhecerdes toda a vontade de Deus e com resolução firme de praticá-las? A fim de conhecerdes a sua vontade, vós deveis (4) Prestar atenção constantemente à analogia da fé, à conexão e à harmonia que existe entre as grandes e fundamentais doutrinas do pecado original, da justificação pela fé, do novo nascimento, da santidade interna e exterior. (5) A oração séria e sincera deve ser constantemente usada antes de consultarmos os oráculos de Deus, visto que "a Escritura só pode ser entendida através do mesmo Espírito que por *ela* foi dado".

Devemos igualmente terminar a nossa leitura com oração para que aquilo que lemos seja escrito no nosso coração. (6) É também de utilidade que, enquanto lemos, paremos freqüentemente e nos examinemos através da leitura quanto ao nosso coração e quanto à nossa vida. Isto nos dará motivos de louvor onde descobriremos que Deus nos capacitou a nos conformarmos com a sua vontade abençoada, e motivos de humilhação e oração onde tivermos a consciência de termos falhado. E qualquer que seja a luz que então recebermos deve ser imediatamente usada em toda a sua extensão. Não haja demora. Seja qual for a vossa resolução, começai a executá-la no primeiro momento em que puderdes. Assim descobrireis que esta palavra é realmente o poder de Deus para o presente e para a salvação eterna.

*Obras: "Prefácio às Notas Explicatórias sobre o Antigo Testamento", 17-18 (XIV, 267-68).*

\*\*\*

## 2 - Revelação e razão

A razão, sabendo que a informação ou revelação divina é de fato divina, já está convencida de que ela excede a toda certeza humana. A única coisa, portanto, de que se deve estar convencido neste sentido é que a revelação é divina ou que a Escritura é de autoridade divina. Com referência a isto devemos observar que:

Primeiro, visto que Deus fez dos homens os instrumentos imediatos de toda a revelação, a fé evangélica deve ser em parte fundada sobre o testemunho humano. O Antigo e o Novo Testamento foram escritos pelos homens. Se nós os abstrairmos da sua autoridade divina, eles devem ser tão dignos de aceitação pelo menos quanto todos os outros escritos antigos. Mesmo que nós suponhamos que eles sejam um mero testemunho humano, ainda assim eles merecem pelo menos o mesmo crédito que damos à história profana. Agora, se adicionarmos o testemunho divino a este humano, o que nenhum outro escrito no mundo pode pretender, sendo os milagres de Cristo e de seus apóstolos uma prova desse testemunho, e ainda mais: o cumprimento somente em Cristo de todas as profecias desde o

começo do mundo, o fato de que as Escrituras são o único livro no mundo que nos dá uma descrição das séries completas das dispensações de Deus para com o homem durante 4 mil anos desde a criação, a grande exaltação da religião natural visível em todas as partes da mesma, e, por último, o cuidado providencial tão manifesto em todos os tempos na transmissão de diversos livros escritos como mediação de longo espaço de tempo uns dos outros e todos de nós e o serem eles hoje, na sua infinita variedade de assuntos os quais foram cuidadosamente colecionados, tão isentos de qualquer erro material que não se pode encontrar oposição entre quaisquer pontos fundamentais de fé ou prática; eu digo que, se estas coisas forem totalmente consideradas, elas darão às Escrituras um tal grau de veracidade que nenhum escrito meramente humano pode ter e serão a maior evidência da verdade das coisas que elas são capazes de receber com uma repetição contínua e diária de milagres.

Podemos observar, em segundo lugar, que, visto que Deus fez dos homens os seus instrumentos imediatos de todas as suas revelações, Ele condescendeu em usar a linguagem humana, assim como as nossas concepções e idéias naturais para a representação clara e fácil das coisas sobrenaturais e de outro modo incompreensíveis...

Nada é, pois, mais absurdo do que as objeções dos não-crentes contra a inteligibilidade dos mistérios cristãos visto que o Cristianismo requer o nosso assentimento apenas ao que é simples e inteligível em todas as proposições. Que todos tenham primeiramente uma convicção completa da verdade de cada proposição nos evangelhos até onde ela seja simples e inteligível, e então creiam tanto quanto eles entendem. Que creiam firmemente que existe somente um Deus - objeto de todo e qualquer culto divino; que pensem e falem a respeito dele naquela distinção simples e escriturística de Pai, Filho e Espírito Santo, deixando a natureza incompreensível daquela união e distinção com o grande autor de nossa fé. Que creiam que Cristo é o Filho Unigênito de Deus no significado óbvio destas palavras e deixem o modo daquela geração inconcebível com a veracidade de Deus. Creiam que Cristo verdadeiramente fez a Deus expiação por nós, como um homem faz expiação a alguém em favor de um terceiro, e deixem a parte ininteligível daquela operação divina para assuntos de louvor e

contemplação futuros. Que os homens creiam tanto quanto eles assim claramente entendem sem ficarem perplexos e sem levar os outros a ficá-lo com o que é incompreensível. Assim eles cumprirão todos o propósito de Deus em todas as suas revelações.

*Compêndio de Filosofia Natural (II, 447-449)*

\*\*\*

O Filho de Deus começa a sua obra no homem capacitando-nos a crer nele. Ele abre e alumia os olhos de nosso entendimento. Ele ordena que a luz brilhe nas trevas e tira o véu que o "deus deste mundo" pôs no nosso coração. Nós, então, vemos não por um encadeamento de raciocínio, mas por uma espécie de intuição, por uma visão direta que "Deus estava reconciliando o mundo consigo através de Cristo, não imputando aos homens as suas transgressões anteriores nem imputando-as a mim".

*Sermões: "O objetivo da vinda de Cristo", III 1 (J, VI, 274-275).*

Quando Deus abre os nosso olhos, nós vemos que antes estávamos sem Deus - atheoi em tō kosmo - ateus no mundo. Não tínhamos, por natureza, nenhum conhecimento de Deus e nenhuma relação com Ele. É verdade que, logo que chegamos ao uso da razão, aprendemos "as coisas invisíveis de Deus, seu poder eterno e sua liderança das coisas que foram criadas". Das coisas visíveis nós inferimos a existência de um ser eterno e a sua liderança das coisas que foram criadas". Das coisas visíveis nós inferimos a existência de um ser eterno e poderoso que é invisível. Mas, embora tivéssemos reconhecido o seu poder, ainda não tínhamos relação com Ele. Há, como sabemos, um imperador da China, a quem nós todavia não conhecemos; assim nós sabíamos que havia um rei de toda a terra embora não o conhecêssemos. Na verdade não o podíamos por nenhuma das nossas faculdades naturais. Não podíamos atingir o conhecimento de Deus através de nenhuma delas. Por nosso entendimento natural não podíamos percebê-lo mais do que vê-lo

com os nossos olhos. Pois "ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem ele o quiser revelar".

*Sermões: "Pecado Original", II, 3 (SI, 216).*

\*\*\*

Quanto mais eu converso com estas pessoas tanto mais atônito fico. É manifesto que Deus operou uma grande obra entre elas. No entanto, as principais entre elas, crentes e não crentes, não são capazes de dar um relato racional dos mais simples princípios de religião. É certo que Deus começa a sua obra no coração, e, então, a "inspiração do mais alto dá entendimento".

*Diário: "Segunda-feira, 22 de maio de 1749"(III, 401).*

\*\*\*

O Sr. continua: "É princípio fundamental na escola metodista que todos os que entram para ele devem renunciar a sua razão". Está o Sr. acordado? A menos que o Sr. esteja conversando dormindo, como pode o Sr. dizer uma inverdade tão grosseira? Nós temos o princípio fundamental de que o renunciar à razão é renunciar à religião, que a religião e a razão caminham de mãos dadas e que toda a religião sem a razão é falsa.

*Cartas: "Ao sr. Rutherford" (V. 364).*

\*\*\*

O desejo de conhecimento é princípio universal no homem, gravado na sua natureza mais íntima. Ele é invariável e constante em todas as criaturas racionais a menos que seja suspenso por algum desejo mais forte. É insaciável: "O olho não fica contente com o ver, nem o ouvido com o ouvir, nem a mente com qualquer grau de conhecimento que lhe venha. É plantado em toda alma humana para excelentes objetivos. Visa a impedir-nos de descansarmos a respeito de qualquer coisa aqui embaixo, levantar os nossos pensamentos a objetos mais e mais altos, a mais e mais digna consideração até que subamos à fonte de todo conhecimento e de toda excelência, ao Criador onisciente e cheio de graça.

Mas, embora nosso desejo de conhecimentos não tenha limites, o nosso conhecimento tem. Ele se confina, realmente, dentro de limites muito estreitos; muito mais acanhados do que as pessoas comuns imaginam e do que os homens cultos querem reconhecer. Há uma forte sugestão (pois o grande Criador nada faz em vão) de que haverá um futuro estado do ser, onde o desejo agora insaciável será satisfeito e que não haverá tão imensa distância entre o apetite e o seu objeto.

O atual conhecimento do homem é adaptado exatamente ao seus desejos presentes. Ele é suficiente para avisar-nos e preservar-nos da maioria dos males a que estamos expostos no momento, e para prover-nos de tudo que nos é necessário neste estado infantil de nossa existência. Nós sabemos o suficiente da natureza e das qualidades sensíveis das coisas que nos rodeiam até onde elas contribuam para a saúde e a força de nosso corpo; sabemos como conseguir e preparar nosso alimento, qual o vestuário conveniente para cobrir-nos, como construir nossas casas e guarnecê-las de tudo que lhes é necessário. Sabemos tudo que nos leva a viver confortavelmente neste mundo; mas a respeito de inumeráveis coisas acima, abaixo e ao redor de nós sabemos pouco mais do que elas existem. Nesta nossa profunda ignorância, podem-se ver tanto a bondade como a sabedoria de Deus em limitar o seu conhecimento em todos os lados, a fim de "livrar o homem do orgulho".

É por isso que, pela sua mesma natureza, os mais sábios dos homens "sabem", mas "em parte". E que parte estonteantemente pequena eles sabem quer do Criador quer das suas obras! Este é um tema por demais necessário, mas pouco agradável, pois o "homem não deve ser sábio". Reflitamos um pouco sobre isto, e que o Deus de sabedoria e amor abra os nossos olhos para discernirmos a nossa própria ignorância!

*Sermões: "A imperfeição do conhecimento humano", introdução, 1-4 (J, VI, 337-8).*

\*\*\*

Faça à razão tudo que ela pode; usai-a até onde ela possa ir. Mas reconhecei ao mesmo tempo que ela é totalmente incapaz de dar fé, esperança ou amor, e, conseqüentemente, de produzir quer a verdadeira virtude quer a felicidade substancial. Esperai estas coisas de fonte mais alta, do Pai dos espíritos de toda carne. Procurai e



recebei-as não como vossa própria aquisição, mas como dádiva de Deus. Levantai o vosso coração para Ele "que dá a todos os homens liberalmente e não lhes lança em rosto". Somente ele pode dar aquela fé que é a "evidência" e a convicção "das coisas não vistas". Somente ele pode fazer-vos gozar" a esperança viva" de uma herança eterna nos céus, e só ele pode "derramar o seu amor no vosso coração pelo Espírito Santo que vos é dado".

*Sermões: "O caso da razão imparcialmente considerado", II, 10 (J,VI, 360).*

\*\*\*

Não é a razão que, assistida pelo Espírito Santo, nos capacita a entender o que as Sagradas Escrituras declaram a respeito do ser e dos atributos de Deus? Da sua eternidade e imensidade, do seu poder, sabedoria e santidade? É pela razão que Deus nos capacita, até certo ponto, a compreendermos o seu método de tratar com os filhos dos homens, a natureza de suas várias dispensações - da velha e da nova, da lei e do evangelho. É por esta que nós entendemos (o seu Espírito abrindo e iluminando os olhos do nosso entendimento) que não nos devemos arrepender de nos termos arrependido, que é pela fé que somos salvos, quais são a natureza e a condição da justificação e quais são os seus frutos imediatos e subseqüentes. Pela razão aprendemos o que é o novo nascimento sem o qual não podemos entrar no reino do céu, e a santidade sem a qual nenhum homem verá o Senhor. Pelo uso devido da razão, nós chegamos a conhecer os elementos implícitos na santidade interior e o que significa ser santo exteriormente - santo em toda conversação; em outras palavras: qual é a mente que houve em Cristo e o que é andar como Cristo andou.

*Sermões: "O caso da razão imparcialmente considerado", I, 6 (J,VI,354-55).*

\*\*\*

### 3 - Experiência religiosa

pergunta é "como se nos revela a nós e não aos outros". Eu perguntaria então à pessoa que faz essa indagação: como se lhe revela ao Sr. que o Sr. está vivo e que o Sr. está agora são e não sentindo dor? Não tem o Sr. consciência disso imediatamente? Por esse mesmo estado imediato de consciência o Sr. saberá se a sua alma está viva para Deus, se o Sr. está salvo do sofrimento da ira orgulhosa e tem a paz de um espírito meigo e tranqüilo. Pelo mesmo meio o Sr. pode perceber se o Sr. ama e se se regozija em Deus. Pelo mesmo processo o Sr. precisa certificar-se diretamente se o Sr. ama o seu próximo como a si mesmo; se o Sr. sente afeição para com toda a humanidade, se é benigno e perdoador. E com referência à marca exterior dos filhos de Deus, que, de acordo com S. João, é a guarda dos seus mandamentos, o Sr. sabe indubitavelmente se, pela graça de Deus, ela lhe pertence. A sua consciência o informa diariamente se o Sr. não toma o nome de Deus em seus lábios, a menos que o faça com seriedade e devoção, com reverência e temor piedoso; se o Sr. se lembra de guardar o dia de descanso com santidade; se o Sr. honra a seu pai e sua mãe; se o Sr. faz a todos o que eles devem fazer-lhe; se o Sr. possui o seu corpo em santidade e honra, e se o Sr. usa de temperança quer no comer quer no beber e tudo faz para a glória de Deus.

Isto é propriamente o testemunho de nosso próprio espírito, o testemunho de nossa própria consciência de que Deus nos concedeu o sermos santos de coração e santos na nossa conversação. É a consciência de termos recebido interiormente, através do espírito de adoção, as qualidades mencionadas na Palavra de Deus como pertencentes aos seus filhos adotivos: um coração amoroso para com Deus e para com toda a humanidade; confiança semelhante à da criança em Deus nosso Pai; nada desejando senão a Ele; lançando sobre ele todos os nossos cuidados; abraçando todos os filhos dos homens com sinceridade e terna afeição, estando prontos a darmos a nossa vida em favor do nosso irmão assim como Cristo deu a sua por nós; a consciência de que somos interiormente conformes, pelo Espírito de Deus, com a imagem de seu Filho, e que nós andamos perante ele em justiça, misericórdia, verdade e fazendo as coisas que lhe são agradáveis à vista.

Mas qual é o testemunho do Espírito de Deus que do alto àquele se adiciona e se junta? Como dá Ele testemunho juntamente com o nosso espírito de que somos filhos de Deus? É difícil

encontrarmos palavras na linguagem dos homens para explicar "as profundas coisas de Deus". Na realidade nenhuma palavra expressará adequadamente o que os filhos de Deus experimentam. Mas talvez alguém pudesse dizer (desejando que alguém que seja instruído por Deus corrija, abrande ou fortaleça a expressão) que o testemunho do Espírito é uma impressão interna sobre a alma onde o Espírito de Deus dá diretamente testemunho com o meu espírito de que sou filho de Deus; que Jesus Cristo me amou e deu-se a si mesmo por mim, e que todos os meus pecados são apagados e eu, eu mesmo, sou reconciliado com Deus.

*Sermões: "O Testemunho do Espírito" I, I. 5-7 (S,I, 206-8).*

\*\*\*

O que o Cristianismo, considerado como uma doutrina, prometeu, cumpriu-se em minha alma. E o Cristianismo, considerado como um princípio interior, é o cumprimento de todas aquelas promessas. Ele é santidade e felicidade, a imagem de Deus impressa num espírito criado, uma fonte de paz e amor saltando para a vida eterna.

Eu concebo isto como sendo a evidência mais forte da verdade do Cristianismo. Não desvalorizo a evidência tradicional. Que ela tenha o seu lugar e a sua devida honra. Ela é altamente útil na sua espécie e no seu grau. Mas eu não posso contudo colocá-la no mesmo nível daquela.

Supõe-se geralmente que a evidência tradicional se enfraquece com o passar do tempo, visto que ela tem necessariamente de passar por muitas mãos numa contínua sucessão de épocas. Mas nenhuma extensão de tempo pode possivelmente afetar a força da evidência interna. Ela é igualmente forte e nova através do curso de 17 séculos(1). Atualmente ela passa, como tem sido desde o começo, diretamente de Deus à alma crente. Porventura supondes que esta corrente um dia secar-se-á? Oh! não! Ela jamais será cortada.

*Cartas: "Ao Dr. Conyers Middleton" (II, 383-384).*

\*\*\*

---

Quando Pedro Böhler a quem Deus preparou para mim logo que cheguei a Londres afirmou que a verdadeira fé em Cristo (a qual é apenas uma) trazia consigo aqueles dois frutos inseparáveis - "domínio sobre o pecado e paz constante provinda da sensação do perdão", eu fiquei completamente atônito e considerei tal coisa como um novo evangelho... Além disso, vi bem que ninguém podia, na natureza das coisas, ter tal senso de perdão e não senti-lo. Mas eu não o sentia. Se então não havia fé sem aquele, todas as minhas pretensões de fé caíram imediatamente por terra.

Quando eu novamente encontrei Pedro Böhler, ele consentiu em colocarmos a disputa no terreno que eu desejava, especialmente o da Escritura e da experiência. Primeiramente consultei a Escritura. Mas quando pus de lado as interpretações dos homens e considerei simplesmente as palavras de Deus, comparando umas com as outras, esforçando-me por ilustrar as passagens obscuras pelas mais simples, descobri que todas estavam contra mim e fui forçado a retirar-me para a minha última fortaleza "que a experiência nunca concordaria com a interpretação literal daquelas escrituras. Outrossim, não podia por isso ter tal coisa como verdadeira enquanto não encontrasse testemunhas vivas dessa verdade." Ele replicou que podia mostrar-me as testemunhas a qualquer tempo; se eu o desejasse, no dia seguinte. De fato, no dia seguinte ele apareceu novamente com outros três e todos testificaram de sua própria experiência pessoal que a verdadeira e viva fé em Cristo é inseparável do senso de perdão de todo o passado e libertação de todos os pecados presentes. Eles acrescentaram a uma voz que essa fé era a dádiva livre de Deus e que Ele a concede certamente a toda a alma que sincera e perseverantemente a procura.

*Diário: "24 de maio de 1738", 11-12 (1,471-2).*

\*\*\*

No caminho para Luton eu li o Ensaio sobre as paixões do sr. Hutcheson. É um belo escritor, mas o seu plano não pode permanecer, a menos que a Bíblia caia. Eu sei tanto das Escrituras, da razão como da experiência que o seu quadro a respeito do homem não foi tirado da vida. Não é verdade que nenhum homem é capaz de malícia ou tenha prazer em provocar sofrimento, muito menos que todos os homens sejam virtuosos e permaneçam assim enquanto viverem nem

que a Escritura ensina que qualquer ação praticada sem qualquer desígnio de agradar a Deus seja boa.

*Diário: "Quinta-feira, 17 de dezembro de 1772" ( V.492).*

\*\*\*

"Mas já foi alguém que tinha caído da graça santificadora restaurado à bênção que tinha perdido?" Este é também um ponto de experiência e nós temos tido a oportunidade de repetir as nossas observações durante um considerável período de tempo de um extremo ao outro do reino.

*Sermões: "Um chamado aos transviados", V, 6 (J, VI, 525).*

\*\*\*

Mas é certo que não posso confiar em nenhum dos meus sentidos se sou uma simples máquina, pois tenho o testemunho de todos os meus sentidos interiores e exteriores de que sou um agente livre. Se, portanto, não posso confiar neles sobre isto, não posso confiar neles a respeito de coisa alguma. Não me digam que há sol, lua e estrelas ou que há homens, animais e aves no mundo. Não posso crer em um pouquinho disso se eu não posso crer naquilo que sinto em mim mesmo, especialmente que depende de mim e de nenhum outro ser, que eu abro ou fecho meus olhos, movo a minha cabeça para cá e para lá ou estendo a minha mão ou meu pé. Se eu necessito de fazer tudo isto de modo contrário a todos os meus sentidos internos e externos, não posso crer em mais nada, e sim tenho que afundar-me necessariamente no ceticismo universal.

Obras: "Pensamentos sobre a necessidade", IV, 3 (X, 471-2).

\*\*\*

Como fará um sóbrio cristão esta inquirição? Como saberá qual é a vontade de Deus? Isto não será por esperar por sonhos sobrenaturais nem por esperar que Deus se revele em visões nem procurando impressões particulares ou impulsos inesperados na

mente; não; mas consultando-se os oráculos de Deus. "À lei e ao testemunho!" Este é o método geral de se saber qual é a "santa e aceitável vontade de Deus"...

Suponde, por exemplo, que seja proposto a um homem sensato o casar-se ou iniciar um novo negócio, sendo certo que "é a vontade de Deus a meu respeito que seja tão santo e faça tanto bem quanto possa", ele terá apenas de inquirir o seguinte: "Em qual destes estados posso ser mais santo e fazer mais benefício?" Isto terá de ser determinado parte pela razão e parte pela experiência. A experiência lhe diz que vantagens ele terá no seu estado presente quer para ser bom quer para fazer o bem; a razão lhe mostrará o que certa ou provavelmente ele terá no estado proposto. Comparando estes dois ele julgará qual dos dois o conduzirá melhor a ser bom e à prática do bem, e tanto quanto ele conhecer isto tanto quanto ele saberá qual é a vontade de Deus.

*Sermões: "A natureza do entusiasmo", 22, 24, (S, II, 96, 98).*

\*\*\*

## 4 - Tradição Cristã

A evidência tradicional é de natureza extremamente complicada e inclui tantas e tão variadas considerações que somente os homens de entendimento forte e claro podem ser sensíveis à sua força total. Ao contrário, quão simples é isto! Como se nivela à menor capacidade! Não é esta a soma: "Uma coisa eu sei, que eu era cego e agora vejo"? Uma argumento tão simples que um camponês, uma mulher, uma criança podem sentir toda a sua força.

A evidência tradicional do Cristianismo, como era, está a uma grande distância, e, por isso, embora ela fale alto e claro, causa, contudo, uma impressão menos viva. Ela nos conta o que foi realizado há muito tempo, em tempo e lugares muito distantes, enquanto que a evidência interior está intimamente presente a

todas as pessoas em todos os tempos e em todos os lugares. Ela está perto de ti, em tua boca e em teu coração se tu creres no Senhor Jesus Cristo. Este é, então, o relato, esta é a evidência, assim enfaticamente chamada, que "Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho".

Se fosse, então, possível (o que eu penso não seja) estremecer a evidência tradicional do cristianismo, ainda assim aquele que possui a evidência interna (e todo verdadeiro crente tem o testemunho ou evidência interna em si mesmo) ficará firme e inabalável. Ele ainda poderia dizer àqueles que estivessem batendo sobre a evidência exterior: "Batei no saco de Anaxágoras". Mas não podeis ferir mais a minha evidência do cristianismo do que o tirano podia ferir o espírito daquele sábio.

Eu às vezes tenho sido quase inclinado a crer que a sabedoria de Deus tenha, nos últimos tempos, permitido que a evidência externa do Cristianismo fosse peada ou embaraçada, a fim de que os homens (especialmente os de reflexão) não descansassem ali mas fossem constrangidos a olhar para dentro de si mesmos e atender à luz que brilha em seus corações.

Não, parece que (se nos for permitido investigar as razões das dispensações divinas), particularmente neste tempo, Deus tolera que todas as espécies de objeções se levantem contra a evidência tradicional do Cristianismo, a fim de que os homens de entendimento, embora não querendo abandoná-la, mas ao mesmo tempo defendem-na, não descansem nela toda a força da sua causa, mas procurem sustentáculo mais profundo e mais firme para ela.

Sem este eu não posso duvidar que eles possam manter a sua causa por muito tempo, que, se eles não obedecerem ao alto chamado de Deus e não derem mais ênfase à evidência interna do Cristianismo do que eles o têm feito, não abandonem a externa um após outro, e passem, pelo menos no coração, para o lado daqueles com quem estão contendendo, de modo que dentro de um ou dois séculos o povo da Inglaterra esteja completamente dividido em verdadeiros deístas e verdadeiros cristãos.

Tenho que isto não representaria perda, mas vantagem para a causa cristã; não seria o processo mais rápido, mas o único eficiente de fazer com que todos os deístas sensatos se tornem cristãos...

Clemente Romanus, Inácio, Policarpo, Justino Mártir, Irineu, Orígenes, Clemente Alexandrinus, Cipriano, aos quais eu acrescentaria Macarius e Efraim Syrus.

Concedo que alguns destes não tinham forte senso natural, que alguns eram muito cultos e nenhum tinha a assistência que a nossa época desfruta acima de toda aquela havida antes.

Donde eu não duvido que todo aquele que suportar ler os seus escritos com esse pobre objetivo não encontre muitos erros, muitas suposições fracas e muitas conclusões errôneas.

Contudo reverencio excessivamente tanto a eles como aos seus escritos e os avalio altamente em amor. Reverencio-os porque eram cristãos, cristãos tais como foi acima descrito. Reverencio os seus escritos porque descrevem um Cristianismo verdadeiro e genuíno e nos guiam à evidência mais forte da doutrina cristã. Dirigindo-se aos pagãos daquele tempo realmente misturam outros argumentos, particularmente os tirados dos inumeráveis milagres realizados, então, na Igreja para os quais eles precisavam apenas abrir os seus olhos e vê-los diariamente estampados na face do sol.

Mas eles nunca deixaram isto: "Aprecio o que as Escrituras prometem. Vinde e vêde o que o Cristianismo tem realizado aqui e reconhecei que é de Deus".

Reverencio muito estes antigos cristãos com todas as suas falhas porque vejo tão poucos cristãos atualmente; porque leio tão pouco nos escritos dos últimos tempos e ouço tão pouco de cristianismo genuíno, e porque a maioria dos cristãos modernos (assim chamados) não contentes com o serem totalmente ignorantes a respeito do cristianismo têm profundos preconceitos contra ele chamando-o "entusiasmo" e não sei mais o que.

*Cartas: "Ao Dr. Conyers Middleton"(II, 384-5, 387-8).*

\*\*\*

Não somente que os "pais" não errassem na sua interpretação do evangelho de Cristo, mas que em todas as partes necessárias do mesmo eles eram tão assistidos pelo Espírito Santo que raramente eram suscetíveis de erro. Nós conseqüentemente temos de nos voltar para os seus escritos, embora não tenham a mesma autoridade das Sagradas Escrituras (porque nem foram os escritores dos mesmos chamados de modo tão extraordinário nem eram eles dotados de tão grande porção do Espírito Santo), contudo merecem muito maior respeito do que quaisquer outras obras escritas desde então, embora



os homens depois deles tenham escrito com mais arte, e muito maior bagagem de cultura humana do que podemos encontrar não somente nos trechos seguintes, mas até mesmo no próprio Novo Testamento.

Na verdade o modo pelo qual foram escritos, a verdadeira simplicidade primitiva que aparece em todas as suas partes, não lhes é objeção justa, mas uma grande recomendação a todos os homens sensatos. Eles conheceram a excelência da sua doutrina e a importância das revelações que faziam do estado futuro, e, por isso, eles se contentaram em declarar estas coisas de maneira simples, mas com tal eficácia e poder que sobrepujaram toda a retórica do mundo.

*Obras: "Prefácio às Epístolas dos Pais Apostólicos", 11, 12 (XIV, 240-1).*

\*\*\*

## 5 - A criação natural

O mundo ao redor de nós é o poderoso volume onde Deus se revelou. As línguas e os caracteres humanos são diferentes nas diferentes nações. Os de uma nação não são entendidos pelo resto. Mas o livro da natureza foi escrito em caracteres universais e qualquer homem pode lê-lo na sua própria língua. Ela não consiste de palavras, mas de coisas que pintam as perfeições divinas. O firmamento estendido sobre todas as partes com toda a sua multidão de estrelas declara a imensidade e a magnificência, o poder e a sabedoria do seu Criador. O trovão, o relâmpago, as tempestades, os tremores de terra e os vulcões mostram o terror da sua ira. A chuva na sua estação própria, a luz solar e a colheita mostram a sua abundância e bondade e demonstram como ele abre a sua mão e enche todas as coisas de abundância. O constante suceder de gerações de plantas e de animais implica a eternidade da sua causa primeira. A vida subsistindo em milhões de formas diferentes mostra a vasta difusão do seu poder animador e a morte indica a infinita disproporção entre ele e todas as coisas vivas.

Mesmo as ações dos animais são uma linguagem eloqüente e patética. Aqueles que querem o auxílio do homem encontram mil modos prometedores, os quais, como a voz de Deus falando ao seu

coração, os comandam a preservá-los e a acariciá-los. No entanto os movimentos ou olhares daqueles que lhes podem fazer mal os aterrorizam e os avisam quer para que fujam ou se armem contra eles. Assim todas as partes da natureza nos conduzem ao Deus da natureza.

*Compêndio de Filosofia Natural (I, 313).*

\*\*\*

Contemplando o homem as coisas que o cercam, aquele pensamento - "Estas são as tuas obras gloriosas, ó Pai do bem", atinge o seu coração eloqüentemente enquanto ele toma conhecimento das coisas invisíveis de Deus - o seu poder eterno, a sua sabedoria nas coisas visíveis - os céus, a terra, as aves no ar e os lírios do campo. Regozijando-se no constante cuidado que Ele ainda tem da obra de suas próprias mãos, o homem se surpreende num transporte de amor e de louvor: "Ó Senhor, nosso governador, quão excelentes são os teus caminhos em toda a terra! Oh! Tu que puseste a tua glória acima dos céus!" Enquanto o homem vê o Senhor assentado sobre o seu trono e governando bem todas as coisas, enquanto ele observa a providência geral de Deus abrangendo toda a sua criação e examina todos os seus efeitos nos céus e na terra como um espectador contente, enquanto ele vê a sabedoria e a bondade do seu governo geral presidindo todo o universo como se fosse uma única pessoa e vigiando a cada uma como se ela fosse todo o universo, como ele exulta revendo os vários traços da bondade onipotente que ele tem experimentado nas diversas circunstâncias e mudanças da sua própria vida! Tudo que ele agora vê foi distribuído em número, peso e medida. Com que triunfo na alma, ao examinar a providência geral ou particular de Deus, ele observa todas as cenas que se abrem para a eternidade!

*Cartas: "Ao Dr. Conyers Middleton" (II, 379).*

\*\*\*

de criaturas com uma diferença ascensional tão pequena que as transições de uma espécie a outra são quase insensíveis. O espaço intermediário é tão bem aproveitado que um grau de perfeição muito escasso deixa de existir em algumas das espécies. Assim, visto que a escala dos seres avança por degraus tão regulares até o homem, não é provável que ela ainda siga a sua trajetória gradual e ascensional através de seres de natureza superiores? Existe um espaço infinitamente maior entre o Ser Supremo e o homem do que entre este e o inseto mais inferior.

*Compêndio de Filosofia Natural (II, 184).*



Como me será possível conhecer a Deus a menos que ele se me revele? Por analogia ou proporção? Muito bem; mas onde encontrar-se essa proporção? Que proporção existe entre uma criatura e o seu Criador? Qual a proporção entre o finito e o infinito?

Concedo que a existência das criaturas demonstra a existência do seu Criador. Toda a criação diz que existe um Deus. Mas esse não é o ponto da questão. Eu sei que existe um Deus. Isso é muito claro. Mas quem me mostrará o que é esse Deus? Quanto mais reflito, tanta mais me convenço de que não é possível a uma qualquer ou a todas as criaturas tirarem o véu que existe no meu coração de modo que eu possa discernir esse Deus desconhecido; a descerrar a cortina que está sobre nós de modo que eu possa ver aquele que é invisível.

O véu da carne atualmente o esconde da minha vista, e quem é capaz de tornar esse véu transparente de maneira que eu perceba, através deste vidro, Deus sempre perante mim até que eu o veja face a face.

Eu quero conhecer esse grande Deus que enche o céu e a terra; que está cima, embaixo e em todos os lados e em todos os lugares do seu domínio; que põe a sua mão sobre mim e me ampara por todos os lados, e, contudo, não tenho maior conhecimento dele do que de um dos habitantes de Júpiter ou de Saturno.

Ó meu amigo, como poderá o Sr. dar um passo além, sem que Deus se revele à sua alma?

**II**  
**DEUS**

## II

# DEUS

*Wesley tem a salvação da alma humana como tema central dos seus princípios doutrinários a respeito de Deus, Cristo e do Espírito Santo. Daí o fazer ele pouca especulação filosófica a respeito da natureza de Deus enquanto que faz inúmeras alusões ao amor de Deus pela sua graça salvadora. Este amor é básico para um entendimento da vida divina: é, também, o alto chamado de todos os homens que estão em Cristo. Ele conduz à negação completa das rigorosas doutrinas predestinistas do último calvinismo escolástico. O amor de Deus é dispensado a todas as pessoas as quais se tornam santas pelo seu poder. Qualquer concepção que implícita ou explicitamente nega isto torce o cristianismo. A salvação pela graça através da fé não permite uma visão da soberania e da justiça de Deus que não condiga com a sua misericórdia e o seu amor. Desde modo Wesley ataca a eleição e uma divindade despótica inconcebível da maneira mais veementemente sobre a base de uma concepção de Deus em que o amor é dominante. A pregação de Wesley sobre a natureza e a atividade de Deus tem sentido particular quando é feita contra a concepção deísta dominante a respeito de Deus e da sua relação com o inundo. Para ele, Deus é um ser pessoal cuja atividade se manifesta na sua criação e na preservação da ordem natural, no seu julgamento dos pecadores e na sua obra para a redenção do mundo através de Cristo.*

\*\*\*

### 1 - Os atributos de Deus

- "Há três anos que dão testemunho no céu, e estes três são um". Creio também neste fato (se posso usar a expressão) que Deus

é três e um. O modo pelo qual ele é três e ao mesmo tempo um, não compreende, e eu não o creio; mas nesse modo está o mistério. Isso não me interessa. Não é o objeto da minha fé. Creio apenas naquilo que Deus revelou e em nada mais. Ele não revelou esse modo. Portanto nada creio a seu respeito. Mas não me seria um absurdo negar o fato porque não entendo o modo? Seria rejeitar o que Deus revelou porque não compreendo o que Ele não revelou.

*Sermões: "Sobre a Trindade", 15 (J, VI, 204).*

\*\*\*

O Senhor da glória - o dar-se a Cristo este título augusto, peculiar ao grande Jeová, mostra simplesmente que Ele é o supremo Deus. Do mesmo modo o Pai é chamado o Pai da glória (Efésios, 1:17) e o Espírito Santo, o Espírito de glória (I Ped. 4:14). A aplicação deste título aos três mostra que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são o Deus da glória, como é chamado o único e verdadeiro Deus (Sal. 29:3 e 7:2).

*Notas: (I Cor. 2:8).*

\*\*\*

Quem pode sondar a perfeição de Deus? Nenhuma das suas criaturas o pode. Ele se agradou em revelar-nos na sua palavra apenas alguns dos seus atributos. Nós aprendemos que Deus é um ser eterno. Existe de eternidade a eternidade. Como Ele sempre foi, sempre o será; como não houve início na sua existência, também não haverá fim. Aceita-se universalmente como estando este fato contido no seu nome - Jeová, como o apóstolo João escreveu: "Aquele que era, é e há de ser". Talvez seja conveniente dizer-se: "Ele é de eternidade a eternidade".

Quase aliada à eternidade de Deus está a sua onipresença. Como Ele existe através de uma duração infinita, assim não pode existir senão através de um espaço infinito, de acordo com a sua própria pergunta equivalente à assertiva mais forte: "Não encho eu o céu e a terra? diz o Senhor" (a expressão céu e a terra, na língua hebraica significa todo o universo), o qual, portanto, é cheio da sua presença, de acordo com a sua própria declaração.

Este Ser eterno e onipresente é, também, perfeito. Possui de eternidade a eternidade todas as perfeições e infinitamente mais do que o coração já pôde ou poderá conceber. Sim, infinitamente mais do que os anjos no céu podem conceber. Nós geralmente chamamos estas perfeições de atributos de Deus.

Ele é onipotente tanto quanto onipresente. Não pode haver mais limites para o seu poder do que para a sua presença. Ele "tem um braço poderoso, forte é a sua mão e alta é a sua mão direita". Ele faz tudo aquilo que lhe agrada no céu, na terra, no mar e em todos os lugares profundos. Sabemos que muitas coisas são impossíveis aos homens, mas não a Deus; para Ele "todas as coisas são possíveis". Sempre que ele quer, o fazer lhe é possível.

A onisciência de Deus é uma conseqüência clara e necessária da sua onipresença. Se Ele está presente em todas as partes do universo, Ele sabe o que aí existe e o que é feito, de acordo com as palavras de S. Tiago: "todas as suas obras são conhecidas de Deus" e as obras de todas as criaturas "desde o começo do mundo", ou melhor como a frase implica literalmente - "desde a eternidade". Seus olhos não estão somente "sobre toda a terra observando o bem e o mal", mas sobre toda a criação; sim, e os caminhos da noite incriada. Existe alguma diferença entre o seu conhecimento e a sabedoria? Se existe, não é o seu conhecimento o termo mais geral (pelo menos de acordo com a nossa fraca concepção) e a sua sabedoria um ramo particular do mesmo; especialmente o conhecer o fim de todas as coisas que existem e o meio de aplicá-lo àquele fim.

A santidade é outro dos atributos do Todo-Poderoso, Deus todo-sabedoria. Ele está infinitamente distante de qualquer toque do mal. "É luz, e nele não há nenhuma treva". É um Deus de justiça e verdade inquebrantáveis, mas acima de tudo está a sua misericórdia. Podemos aprender isto facilmente daquela bela passagem dos capítulos 33 e 34 de Êxodo. "E Moisés disse: eu te suplico, mostra-me a tua glória. E o Senhor desceu na nuvem e proclamou o seu nome: <sup>o</sup> Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e gracioso, longânimo e <sup>ab</sup> undante em bondade e verdade, conservando a sua misericórdia para milhares e perdoadando a iniquidade, a transgressão e o pecado".

Este Deus é espírito; não possui corpo, as partes e as paixões que os homens possuem. Era de opinião tanto dos antigos judeus como dos cristãos primitivos que somente ele é um espírito puro, totalmente separado de toda a matéria, sendo que eles supunham que

todos os outros espíritos mesmo os anjos na sua hierarquia mais elevada, querubins e serafins, habitavam em veículos materiais, embora de substância excessivamente luminosa e sutil. Quando a infinita sabedoria de Deus viu que era mais conveniente, por razões que estão ocultas no abismo do seu próprio entendimento, e que não podem ser sondadas por nenhuma mente finita, criou tudo que existe; criou os céus e a terra bem como tudo o que eles contêm.

*Sermões: "A unidade do ser divino", 2-8 (I, VII, 265-66).*

\*\*\*

A onipresença de Deus é assunto demasiadamente vasto para ser compreendido pelos limites estreitos do entendimento humano. Podemos apenas dizer que o grande Deus, o Espírito eterno e todopoderoso é tão ilimitado na sua presença quanto o é na sua duração e no seu poder. O dizer-se que ele habita no céu é realmente uma concessão à fraqueza do nosso entendimento; mas, estritamente falando-se, o céu dos céus não pode contê-lo; ele está em toda a parte do seu domínio...

Se podemos ousar ilustrar um pouco mais este assunto diremos: que é o espaço ocupado por um grão de areia comparado com o espaço pelo céu estrelado? É zero; é nada; desvanece-se na comparação. Em comparação com a extensão total do espaço, a criação total é infinitamente menor do que um grão de areia. Este espaço, contudo, que não admite comparação com a criação total, é infinitamente menor do que o grande Deus. O que uma milionésima parte de um grão de areia é em relação ao espaço total, é este em relação ao grande Deus.

*Sermões: "Sobre a onipresença de Deus", 1,2-3 (I, VII, 239-40).*

\*\*\*

"Como, então, não se perde o homem totalmente na imensidade das obras de Deus?" Como pode aquele que habita a eternidade dar atenção à criatura de um dia, cuja vida passa como a sombra? Não tem este pensamento alcançado a mente de muitas pessoas sensatas como aconteceu com Davi e criado urna espécie de temor de



que sejam esquecidas por aquele que enche todo o espaço e toda a eternidade? Mas não provém este pensamento de uma espécie de suposição de que Deus seja alguém como nós mesmos? Se considerarmos o espaço ou a duração ilimitados nós nos tornaremos nada perante eles. Mas Deus não é um homem. Um dia é o mesmo que milhões de épocas para Ele. Há, portanto, a mesma desproporção entre Ele e qualquer ser finito, como entre Ele e a criatura de um dia. Portanto, sempre que aquele pensamento ocorrer, sempre que formos tentados a temer que sejamos esquecidos pelo Deus imenso e eterno, lembremo-nos de que para Ele nada é pequeno ou grande, nenhuma duração é curta ou longa.

*Sermões: "Sobre a eternidade", 20 (J,VI,198).*

\*\*\*

O nome de Deus é o próprio Deus, a natureza de Deus, tanto quanto pode ser revelada ao homem. Ele significa, juntamente com a sua existência, todas as suas perfeições e todos os seus atributos: sua eternidade, particularmente significada pelo seu grande e incommunicável nome - Jeová, como o apóstolo João o traduz: to alfa Kai to ômega, arxé kai telos, ho ôn kai ho ên Kai ho erxomenos - "O alfa e o ômega, o princípio e o fim; aquele que é, que era e que há de vir"; sua plenitude de Ser indicada pelo seu outro grande nome - Eu sou o que sou!; sua onipresença, sua onipotência - aquele que é realmente o único agente no mundo material. Toda a matéria é essencialmente bruta e inativa e somente se movimenta quando o dedo de Deus a move. Ele é a fonte de ação em todas as criaturas visíveis e invisíveis as quais não poderiam agir nem existir sem o influxo contínuo e a ingerência do seu poder todo-poderoso. A sua sabedoria claramente deduzida das coisas visíveis, da ordem excelente do universo; a sua trindade na unidade e a unidade na trindade a nós reveladas na primeira linha da sua palavra escrita - Elohim bârá, literalmente - *os deuses criaram*, um substantivo plural ligado a um verbo singular, bem como em todas as partes das suas revelações subsequentes dadas pela boca de todos os seus santos profetas e apóstolos; a sua pureza e a sua santidade essenciais, e sobretudo o seu amor que é o verdadeiro brilho da sua glória.

*Sermões: "Sobre o sermão da montanha - VI", III, 7 (S,I, 435-6).*

## 2 - O caráter de Deus e a predestinação

Apresentam-se então o livre arbítrio de um lado e a condenação do outro. Vejamos qual é o plano mais defensável, se o absurdo do livre arbítrio, como alguém pensa ser, ou se o outro com o absurdo da condenação. Se for do agrado do Pai das luzes abrir os olhos do nosso entendimento, vejamos qual destes contribui mais para a glória de Deus, para a manifestação dos seus gloriosos atributos, da sua sabedoria, justiça e misericórdia aos filhos dos homens.

Primeiramente a sua sabedoria. Se o homem for até certo ponto livre, se pela "luz que alumia a todo aquele que vem ao mundo" lhe forem postos diante de si a vida e a morte, o bem e o mal, então quão gloriosamente aparece a multiforme sabedoria de Deus em toda a economia da salvação do homem! Querendo-se que todos os homens sejam salvos, mas não se querendo forçá-los a isso, querendo-se que todos os homens sejam salvos, mas não como árvores ou pedras, mas como homens, como criaturas inteligentes, dotadas de entendimento para discernir o que é bom e de liberdade para aceitá-lo ou recusá-lo, o esquema de todas as suas dispensações vai bem com este seu *órothesis* seu plano, "o conselho da vontade"! O seu primeiro passo é feito no sentido de iluminar o entendimento pelo conhecimento geral do bem e do mal. O Senhor acrescenta a isto muitas convicções internas as quais não há um homem sobre a terra que não as tenha sentido freqüentemente. Outras vezes Ele, com delicadeza, move a nossa vontade, nos impulsiona a andar na luz. Instilanos no coração bons desejos, embora talvez não saibamos de onde vêm. Ele procede desse modo com todos os filhos dos homens mesmo aqueles que não têm conhecimento da sua palavra escrita. Mas supondo-se que o homem é, até certo ponto, um agente livre, que arranjo de sabedoria é organizado! Como cada parte deste plano convém a este fim! Salvar o homem como homem. Colocarem-se a vida e a morte perante ele e então, sem o forçar, persuadi-lo a escolher a vida...

Chegamos à sua justiça. Se o homem é capaz de escolher entre o bem e o mal, *ele se torna* um objeto próprio da justiça de Deus que o absolve ou o condena, que o recompensa ou pune. Mas se ele não é, não se torna objeto daquela. Uma simples máquina não capaz de ser absolvida nem condenada. A justiça não pode punir uma pedra por cair ao chão, nem, no nosso plano, um homem por cair no peca-

do, ele não pode senti-la mais do que a pedra, se ele está, de antemão, condenado... Será este homem sentenciado a ir para o fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos por não fazer o que ele nunca foi capaz de evitar? "Sim, porque é a soberana vontade de Deus". "Então, ou temos achado um novo Deus ou temos feito um"! Este não é o Deus dos cristãos. Nosso Deus é justo em todos os seus procedimentos; não ceifa onde não semeou. Ele requer apenas, de acordo com o que Ele deu, e onde ele deu pouco, pouco será pedido. A glória da sua justiça está em recompensar a cada um segundo as suas obras. Aqui se mostra aquele glorioso atributo evidentemente manifesto aos homens e aos anjos de que se aceita de cada um segundo o que ele tem e não segundo o que ele não tem. Este é aquele justo decreto que não pode passar quer no tempo quer na eternidade...

Assim Ele gloriosamente distribui o seu amor, supondo-se que esse amor recaia em uma dentre dez de suas criaturas, (não podia eu dizer uma dentre cem?), e não se importe com as restantes, que as noventa e nove condenadas pereçam sem misericórdia ; é suficiente para Ele amar e salvar a única eleita. Mas por que tem misericórdia apenas desta e deixa todas aquelas para a inevitável destruição? "Ele o faz porque o quer" Ah!, que Deus concedesse sabedoria submissa àqueles que assim falam! Pergunto: qual seria o pronunciamento da humanidade a respeito de um homem que procedesse desse modo? A respeito daquele que, sendo capaz de livrar milhões da morte apenas com um sopro de sua boca, se recusasse a salvar mais do que um dentre cem e dissesse: "Eu não faço porque não o quero"? Como exaltarmos a misericórdia de Deus se lhe atribuímos tal procedimento? Que estranho comentário é aquele da sua própria palavra: "A sua misericórdia é sobre toda a sua obra!"...

A soberania de Deus aparece: 1) Em fixando desde a eternidade aquele decreto sobre os filhos dos homens de que "aquele que crer será salvo" e o "que não crer será condenado". 2) Em todas as circunstâncias gerais da criação, no tempo, lugar, no modo de criar todas as coisas, em nomear o número e as espécies das criaturas visíveis e invisíveis. 3) Em conceder talentos naturais aos homens, estes a estes e aqueles àqueles. 4) Na disposição do tempo, do lugar e das outras circunstâncias exteriores tais como pais e amigos atendendo ao nascimento de cada um. 5) Na <sup>div</sup> pensação dos vários dons do seu Espírito para a edificação da sua Igreja. 6) Na ordenação de todas as coisas temporais tais como

a saúde, a fortuna, os amigos, todas as coisas que carecem de eternidade. Mas é claro que, na disposição do estado eterno dos homens, não somente a soberania, mas a justiça, a misericórdia e a verdade mantêm as rédeas. O governador do céu e da terra, o Eu, Sou, sobretudo o Deus bendito para sempre, com aquelas qualidades, dirige e prepara o caminho diante da sua face.

*Obras: "A predestinação calmamente considerada", 50-54 (X,232-36).*

\*\*\*

O Deus Todo-Poderoso e onisciente vê e conhece, de eternidade a eternidade, tudo que é, que era e que há de ser, através de um eterno agora. Para Ele não há passado nem futuro, mas todas as coisas são igualmente presentes. Portanto, se falarmos de acordo com a verdade das coisas, Ele não tem pré-conhecimento nem pós-conhecimento... No entanto, quando nos fala, sabendo de onde fomos feitos e a escassez do nosso entendimento, Ele desce até a nossa capacidade e fala de si mesmo à maneira dos homens. Desse modo, em condescendência à nossa fraqueza, fala de seu propósito, de seu conselho, plano e pré-conhecimento. Não que Deus tenha necessidade de conselho e de objetivos ou de planejar de antemão o seu trabalho. Longe de nós esteja o imputar tais coisas ao Altíssimo; de medilo por nós mesmos! É simplesmente por compaixão de nós que Ele assim fala de si mesmo, como conhecendo de antemão as coisas no céu e na terra, e predestinando-as ou preordenando-as.

*Sermões: "Sobre a predestinação", 15 (J, VI, 230).*

\*\*\*

Se existe a eleição, toda a pregação é vã. É desnecessária aos que são eleitos, pois, com ela ou sem ela eles serão infalivelmente salvos. Portanto, o fim da pregação - salvar as almas - é destituído de sentido em relação a *eles*; e é inútil àqueles que não são eleitos, pois, possivelmente, não poderão ser salvos. Estes, quer com a pregação ou sem ela, serão infalivelmente condenados...

Portanto é esta uma prova simples de que a doutrina da predestinação não é uma doutrina de Deus, porque torna desneces-

sária a ordenança de Deus, e Deus não está dividido contra si mesmo. Em segundo lugar, ela tende a destruir diretamente a santidade que é o fim de todas as ordenanças de Deus. Eu não digo que aqueles que não a *aceitam* são santos, pois Deus exerce terna misericórdia para com aqueles que estão inevitavelmente presos a qualquer ens de erros, mas que a doutrina em si mesma de que todos os homens são, desde a eternidade, eleitos ou não, e de que uns têm de ser inevitavelmente salvos e outros inevitavelmente condenados, tem uma tendência manifesta de destruir a santidade em geral porque tira inteiramente os primeiros motivos de nós a seguirmos: a esperança de recompensa futura e o temor do castigo, a esperança do céu e o temor do inferno....

Em terceiro lugar, esta doutrina tende a destruir o conforto da religião, a felicidade do cristianismo. Isto é evidente a todos aqueles que se crêem condenados ou que apenas suspeitam ou temem sê-lo. Todas as grandes e preciosas promessas estão perdidas para eles; elas não lhes dão nenhum vislumbre de conforto, pois eles não são os eleitos de Deus; portanto, eles não têm parte nelas. Essa é uma barreira efetiva à sua possibilidade de encontrar conforto e felicidade mesmo na religião cujos caminhos devem ser de alegria e de paz...

Em quarto lugar, essa doutrina incômoda tende diretamente a destruir o nosso zelo pelas boas obras. Ela o faz primeiramente, de acordo com o que foi observado anteriormente, para com o nosso amor para com a maior parte da humanidade, especialmente os maus e os ingratos, pois tudo o que diminui o nosso amor tem que diminuir ainda mais nosso desejo de lhes fazer bem. Ela o faz destruindo um dos motivos mais fortes de todos os atos da misericórdia corporal tais como dar de comer aos que têm fome, vestir os nus, etc, e a esperança de salvar-lhes a alma. Pois que adianta suprir as necessidades temporais daqueles que estão se mergulhando no fogo do terno?...

Em quinto lugar, essa doutrina não só tende a destruir a santidade cristã, a felicidade e as boas obras, mas tem, também, uma tendência direta e manifesta de subverter toda a revelação cristã. O ponto que os mais sábios não crentes modernos procuram muito <sup>1</sup>striosamente provar é que a revelação cristã não é necessária. Eles sabem bem que, se uma vez pudessem mostrar que "se a revelação não sendo necessária não é verdadeira", a conclusão seria muito <sup>1</sup>mplies para ser negada. Mas abandonemos este ponto fundamen-

tal e façamos a suposição de que aquele decreto eterno e imutável deve salvar uma parte da humanidade e condenar a outra, mesmo antes de existir a revelação cristã e apesar desta, que mais desejaria o infiel? Estamos concedendo-lhe tudo o que *ele* pede. Desse modo abandonamos toda a causa cristã, tornando o evangelho desnecessário a toda sorte de homens. "Oh! não digas isso em Gade! Não publiques isto nas ruas de Ascalom! para que as filhas dos incircuncisos se regozijem", para que os filhos dos infieis triunfem!

Visto que essa doutrina tende manifesta e diretamente a subverter toda a revelação cristã, ela, também, por simples consequência, faz a revelação contradizer-se. Essa interpretação baseada em alguns textos (mais numeroso ou menos, não importa) contradiz taxativamente a todos os outros textos e realmente a todo escopo e teor das Escrituras...

Em sétimo lugar, é uma doutrina cheia de blasfêmia, de tal blasfêmia que temo mencionar, mas que a honra de nosso gracioso Deus e a causa de sua verdade não me permitem calar-me. Assim, por amor à causa de Deus e por uma sincera preocupação pela glória do seu grande nome, mencionarei algumas das horríveis blasfêmias contidas nessa terrível doutrina...

Essa doutrina apresenta nosso bendito Senhor Jesus Cristo - o Justo, o unigênito Filho do Pai, cheio de graça e verdade, como um hipócrita, um enganador do povo, um homem destituído da sinceridade comum, pois, não pode ser negado que Ele por toda parte fala como querendo que todos os homens sejam salvos. Portanto, dizer-se que Ele não queria que todos os homens fossem salvos, é representá-lo como mero hipócrita e embusteiro...

O pensar em tal blasfêmia faz tinir os ouvidos de um cristão! Mas ainda há mais, pois, assim como essa doutrina honra o Filho, ela honra o Pai. Ela destrói todos os seus atributos imediatamente; ela subverte a sua justiça, a misericórdia e a verdade; sim, ela representa o mais santo Deus como pior do que o demônio, mais falso, mais cruel e mais injusto. Mais falso porque o demônio, mentiroso como é, nunca disse: "Ele quer que todos os homens sejam salvos", mais injusto porque o diabo não pode ser culpado da injustiça que se atribui a Deus quando se diz que ele condenou milhões de almas ao fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos, e que eles não podem evitar por falta dessa graça que ele não lhes quis dar; mais cruel porque o espírito infeliz procura descanso e não o encontra, de

modo que a sua inquieta miséria é uma espécie de tentação para que ele tente aos outros. Mas Deus permanece no seu alto e santo lugar, de modo que supô-lo por seu próprio movimento, por sua pura vontade e prazer, feliz como é, condenando as suas criaturas, quer elas queiram quer não, a uma miséria sem fim, é imputar-lhe tal crueldade que não podemos imputar mesmo ao maior inimigo de Deus e dos homens. É representar o altíssimo Deus como mais cruel, mais falso e mais injusto do que o diabo! Aquele que tem ouvidos ouça.

*Sermões: "A Livre Graça", 10-11, 13, 18-20, 23-25 (J, VII, 376-383).*

\*\*\*

Ah! pobre predestinista! Se o Sr. é sincero para com a sua doutrina - a eleição, ela não pode confortá-lo! Pois, quem sabe se o Sr. não pertence ao número dos eleitos? Se não, o Sr. também está no sumidouro. Qual é a sua esperança? Onde está o seu socorro? Deus não representa socorro para o Sr. O seu Deus! Não, ele não é seu, nunca foi e nunca será. Ele que o fez, o criou, não tem piedade do Sr. Ele o fez para este fim: condená-lo; para atirá-lo de cabeça para baixo no lago que arde com fogo e enxofre! Este foi preparado para o Sr. desde que o mundo começou a existir! Para este o Sr. está reservado em cadeias de trevas até que o decreto se cumpra, até que, de acordo com a sua vontade eterna, imutável e irresistível, o Sr. gema, uive e se contorça nas ondas de fogo e diga blasfêmias contra o seu desejo! Ó Deus! até quando esta doutrina existirá!

*Obras: "Um pensamento sobre a necessidade", VI, 6 (X, 480).*

\*\*\*

Creio que a eleição signifique comumente uma destas duas coisas: primeiro, um chamado divino para determinados homens para que realizem uma obra especial no mundo. Creio que esta eleição não seja pessoal, mas absoluta e incondicional. Deste modo, Ciro foi eleito para reconstruir o templo, S. Paulo e os doze para pregarem o evangelho. Mas não vejo nisto qualquer conexão necessária com a felicidade. Certamente não existe tal conexão, pois, aquele que é eleito neste sentido ainda poderá perder-se eternamente. "Não vos escolhi (elegi) a vós os

doze?" disse o Senhor, "contudo um de vós tem o demônio". Como vedes, Judas foi eleito como os outros o foram, contudo a sua parte está com o demônio e os seus anjos.

Em segundo lugar, creio que esta eleição signifique um chamado divino a certos homens à felicidade eterna. Mas creio que esta eleição seja condicional tanto quanto a condenação. Creio que o decreto eterno concernente a ambas esteja expresso nestas palavras: "Aquele que crê será salvo, aquele que não crê será condenado". Sem dúvida, Deus não pode mudar e o homem não pode resistir a este decreto. De acordo com isto, todos os verdadeiros crentes são chamados eleitos nas Escrituras e os descrentes são propriamente condenados, isto é, não aprovados por Deus e sem discernimento das coisas espirituais.

*Obras: "A predestinação calmamente considerada", 16-17 (X,209-210).*

\*\*\*

### 3 - A atividade de Deus como Criador

O Deus Todo-Poderoso, eterno, onisciente e cheio de graça é o criador do céu e da terra. Ele, por sua palavra poderosa, chamou do nada todo o universo, tudo que existe. "Assim o céu e a terra foram criados, bem como todos os seus exércitos". E depois que Ele ordenou a todas as demais coisas - as plantas segundo as suas espécies, os peixes e as aves, as bestas e os reptis segundo as suas espécies, Ele criou o homem segundo a sua própria imagem". E o Senhor viu que todas as partes distintas do universo eram boas. Quando viu tudo quanto tinha feito, cada coisa em conexão com as outras, "eis que tudo era muito bom".

*Sermões: "Sobre a divina providência", 8 (J,VI,315).*

\*\*\*



quer da necessidade inexorável. É feliz na certeza completa de que o seu Criador e fim de todas as coisas é um ser de sabedoria ilimitada, de poder infinito para executar todos os desígnios da sua sabedoria e de não menos infinita bondade para orientar todo o seu poder para o bem de todas as suas criaturas. Mesmo a consideração da sua justiça imutável impondo deveres a todos, da sua santidade imaculada, da sua completa suficiência em si mesmo, e daquele imenso oceano de todas as perfeições que se centralizam em Deus de eternidade a eternidade, são uma contínua adição à felicidade do cristão.

*Cartas: "Ao Dr. Conyers Meddleton" (II, 379).*

\*\*\*

Deus revela-se a si mesmo sob dois aspectos: como Criador e como Governador. Estes dois aspectos de modo algum se contrariam, mas são totalmente diferentes. Como Criador, ele tem agido em todas as coisas de acordo com a sua vontade soberana. A justiça não tem e não pode ter qualquer lugar aqui, pois o não ser não tem deveres. Portanto Ele pode fazer o que quiser daquilo que lhe pertence, no mais absoluto sentido. Assim Ele criou o céu e a terra e tudo que neles há, em todos os aspectos concebíveis, "de acordo com o seu bom prazer". 1) Ele começou a sua criação no tempo ou naquela parte da eternidade que lhe pareceu conveniente. Se lhe tivesse agrado, Ele poderia ter começado milhões de anos antes ou depois. 2) Ele determinou pela sua própria vontade soberana a duração do universo em milhares ou milhões de anos. 3) Determinou pela mesma o lugar do universo no espaço imenso. 4) Pela sua soberana vontade Ele determinou o número das estrelas, de todas as partes componentes do universo, a grandeza de cada átomo, de todas as estrelas, dos planetas e dos cometas. 5) Como soberano criou a terra com todos os seus adornos, animados ou inanimados e deu a cada um tal natureza, tais propriedades. 6) Segundo seu agrado, fez o homem um espírito corporificado, e, em consequência da sua natureza espiritual, dotado de entendimento, vontade e liberdade. 7) Ele determinou o tempo era que cada nação começasse a existir com o limite da sua habitação. 8) Determinou o tempo, o lugar e as circunstâncias para o nascimento de cada indivíduo: se prowenho de pais que honraram o teu nome, isso foi determinado pela tua bondade. 9) Deu a cada um,

corpo do seu agrado, fraco ou forte, sadio ou doentio. Isto implica: 10) que ele lhes dá vários graus de entendimento e de conhecimento diversificados por circunstâncias inumeráveis. É difícil dizer até onde isto se estende, que enorme diferença existe, quanto aos meios de desenvolvimento, *entre* um nascido e criado numa piedosa família inglesa e um nascido e criado entre os hotentotes. Nós apenas estamos certos de que a diferença não pode ser tão grande que se torne necessário a um ser bom e a outro ser mau, que force a um entrar na glória eterna e a outro no sofrimento eterno. Isto não pode ser porque teríamos um Deus como Criador interferindo-se com o Deus como Governador, onde Ele não o faz e possivelmente não pode agir apenas de acordo com a sua soberana vontade mas, como Ele expressamente nos disse, de acordo com as regras invariáveis da justiça e da misericórdia.

Embora possamos ou não avaliar tais coisas, e realmente o podemos em milhares de casos, precisamos sustentar absolutamente que Deus é recompensador daqueles que o buscam diligentemente. Mas Ele não pode recompensar ao Sol por brilhar, porque o Sol não é um agente livre. Do mesmo modo não poderia recompensar-nos por fazermos a nossa luz brilhar diante dos homens se agíssemos necessariamente como o Sol. Toda recompensa bem como todo castigo pressupõe liberdade de ação, e sempre que uma criatura é incapaz de escolher, ela se torna incapaz de recompensa ou de castigo.

Portanto, sempre que Deus age como Governador, como recompensador ou castigador, Ele não age meramente como soberano, somente pela sua própria vontade e prazer, mas como juiz imparcial, guiado em todas as coisas pela justiça invariável.

É verdade, contudo, que em alguns casos a misericórdia regozija-se sobre a justiça, embora a severidade nunca o faça. Deus pode galardoar mais, mas nunca punir mais do que a justiça estritamente requer. Concede-se que Deus aja como soberano convencendo algumas almas do seu pecado, detendo-as no meio da sua carreira pelo seu poder irresistível. Parece, também, que, no momento da nossa conversão, Ele age irresistivelmente. Pode haver do mesmo modo muitos toques irresistíveis durante a nossa carreira cristã, a respeito do que *cada* crente pode dizer: "No meu tempo de calamidade tu foste o meu socorro, na minha fraqueza livraste-me do pecado". Contudo, como S. Paulo, podia ter sido obediente ou desobediente à visão celestial, assim todo indivíduo pode, depois de tudo que Deus fez, desenvolver a sua graça ou torná-la sem efeito.

Portanto, seja o que for que tenha sido do agrado soberano de Deus fazer como Criador do céu e da terra e seja o que for que a sua misericórdia possa fazer em ocasiões particulares acima do que a justiça requer, a regra geral permanece firme como os pilares do céu: "O juiz de toda a terra agirá com justiça. Ele julgará o mundo retamente" e a todos os homens de acordo com a estrita justiça. Não punirá ao homem por fazer aquilo que ele não pôde possivelmente evitar, nem por omitir qualquer coisa que ele podia fazer. Todo castigo supõe que aquele que pratica a ofensa podia tê-la evitado; castigá-lo de outro modo seria palpavelmente injusto e inconsistente com o caráter de Deus nosso Governador.

Conservemos então sempre à parte estas duas idéias: a de Deus o Criador, o Soberano Criador e a de Deus o Governador, o Justo Governador. Distingamos uma da outra com o maior cuidado. Assim demos a Deus toda a glória de sua graça soberana sem impingir-lhe injustiça.

*Obras: "Pensamentos sobre a soberania de Deus" (X, 361-63).*

\* \* \*

## 4 - Atividade de Deus como governador ou preservador

Como este ser onisciente e cheio de graça criou todas as coisas, assim Ele sustenta todas as coisas. Ele é o preservador bem como o criador de todas as coisas que existem. "Ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder", isto é, pela sua poderosa palavra. É lógico que Ele conhece todas as coisas que fez e todas as coisas que preserva de momento a momento; do contrário Ele não poderia preservá-las nem continuar a dar-lhes o ser que lhes tinha dado. Não é estranho que aquele que é onipresente, que "enche o céu e a terra", que está em todo lugar, veja o que está em todo lugar onde Ele está intimamente presente. Se os olhos dos homens podem discernir as coisas a uma pequena distância, os da águia podem fazê-lo a uma distância maior; os de um anjo o que está a uma distância mil vezes

maior, talvez possam ver toda a superfície da terra de uma vez; como não verá o olho de Deus todas as coisas através de toda a extensão da criação? Consideremos especialmente que nada está distante daquele em quem "nós vivemos, nos movemos e temos nosso ser".

*Sermões: "Sobre a divina providência", 9 (J,VI,315).*

\*\*\*

"Sem mim nada podeis fazer!" absoluta, positivamente nada! Nele todas as coisas vivem e se movem, bem como têm o seu ser; Ele não é somente a verdadeira primeira causa, contendo todo o arcabouço da criação, mas também o princípio interno, sustentador e ativo, na verdade, o único agente no universo. Os espíritos criados necessitam de que Ele lhes comunique uma fagulha da sua natureza ativa e de movimentos próprios. Mas de modo mais especial, "vós nada podeis fazer" de reto, de sábio, de bom, sem a agência direta e imediata da Primeira Causa.

*Obras: "Um pensamento sobre a necessidade", V,1 (X, 476-77).*

\*\*\*

Não conhecemos mais as suas obras de providência do que as suas obras de criação? Um dos primeiros princípios da religião é que o seu reino se estende sobre todas as coisas, de modo que podemos dizer com confiança: "Ó Senhor, nosso Governador, quão excelente é o teu nome sobre toda a terra!" Supor-se que o acaso governa o mundo ou tem qualquer parte no governo do mesmo é um conceito infantil. Nem mesmo aquelas coisas que aos olhos do vulgo pareçam ser perfeitamente casuais. "A porção é lançada ao colo, mas o dispor disto vem do Senhor". Nosso bendito Mestre pôs esta questão além de qualquer dúvida possível: "Nem um pardal, diz Ele, cai ao chão sem que seja da vontade do vosso Pai que está nos céus; sim, para enfatizar mais a expressão, mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados".

## Atividade de Deus como governador ou preservador 57

Mas embora estejamos bem apercebidos desta verdade geral, de que todas as coisas são governadas pela providência de Deus, pois, a própria linguagem do orador pagão diz que Deus dirige todas as coisas, contudo é surpreendente o pouco que conhecemos dos particulares que se agrupam sob essa verdade geral!

Quão pouco entendemos dos seus procedimentos providenciais para as nações, as famílias e os indivíduos! Há alturas e profundezas em todos eles, as quais o nosso entendimento não pode esquadriñar. Nós atualmente podemos compreender apenas uma pequena parte das suas ações, conheceremos o restante depois.

*Sermões: "A imperfeição do conhecimento humano", 11,1-2 (J, VI, 343-44).*

\*\*\*

No entanto há uma diferença... no governo providencial de Deus sobre os filhos dos homens. Um escritor piedoso observa que existem três círculos concêntricos da providência divina. O círculo exterior inclui todos os filhos dos homens: pagãos, maometanos, judeus e cristãos. Ele faz com que o Sol se levante sobre todos. Dá-lhes a chuva e as estações frutíferas. Derrama sobre eles mil benefícios e enche o seu coração de alimento e de alegria. No 2º círculo, Ele coloca toda a sua Igreja Cristã visível, todos os que têm o nome de Cristo. Ele tem cuidado especial para com o bem-estar destes. Mas o terceiro círculo, o mais interno, inclui somente a Igreja invisível de Cristo, todos os verdadeiros cristãos dispersos pelos quatro cantos da terra, todos os que adoram a Deus em espírito e em verdade, seja qual for a sua denominação. Ele os guarda como a menina dos seus olhos; cobre-os com a sombra das suas asas. E é particularmente a estes que nosso Senhor diz: "Mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados".

*Sermões: "Culto divino", I, 9 (J, VI, 428-9).*

É verdade que a doutrina de uma providência especial (particular) (deixando de ser providência a que não é particular) está absolutamente fora de moda na Inglaterra, e um autor prudente poderia escrever isto para ganhar o favor de seus delicados leitores. No entanto não direi que isto seja realmente prudência porque ele poderá perder mais com isso do que lucrar, visto que a maioria, mesmo dos britânicos, ainda tem algum respeito pela Bíblia.

*Diário: "Sexta-feira, 6 de julho de 1781" (VI, 326).*

\*\*\*

A sabedoria de Deus no governo das nações, dos Estados e dos reinos é igualmente conspícua, sim, muito conspícua, caso o que é infinito possa admitir qualquer grau, pois, toda a criação inanimada, sendo totalmente passiva e inerte, não pode apresentar oposição à sua vontade. Portanto, no mundo natural todas as coisas se movem num curso regular e ininterrupto. Mas é muito diferente no mundo moral. Neste, os homens maus e os espíritos maus se opõem continuamente à vontade divina e criam inúmeras irregularidades. Portanto está no mundo moral o objetivo total de exercício de todas as riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus reagindo contra toda a impiedade e loucura dos homens, contra toda a sutileza de Satanás, ajudando-o a levar avante o seu glorioso designio da salvação da humanidade perdida. Realmente não haveria nenhuma sabedoria se ele tivesse de realizar tal coisa por um decreto absoluto e pelo seu poder irresistível. Mas a sua sabedoria se mostra na salvação do homem sem destruição da sua natureza, sem privá-lo da liberdade que lhe foi dada.

*Sermões: "A sabedoria dos conselhos de Deus", 4 (J, VI, 326).*

\*\*\*

"Todas estas coisas são puramente naturais, são o resultado de causas naturais". Há duas objeções a esta resposta: primeira - não é verdadeira; segunda - é incômoda.

## Atividade de Deus como governador ou preservador 59

Primeira. Se ao afirmamos que "tudo isto é puramente natural" queremos dizer que não seja providencial ou que Deus nada tenha a ver com isto, não é verdade, desde que tenhamos a Bíblia como verdadeira, porque, supondo-se isto, podemos discorrer longamente sobre as causas naturais da aftosa, dos ventos, do trovão e do relâmpago, estando, contudo, longe do ponto, e nada provaremos a menos que provemos que Deus nunca age nas causas naturais ou por elas. Mas não podemos provar isto...

A segunda objeção àquela resposta é que ela é extremamente incômoda, porque se as coisas são realmente como ali se afirma, se todos estes incidentes aflitivos dependem inteiramente do concurso fortuito e da agência de causas cegas e materiais, que esperança, que auxílio, que fontes existem para aqueles que sofrem por estas coisas? ... Suplicarão à fome ou à peste que tenham misericórdia deles? Ah! elas são tão insensíveis quanto se supõe que Deus seja.

Contudo, os homens de recursos podem safar-se muito bem de tais coisas, apesar destas dificuldades. O seu dinheiro lhes proporcionará alimento estejam onde estiverem no país. Se os médicos não os podem livrar de epidemia, os seus carros podem tirá-los do lugar da infecção. Seja assim; no entanto, não estarão fora de perigo, a menos que alcancem maior velocidade do que o vento. Estão eles certos disto? São os seus cavalos mais velozes do que o relâmpago? Poderão eles deixar para trás a tempestade faminta? Senão, que farão quando ela dominá-los? Tentem a sua eloquência no redemoinho. Ouvirá ele a sua voz? Atenderá ele o seu dinheiro, as suas orações, as suas lágrimas? Supliquem ao relâmpago. Gritem. Vejam se a sua voz pode "dividir as labaredas do fogo", Oh! não! Elas não têm ouvidos, devoram sem piedade!

*Obras: "Sérios pensamentos ocasionados pelo último terremoto de Lisboa" (XI, 6-7).*

\*\*\*

## 5 - Atividade de Deus como juiz

O Sr.. acrescenta: "A doutrina da expiação feita por Cristo é a maior demonstração de que a ira a ser expiada não pode estar em Deus", página 58. Quem diz "ira a ser expiada"? "A ira a ser expiada" não tem sentido nem é boa linguagem, é um solecismo ao qual o

sr. recorre perpetuamente (espero que não para tumultuar a causa propositadamente); que o pecado a ser expiado não pode estar em Deus todos nós concordamos, mas isto não afeta a questão.

Para silenciar imediatamente toda a contradição, para tapar a boca de todos os contraditores, o sr. diz: "Que não há ira nem justiça vingativa em Deus, nenhum castigo imposto por Ele, é aberta e constantemente afirmado e repetido nas mais simples páginas das Escrituras". Se isto ou o reverso é verdade será mostrado por alguns dos inumeráveis textos, vários dos quais citarei simplesmente, sem qualquer comentário, deixando-os à mercê da sua consideração.

O sr. diz: 1) Não há justiça vingativa, punitiva em Deus. 2) Não há ira em Deus. 3) Deus não impõe castigo sobre qualquer criatura, neste mundo nem no vindouro.

Deus diz:

1) "O Senhor justo está no meio de vós" (Sofonias 3:5). "Justiça e julgamento são a habitação do teu trono" (Sal. 89:14)...

2) "O Senhor ouviu as suas palavras e indignou-se" (Deut.1:34). "O Senhor irou-se contra mim por vossa causa" (Idem 3:16)...

3) "Castigarei o mundo por causa do seu mal e aos ímpios por causa da sua iniquidade"(Is. 13:11). "Eis que o Senhor vem para castigar os habitantes da terra por causa da sua iniquidade" (Idem 26:21)...

Agora, em quem devo crer? Em Deus ou no homem?

*Cartas: "A William Law" (III, 350-51).*

\*\*\*

Voltando de Bedford tentei um outro meio para alcançá-los. Preguei sobre: "Onde o seu verme não morre e o seu fogo não se apagará", e coloquei perante eles os terrores do Senhor do modo



mais forte que pude. Parecia que era exatamente o que eles queriam. Não somente escutaram com a mais profunda atenção, mas pareciam mais movidos do que eu já os tinha visto por meio de qualquer outro discurso.

*Diário: "Quinta-feira, 26 de fevereiro de 1764" (V,45).*

\*\*\*

A Escritura descreve Deus como juiz da terra. Mas como julgará Deus com justiça o mundo? (Oh!, considerai isto, como na presença de Deus, com reverência e temor piedoso!) como julgará Deus com justiça o mundo se existe qualquer decreto de condenação?

*Obras: "A predestinação calmamente considerada", 31 (X,221).*

\* \* \*

Não tomais vós o nome de Deus em vão? Lembrais, vós do dia de sábado para guardá-lo e santificá-lo? Não falais mal do vosso governo? Não sois beberrões, glutões, passando os dias tão suntuosamente quanto podeis, fazendo da vossa barriga um deus? Não vos vingais a vós mesmos? Não sois fornicários ou adúlteros? Respondei sinceramente ao vosso coração, na presença de Deus - o juiz de todos.

Por que dizeis, então, que credes nas Escrituras? Se as Escrituras são verdadeiras, vós estais perdidos. Estais no caminho largo que conduz à perdição. A vossa condenação não dorme. Vós estais acumulando ira para vós mesmos para o dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus. Sem dúvida, se as Escrituras são verdadeiras e vós permanecéis assim, seria bom para vós o não haverdes nascido.

*Obras: "Um sincero apelo aos homens sensatos e religiosos", 39 (VIII,15).*

Supondo que Deus tenha sido justo tanto para com os eleitos como para com os condenados, vós supondes que a sua justiça tenha sido separada dos seus outros atributos, particularmente da sua misericórdia. Mas isso nunca aconteceu, nem acontecerá, nem será possível que aconteça. Todos os seus atributos são inseparavelmente ligados, não podem ser divididos nem por um momento.

*Obras: "A predestinação calmamente considerada", 23 (X, 217).*

\*\*\*

## 6 - A atividade de Deus como redentor

Foi simplesmente pela sua graça, pelo seu livre amor, pela sua imerecida misericórdia que Deus concedeu ao homem um meio de reconciliar-se com Ele, para que não fôssemos separados da sua mão e completamente apagados da sua memória. Portanto, seja qual for o método do seu agrado apontar para a sua terna misericórdia, a sua bondade imerecida, possam os seus inimigos os quais se têm tão profundamente revoltado contra Ele e tão longa e obstinadamente se rebelado contra Ele, ainda encontrar favor aos seus olhos, e é sem dúvida sabedoria para nós aceitá-lo com gratidão.

*Sermões: "A retidão da fé", II, 8 (S, I, 143).*

\*\*\*

Atentai, pois, para a justiça e a misericórdia de Deus! A sua justiça na punição do pecado, o pecado daquele de cujos lombos todos nós provimos - Adão e toda a sua posteridade; a sua misericórdia provendo um remédio universal para um mal universal, dando o segundo Adão para que morresse por todos aqueles que tinham morrido no primeiro, de maneira que como "em Adão todos morreram, assim em Cristo todos pudessem viver", pois, como "pelo pecado de um homem sobre todos caiu o julgamento para condenação, do mesmo modo pela retidão de um foi a todos concedido o dom

gratuito para justificação para vida", a qual está ligada ao novo nascimento - o começo da vida espiritual que, através da vida de santidade, nos guia à vida eterna, à glória.

Observe-se de modo especial que "onde o pecado abundou, a graça superabunda". O dom gratuito é diferente da condenação. Podemos ganhar infinitivamente mais do que temos perdido. Podemos agora atingir maior santidade e maior glória do que nos era possível. Se Adão não tivesse pecado, o Filho de Deus não teria morrido e conseqüentemente aquele surpreendente exemplo do amor de Deus para com o homem não teria existido, o qual tem, em todos os tempos, provocado nos seus filhos grande alegria, amor e gratidão. Poderíamos amar a Deus o criador, o conservador e o governador, mas não haveria lugar para o amor a Deus o redentor. Este poderia não ter existido. Faltariam a maior glória e a maior alegria dos santos na terra e dos santos nos céus - Cristo crucificado. Nós poderíamos não ter louvado aquele que, não tendo por usurpação o ser igual a Deus, esvaziou-se a si mesmo, tomou a forma de servo e foi obediente à morte e morte de cruz!

*Sermões: "Sobre a queda do homem", II, 9-10 (J, VI, 224).*

\*\*\*

"Deus que é rico em misericórdia, ainda que quando estávamos mortos em pecados, deu-nos vida em Cristo (pela graça sois salvos), a fim de que Ele pudesse mostrar-nos a excelente riqueza da sua graça em sua bondade através de Cristo. Pela graça sois salvos pela fé e isso não vem de vós mesmos". De vós mesmos não vem nem a vossa fé nem a vossa salvação, mas são o dom de Deus; dom livre e imerecido; a fé pela qual sois salvos e a salvação que Ele vos dá, sendo isto do seu próprio agrado, um simples favor seu. O fato de credes é um exemplo da sua graça; o de serdes salvos porque credes é um outro. "Não pelas obras para que ninguém se glorie". Pois todas as nossas obras, toda a nossa retidão anteriores à nossa crença nada valem diante de Deus, senão a sua condenação. Tão distantes estão elas da fé merecedora que esta, não importa quando tenha sido dada, não provém das obras, nem a salvação provém das obras que praticamos quando cremos, pois é Deus que opera em nós

e nos dá uma recompensa pelo que Ele mesmo operou apenas ordenando as riquezas da sua misericórdia, não nos deixando nenhum motivo para nos gloriarmos.

*Sermões: "Salvação pela fé", III, 3 (5,I,47-48).*

\*\*\*

Deus "regozija-se na prosperidade dos seus servos; Ele não tem prazer em afligir os filhos dos homens". A sua vontade invariável é a nossa santificação acrescentada de "paz e alegria no Espírito Santo". Estes são seus dons gratuitos, e estamos certos de que Ele não se arrepende de nos conceder os seus dons. Ele nunca se arrepende daquilo que deu e nunca deseja tornar a tirar de nós aquilo que concedeu. Ele, portanto, nunca nos deixa, como alguns dizem; somos nós que o deixamos.

*Sermões: "O estado de solidão", II, 1 (S,II,249).*

"Esta é a vitória que vence o mundo - a nossa fé"; fé que é, não somente um assentimento inabalável a tudo aquilo que Deus revelou nas Escrituras e em particular àquelas verdades importantes: "Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores", "Ele levou sobre si os nossos pecados sobre o madeiro", "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo", mas é também a revelação de Cristo em nosso coração; uma evidência divina ou convicção do seu amor livre e imerecido para comigo - um pecador; uma confiança em sua misericórdia perdoadora exercida pelo Espírito Santo em nós; confiança pela qual todos os verdadeiros crentes se capacitam a dar testemunho deste modo: "Eu sei que meu Redentor vive", que tenho um "advogado para com o Pai", e que "Jesus Cristo - o Justo, é meu Senhor" e a "propiciação pelos meus pecados". Eu sei que "Ele me amou e se deu a si mesmo por mim"; Ele me reconciliou com Deus e eu tenho "a redenção através do seu sangue e o perdão dos pecados".

*Sermões: "A circuncisão do coração", I, 7 (5, I, 270-71).*

\* \* \*

III  
Jesus Cristo

### III

## Jesus Cristo

*Os escritos especificamente cristológicos de Wesley consistem de fragmentos e estão espalhados, mas Cristo é central na sua teologia e essencial a todas as outras doutrinas. Ele declara que o fato de o homem abandonar a expiação equivale a abraçar o deísmo ou o paganismo. Ele tem a falta do cumprimento do dever como desastrosa à vida de fé. Confessa que a obra de Cristo ultrapassa a compreensão racional, mas testifica que as Escrituras e a experiência tornam a sua realidade indisputável. Em uma das suas cartas a William Law, Wesley acusa-o mordazmente, porque não encontrou nos escritos desse autor a anunciação da obra expiatória de Cristo para com o homem. Para Wesley, a fé nesta obra expiatória é o único caminho que conduz à salvação. A pessoa de Cristo não recebe extensa consideração como resultado da ênfase dada à sua obra. Wesley enfatiza o que Deus fez pelo homem através de Cristo e o que Ele pode fazer no homem na vida de santidade.*

\*\*\*

### 1 - A pessoa de Cristo

Foi no cumprimento do tempo (exatamente no meio da idade do mundo como um grande homem prova extensamente) que Deus "trouxe ao mundo o seu unigênito Filho, gerado de uma mulher" pelo poder do Altíssimo que a cobriu. Ele se manifestou depois aos pastores, ao devoto Simeão, à Ana - a profetiza, e a "todos os que esperaram pela redenção em Jerusalém".

Quando Ele estava na idade própria para a execução da sua missão sacerdotal, manifestou-se a Israel pregando o evangelho do reino de Deus em todas as cidades e aldeias. Por algum tempo foi glorificado por todos aqueles que reconheceram que falava "como nunca nenhum homem havia feito", "que falava como quem tinha autoridade", que falava com toda a sabedoria e poder de Deus, Manifestou-se por meio de "inúmeros sinais e prodígios e obras poderosas que realizava", bem como pela sua vida santa, sendo o único nascido de mulher "que não conheceu pecado", que "fez bem todas as coisas" do seu nascimento à sua morte, fazendo continuamente "não a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou".

*Sermões: "O fim da vinda de Cristo", II 4-5 (J,VI, 273-74).*

\*\*\*

No começo - (refere-se a Gên. 1:1 e Prov. 8:23). Quando todas as coisas começaram a ser feitas pela palavra: No começo do céu e da terra e de todo o arçabouco dos seres criados, a Palavra existia sem nenhum começo. Ele era quando todas as coisas que tiveram início começaram a existir. A Palavra, como o chamou o salmo 33:6 e freqüentemente o fizeram os Setenta e como está na paráfrase caldaica. De modo que São João não tirou esta expressão de Filo e nem de nenhum escritor pagão. Ele ainda não era chamado Jesus ou Cristo. Ele é a Palavra a quem o Pai gerou ou falou desde a eternidade; por quem falando o Pai, fez todas as coisas; quem nos falou do Pai. No versículo 18 temos uma descrição real da palavra e da razão pela qual Ele é assim chamado. Ele é o unigênito Filho do Pai, que está no seio do Pai e o manifestou. E a palavra estava com Deus - portanto distinto de Deus - o Pai. A palavra indica uma perpetua propensão do Filho para com o Pai em unidade de essência. Ele estava a sós com Deus, pois coisa nenhuma tem existência sem Deus. E o verbo era Deus - Supremo, eterno, independente. Num sentido relativo, não havia nenhuma criatura que pudesse ter servido de modelo para Deus. Portanto Ele assim foi formado no sentido absoluto. A divindade do Messias foi revelada claramente no Antigo Testamen-

to (Jer. 23:6, Os. 1:7, Sal. 23:1). Os outros evangelistas voltam a estas passagens para provar que Jesus, verdadeiro homem, era o Messias. Mas quando afinal alguns começaram a duvidar da sua divindade, São João afirmou-o expressamente e escreveu em seu livro como que um suplemento aos evangelhos, como na revelação aos profetas.

*Notas: "João 1:1".*

\*\*\*

Eu creio que o Jesus de Nazaré era o Salvador do mundo, o Messias há tempo predito; que, sendo ungido pelo Espírito Santo, era um profeta que nos revelou toda a vontade de Deus; que era um sacerdote que se deu a si mesmo como sacrifício pelo pecado e ainda faz intercessão pelos transgressores; que é um rei que tem todo o poder no céu e na terra e reinará até que tenha subjugado todas as coisas a si mesmo.

Creio que Ele é o próprio Filho de Deus, Deus de Deus, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus e que é o senhor de tudo, tendo domínio absoluto, supremo e universal sobre todas as coisas, mas de modo mais peculiar, é nosso Senhor; creio nele por conquista, compra e obrigação voluntária.

Creio que Ele se fez homem ligando a natureza humana com a divina numa pessoa; que foi concebido pela operação singular do Espírito Santo e que nasceu da bendita virgem Maria que, tanto antes como depois de o dar à luz, continuou virgem pura e imaculada.

Creio que Ele sofreu dores inexprimíveis tanto no corpo como na alma, e afinal a morte e morte de cruz no tempo em que Pilatos governava a Judéia sob o Império Romano; que o seu corpo foi posto na sepultura e sua alma voltou ao lugar dos espíritos separados; que ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; que subiu ao céu onde está no meio do trono de Deus com o maior poder e glória, como mediador até o fim do mundo, como Deus pela eternidade; que no fim descera do céu para julgar a todos os homens de acordo com as suas obras, tanto os que estiverem vivos como os que morreram antes daquele dia.

*Cartas: "A um católico romano", 7 (III,8-9).*



Este versículo demonstra a igualdade do Filho com o Pai. Se nosso Senhor fosse Deus apenas em virtude da sua missão ou por investidura e não na unidade da essência divina, e em todos os sentidos igual ao Pai em divindade, Ele não podia ser honrado com a mesma honra que tributam ao Pai. Aquele que não honra ao Filho, com a mesma e igual honra, grandemente desonra ao Pai que o enviou.

*Notas: "João 5:23".*

\*\*\*

Preguei, mais ou menos ao meio-dia, em Warrington. Penso que contrariei o gosto de alguns dos meus ouvintes, visto que o meu assunto me levou a falar forte e explicitamente sobre a divindade de Cristo. Mas não posso evitá-lo, pois preciso insistir sobre isto como fundamento de toda a nossa esperança.

*Diário: "Terça-feira, 5 de abril de 1768" (V,253-54).*

\*\*\*

A retidão divina de Cristo pertence à sua natureza divina visto que Ele é o que é - ho òn. Aquele que existe "sobretudo, Deus bendito para sempre"; o supremo, o eterno, "igual ao Pai quanto à sua divindade, embora inferior ao Pai quanto à sua humanidade". Esta é a sua santidade eterna, essencial e imutável; sua infinita justiça, misericórdia e verdade; em todas elas Ele e o Pai são um.

Mas eu não vejo em que a retidão divina de Cristo diga respeito imediatamente à presente questão. Creio que poucos, se alguém o faz, procuram imputar-nos esta retidão. Todos os que crêem na doutrina da imputação, entendem-na principalmente, senão somente, com referência à sua retidão humana.

A retidão humana de Cristo pertence à sua natureza humana, visto que Ele é o "medidor entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus". Isto é interior ou exterior. A sua retidão interna é a

imagem de Deus, estampada em todos os poderes e faculdades de sua alma. É uma cópia da sua divina retidão, tanto quanto ela possa ser dispensada a um espírito humano. É uma transcrição da pureza, da justiça, misericórdia e da verdade divinas. Ela inclui o amor, a reverência, a submissão a seu Pai; humildade, mansidão e meiguice; amor à humanidade perdida e todos os outros sentimentos santos e celestiais, e todos estes no mais alto grau, sem nenhum defeito ou mistura de imperfeição.

O fato de Ele nada ter feito de errado foi a maior parte da sua retidão externa, o fato de que nunca praticou qualquer espécie de pecado exterior, nem "engano foi encontrado em sua boca", de que nunca disse uma palavra imprópria e nunca praticou uma ação inconveniente, pois essa é apenas retidão negativa, visto que ela pertence a todos os nascidos de mulher, embora ninguém já o tenha conseguido nem o conseguirá, exceto Ele. Mas ela também o foi positiva: Ele fez bem todas as coisas; em todas as palavras de sua língua, em todas as obras de suas mãos, Ele fez precisamente a "vontade daquele que o enviou". Em toda a sua vida fez a vontade de Deus na terra como os anjos o fazem no céu. Tudo fez e disse com retidão em todas as circunstâncias. A sua obediência foi completa. "Ele cumpriu toda a justiça".

Mas a sua obediência implica mais do que tudo isto; ela implica não somente o fazer, mas o sofrer; toda a vontade de Deus desde o tempo em que veio ao mundo até quando "levou nossos pecados sobre o seu corpo no madeiro"; sim, até fazer uma completa expiação por eles, quando "Ele baixou a cabeça e entregou o espírito". Esta é geralmente chamada a retidão passiva de Cristo, sendo a primeira a sua retidão ativa. Mas visto que a retidão ativa e a passiva de Cristo nunca foram separadas uma da outra, nós não precisamos separá-las quer falando quer pensando. E é com referência a ambas conjuntamente que Jesus é chamado "O Senhor, nossa retidão".

*Sermões: "O Senhor, nossa retidão", I, 1-4 (S, II, 426-28).*

## 2 - A obra de Cristo como sacrifício pelo pecado

A palavra Cristo no grego e Messias no hebráico significam ungido e implicam os caracteres profético, sacerdotal e real, os quais deveriam encontrar-se no Messias. Entre os Judeus, a unção era a cerimônia pela qual os profetas, os sacerdotes e os reis eram iniciados nos seus ofícios. E se olharmos para nós mesmos, veremos a necessidade de Cristo em todos estes sentidos. Nós estamos por natureza distantes de Deus, alienados dele e somos incapazes de livre acesso a Ele. Donde o necessitarmos de mediador, um intercessor numa palavra, um Cristo em sua missão sacerdotal. Isto diz respeito ao nosso estado com referência a Deus. Com referência a nós mesmos, encontramos obscuridade total, cegueira e ignorância das coisas de Deus. Nisto precisamos de Cristo no seu papel profético para iluminar a nossa mente e ensinar-nos toda a vontade de Deus. Encontramos, também, dentro de nós, um estranho desgoverno de apetites e paixões. Para isto necessitamos de Cristo no seu papel real, para reinar no nosso coração e submeter todas as coisas a si mesmo.

*Notas: "Mat. 1:16".*

\*\*\*

Não poderíamos regozijar-nos por haver um Deus se não houvesse também um mediador entre Ele e os homens para reconciliar o homem com Deus e realizar toda a transação a respeito da nossa salvação. Isto exclui todos os outros mediadores como os santos e os anjos a quem os papistas constituíram e a quem, como tais, prestam culto idôlatra, exatamente como os antigos pagãos constituíram muitos mediadores para pacificar os seus deuses superiores.

*Notas: "I Tini. 2:5".*

"Por um homem o pecado entrou no mundo e a morte pelo pecado. E assim a morte vem a todos os homens" visto que neles está contido o pai comum e representante de todos nós. Desse modo, "pela ofensa de um", todos estão mortos, mortos para Deus, mortos em pecado, vivendo num corpo corruptível e mortal, próximo a ser dissolvido e sob a sentença de morte eterna. Pois "pela desobediência de um homem todos foram feitos pecadores", assim, pela ofensa de um o julgamento vem sobre todos os homens para condenação. (Rom. 5:12 e contextos).

Nós e toda a humanidade estávamos nesse estado, quando "Deus de tal maneira amou o mundo que deu seu Filho unigênito para que não perecêssemos, mas tivéssemos a vida eterna". No tempo próprio. Ele se fez homem, um outro cabeça comum da humanidade, um segundo pai geral e representante de toda a raça humana. Como tal "Ele levou as nossas tristezas", "tendo o Senhor posto sobre Ele a iniquidade de todos nós". Então "foi ferido pelas nossas transgressões e quebrado pelas nossas iniquidades. "Ele fez da sua alma uma oferta pela pecado"; derramou seu sangue pelos transgressores; "levou os nossos pecados sobre o seu corpo no madeiro", para que pelas suas feridas pudéssemos ser sarados, e para que, pela oblação de si mesmo uma vez oferecia, eu e toda a humanidade fôssemos redimidos, tendo deste modo "feito um completo, perfeito e suficiente sacrificio e satisfação plena pelos pecados de todo o mundo".

Em consideração ao fato de que o Filho "provou a morte por todos os homens", Deus agora "reconciliou o mundo consigo mesmo, não lhes imputando as suas antigas transgressões". De modo que "como pela ofensa de um veio julgamento sobre todos os homens para condenação, assim pela retidão de um lhes veio o dom gratuito para justificação". De maneira que por amor do seu bem-amado Filho e do que Ele fez e sofreu por nós, Deus agora, sob uma única condição, a qual Ele também nos capacita a realizar, condescende em perdoar-nos o castigo devido aos nossos pecados, a dar-nos de novo o seu favor e a restaurar as nossas almas mortas à vida espiritual como garantia da vida eterna.

Este é, portanto, o fundamento geral de toda a doutrina da justificação. Pelo pecado do primeiro Adão, o qual não era apenas o pai, mas do mesmo modo o representante de todos nós, perdemos o

favor de Deus; tornamo-nos todos filhos da ira; ou como diz o apóstolo: "O julgamento veio sobre todos os homens para condenação", Mesmo assim, pelo sacrifício que o Segundo Adão fez pelo pecado, como representante de todos nós, Deus reconciliou-se com todo o mundo e lhe deu uma nova aliança, e tendo sido cumprida a condição para isto, "não há mais condenação para nós", mas "somos gratuitamente justificados pela sua graça, através da redenção que é em Jesus Cristo".

*Sermões: "Justificação pela fé", I,6-9 (S,I,117-119).*

\*\*\*

Nada é de maior consequência no sistema cristão do que a doutrina da expiação. É o ponto propriamente distintivo entre o deísmo e o cristianismo. Disse Lorde Huntingdon: "O esquema escriturístico de moralidade é o que cada um precisa admirar, mas não posso compreender a doutrina da expiação". Este é o ponto em que nos dividimos. Abramos mão da expiação e os deístas concordão conosco.

Este tópico, portanto, merece ser mais amplamente considerado do que o meu tempo permite. Mas, no momento, não há tanta necessidade disso, porque já o fiz na minha carta ao Sr. Law, e, por isso, peço-lhe que a leia com atenção, quer o Sr. já o tenha feito quer não. Ela está no 19º volume das obras. Mas é verdade que eu não a posso compreender mais do que S.S.; talvez possa dizer mais do que os anjos de Deus, mais do que o maior entendimento criado. Nossa razão fica confusa aqui. Se tentarmos a expiação neste terreno, ficaremos perdidos na perplexidade. Mas a questão é a seguinte: "O que diz a Escritura?" Esta é a única considerada por mim. A Escritura diz: "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo", que "Aquele que não conhecia o pecado foi feito oferta pelos pecados de todos nós". Ela ainda diz que "Ele foi ferido por nossas transgressões e quebrado pelas nossas iniquidades"; "que temos um advogado para com o Pai - Jesus Cristo o Justo, e que Ele é a expiação de nossos pecados".

É certo que se Deus nunca tivesse ficado zangado, nunca poderia ter-se reconciliado. De modo que o Sr. Law, afirmando isto, toca à raiz da expiação e encontra um método rápido de converter os deístas. No entanto, não denomino Deus "um ser iracundo", como o Sr. Law supõe, o que é uma idéia errônea; contudo, creio firmemente que Ele ficou zangado com toda a humanidade e que foi reconciliado com os homens pela morte de seu Filho. Sei que estava zangado comigo até quando cri no Filho do seu amor; todavia isto não constitui impedimento à sua misericórdia, pois Ele é justo tanto quanto misericordioso.

Indubitavelmente haverá mil objeções a esta doutrina escriturística enquanto o mundo existir, pois a pregação e Cristo crucificado ainda será loucura para os homens sábios do mundo, Contudo, conservemos esta verdade no fundo do nosso coração e no nosso entendimento, e encontraremos nela uma experiência feliz de que ela é para nós a sabedoria e o poder de Deus.

*Cartas: "A Maria Bishop" (VI, 297-99).*

\*\*\*

No "espírito de amor" de Law, não é o homem representado como tendo contraído uma dívida para com Deus, a qual ele não pode pagar? Não tem Deus o direito de insistir sobre o pagamento? Não tem Ele o direito de entregá-lo ao atormentador caso não pague? Não está expressamente afirmado que Deus, em certos casos, usará desse direito? Sobre quem então pesa a imputação de "loucura" e do "que é ainda pior"? "Senhor, não lhes imputes este pecado! Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem".

Mas se o Filho de Deus não morreu para expiar os nossos pecados, para que o fez?

O Sr. responde: Ele morreu: 1) Para extinguir nosso próprio inferno dentro de nós (Espírito de oração, II parte, p.159).

1) Não, a Escritura apresenta este não como o primeiro, mas como o segundo objetivo de sua morte.

2) Para mostrar que Ele estava acima do mundo, da morte, do inferno e de Satanás (p. 130-1).

Onde está escrito que Ele morreu para isto? Não podia *ter* feito isto sem ter morrido?

3) A sua morte era o único meio possível de vencer todo o mal que havia no homem decaído (p. 129).

Isto é verdade, supondo-se que Ele tenha feito expiação pelos nossos pecados. Mas se não fizermos tal suposição, a sua morte não foi o único meio possível pelo qual o Todo-poderoso podia vencer todas as coisas.

4) Através dela, Ele conseguiu poder para dar a vitória a todos os seus irmãos da raça humana (p.132).

Não tinha Ele antes este poder? Do contrário, como era Ele hoje, "o que é," "Deus sobre todas as coisas, bendito para sempre"?

Se Cristo não morreu para nenhum outro objetivo, que necessidade havia de ser mais do que uma criatura?

*Cartas: "A William Law" (III, 352-53).*



Donde o não poder eu considerar o Tratado do Dr. Taylor se não como o antigo deísmo em nova vestimenta, visto que solapa os fundamentos de toda a religião revelada, quer judaísmo quer cristianismo. Disse um homem eminente a uma pessoa importante: "Realmente, meu "L", não posso ver a necessidade que temos de Jesus Cristo". E quem não podia dizer com base nesta suposição: "Eu não vejo muita necessidade do cristianismo"? Não, nenhuma, pois, "os que estão sãos não necessitam de médico", e a Revelação Cristã nada mais fala do que sobre o grande "médico" de nossas almas, nem pode a filosofia cristã, seja o que se possa pensar a respeito dos pagãos, ser mais bem definida do que a palavra de Platão: "É o único método verdadeiro de curar uma alma doente". Mas que necessidade temos disto se estamos em perfeita saúde? Se não estamos doentes, não precisamos de cura. Se não estamos doentes, por que procurari-

amos remédio para curar nossa doença? Que possibilidade há de para falarmos em sermos renovados em "conhecimento" ou em "santidade segundo a imagem segundo a qual fomos criados" se nunca perdemos aquela imagem? Se somos agora mais sábios e mais santos do que Adão era imediatamente após a sua criação? Portanto, se tirarmos este fundamento de que o homem é por natureza tolo e pecador, "caído da gloriosa imagem de Deus", o sistema cristão cai imediatamente; outrossim, não merecerá nem o honroso nome de uma "fábula inteligentemente feita".

*Obras: "Prefácio à doutrina do pecado original" (IX, 193-4).*

\*\*\*

O pecador, estando primeiramente convencido do seu pecado e perigo, pelo Espírito de Deus, fica trêmulo diante do terrível tribunal da Justiça divina, e nada existe para ele senão a sua própria culpa e os méritos de um mediador. Cristo se interpõe aqui. A justiça é satisfeita. O pecado é perdoado, o perdão é aplicado à alma por uma fé divina concedida pelo Espírito Santo que então começa o grande trabalho da santificação. Assim Deus justifica o ímpio, permanecendo, no entanto, justo e verdadeiro quanto a todos os seus atributos! Mas ninguém pense que pode por isso continuar no pecado, pois Deus é um fogo consumidor para o impenitente.

*Notas: "Romanos 4:5"*

\*\*\*

### 3 - Outras conseqüências da obra de Cristo

O Filho de Deus ataca a raiz da grande obra do diabo - o orgulho, fazendo o pecador humilhar-se diante do Senhor, a enojar-se de si mesmo como se fosse pó e cinza. Ele ataca a raiz da vontade própria



capacitando o pecador humilde a dizer: "Não como eu quero, mas como tu queres". Destrói o amor ao mundo livrando aqueles que crêem nele de todo "desejo insensato e injurioso", do "desejo da carne, dos olhos e do orgulho da vida". Salva os homens de procurarem ou de esperarem encontrar a felicidade em qualquer criatura. Como Satanás virou o coração do homem do seu criador para a criatura, o Filho de Deus traz de novo o coração do homem da criatura para o Criador. Desde modo, manifestando-se, Ele destrói as obras do diabo, restaurando o culpado ao favor, ao perdão e à paz de Deus; restaurando o pecador em quem não há nenhum bem ao amor e à santidade; o pecador miserável é carregado à alegria indizível, à felicidade real e concreta.

Mas pode-se observar que o Filho de Deus não destrói totalmente as obras do diabo no homem, enquanto ele estiver nesta vida. Ele, também, não destrói a fraqueza corporal, a doença, a dor e mil dissabores ligados à carne e ao sangue. Não nos livra da fraqueza do entendimento que é a consequência natural de a alma existir ou residir num corpo corruptível... É para nos livrar de toda a tentação ao orgulho e de todo pensamento de independência (que é a coisa que os homens, em geral, mais cobiçam sob o nome de liberdade) que Ele nos deixa sujeitos a todos estes dissabores, particularmente a fraqueza do entendimento até que a sentença "Pó tu és, e ao pó voltarás" seja cumprida.

Então o erro, a dor e toda as doenças do corpo cessam; tudo isto é destruído pela morte. E a própria morte, "o último inimigo" do homem, será destruída pela ressurreição. No momento em que ouvirmos a voz do arcanjo e a trombeta de Deus, "então será cumprido o que está escrito: tragada foi a morte na vitória". Este corpo corruptível será revestido da incorruptibilidade, este corpo mortal será revestido da imortalidade" e o Filho de Deus manifesto nas nuvens do céu destruirá esta última obra do diabo!

Vemos aqui, à luz mais clara e forte, o que é a verdadeira religião: uma restauração do homem por aquele que esmigalha a cabeça da serpente, feito a todos aqueles que a serpente separou dele; uma restauração não somente ao favor, mas à imagem de Deus, implicando não apenas na libertação do pecado, mas levando o homem a se encher da plenitude de Deus. Se atentarmos para

as considerações precedentes, é claro que tudo aquilo que não contenha estas verdades não é religião cristã. Tudo mais, quer negativo ou exterior, está longe de ser cristão.

*Sermões: "O objetivo da vinda de Cristo", III, 2-5 (J, VI, 275-76).*

\*\*\*

Continuei até Leeds, e, depois de pregar, achei a sociedade reunida, a qual consistia de cerca de 60 membros, podendo a maioria deles testificar que o "sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado".

*Diário: "Sábado, 29 de junho de 1782" (VI, 359).*

Em qualquer estado necessitamos de Cristo nos seguintes sentidos: 1) Seja qual for a graça que recebermos é um dom gratuito dele. 2) Nós a recebemos como sua compra, numa simples consideração do preço que Ele pagou. 3) Temos esta graça não somente de Cristo, mas também nele, pois a nossa perfeição não é como a da árvore que floresce pela seiva que recebe através de suas próprias raízes, mas, como foi dito antes, somos como um ramo que unido à videira dá fruto, mas separado dela murcha-se e seca-se. 4) Todas as nossas bênçãos, temporais, espirituais e eternas, dependem da sua intercessão por nós, a qual é parte da sua missão sacerdotal, da qual, portanto, temos sempre igual necessidade. 5) O melhor dos homens ainda necessita de Cristo no seu ofício sacerdotal para expiar as suas omissões, a sua falta de cumprimento do dever (como alguns dizem impropriamente), seus erros de juízo e de prática, e seus defeitos de várias espécies, pois todos estes são desvios da lei perfeita e necessitam, conseqüentemente, de <sup>ex</sup>pição. No entanto, ainda que possam parecer que não sejam <sup>pro</sup>priamente pecados, apreendemos das palavras de S. Paulo: "Aquele que ama cumpriu a lei, pois o amor é o cumprimento da

lei" (Rom. 13:10). Agora, os equívocos e toda sorte de falhas provêm necessariamente do estado corruptível do corpo e não são contrários ao amor nem, portanto, pecado no sentido escriturístico.

*Obras: "Descrição simples da perfeição cristã", 19 (XI, 395-96)A*

\*\*\*

Pois o que está morto com Cristo está livre da culpa do passado e do poder do pecado presente, como os mortos estão livres do comando dos seus antigos comandantes.

*Notas: "Rom. 6:7".*

\*\*\*

Através da obediência e morte de Cristo 1) Os corpos de todos os homens se tornam imortais depois da ressurreição; 2) As suas almas recebem a capacidade de vida espiritual e 3) uma partícula atual ou semente da mesma; 4) Todos os crentes tornam-se filhos da graça, reconciliados com Deus, e 5) feitos participantes da natureza divina.

*Obras: "Minutos de algumas conversações tardias", Segunda-feira, 25 de junho, 1744 (VIII, 277-78).*

\*\*\*

Em que sentido se imputa esta justiça aos crentes? Nisto: todos os crentes são perdoados e aceitos, não por causa de qualquer coisa existente neles ou por qualquer coisa que fizeram, fazem ou farão, mas total e somente pelo que Cristo fez e sofreu por eles. Repito: não por causa de qualquer coisa deles ou feita por eles, por sua própria retidão ou obras: "Não por obras de justiça que tenhamos

realizado, mas pela sua misericórdia Ele nos salvou". "Sois salvos pela graça mediante a fé; não pelas obras para que ninguém se glorie", mas total e somente pelo que Cristo fez e sofreu por nós. Somos "justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção que é em Cristo Jesus". E este não é somente o meio de obtermos o favor de Deus, mas de continuarmos nele. É assim que vamos a Deus pela primeira vez e depois sempre o fazemos. Caminhamos em novidade de vida até que nosso espírito volte para Deus.

*Sermões: "O Senhor nossa justiça", II, 5 (S, II, 430).*

\*\*\*

Pregar Cristo com o quem não tem de que se envergonhar é pregá-lo não somente como nosso sumo sacerdote "tomado dentre os homens e ordenado para os homens nas coisas pertencentes a Deus" tais como "reconciliando-nos com Deus pelo seu sangue", "vivendo sempre intercedendo por nós", mas como o profeta do Senhor, "que é feito sabedoria de Deus para nós", que pela sua palavra e seu espírito está sempre conosco "guiando-nos em toda verdade"; sim, e como rei para sempre, dando leis a todos aqueles a quem comprou com seu sangue, restaurando aqueles a quem primeiramente reinstalou em seu favor à imagem de Deus, reinando em todos os corações crentes até que "tenha subjugado todas as coisas a si mesmo", até que tenha totalmente expulso todo pecado e concedido redenção eterna.

*Sermões: "A lei estabelecida através da fé: II", I, 6 (S, II, 76-77).*

**IV**  
**O Espírito Santo**

## IV

# O Espírito Santo

*O Espírito Santo como instrumento do amor de Deus exerce papel muito importante na teologia de Wesley. Como base experimental do pensamento do fundador do Metodismo está a percepção do Espírito de Deus entrando na vida humana e dando testemunho da sua presença. Deste modo o Espírito Santo é central na descrição do encontro de Deus com o homem. A doutrina da certeza, uma formulação teológica da obra do Espírito, era repetidamente chamada de entusiasmo. Wesley, portanto, toma muito cuidado em resguardá-la da perversão. Ele considera a doutrina da certeza demasiadamente importante para ser abandonada simplesmente porque está sujeita a ser torcida. Ele a protege insistindo em que aqueles que dizem ter certeza da obra do Espírito devem, também, mostrar os frutos do Espírito em suas vidas. A certeza conclusiva da graça de Deus tem de se mostrar pelos seus efeitos na vida dos crentes, os quais são discernidos pelos outros da comunidade religiosa.*

\*\*\*

## 1 - A obra redentora do Espírito Santo

Creio no Espírito infinito e eterno de Deus, igual ao Pai e ao Filho, não somente perfeito em si mesmo, mas sendo a causa de toda a nossa perfeição. Aquele que ilumina o nosso entendimento, retifica a nossa vontade e afeições, renova a nossa natureza, une a nossa pessoa com Cristo, dá-nos a certeza da nossa adoção como filhos,

guia-nos em nossas ações, purifica e santifica a nossa alma e nosso corpo para gozo completo e eterno de Deus.

*Cartas: "A um católico romano", 8 (III, 9).*

\*\*\*

Não pode haver ponto de maior importância para ele que sabia que é o Espírito Santo que nos guia em toda verdade e santidade do que considerar com que sentimento da alma nos certificamos da sua divina presença de maneira que não o afastemos de nós nem o desapontemos nos seus objetivos gratiosos que constituem a finalidade da sua habitação conosco, o qual não é diversão para nosso entendimento, mas conversão e completa santificação do nosso coração e da nossa vida.

Estas palavras do Apóstolo contêm uma exortação muito séria e afetiva neste sentido: "Não aborçeis o Santo Espírito de Deus no qual estais selados para o dia da redenção".

O título "santo" aplicado ao Espírito de Deus não só indica que Ele é santo em sua própria natureza, mas que também nos torna santos; que Ele é a grande fonte de santidade para a sua Igreja; o Espírito de quem fluem toda a graça e toda virtude pelas quais as manchas da culpa são lavadas, e somos renovados em todas as disposições santas, e de novo trazemos a imagem de nosso Criador. Muita razão tinha, pois, o Apóstolo ao fazer aquela grave exortação, e temos a mais alta obrigação de prestar-lhe a mais profunda atenção.

*Sermões: "Sobre o entristecer o Espírito Santo", introdução (I, VII, 485-86).*

\*\*\*

O autor da fé e da salvação é só Deus. É ele que opera em nós o querer e o fazer. É o único doador de todo dom perfeito e o único autor de toda a boa obra. Não há mais poder do que mérito no homem; mas como todo mérito está no Filho de Deus pelo que Ele fez e sofreu por nós, assim todo o poder está no Espírito de Deus. Por-

tanto, todo o homem para crer para salvação, precisa receber o Espírito Santo. É isto essencialmente necessário a todo cristão, não para que opere milagres, mas para fé, paz, alegria e amor - os frutos comuns do Espírito.

Embora nenhum homem na terra possa explicar o modo particular pelo qual o Espírito de Deus opera em nossa alma, contudo todo aquele que tiver estes frutos sabe e sente que Deus operou-os em seu coração.

Às vezes Ele age mais particularmente na mente, abrindo-a ou iluminando-a , como dizem as Escrituras, revelando-nos "as profundas coisas de Deus". Às vezes age na vontade e nas afeições dos homens, afastando-os do mal, inclinando-os para o bem, inspirando-lhes bons pensamentos (soprando-lhes como dizem as Escrituras). Deste modo tem sido usada frequentemente a metáfora fácil e natural, estritamente análoga ao ruah (o hebraico), pneuma (o grego), espírito e também as palavras usadas nas línguas mais modernas para indicar a terceira pessoa da bendita Trindade. No entanto, não importa o modo pelo qual isto seja expresso, a verdade é que toda verdadeira fé e toda a obra da salvação, todo bom pensamento, toda boa obra, vem pela operação do Espírito de Deus.

*Obras: "Outro apelo aos homens sensatos e religiosos", I, 6 (VIII, 49).*

\*\*\*

O Espírito Santo nos prepara para o seu reino interior removendo o véu de nosso coração e capacitando-nos a conhecermos-nos a nós mesmos como somos conhecidos por Ele, "convencendo-nos do pecado", da nossa má natureza, dos nossos maus sentimentos, das nossas más palavras e ações e de tudo que participa da corrupção do nosso coração do qual promanam. Ele, então, nos convence do deserto dos nossos pecados de modo que a nossa boca se cala e somos constrangidos a reconhecermos a nossa culpa diante de Deus. Ao mesmo tempo "recebe-



mos o espírito de temor", temor da ira de Deus, temor do castigo que merecemos, e acima de tudo temor da morte e de que sejamos entregues à morte eterna. As almas que assim estão convencidas sentem que estão tão presas, que não podem libertar-se. Elas se sentem pecadoras, culpadas e desamparadas. Mas toda esta convicção implica uma espécie de fé que "é uma evidência das coisas não vistas", e não há possibilidade de as vermos e conhecermos até que Deus no-las revele.

*Sermões: "Sobre as descobertas da fé", 12 (J, VII, 235).*



Creio firmemente, no sentido mais literal, que sem Deus nada podemos fazer, que não podemos pensar, falar, mover uma mão ou um olho sem a concorrência da vontade divina e que todas as nossas faculdades naturais são dons de Deus e que as menores coisas não podem ser executadas sem a assistência de seu Espírito. Que quero, então significar com o dizer que a fé, a esperança e o amor não são efeitos de qualquer ou de todas as nossas faculdades naturais? Quero dizer o seguinte: o homem que agora está destituído de fé, esperança e amor não pode efetuar qualquer grau dessas virtudes em si mesmo por qualquer atividade possível da sua mente e de qualquer uma ou de todas as suas faculdades naturais, embora possa gozá-las na mais alta perfeição. Um poder provindo de Deus é indispensavelmente necessário ao homem antes que ele chegue ao mais baixo degrau da fé, da esperança e do amor cristãos. Para ter qualquer destas (as quais, considerando-as deste modo, suponho que S. Paulo as chamou de frutos do espírito) *ele* precisa ser criado de novo, completa e internamente mudado pela operação do Espírito de Deus, por um poder equivalente àquele que levanta os mortos e que chama as coisas que não são como se fossem.

*Cartas: "A João Smith", 7 (II, 71).*

Há uma variabilidade irreconciliável nas operações do Espírito Santo nas almas dos homens, especialmente quanto ao modo da justificação. Muitos o encontram derramando-se sobre eles como uma torrente enquanto experimentam o poder dominador da graça salvadora. Esta tem sido a experiência de muitos, talvez mais nesta última visitação do que em qualquer outra época desde os tempos apostólicos. Mas Ele opera em outros de maneira muito diferente: Ele exerce a sua influência de maneira delicada, refrescante como o orvalho silencioso. Foi do seu agrado operar em vós deste modo desde o começo, e é provável que continue, como começou, a operar de modo delicado e quase insensível. Que Ele faça como quiser; Ele é mais do que vós; Ele fará todas as coisas bem. Não argumenteis contra Ele, mas que a oração do vosso coração seja: molda a tua argila como queres.

*Cartas: "A Maria Cooke" (VII, 298).*

»-»-»-

Mas nós, não somente os apóstolos, mas todos os verdadeiros crentes, temos este tesouro da luz divina, do amor, da glória, em vasos de barro, corpos frágeis e perecíveis. Ele mostra que as aflições e mesmo a própria morte estão longe de impedir a ministração do Espírito, que estas a ajudam, aguçam os ministros e desenvolve os frutos, que a excelência do poder que a opera em nós parece inegavelmente ser de Deus.

*Notas: "II Cor. 4:7".*

## 2 - Testemunho do Espírito (certeza)

Deus. Na verdade não há palavras que possam expressar o que o Espírito de Deus opera em seus filhos. Mas talvez alguém possa dizer (desejando que aqueles que são ensinados por Deus corrijam, abrandem ou fortaleçam a expressão) pelo testemunho do Espírito, quero dizer: uma impressão interna na alma, pela qual o Espírito de Deus testemunha com o meu espírito de que sou filho de Deus; que Jesus Cristo me amou e deu-se a si mesmo por mim ; que todos os meus pecados são apagados, e eu mesmo sou reconciliado com Deus".

Depois de 20 anos de consideração do assunto, não vejo razão para retirar qualquer parte do mesmo, nem concebo como qualquer destas expressões possa ser alterada de modo a torná-la mais inteligível. Posso apenas acrescentar que se qualquer dos filhos de Deus apresentar quaisquer outras expressões que sejam mais claras ou que concordem mais com a Palavra de Deus, imediatamente abandonarei aquelas.

Observe-se que não quero dizer que o Espírito de Deus testifica isto por qualquer voz externa nem que o faça sempre por uma voz interior, embora Ele possa, às vezes, fazê-lo. Não suponho, também, que Ele aplique ao coração, embora Ele freqüentemente o faça, um ou mais textos das Escrituras. Mas Ele opera sobre a alma pela sua influência imediata e por uma operação forte, embora inexplicável que domina o vento tempestuoso e as ondas revoltas e se faz doce calma; o coração descansa como se estivesse nos braços de Jesus e o pecador fica totalmente satisfeito porque Deus está reconciliado e que todas as "suas iniquidades são perdoadas e seus pecados cobertos".

*Sermões: "O testemunho do Espírito: II", II, 2-4 (S, II, 344-45).*

\*\*\*

"Mas como pode alguém que possui o verdadeiro testemunho distingui-lo da presunção? Pergunto: como distingue o sr. o dia da noite? Como distingue o sr. a luz das trevas? ou a luz de uma estrela ou de uma candeia bruxuleante da luz do sol ao meio-dia? Não há uma diferença inerente, óbvia e essencial entre uma e outra? Não percebe o sr. imediata e diretamente aquela diferença, desde que os seus sentidos estejam normais? Há, do mesmo modo, uma

diferença inerente e essencial entre as trevas e a luz espirituais, e entre a luz do sol da justiça que brilha no nosso coração e a luz bruxuleando que se produz apenas das "fáscas do nosso próprio fogo", e se os nossos sentidos espirituais estiverem em forma, esta diferença, também, será imediata e diretamente percebida.

Querer-se uma descrição mais minuciosa e filosófica da maneira pela qual distinguimos estas coisas, e do critério ou das marcas intrínsecas pelos quais conhecemos a voz de Deus, é fazer-se uma pergunta que nunca poderá ser respondida, nem mesmo por alguém que tenha o mais profundo conhecimento de Deus...

Suponhamos que Deus vá agora falar a alguma alma: "Os teus pecados estão perdoados"; Ele, nesse caso, deve querer que aquela alma conheça a sua voz; do contrário falaria em vão. Ele é capaz de efetuar tal coisa, pois, sempre que Ele quer, o fazer está presente com Ele; e Ele o faz. A alma fica absolutamente certa de que "a voz é de Deus". Mas o que possui este testemunho em si não pode explicá-lo a quem não o tem, nem se espera que o faça. Se houvesse um meio natural para provar, ou método natural para explicar as coisas de Deus aos homens sem a experiência das mesmas, então o homem natural poderia discernir e saber as coisas do Espírito de Deus. Mas isto é inteiramente contrário à afirmação do Apóstolo de que "ele não as pode conhecer porque elas são espiritualmente discernidas" através dos sentidos espirituais os quais o homem natural não possui.

"Mas como saberei eu que os meus sentidos espirituais estão em ordem?" Esta é também uma questão de vasta importância, pois, se um homem errar nisto, ele poderá incorrer em outros erros intermináveis e em desilusão. "Como posso eu afirmar que não seja este o meu caso? Que eu não cometa erro quanto à voz do Espírito?" Pelo testemunho do meu próprio espírito, pela "resposta de uma boa consciência para com Deus". Pelos frutos que ele tem produzido no meu espírito conhecerei o testemunho do Espírito de Deus. Por isso saberei que não estou iludido, que não enganei a minha própria alma. Os frutos imediatos do Espírito que governa o coração, são: "amor, alegria, paz, entranhas de misericórdia, humildade mental, benignidade, mansidão e compaixão". Os frutos exteriores são: fazer o bem a todos os homens, não fazer mal aos outros e andar na luz - uma obediência zelosa e uniforme a todos os mandamentos de Deus.

Por esses mesmos frutos distinguirei a voz de Deus de qualquer engano do Diabo. Aquele espírito orgulhoso não pode humilhar-me diante de Deus. Ele, também, não pode abrandar o meu coração e fazê-lo aborrecer-se contra Deus e do meu amor filial. Não é o adversário de Deus e do homem que me capacita a amar o meu vizinho ou o que me dá mansidão, benignidade, paciência, temperança e toda a armadura de Deus. Ele não está dividido contra si mesmo nem é destruidor do pecado - a sua própria obra. Somente o filho de Deus veio "para destruir as obras do diabo". Assim como certamente a santidade é de Deus e o pecado é obra do diabo, assim o testemunho que tenho em mim mesmo não é de Satanás, mas de Deus.

Bem, o sr. pode dizer: "Graças a Deus por seu indizível dom! Graças a Deus que me deu o conhecer "aquele em quem tenho crido", "que enviou o Espírito de seu Filho ao meu coração clamando: Abba, Pai" e ainda "dando testemunho com o meu espírito de que sou filho de Deus"! Tome o sr. cuidado para que não somente os seus lábios, mas também a sua vida mostrem o seu louvor. Ele selou-o para si mesmo. Glorifique-o, então, em seu corpo e em seu espírito que são dele. Amado, se o sr. tem esta esperança em si mesmo, purifique-se como Ele é puro. Enquanto o sr. contempla até que ponto o amor do Pai lhe foi dado, de modo que fosse chamado filho de Deus, limpe-se a si mesmo de "toda a impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus", e que todos os seus pensamentos, palavras e atos sejam um sacrifício espiritual, santo e aceitável a Deus por Cristo Jesus!

*Sermões: "O testemunho do Espírito: I", II, 9-14 (S, 216-21S).*

\*\*\*

Quero dizer que estou agora no estado da salvação e o sr. quer dizer que devo perseverar neste estado. A verdadeira definição do termo destrói as suas segunda e terceira observações. Quanto à primeira, noto: 1) Nenhuma espécie de certeza (que eu saiba) ou de fé ou de arrependimento é essencial à salvação das criancinhas que morrem. 2) Creio que Deus está pronto a dar a todos os que estão verdadeiramente arrependidos um senso mais completo do perdão

do que eles possuíam antes de caírem. Sei que isso foi verdade em diversos casos; se esses são exceções não sei. 3) Sei que pessoas que *eram* melancólicas e tristonhas e possuíam até um certo grau de loucura foram num momento (não faço questão que isto seja chamado de milagre) colocadas num estado de firmeza, paz e alegria duradouras.

*Cartas: "A seu irmão Samuel" (1, 290).*

\*\*\*

Pergunta n.º.10: Não há prova de que a fé justificadora implica necessariamente a certeza? Pois pode o sr. crer que tais pessoas como J.A. ou E.V. que são tão íntegras, zelosas e tementes a Deus, e são tão retas em todas as coisas, não possuam a fé justificadora? Pode o sr. supor que tais pessoas estejam sob a ira e sob a maldição de Deus, especialmente se o sr. acrescentar a isto o fato de que elas estão continuamente desejando, esforçando-se e orando para que obtenham a certeza que não tem?

Resposta. Isto contém a verdadeira força da causa e nos faz inclinarmos a pensar que alguns destes casos são exceções. Mas mesmo que seja assim, respondo:

1) É perigoso fundamentar-se uma doutrina geral em algumas experiências particulares.

2) Os homens podem muitos sentimentos bons e uma vida imaculada (falando-se livremente) por natureza e por hábitos com uma graça guiadora, e, no entanto, não terem fé e o amor de Deus.

3) Temos conhecimento muito escasso das circunstâncias referentes a tais pessoas e, por isso, nos é difícil fazermos um juízo certo a seu respeito.

4) Mas uma coisa sabemos: que se Cristo não lhes foi revelado, elas ainda não são cristãs.

Obras: "Minutos de algumas conversações tardias", terça-feira, 16 de junho de 1747 (VIII, 293).

Pergunta n°.16: Como sabe o sr. que está santificado, salvo da sua corrupção interna?

Resposta. Não posso saber mais do que sei que estou santificado. "Nisto sabemos que somos de Deus", noutra sentença, "pelo Espírito que Ele nos deu".

Nós o sabemos pelo testemunho e pelos frutos do Espírito. Primeiramente pelo testemunho, pois, quando fomos justificados, o Espírito deu testemunho com o nosso espírito de que nossos pecados tinham sido perdoados; assim, quando fomos santificados Ele deu testemunho de que eles tinham sido lavados. Na verdade, o testemunho da santificação não é sempre claro a princípio, como não o é o da justificação, nem é sempre o mesmo depois, mas é semelhante ao da justificação, às vezes mais fortes, às vezes mais fracos. Às vezes é retirado. Contudo, de modo geral, o último testemunho do Espírito é tão claro e tão firme como o primeiro.

*Obras: "Uma simples avaliação da perfeição cristã", 25 (XI, 420).*

\*\*\*

Um de nossos pregadores descobriu ultimamente, que não há testemunho direto e imediato do Espírito no crente, do que ele é filho de Deus, que o Espírito testifica somente através dos frutos e conseqüentemente o testemunho e os frutos são a mesma coisa. Conceda-me seus pensamentos deliberados sobre este tópico. Parece-me ser um ponto importante. Tenho receio de que voltemos nova e descuidadamente à justificação pelas obras.

*Cartas: "A Samuel Furlly" (V,8).*

\*\*\*

convicção de alguma outra coisa, mas numa convicção divina de que Cristo me amou e se deu a si mesmo por mim e ainda de modo mais claro no testemunho que o Espírito dá com o meu espírito de que sou filho de Deus.

Não vejo razão para retirar ou abrandar a expressão "a misericórdia de Deus; em certos casos, obriga-o a agir deste ou daquele modo". Certamente, como a sua própria natureza o obriga (num sentido claro e certo) a agir de acordo com a verdade e a justiça em todas as coisas, assim, em alguns casos, o seu amor obrigou-o a dar o seu único Filho para que todo aquele que nele crê não pereça. A mesma compaixão que move Deus a perdoar um pecador triste e contrito move-o a confortar aquele pecador por meio do testemunho com o seu espírito, de que os seus pecados estão perdoados.

O sr. pensa que a certeza plena exclui toda a dúvida. Eu também penso deste modo. Mas pode haver fé sem certeza plena. Estes graus inferiores da fé não excluem a dúvida que freqüentemente mais ou menos se mistura com isto ou aquilo. Mas o sr. não admite isto. O sr. diz que uma coisa não pode ser abalada sem cair, e, cria, devo estar "convencido após reflexão de que a distinção entre "abalado" e "destruído" não faz absolutamente diferença". Eis que o vento sopra, a casa estremece mas não cai, ela estremece mas não é destruída.

O sr. acrescenta: "A certeza é coisa inteiramente distinta da fé e não depende do mesmo agente. A fé é um ato da minha mente, a certeza é ato do Espírito Santo". Respondo: 1) A certeza referida aqui é a mesma certeza plena da fé; ela não pode, portanto, ser coisa distinta da fé, mas apenas um grau tão elevado de fé que exclui toda a dúvida e o temor. 2) A plena certeza é, sem dúvida, trabalhada em nós pelo Espírito Santo. Mas todo grau da verdadeira fé é assim, embora a mente do homem esteja sujeita a ambas. A minha fé é fraca; creio sem nenhuma dúvida.

A sua nota seguinte é: "O testemunho do Espírito de que somos aceitos não pode ser a fé pela qual somos aceitos". Admito isso. Uma convicção de que somos justificados não pode estar implícita na fé justificadora.

O sr. acrescenta: "A certeza de que Deus me aceitou não é a mesma coisa que o saber que Deus me aceitou". Penso que é a mesma coisa com variação do grau de conhecimento. Mas não importa



se é assim ou não. Não farei contenda por causa de um termo. Contendo apenas por isto: todo verdadeiro crente cristão tem plena certeza e confiança em Deus e de que está reconciliado com Deus, e que em consequência disto ele é capaz de dizer: "A vida que agora vivo, vivo-a pela fé no Filho de Deus que me amou e se deu a si mesmo por mim.

*Cartas: "A Richard Tompson" (III, 161-62).*

\*\*\*

À noite fui sem nenhuma vontade a uma reunião na rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele estava descrevendo a mudança que Deus opera no coração através da fé em Cristo, senti meu coração aquecer-se de maneira estranha. Senti que eu realmente confiava em Cristo, somente em Cristo para a salvação, e recebi a certeza de que Ele tinha tirado os meus pecados, sim os meus, e me havia salvo da lei do pecado e da morte.

*Diário: "24 de maio 1738" (I, 475-76).*

\*\*\*

### 3 - Frutos do Espírito

Ninguém descanse sobre algum suposto testemunho do Espírito separado dos seus frutos. Se o Espírito de Deus realmente testifica de que somos filhos de Deus, as consequências imediatas são o fruto do Espírito - amor, alegria, paz, longanimidade, meiguice, bondade, fidelidade, mansidão e temperança. Embora estes frutos possam ser obscurecidos por algum tempo, durante uma tentação forte de modo que não apareçam à pessoa tentada enquanto Satanás a está peneirando como trigo, contudo a parte substancial dos mesmos permanece mesmo sob a mais densa nuvem. É verdade que

a alegria do Espírito pode ser retirada durante a hora da prova; sim, a alma pode ser "excessivamente abatida", enquanto a "hora e o poder das trevas" continuarem, mas mesmo esta é geralmente restaurada com aumento até que nos regozijemos "com a alegria indivizível e cheia de glória".

A segunda inferência é que ninguém descanse sobre qualquer fruto do Espírito sem o testemunho. Pode haver antegozo de alegria, de paz e de amor, realmente, de Deus muito antes de termos o testemunho em nós mesmos, antes que o Espírito de Deus testemunhe com o nosso espírito de que temos a redenção no sangue de Jesus e o perdão dos pecados. Sim, pode haver certo grau de longanimidade, de bondade, de fidelidade, de mansidão, de temperança (não uma sombra destes, mas um grau real pela graça guiadora de Deus) antes de "sermos aceitos no Bem-Amado", e, conseqüentemente, antes de termos o testemunho de nossa aceitação, mas não é, de modo nenhum, aconselhável ficar-se aqui; se fizermos tal, nossa alma estará em perigo. Se formos sábios clamaremos continuamente a Deus até que o seu Espírito clame em nosso coração: "Abba, Pai!" Este é um privilégio de todos os filhos de Deus, e sem isso nunca poderemos estar certos de que somos seus filhos. Sem isto não podemos ter paz duradoura e evitar as dúvidas e os temores que nos tornam perplexos. Mas uma vez recebido este Espírito de adoção, esta "paz que sobrepuja todo o entendimento" e que expulsa toda a dúvida dolorosa e temor "guardará nosso coração e a nossa mente em Cristo Jesus". E quando isto dá o seu fruto genuíno, toda a santidade interior e exterior, é sem dúvida a vontade daquele que nos chamou para dar-nos sempre aquilo que Ele, uma vez, deu de modo que não há necessidade de sermos jamais privados, quer do testemunho do Espírito de Deus, quer do nosso testemunho, da consciência de estarmos andando em retidão e verdadeira santidade.

*Sermões: "O testemunho do Espírito: II", 3-4 (S, II, 358-59).*



No capítulo 4 de Atos lemos que quando os apóstolos e os irmãos tinham estado orando e louvando, o "lugar em que estavam reunidos tremeu e todos fora cheios do Espírito Santo". Não achamos aqui nenhuma aparência visível como as do primeiro exemplo, nem estamos

informados de que os extraordinários dons do Espírito Santo foram então dados a todos ou a qualquer deles; dons como os "de curar, de operar outros milagres, de profecia, do discernimento dos espíritos, de línguas e de interpretação das línguas" (I Cor. 12:9-10).

Se estes dons do Espírito Santo foram destinados a permanecerem na Igreja durante todos os tempos e se eles serão ou não restaurados pela aproximação da "restituição de todas as coisas", são questões que não precisamos decidir. Mas é necessário que se observe que, mesmo na infância da Igreja, Deus os dividiu com mão distribuidora. Eram todos eles profetas? Eram todos operadores de milagres? Tinham todos o dom de cura? Falavam todos eles línguas estranhas? De modo nenhum. Talvez nem um em mil. Provavelmente ninguém senão os professores na Igreja e somente alguns deles (I Cor. 12:28-30). Foi, portanto, para fim mais excelente do que este que eles foram cheios do Espírito Santo.

Foi para dar-lhes (o que ninguém pode negar que seja essencial a todos os cristãos em todos os tempos) a mente que houve em Cristo, aqueles frutos santos do Espírito, os quais, aquele que não os possuir não é dele; para enchê-los de "amor, alegria,

de fé (talvez fosse fidelidade) com mansidão e temperança;

paixões e desejos, e, em consequência dessa mudança interna, cumprir toda a retidão externa, "andar como Cristo andou", na "obra da fé, na paciência da esperança, no trabalho do amor" (I Tess. 1:3).

*Sermões: "Cristianismo escriturístico", introdução, 2-4 (S, 92-94j*

**V**  
**O Homem**

## V

# O Homem

*A doutrina de Wesley a respeito do homem recebe pleno significado quando vista na sua relação com a salvação. A imagem de Deus no homem, a qual foi deformada pelo pecado, é restaurada pelo processo redentor. Wesley distingue entre a culpa do pecado que é perdoada na justificação e a depravação ou poder do pecado que é removida na santificação. Essa distinção é, contudo, apenas esboçada e nunca foi desenvolvida detalhadamente. Wesley indica que o homem puramente natural não existe. Esta abstração teológica é valiosa, pois, todo homem por si mesmo manifesta a universalidade e a profundidade do pecado e nenhum direito tem à bondade. No entanto, a verdade é que, em virtude da expiação, Deus concede a sua graça salvadora a todos os homens, os quais se tornam devedores à sua graça. Por causa da conjunção das idéias de homem natural e graça salvadora muitos dos sermões de Wesley seguem um modelo comum, afirmando primeiramente a incapacidade do homem e então a sua capacidade para a salvação. Wesley pode dizer sem contradição teológica: "O sr. nada pode fazer para salvar-se" e "O sr. precisa realizara sua própria salvação". A primeira afirmação é enfatizada neste capítulo, a última no próximo. A concepção wesleyana a respeito da graça é base da sua idéia do livre arbítrio. A liberdade, noutros assuntos além de uma natureza indiferente, depende inteiramente da graça de Deus.*

\*\*\*

## 1 - Imagem de Deus

feito como o é o seu Pai no céu. Como Deus é amor, assim o homem, vivendo em amor, viveu em Deus e Deus nele. Deus o fez como "imagem da sua própria eternidade", uma figura incorruptível do Deus da glória. Ele era puro como Deus o é, e livre de toda mancha do pecado. Não conheceu o mal de qualquer espécie ou grau, mas era interna e externamente sem pecado e puro. Ele "amava o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua mente, alma e força".

A este homem reto e perfeito, Deus deu uma lei perfeita para a qual exigiu inteira e perfeita obediência. Exigiu inteira obediência a todos os seus pontos, praticada sem nenhuma intromissão, desde o momento em que o homem se tornou alma vivente até que o seu tempo de experimentação terminasse. Não houve permissão para qualquer falta, visto que, na realidade, não havia necessidade disso, e que o homem estava à altura da tarefa que lhe havia sido imposta e perfeitamente aparelhado para toda boa palavra e toda boa obra.

*Sermões: "Justificação pela fé", I, 1-2 (S, I, 116).*



"O homem foi feito à imagem de Deus". Mas "Deus é espírito", desde modo era, portanto, o homem, sendo que o espírito designado a viver na terra foi alojado num tabernáculo terreno. Como tal ele tinha um princípio inato de movimento próprio e, parece, todo o espírito no universo o tem. É esta diferença distintiva entre o espírito e a matéria que é total e essencialmente passiva e inativa como se depreende de muitas experimentações. Além da semelhança como o seu Criador, o homem foi dotado de entendimento - capacidade de apreender todas as coisas que se lhe antolham e de fazer um julgamento a respeito das mesmas. Ele recebeu vontade, a qual se manifesta em várias afeições e paixões e, em último lugar, foi dotado de liberdade de escolha. Sem esta todo o resto seria vão e ele não seria mais capaz de servir ao seu Criador do que um pouco de terra ou um pedaço de mármore; ele seria tão incapaz para o vício ou para a virtude quanto qualquer parte da criação inanimada. A imagem natural de Deus consiste nestes elementos: o poder de movimento próprio, o entendimento, a vontade e a liberdade.

Qual é então a separação entre os homens e os brutos? A linha divisória que eles não podem atravessar? Não era a razão. Ponhamos esse termo ambíguo de lado e troquemo-lo pela palavra simples - entendimento. Quem pode negar que os brutos o possuam? Podemos negar que eles tenham os sentidos da vista ou da audição? A diferença é esta: o homem é capaz de ter contactos com Deus, as criaturas inferiores não o são. Não temos nenhuma base para crermos que elas sejam capazes de ter qualquer grau de conhecimento, de amor ou de obediência a Deus. Esta é a diferença específica entre o homem e os brutos, o grande golfo que eles não podem atravessar.

*Sermões: "A libertação geral", I, 1, 5 (J, VI, 242-44).*

\*\*\*

Por que precisamos nascer novamente? Qual é o fundamento desta doutrina? O alicerce da mesma é quase tão profundo quanto a criação do mundo e está na afirmação escriturística que diz: "E Deus, o Deus trino, disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Deste modo criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou" - Gên. 1:26-27. Não simplesmente à sua imagem natural, uma figura da sua própria imortalidade, um ser espiritual dotado de entendimento, de vontade livre e de várias afeições; não somente à sua imagem política sendo o governador deste mundo inferior tendo "domínio sobre os peixes do mar e sobre toda a terra", mas principalmente à sua <sup>1</sup>imagem moral, a qual, segundo o Apóstolo, é "retidão e verdadeira santidade" (Ef. 4:24). O homem foi feito nesta imagem de Deus. "Deus é amor", e, portanto, na sua criação, o homem era cheio de amor, e este era o único princípio de todos os seus <sup>ti</sup>sentimentos, pensamentos, palavras e ações. Deus é repleto de justiça, de misericórdia e de verdade; do mesmo modo era o homem quando saiu das mãos do seu Criador. Deus é imaculadamente <sup>pec</sup>puro; assim era o homem, no começo, isento de toda a mancha aminsosa. Do contrário, Deus não podia ter dito dele como de <sup>p</sup>todas as obras das suas mãos: "Muito bom" (Gên.1:31). Ele não <sup>p</sup>oderia ter sido bom se não fosse livre do pecado e cheio de justiça e <sup>v</sup> verdadeira santidade. Não há meio termo: se uma criatura

inteligente não ama a Deus e não é justa e santa, necessariamente não é boa, muito menos "muito boa".

*Sermões: "O novo nascimento", I, 1 (S, 227-28).*

"Deus criou o homem à sua própria imagem; à imagem de Deus Ele o criou!" Notemos a repetição enfática. Deus não fez o homem simplesmente matéria, um bloco de argila insensível e não inteligente, mas um espírito como Ele mesmo, embora envolto num veículo material. Como tal, ele foi dotado de entendimento, de vontade, incluindo várias afeições e de liberdade - um poder de usá-los de maneira certa ou errada, de escolher o bem ou o mal. Do contrário não haveria objetivo para o seu entendimento nem para a sua vontade, pois, ele teria de ser incapaz para a virtude ou para a santidade como o é o tronco de árvore. Adão, em quem toda a humanidade estava contida, livremente preferiu o mal ao bem. Ele preferiu fazer a sua própria vontade a fazer a do seu Criador. Ele "não foi enganado", mas com conhecimento e deliberadamente se rebelou contra o seu Pai e seu Rei. Ele perdeu naquele momento a imagem moral de Deus, em parte, a natural. Ele começou a ser impuro, insensato e infeliz.

*Sermões: "Sobre a queda do homem", II, 6 (<sup>J</sup>, VI, 222-223).*

\* \*

## 2 - A queda e seus resultados

A liberdade do homem incluía necessariamente o poder de escolher ou recusar o bem ou o mal. Tem havido dúvidas quanto ao ter o homem podido escolher o mal, sabendo que era mal. Mas não pode haver dúvida de que o homem pudesse tomar o mal pelo bem.



Ele não era infalível, e portanto estava sujeito ao pecado. Isto desvenda a dificuldade total da grande pergunta: "Como entrou o mal no mundo?" O mal veio de "Lúcifer, filho da manhã". Foi a obra do diabo. "Pois o diabo, diz o Apóstolo, peca desde o início", isto é, foi o primeiro pecador no universo, o autor do pecado, o primeiro ser que, pelo abuso da sua liberdade, introduziu o mal na criação. Ele, dos primeiros, senão o primeiro arcanjo, foi autotentado a atribuir-se a si mesmo alto valor. Ele livremente cedeu à tentação, dando lugar primeiramente ao orgulho e então à teimosia. Ele disse: "Eu me sentarei no lado do norte, serei igual ao Altíssimo". Ele não caiu sozinho, mas arrastou após si, imediatamente, um terço das estrelas do céu; em consequência disso perderam a sua glória e felicidade e foram expulsos da sua habitação primitiva.

"Tendo grande ira" e talvez inveja da felicidade das criaturas que Deus tinha criado ultimamente, não é de se estranhar que ele desejasse e se esforçasse por privá-las da mesma. Para realizar-se tal coisa, ele ocultou-se na serpente que era a mais sutil ou a mais inteligente de todas as criaturas brutas, e, por isso, a que menos daria ocasião à suspeita. Alguns, na verdade, não sem probabilidade, têm suposto que a serpente tivesse então sido dotada de razão e de linguagem. Se Eva não soubesse que ela era assim, teria ela admitido qualquer conversa com a mesma? Não teria ela ficado antes assustada que enganada? O Apóstolo refere-se a ela como sendo tal. Para enganar a Eva, Satanás misturou a verdade com a falsidade: "Disse Deus, vós não podereis comer de toda a árvore do jardim?" Logo depois persuadiu-a a descreer de Deus, a supor que a sua ameaça não se cumpriria. Ela então abriu-se a toda tentação, deu lugar ao "desejo da carne", pois a árvore era "boa para se comer"; "ao desejo dos olhos", pois era "agradável aos olhos" e ao "orgulho da vida", pois era "desejável para fazê-la sábia" e, conseqüentemente, honrada. Assim a descrença gerou o orgulho, Ela pensou que era mais sábia do que Deus, capaz de encontrar melhor caminho para a felicidade do que aquele que Deus havia ensinado. A descrença gerou a teimosia: ela determinou fazer a sua própria vontade e não a daquele que a havia feito; gerou desejos insensatos, tolos e completou tudo pelo pecado exterior: "Ela tomou do fruto e o comeu".

*Sermões: "O objetivo da vinda de Cristo", I, 8-9 (J, VI, 271-72).*

Como por um homem - é Adão que é mencionado e não Eva como sendo o representante da humanidade. O pecado entrou no mundo - o pecado atual e as suas conseqüências, uma natureza pecaminosa. E a morte - com todos os seus sequazes. Ela entrou no mundo quando entrou no ser, pois até então ela não existia ao lado do pecado; portanto ela não podia entrar antes do pecado. De modo que a morte passou a todos os homens, especialmente por um homem, em quem todos pecaram - em Adão. Desse modo é, também, usada a palavra em II Cor. 5:4. Estas palavras mostram a razão por que a morte veio a todos os homens; mesmo as crianças não foram excluídas, em quem todos pecaram...

A morte reinou e quão vasto é o seu reino! Dificilmente podemos encontrar um rei que tenha tantos súditos como são os reis que ela conquistou! Mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança de Adão - mesmo sobre as crianças que nunca pecaram como Adão o fez e sobre os outros que não pecaram contra uma lei expressa como Adão o fez. Que é figura daquele que havia de vir - cada um deles sendo uma pessoa pública e um representante federal da humanidade. Um - a fonte do pecado e da morte para a humanidade pela sua ofensa; o outro - a fonte de justiça e de vida pelo seu dom gratuito.

O Apóstolo mostra até este ponto a concordância entre o primeiro e o segundo Adão, depois indica a diferença entre eles. A concordância pode ser resumida nestes termos: como por um homem o pecado entrou no mundo e a morte pelo pecado, assim por um homem a justiça entrou no mundo e a vida pela justiça. Como a morte veio sobre todos os homens, pois todos pecaram, assim a vida foi dada a todos os homens que estão no segundo Adão pela fé em quem todos são justificados. E como a morte através do pecado do primeiro Adão reinou mesmo sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, assim através da justiça *de* Cristo, mesmo aqueles que não têm obedecido à semelhança da sua obediência, reinarão em vida. Podemos acrescentar: como o pecado de Adão, sem aqueles que nós cometemos depois, trouxe-nos a morte, assim a justiça de Cristo, sem as boas obras que nós praticamos depois, traz-nos vida, embora ainda todos os bons atos como os maus receberão a sua devida recompensa.

*Notas: "Romanos 5:12, 14".*

"Mas se os pais fossem sábios e virtuosos, e então se esforçassem por criar os seus filhos na virtude, haveria menos iniquidade no mundo". Haveria, mas isto não alcança o ponto, nem "as crianças indisciplinadas contraem maus hábitos". Conheço pais sábios e virtuosos que muito fizeram por criar os seus filhos na virtude e discipliná-los com todo o cuidado possível desde a primeira madrugada da razão, e, contudo, estas mesmas crianças demonstraram maus sentimentos antes de lhes ser possível adquirir maus hábitos. Elas mostravam diariamente o estado errôneo das suas faculdades: do seu entendimento, da vontade e das afeições, exatamente o aposto dos exemplos e das instruções de todos aqueles que estavam ao seu redor. Estes maus temperamentos não são devidos, então, à "falta de cuidados e a pais ímpios", nem podem ser racionalmente atribuídos a isso, e sim que aquelas crianças tinham uma propensão natural para o mal.

*Obras: "A doutrina do pecado original", II, (IX, 295).*

\*\*\*

As circunstâncias naturais são consideradas por alguém como sendo a fonte das calamidades gerais que caem sobre a humanidade, que, em consequência destas grandes mudanças, os anos da sua vida são reduzidos a menor número, e que ele e todas as criaturas vivas se tornam as vítimas irremediáveis da aflição e da tristeza. Seja qual for o grau de plausibilidade que se atribua a esta doutrina, uma coisa; é certa: que todo o homem, por sua própria loucura ou imprudência, é o seu maior castigador; e se o próprio mundo fosse melhor, não lhe faria diferença, a menos que ele fosse também melhor.

*Compêdio de Filosofia Natural (I, 480).*

\*\*\*

Que benefício advém à criação bruta dos sofrimentos nos quais toda a sua raça está envolvida através do pecado do primeiro homem? O fato não pode ser negado. A experiência diária atesta o que nós lemos nos oráculos de Deus: "Toda a criação geme e tem dores

de parto até este dia". Uma parte considerável dá gemidos a Deus por causa do descuido ou da crueldade do homem... Quando o homem, o senhor da criação visível se rebelou contra Deus, todas as partes da criação começaram a sofrer por causa do seu pecado, e não posso dar nenhum nome mais próprio do que o de castigo ao sofrimento por causa do pecado.

*Obras: "A doutrina do pecado original, " III, 2 (IX, 318-319).*

\*\*\*

A razão da minha crença de que Adão é o representante de toda a humanidade é esta: Cristo foi o representante da humanidade quando Deus "colocou sobre Ele as iniquidades de todos nós e Ele foi ferido pelas nossas transgressões". Mas Adão era uma figura ou tipo de Cristo, por isso, ele era, também, em alguns sentidos, o nosso representante, em consequência do que "todos morreram nele, assim como em Cristo todos nós viveremos".

Mas não há razão para contenda sobre o fato de não serem escriturísticos os termos representante e cabeça federal. Eu quero dizer o seguinte: o estado de toda a humanidade dependia tanto de Adão, que, pela sua queda, todos se entristeceram, sofreram, começaram a morrer temporal e espiritualmente. Isto não é inconsistente quer com a justiça quer com a bondade de Deus, visto que todos podem recobrar, através do segundo Adão, tudo quanto tinham perdido através do primeiro; sim, e recobrar com indizível lucro, pois, toda a tentação adicional que sintam pela corrupção da sua natureza anterior à sua escolha, se vencida pela graça, será um meio de aumentar aquele "excelente e eterno peso de glória"...

Se me perguntardes como, de que maneira determinada, o pecado se propaga, como *ele* se transmite de pais a filhos, responderei simplesmente que não sei dizer. Não posso dizer mais do que aquilo que sei a respeito da propagação da espécie humana, da transmissão de um corpo de pai a filho. Conheço os dois fatos, mas não sei como se realizam. No entanto, que "Deus é o criador de todo o homem que vem ao mundo" é coisa por demais simples. Somente Deus dá poder ao homem de propagar a sua espécie, ou melhor é o pró-

prio Deus que faz a obra pelo homem que serve de instrumento, pois o homem não tem mais poder para produzir um homem do que tem o carvalho de produzir o seu fruto. E Deus, realmente, que produz todo o homem, todo animal e todo vegetal no mundo, visto que Ele é o primeiro movimento, a fonte de todo movimento no universo. Até aqui concordamos, mas quando acrescentais que "se é pelo poder de Deus que uma espécie pecadora se propaga de modo que um pai pecador gera um filho pecador, Deus é o autor do pecado e que Ele é o responsável pela pecaminosidade do mundo", então nos dividimos. Não posso admitir as conseqüências, porque o mesmo argumento faria Deus responsável por todas as ações pecaminosas do homem. É o poder de Deus que faz o assassino levantar o seu braço, o adúltero perpetrar a sua iniquidade tanto quanto é pelo seu poder que a semente produz o carvalho ou um pai o filho. Mas segue-se que Deus seja responsável pelo pecado? Sabeis que não. O poder de Deus vulgarmente chamado natureza atua *de* tempo em tempo sob regras fixas. No entanto aquele que, no momento, supre o poder pelo qual uma ação pecaminosa é cometida não é responsável pela pecaminosidade da referida ação. Do mesmo modo é o poder de Deus que perpetua a propagação da espécie humana, mas aquele que, no momento, supre o poder pelo qual uma natureza pecaminosa se propaga, de acordo com as regras estabelecidas no mundo inferior, não é responsável pela pecaminosidade daquela natureza. Deveis admitir esta distinção, como foi observado anteriormente, ou culpareis Deus de todo pecado cometido debaixo do céu. Esta resposta geral pode satisfazer a qualquer inquiridor sincero e modesto sem se emaranhar nos pequenos particulares que estão além do alcance do entendimento humano.

*Obras: "A doutrina do pecado original", III, 6-7 (IX, 332-335).*

\*\*\*

Pergunta nº 15: em que sentido é o pecado de Adão imputado a toda a humanidade?

Resposta: em Adão todos morrem, isto é: 1) Nosso corpo tornou-se então mortal. 2) Nossa alma morreu, isto é, separou-se de Deus, e daí 3) todos nós nascemos com uma natureza pecadora e di-

abólica. Por esta razão 4) somos filhos da ira, sujeitos à morte eterna (Rom. 5:18; Ef. 2:3).

*Obras: "minutos de conversações tardias", segunda-feira, 25 de junho e 1744 (VIII, 277).*

\*\*\*

Quão exatamente todas as coisas ao nosso redor e mesmo a face do mundo concordam com este fato - a queda de Adão! Abri os vossos olhos! Olhai ao vosso redor! Vêde as trevas que podem ser sentidas, a ignorância e o erro, o vício em mil formas, a consciência da culpa, o medo, a tristeza, a vergonha o remorso cobrindo a face da terra! Vêde a miséria - a filha do pecado. Vêde, do outro lado, ó habitantes de todas as nações debaixo do céu, a doença e a dor conduzindo os pobres e desamparados filhos dos homens, em todos os tempos, aos portões da morte! Essas coisas têm agido bem desde o começo do mundo e assim o farão até a consumação de todas as coisas.

*Sermões: "Sobre a queda do homem", II, 7 (J, VI, 223).*

Passei 2 ou 3 horas na Câmara dos Lordes, Eu tinha ouvido freqüentemente que esta era a mais venerável assembléia da Inglaterra. Mas como fiquei desapontado: O que é um lorde senão um pecador nascido para morrer!

*Diário: "Terça-feira, 25 de janeiro de 1785" (VII, 46).*

\*\*\*

### 3 - Culpa e depravação do pecado original

"Disse à mulher: multiplicarei grandemente a tua dor na tua concepção; em dor e em sofrimento darás à luz filhos"; sim mais do

que todas as outras criaturas debaixo do céu, sobre cuja posteridade caiu a maldição original. "E o teu desejo será para o teu marido e ele dominará sobre ti". Parece que a última parte desta sentença é uma explicação da primeira. Havia até agora qualquer outra inferioridade da mulher para com o homem além daquela que podemos conceber de um anjo para com outro? "E disse a Adão: porquanto deste ouvidos à voz da tua esposa e comeste da árvore da qual de ordenei que não comesses, maldita é a terra por tua causa. Espinhos e cardos produzir-te-á *ela*"; sim, produções inúteis e que ferem, visto que nada que ferisse ou produzisse dor tinha sido colocado a princípio na criação. "E tu comerás a erva do campo"- rústica e vil comparada aos deliciosos frutos do paraíso! "Com suor comerás pão até que te tornes ao pó, pois és pó e ao pó voltarás."

*Sermões: "Sobre a queda do homem", I, 4 (J, VI, 218-19).*

Que poderemos responder quando Ele disser: "Paga-me o que me deves"? Somos totalmente insolventes; nada temos com que pagar; perdemos todos os nossos recursos. Portanto, se Ele tratar-nos segundo o rigor da sua lei, se Ele fizer o que pode com razão, Ele terá de mandar amarrar-nos de "pés e mãos e entregar-nos aos atormentadores".

Na verdade já estamos de pés e mãos amarrados pelas cadeias de nossos próprios pecados. Estes são, considerados com referência a nós mesmos, cadeias de ferro e algemas de bronze. São feridas que o mundo, a carne e o diabo abriram em todos nós. São doenças que bebem o nosso sangue e o nosso espírito e que nos levam à sepultura. Mas considerados com referência a Deus, são dívidas imensas e <sup>inu</sup>meráveis. Mas visto que não temos com que pagar, podemos clamar a Ele para que gratuitamente nos perdoe!

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: VI," III, 13 (S,I, 441-42).*

O homem desobedeceu a Deus. "Comeu do fruto da árvore da qual Deus havia ordenado dizendo: dela não comerás". Naquele dia ele foi condenado pelo justo julgamento de Deus. A sentença a respeito da qual ele tinha sido avisado antes começou, também, a realizar-se na sua vida. Pois ele morreu no momento em que provou aquele fruto. A sua alma morreu, foi separada de Deus; separada daquele de quem a alma não tem mais vida do que o corpo quando separado da alma. Do mesmo modo o seu corpo tornou-se corruptível e mortal, de maneira que a morte dominou também a este. E já sendo morto no espírito, morto para Deus, morto no pecado, apressou-se à morte eterna, à destruição do corpo e da alma no fogo que nunca se apaga.

*Sermões: "Justificação pela fé", I, 5 (5,1,117).*

\*\*\*

Nosso velho homem - coexistente com o nosso ser e tão velho quanto a queda, a nossa natureza má, uma forte e bela expressão para depravação e corrupção completas que, por natureza, se espalha sobre todo o homem não ficando parte alguma sem ser afetada.

*Notas: "Romanos, 6:6".*

\*\*\*

Os cristãos supõem que Adão foi criado santo e sábio como o seu criador, e contudo capaz de cair desse estado de graça; pensam ainda que *ele* caiu desse estado através de tentações as quais nós possivelmente não podemos julgar e que por isto ele fez cair sobre si mesmo e sobre toda a sua posteridade o sofrimento, o trabalho e a tristeza, assim como a morte, não só temporal, mas <sup>al</sup> espiritual e, sem a graça de Deus, eterna. Precisamos confessar' que não somente alguns teólogos, mas todo o corpo da cristanda-



de em todos os tempos pensaram desse modo até que, depois de mil e setecentos anos, levantou-se um orador extraordinário, não somente mais iluminado do que o Adão tolo, mais do que qualquer sábio da sua posteridade e declarou que toda aquela suposição era tola, insensata, inconsistente e blasfema!

*Obras: "A doutrina do pecado original", II (IX, 291).*

\*\*\*

Deves saber que és um pecador e que tipo de pecador és. Conheces a corrupção da tua natureza íntima pela qual te afastaste tanto da retidão original, pela qual "a carne sempre cobiça contra o espírito", através da "mente carnal" que "é inimizada contra Deus", que "não está sujeita à lei de Deus nem pode realmente estar". Sabes que estás corrompido em todas as tuas forças e em todas as faculdades de tua alma, e todos os teus alicerces estão fora do alinhamento. Os olhos do teu entendimento estão obscurecidos, de modo que não podem discernir a Deus ou as coisas de Deus, As nuvens da ignorância e do erro descansam sobre ti e te cobrem com a sombra da morte. Nada sabes daquilo que devias conhecer - Deus, o mundo, a ti mesmo. A tua vontade não é mais a vontade de Deus, mas é totalmente perversa e transviada de todo o bem, de tudo aquilo que Deus ama e se inclina a todo mal, a toda abominação que Deus odeia. As tuas afeições foram alienadas de Deus e se espalharam por sobre toda a terra. Todas as tuas paixões - os teus desejos e as tuas aversões, tuas alegrias e tristezas, as tuas esperanças e temores estão transviados, sem equilíbrio ou postos sobre objetos impróprios. De modo que não há saúde na tua alma; mas usando-se a expressão forte do profeta, "do alto da cabeça à sola do pé só há contusões e feridas em putrefação".

*Sermões: "O caminho do reino", II, 1 (S,I, 155-6).*

Conhece-te a ti mesmo pela graça de Deus. Sabe e sente que foste formado em iniquidade e que em pecado a tua mãe concebeu e que tu mesmo tens estado amontoando pecado sobre pecado desde que podias distinguir o bem do mal. Reconhece-te culpado de morte eterna e renuncia a toda esperança de seres capaz de salvar-te. Seja toda a tua esperança o seres lavado em seu sangue e purificado pelo seu espírito que "levou sobre si todos os teus pecados sobre o seu corpo no madeiro". E se soubesses que Ele tirou os teus pecados, então te humilharias diante dele sentindo continuamente a tua dependência dele para todo bom pensamento, palavra e obra e a tua total inabilidade para todo bem a menos que Ele "te regue a todo momento".

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: XIII", III, 6 (S,II,34).*

\*\*\*

A culpa do homem está agora perante a sua face. Ele sabe que se o castigo que merece fosse apenas pela sua mente carnal. E a inteira e universal corrupção da sua natureza, quanto mais pelos seus maus desejos e pensamentos, por todas as suas palavras e ações pecadoras! Ele não pode duvidar por um momento que o menor destes merece a condenação do inferno, do verme que não morre e do fogo que nunca se apaga. Sobretudo, pesa sobre ele a culpa de "não ter crido no nome do unigênito Filho de Deus". Como diz ele, escaparei, pois "negligencio tão grande salvação"! "Aquele que não crê, já está condenado" e a "ira de Deus pesa sobre ele".

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: I", I, 5 (S,I,324).*

\*\*\*

Vinde a mim... somente eu (pois nenhum outro pode) dar-vos-ei gratuitamente (o que não podeis comprar) descanso da culpa do pecado pela justificação, e do poder do pecado pela santificação.

*Notas: "Mateus, 11:28".*

## 4 - Pecado original e pecados atuais

Esta infecção da nossa natureza (chamai-a de pecado original ou como quiserdes) dá origem a muitos, senão a todos, os pecados atuais. Tiago (1:14) afirma isto simplesmente. Um desejo irregular não é tanto um fruto, mas uma parte do pecado original. Pois o dizer que "Eva teve desejos irregulares antes de pecar" (página 127) é contradição, visto que todo desejo irregular é pecado.

Outra prova de que os pecados atuais se originam do original é que "do coração procedem os maus pensamentos, os assassínios, adultérios, as fornicacões, os roubos, o falso testemunho e as blasfémias" - Mat. 15:19.

"Mas que tem este texto a ver com o pecado de Adão"? Tem muito a ver com o ponto que se quer provar, especialmente que o pecado atual procede do original e as más obras de um coração mau. Não triunfe, portanto, como o sr. tem feito repetidas vezes, sobre estes homens veneráveis porque um texto citado como prova de uma cláusula não prova o todo.

Mas "nenhum daqueles textos prova que toda a nossa iniquidade procede da nossa corrupção pelo pecado de Adão" (pág.128). Mas ambos provam que toda iniquidade exterior procede da iniquidade eterna. Aqueles homens piedosos não misturaram, portanto, "a forja da sua imaginação com a verdade de Deus".

*Obras: "A doutrina do pecado original", II (IX, 274-75).*

\*\*\*

Quão extensamente se estendem aqueles pecados paternais dos quais todo o resto deriva o seu ser - a mente carnal que é inimizade contra Deus, o orgulho do coração, a obstinação e o amor do mundo! Podemos estabelecer-lhes qualquer limite? Não se difundem eles por todos os nossos pensamentos e não se misturam com todos os nossos sentimentos? Não são eles o fermento que leveda,

mais ou menos, toda a massa de nossas afeições? Não podemos nós, quando fazemos um exame sincero de nós mesmos, perceber estas raízes de amargura que se levantam continuamente em nós, infeccionando todas as nossas palavras e maculando todas as nossas ações? A sua descendência é inumerável em todos os tempos e em todas as nações! É suficiente para cobrir toda a terra de trevas e de habitações cruéis.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: 3 (S,I, 534).*

\*\*\*

Que espécie de ramos podemos esperar que cresçam de tais raízes más? Delas cresce a descrença que sempre nos separa do Deus vivo, dizendo: "Quem é o Senhor para que eu o sirva? Deus não liga para isso". Daí a independência pretendendo ser como o Altíssimo; o orgulho em todas as suas formas, ensinando-te a dizer: "Sou rico e a minha fortuna está aumentando, de nada tenho necessidade". Desta fonte má brotam as correntes amargas da vaidade, da sede da adulação, da ambição, do desejo do ilícito, da cobiça da carne, dos olhos, e do orgulho da vida. Delas brotam a ira, o ódio, a malícia, a vingança, a inveja, o ciúme e más suposições. Destes nascem todos os desejos loucos e prejudiciais que agora "te atormentam com muitos sofrimentos", e, afinal, mergulharão a tua alma na perdição eterna se não for a tempo acudida.

Que frutos podem ramos com estes produzir? Somente aqueles que são continuamente amargos e maus. Do orgulho vem a contenda, a afetação, a procura do elogio dos homens, e assim rouba-se a Deus da glória que Ele não pode dar a outro. Da cobiça da carne, vêm a glotoneria, a bebedice, a luxúria e a sensualidade, a fornicação, a impureza conspurcando o corpo que foi destinado a ser o templo do Espírito Santo. Da descrença vêm todas as más palavras e obras. Se o tempo falhasse, tu os reconhecerias a todos: as palavras indolentes que disseste provocando o Altíssimo, entristecendo ao Santo de Israel; todas as más obras que praticaste, quer as totalmente más, quer as que, pelo mesmos, não foram praticadas para a glória de Deus. Pois os teus

pecados atuais são mais do que podes contar, mais numerosos do que os cabelos da tua cabeça. Quem pode contar a areia da praia, ou as gotas da chuva ou as tuais iniquidades?

*Sermões: "O caminho do Reino", II 2-3 (5,1,156-57).*

\*\*\*

É o pecado que causa as trevas? Que pecado? Acusa-o a sua consciência de cometer algum pecado pelo qual entristece ao Santo Espírito de Deus? É por esse motivo que Ele se separou do sr. e que a alegria e a paz se foram com Ele? Como pode o sr. esperar que voltem enquanto o sr. não abandonar a maldita coisa? "Abandone o ímpio o seu caminho", "limpai as vossas mãos", vós pecadores; "Abandonai o mal das vossas ações"; assim brilhe "a vossa luz nas trevas"; o Senhor voltará e "perdoará abundantemente".

Se após rigoroso exame o sr. não encontrar pecado cometido que faça com que a nuvem cubra a sua alma, verifique em seguida se não há algum pecado de omissão que o separa de Deus. "Não tolera o sr. o pecado do seu irmão"? Reprova o sr. o pecado cometido na sua presença? Obedece o sr. todas as ordenanças de Deus? Pratica o sr. a oração em público, em família e em particular? Se não, se o sr. habitualmente negligencia qualquer destes conhecidos deveres, como pode esperar que a luz da sua presença continue a brilhar sobre o sr.? Apresse-se a "fortalecer as coisas que permanecem" e então a sua alma viverá. "Hoje se, ouvirdes a sua voz", supri, pela sua graça o que falta. Quando o sr. ouvir uma voz que lhe diz: "Este é o caminho, ande por ele", não endureça o seu coração, não seja mais "desobediente ao chamado celestial". Enquanto os pecados de omissão ou de comissão não forem removidos, todo conforto será falso e enganador. É preciso descarnar a ferida que ainda está infeccionada. Não procure a paz interior enquanto não estiver em paz com Deus, a qual não pode existir sem os "frutos do arrependimento".

Mas talvez o sr. não tenha consciência de qualquer pecado de omissão que impeça a sua paz e alegria no Espírito Santo. Não há, então algum pecado interior que, como raiz de sofrimento, surja no seu coração a perturbá-lo? Não são a aridez e a esterilidade da sua

alma ocasionadas pelo fato de estar o seu coração "separado do Deus vivo"? Não está contra o sr. o "pé do orgulho"? ... Não tem o sr. ficado ofendido por algum dos seus irmãos por reparar nos seus pecados reais ou imaginários, pecando assim contra a grande lei do amor afastando-se deles?... Não tem o sr. dado lugar a algum desejo tolo? A qualquer espécie ou grau de afeição desordenada? Como pode, então, ter o amor de Deus lugar no seu coração enquanto não abandonar os seus ídolos?... É vão esperar recobrar a sua luz, enquanto não arrancar o seu olho direito e atirá-lo fora. Oh! não demore mais!

*Sermões: "O estado de desolação", III, 2-4 (S,II, 256-58).*

\*\*\*

## 5 - O homem natural

A Escritura representa o estado do homem natural como o do sono. A voz de Deus para ele é: "Desperta, tu que dormes". A sua alma está num profundo sono; os seus sentidos espirituais não estão acordados; eles não discernem o bem espiritual do mal. Os olhos do seu entendimento estão fechados, estão selados e não vêem. As nuvens e as trevas estão continuamente sobre ele, pois está no vale da sombra da morte. Daí não haver entrada para o conhecimento das coisas espirituais; estando fechadas todas as avenidas da sua alma ele está numa ignorância grosseira e estúpida de tudo aquilo que deve conhecer. E totalmente ignorante a respeito de Deus, nada sabendo daquilo que devia conhecer. É totalmente estranho à lei de Deus, bem como ao seu sentido espiritual, verdadeiro e interno. Não tem concepção da santidade evangélica sem a qual nenhum homem verá o Senhor, nem da felicidade que somente aqueles que têm "a sua vida escondida com Cristo em Deus" podem possuir.

Porque está num sono profundo, está, de certo modo, descansado. Porque é cego, tem também um certo senso de segurança, pois diz: "nenhum mal me acontecerá"! As trevas que o cobrem por todos os lados mantêm-no numa *espécie de paz*, até onde a paz possa consistir nas obras do diabo e numa mente terrena e diabólica. Ele não

vê que está à beira do abismo, portanto não o teme. Não pode tremer por causa do perigo que não conhece. Não tem entendimento suficiente para temer. Por que não tem ele medo de Deus? Porque o desconhece totalmente, e ainda bem se não diz no seu coração: "Não há Deus" ou "Que Ele se assenta no céu e não se humilha em ver as coisas praticadas na terra", ou satisfazendo-se em todos os seus intentos e propósitos epicuristas, dizendo: "Deus é misericordioso", confundindo e mergulhando imediatamente toda a sua santidade e o seu ódio essencial do pecado naquela enorme idéia de misericórdia; toda a sua justiça, sabedoria e verdade. Não teme a vingança anunciada contra aqueles que não obedecem à abençoada lei de Deus porque não a entende. Ele imagina que o ponto principal é o fazer deste modo, ser externamente sem culpa e não vê que ela se estende a todos os sentimentos, desejos, pensamentos e movimentos do coração. Ou então pensa que a obrigação cessa aqui; que Cristo veio para "destruir a Lei e os Profetas"; para salvar o seu povo nos seus pecados e não salvá-lo deles; para levá-lo ao céu sem santidade, apesar das suas próprias palavras: "Nem um jota nem um til da lei passarão até que todas as coisas sejam cumpridas", e "nem todos os que me dizem - Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, mas todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no céu".

Sente-se seguro, porque desconhece a si mesmo totalmente. Daí o falar de "arrepentimento mais tarde", sem saber, na verdade, exatamente quando, mas numa ocasião ou outra antes de morrer, tomando por garantia que está bem forte, pois que é que o impediria de fazê-lo se quiser? Se ele apenas tomar uma resolução não há o que temer, ele a realizará!

Mas este tipo de ignorância nunca brilha tanto como nos homens chamados cultos. Se um homem natural for um destes, ele poderá falar abundantemente de suas faculdades racionais, da sua vontade livre e da absoluta necessidade de tal liberdade para que o homem seja um agente moral. Lê, argumenta e prova por demonstração que todos os homens podem agir como quiserem, podem inclinar o seu coração para o mal ou para o bem, como parecer melhor aos seus olhos. Assim o deus deste mundo estende um duplo véu de cegueira sobre seu coração, a menos que, por um meio qualquer, "a luz do evangelho glorioso de Cristo brilhe sobre ele".

Da mesma ignorância de si mesmo e de Deus, às vezes, pode surgir no homem natural uma espécie de alegria em congratular-se consigo mesmo por sua sabedoria e bondade, e pode freqüentemente possuir o que o mundo chama de alegria. Pode sentir várias espécies de prazeres, dando vazão aos desejos da carne, dos olhos ou ao orgulho da vida, particularmente se tem riquezas; então pode "vestir-se de púrpura e de linho fino e viver suntuosamente todos os dias". E enquanto assim fizer bem a si mesmo, os homens, sem dúvida, falarão bem dele. Dirão: "É um homem feliz". Pois esta é realmente a soma da felicidade do mundo: vestir-se, visitar, conversar, comer, beber e levantar-se para brincar.

Não é de surpreender que alguém em circunstâncias como estas recebendo doses do ópio da bajulação e do pecado, imagine, entre outros dos seus sonhos acordado, que possui grande liberdade. Quão facilmente pode ele persuadir-se de que está livre de todos os erros vulgares e dos preconceitos da educação, julgando retamente e guardando-se de todos os extremos. "Eu sou livre, pode dizer, com todo o entusiasmo das almas fracas e estreitas; da superstição - a doença dos tolos e covardes, e da obstinação comum àqueles que não gozam de meio livre e generoso de pensamento". E é muito certo que está livre, também, da "sabedoria que vem de cima", da santidade, da religião do coração, de toda a mente que houve em Cristo,

Durante todo este tempo, é servo do pecado. Comete pecado, mais ou menos, todos dos dias. Contudo não se perturba; "não está preso" como alguns dizem, não sente a condenação. Contenta-se, embora confesse crer que a Revelação Cristã é de Deus, com o dizer que "o homem é fraco, que todos têm as suas fraquezas". Talvez cite as Escrituras: "Por que, não diz Salomão, o justo cai em pecado sete vezes por dia? Sem dúvida aqueles que pretendem ser melhores do que os seus vizinhos são hipócritas ou entusiastas". Se em qualquer época um pensamento sério lhe vem, ele o enxota o mais cedo possível com isto: "Por que devo temer, se Deus é misericordioso e Cristo morreu pelos pecadores?" Deste modo permanece como servo voluntário do pecado, contente com as amarras da corrupção, impuro interna e externamente, satisfeito com isto, não somente não conquistando o pecado, mas não se esforçando por consegui-lo, particularmente aquele que facilmente o domina.



Esse é o estado de todo o homem natural, seja ele um transgress<sup>or</sup> escandaloso, seja um pecador decente e respeitável tendo a forma, mas não o poder da piedade.

*Sermões: "O espírito de escravidão e de adoção", I, 1-8 (S.I, 181-185).*

\*\*\*

Todos os homens são "ateus no mundo". Mas o próprio ateísmo não nos isenta da idolatria. No seu estado natural, todo o homem nascido no mundo é idólatra. É provável que não tenhamos em mente, na verdade, um sentido tão vulgar da palavra. Não gostamos que os pagãos idólatras cultuem as imagens fundidas ou gravadas. Não nos curvamos perante um pedaço de madeira, obra das nossas próprias mãos. Não o ramos aos anjos ou aos santos nos céus como não o fazemos aos santos na terra. Mas que fazemos então? Nós temos posto ídolos no nosso coração; a eles nos curvamos e os cultuamos; cultuamos a nós mesmos, atribuindo-nos a honra que só pertence a Deus. Por isso todo o orgulho é idolatria, é atribuímos a nós mesmos o que só a Deus é devido. E embora o orgulho não tenha sido feito para o homem, onde está alguém nascido sem ele? Assim roubamos a Deus do Seu direito inalienável e, idolatricamente, usurpamos a sua glória.

Mas o orgulho não é a única espécie de idolatria de que, por natureza, somos culpados. Satanás estampou a sua imagem no nosso coração também com referência à obstinação. Antes de ser expulso do céu, ele disse: "Eu me assentarei no lado do norte", farei a minha própria vontade e prazer independentemente da vontade do Criador. O mesmo diz todo aquele que é nascido no mundo, e, isso, em mil casos; e acrescentamos que o fazem sem corar-se por isso, sem temerem e sem se envergonharem...

Assim trazemos a imagem do diabo e andamos nos seus  
↓, mas no passo seguinte nós o deixamos para trás. Somos idólatras e ele não é culpado disto, isto é, o amor do mundo que, agora, é tão natural a todo homem como o amor à sua própria vontade. Que nos é mais natural do que procurar a felicidade na criatura ao invés de no Criador, procurar aquela satisfação na obras das suas mãos,

sendo que ela só pode ser encontrada em Deus? Que é mais natural do que "o desejo da carne", isto é, do prazer dos sentidos em todas as suas espécies?...

Deste modo são os desejos dos olhos - os desejos dos prazeres da imaginação. Surgem dos objetos grandes, bonitos ou fora do comum, se os dois primeiros não coincidem com o último, pois, após uma pesquisa diligente parece que os objetos grandes e os bonitos não agradam mais do que os novos. Quando a novidade dos mesmos desaparece, desvanece-se, pelo menos, a maior parte do prazer que causavam; na mesma proporção, quando se tornam familiares tornam-se maçantes e insípidos...

Um terceiro sintoma desta doença fatal - o amor do mundo, que lança raízes tão profundamente na nossa natureza, é "o orgulho da vida", o desejo do elogio, da honra que vem dos homens. **Os** maiores admiradores da natureza humana admitem-no como sendo inteiramente natural, tão natural como a vista, a audição, ou qualquer outro dos sentidos externos. Ficam por acaso envergonhados disso os homens letrados, os de entendimento refinado e desenvolvido? Longe deles esteja o gloriarem-se nisso!... Mas imaginaria **alguém** que estes homens tenham ouvido de Jesus Cristo ou de seu apóstolo, ou que tenham conhecido aquele que disse: "Como podeis crer vós que recebeis honra uns dos outros e não procurais a honra que só vem de Deus"? Mas se isto é realmente assim, se é impossível crer quando se recebem ou se procuram a honra uns dos outros e não a que só vem de Deus, então em que condição está toda a humanidade! Tanto os cristãos como os pagãos!...

Em primeiro lugar podemos aprender daí uma grande e fundamental diferença entre o cristianismo, considerado como um sistema de doutrina, e o paganismo mais refinado. Muitos dos antigos pagãos descreveram exaustivamente os vícios de determinados homens. Falaram muito contra a sua ambição ou crueldade, da sua luxúria ou prodigalidade. Alguns ousaram dizer que "nenhum homem nasce sem vícios de uma ou de outra espécie". Mas nenhum deles sabia da queda do homem de modo que nenhum conhecia a sua corrupção total. Não sabiam que os homens estão vazios de todo bem e cheios de toda espécie de mal. Ignoravam totalmente a completa depravação de toda a natureza humana, de todo o homem nascido no mundo, de todas as faculdades de sua alma, não tanto por

determina<sup>dos</sup> vícios que reinam em determinadas pessoas como pelo dilúvio geral do ateísmo e da idolatria, do orgulho, da obstinação e do amor do mundo. É esta, portanto, a primeira grande distinção *entre* o paganismo e o cristianismo. Um reconhece que muitos homens estão afetados por muitos vícios e mesmo nascem com uma propensã<sup>o</sup> para os mesmo, mas supõe, no entanto, que em alguns o bem natural contrabalança o mal; o outro declara que todos os homens "são concebidos em pecados" e "formados em iniquidade", e que, portanto, há em todo homem uma "mente carnal que é inimizada contra Deus"...

Em segundo lugar aprendemos que todos os que negam isto, chamem-no "pecado original" ou de qualquer outro nome, ainda são pagãos no ponto fundamental que diferencia o paganismo do cristianismo. Podem admitir, na verdade, que os homens tenham muitos vícios, que alguns nascem conosco, e que, conseqüentemente, não nascemos tão sábios ou tão virtuosos como devíamos, havendo alguns que afirmam redondamente que "nascemos com propensão tanto para o bem como para o mal, e que todos os homens são, por natureza, tão virtuosos e sábios como foi Adão na sua criação". Mas aqui está a questão: está o homem por natureza cheio de toda espécie de males? Está ele destituído de todo bem? Caiu ele totalmente? Está a sua alma inteiramente corrupta? Voltando-se ao texto: "é toda a imaginação dos pensamentos do seu coração continuamente má?" Admita o Sr. isto e será cristão; negue-o e será ainda um pagão.

*Sermões: "Pecado original", II, 7-111, 2 (S, 218-23).*

\*\*\*

Preguei em Bath. Estavam presentes alguns dos ricos e grandes, aos quais e a todos os restantes declarei com toda a simplicidade de linguagem: 1) Que eles eram, por natureza, todos filhos da ira; 2) que todos os seus sentimentos eram corruptos e abomináveis, e 3) que todas as suas palavras e obras nunca poderiam ser melhores senã<sup>o</sup> pela fé, e 4) que um homem natural não tem mais fé do que um de<sup>o</sup> mônio se tem tanto quanto ele. Um deles, ó Senhor, ficou muito calmo até que cheguei ao meio do quarto ponto. Então, levantando-

se, disse: "Faz calor! Faz muito calor!" E desceu as escadas o mais depressa que pôde.

*Diário: "Segunda-feira, 24 de janeiro de 1743" (III, 65).*

\*\*\*

## 6 - Livre arbítrio

Preguei à noite em Dundee e na terça-feira, dia 24, fui a Arbroath. No caminho li, do Lorde K (ames), plausíveis ou razoáveis ensaios sobre Princípios de Moralidade e religião natural. Já fez algum homem tanto esforço por um objetivo tão pequeno como ele o faz no seu ensaio sobre "Liberdade e necessidade"? Que vantagem? Que bem adviria à humanidade se ele pudesse convencê-la de que todos somos meras peças de uma máquina; de que não temos maior parte na direção dos nossos próprios atos do que temos na direção do mar ou do vento norte? Ele afirma que "se todos os homens se vissem à luz deste princípio, todo o senso de obrigação moral, de retidão de erro, do bem ou de deserto doentio cessaria imediatamente. Bem, ele se vê nesta luz, e, conseqüentemente, se é verdadeira a sua doutrina, ele "não tem senso de obrigação moral, de retidão ou de erro, de bem ou de deserto doentio". Não está ele, então excelentemente bem qualificado para ser juiz? Será que ele condenará um homem por não "manter o vento preso em seus punhos"?

*Diário: "Segunda-feira, 23 de maio de 1774" (VI, 21).*

\*\*\*

Resposta: 1) Atribuindo todo bem à livre graça de Deus. 2) Negando todo livre-arbitrio natural e todo poder que antecede à graça, e 3) excluindo todo mérito dos homens, mesmo pelo que eles têm ou fazem pela graça de Deus.

*Obras: "Minutos de conversações tardias", 1 de agosto, de 1745 (VIII, 285).*

\*\*\*

Não posso conceber porque o dr. E. contende comigo por causa do livre-arbitrio natural, senão que o faz pelo prazer da contenda. Pois é certo que neste ponto, se em nenhum outro, estamos inteiramente de acordo. Creio que Adão, antes da sua queda, era totalmente livre para escolher o bem ou o mal, mas que, desde a sua queda, nenhum filho dos homens tem poder natural para escolher qualquer coisa que seja realmente boa. Contudo sei (e quem não sabe?) que o homem ainda tem de escolher nas coisas de natureza indifiente. Não concorda comigo o dr. E. nisto? Oh! porque procuramos ocasião para contenda!

*Obras: "Algumas nota sobre - vindicação de uma defesa do Prefácio da Edição de Edinburgh, de Aspasio", 5 (X,350).*

\*\*\*

<sup>liv</sup> Tanto o sr, Fletcher como o sr. Wesley negam absolutamente o re-arbitrio natural. Nós ambos afirmamos firmemente que a vontade do homem é, por natureza, livre apenas para o mal, Contudo <sup>a</sup>mbos cremos que todo o homem tem um certo grau de livre-arbitrio que lhe foi restaurado pela graça.

*Obras: "Algumas notas sobre a "Revisão de todas as doutrinas" ensinadas pelo sr. João Wesley", pelo sr. 64 (X, 392).*

Tenho consciência de uma outra propriedade comumente chamada. É esta freqüentemente confundida com a vontade, mas é de natureza muito diferente. Não é também propriedade da vontade mas é um atributo distinto da alma capaz de externar-se com referência a todas as outras faculdades da alma tanto quanto todos os movimentos do corpo. É um poder de determinação própria que embora não se estenda a todos os nossos pensamentos e imaginações, estende-se contudo às nossas palavras e ações em geral e com poucas exceções. Estou tão certo de que sou livre para falar ou não para fazer isto ou o contrário, como estou da minha própria existência. Tenho não só o que se chama "liberdade de contradição" - o poder de fazer ou não, mas o que se chama "liberdade de contradição" - um poder de fazer ou não, mas o que se chama "liberdade de contrariedade" - poder de agir deste modo ou do contrário. Negar isto seria negar a experiência constante de toda a espécie humana. Todos sentem que têm um poder inerente de mover esta ou aquela parte do seu corpo, de movimentá-lo ou não, e de movimentá-lo deste ou daquele modo como for do seu agrado. Eu posso, conforme escolher, e assim todos os que são nascidos de mulher, abrir ou fechar meus olhos, falar ou calar-me, levantar-me ou sentar-me, estender a minha mão ou encolhê-la, usar qualquer dos meus membros conforme for do meu agrado bem como todo o meu corpo. E embora não tenha poder absoluto sobre a minha própria mente por causa da corrupção da minha natureza, contudo, através da graça de Deus que me assiste, tenho poder de escolher e de fazer o bem ou o mal. Sou livre para escolher a quem servir, e se eu escolher a melhor, continuarei nela até a morte.

*Sermões: "Que é o homem?" 11 (J, VII, 228-9).*

VI  
Salvação

## VI

# Salvação

*Wesley combina, na sua concepção de salvação, um senso de completa dependência de Deus com um de completa responsabilidade do homem, e por esses torna inteligível a universalidade do plano redentor de Deus frente ao número aparentemente limitado dos redimidos. Como base da relação de dependência e de responsabilidade está a graça salvadora, capacitando o homem a rejeitar ou deixar-se vencer pela graça de Deus. O homem nunca é totalmente destituído da graça; a graça que ele possui torna a ação imperativa. Wesley também dá ênfase à impossibilidade de retidão como condição de justificação e à necessidade de perfeição para a salvação final. A culpa do pecado, transmitida a todos os homens pela queda de Adão, desaparece na justificação; a depravação do pecado é superada por um crescimento gradual na santidade, até que a santificação completa remova o seu poder duradouro.*

*Wesley casa a justificação com a santificação, faz da fé a condição de ambas, e coloca a eternidade como o objetivo para o qual ambas se inovem. A distinção entre inteira santificação e a vida em consequência desta (a perfeição cristã) nunca é clara na sua <sup>ter</sup>minologia. A primeira é considerada aqui como a segunda obra da salvação através da fé, a última como um ideal da vida ética. O ponto de Wesley da santificação exige uma redefinição do pecado em termos de violação consciente da lei do amor. Isto é radicalmente diferente daquela alienação do pecado anterior à justificação que leva o homem ao desespero. A distinção aparece explicitamente em dois sermões anos mais tarde: "O pecado dos crentes" e "O arrependimento dos crentes".*



# 1 - Natureza geral da Salvação

A salvação começa com o que é usualmente chamado de maneira muito adequada de graça salvadora, incluindo o primeiro desejo de agradar a Deus, a primeira aurora de luz referente à sua vontade e a primeira convicção leve e passageira de ter pecado contra Ele. Tudo isto implica em alguma tendência para a vida, algum grau de salvação, o começo da libertação de um coração cego e totalmente insensível a Deus e às suas coisas. A salvação se realiza através da graça convencedora usualmente chamada nas Escrituras de arrependimento que traz maior quantidade de conhecimento próprio e libertação ulterior do coração de pedra. Depois experimentamos a salvação propriamente cristã, pela qual, "através da graça", "somos salvos pela fé", consistindo isto de dois grandes ramos - a justificação e a santificação. Pela justificação somos salvos da culpa do pecado e restaurados ao favor de Deus; pela santificação somos salvos do poder e da raiz do pecado e restaurados à imagem de Deus. Toda a experiência bem como a Escritura mostram que esta salvação é instantânea ou gradual. Começa no momento em que somos justificados no santo, humilde, manso e paciente amor de Deus e do homem. Desse momento em diante ela gradualmente se desenvolve como "um grão de mostarda que a princípio é a menor de todas as sementes", mas depois lança grandes ramos e se torna uma grande árvore, até que num outro instante o coração é purificado de todo o pecado e cheio de puro amor de Deus e do homem. Mas mesmo esse amor se desenvolve mais e mais até que "cresçamos em tudo para Ele, que é a nossa cabeça", até que atinjamos a "medida da estatura da plenitude de Cristo".

*Sermões: "Sobre a realização da nossa própria salvação", II, 1 (J, VI, 509).*

\*\*\*

qüência desta. Creio que a justificação seja inteiramente distinta da santificação e necessariamente a antecede.

Outrossim diz serem a nossa própria santidade e as nossas boas obras a causa da nossa justificação ou que por causa delas somos justificados perante a Deus. Não creio que sejam parte alguma da causa da nossa justificação, mas que a morte e a justiça de Cristo sejam a causa total e única da mesma, ou que por causa delas somos justificados perante a Deus.

Esses ministros fazem das boas obras a condição da justificação, necessariamente anteriores a ela. Creio que nenhuma boa obra pode preceder a justificação e, conseqüentemente, seja condição da mesma, mas que somos justificados (sendo até àquela hora ímpios e, portanto, incapazes da prática de qualquer boa obra) somente pela fé, sem obras, fé (embora praticando todas) que não inclui boa obra.

Fala da santificação ou de santidade como sendo uma coisa exterior, consistindo principalmente, senão totalmente, daquele dois pontos: 1) não prejudicar os outros, 2) fazer o bem (como é chamado), isto é, o uso dos meios de graça e o auxílio ao próximo. Creio nela como coisa interna, especialmente a vida de Deus na alma do homem, uma participação da natureza divina; a mente que houve em Cristo, ou a renovação do nosso coração segundo a imagem daquele que nos criou.

Fala do novo nascimento como coisa exterior, sendo nada mais do que o batismo; ou, no máximo, mudança de impiedade externa em bondade exterior, do vício à chamada vida virtuosa. Creio seja ele interior, mudança da impiedade interna em bondade interior; mudança completa da nossa natureza mais íntima, da imagem do diabo (na qual nascemos) à imagem de Deus; mudança do amor da criatura para o amor do Criador; das afeições terrestres e sensuais para as celestes e santas; numa palavra, mudança dos sentimentos do espírito de trevas para as coisas dos anjos nos céus.

Há portanto, uma diferença grande, essencial, fundamental e <sup>ir</sup> reconciliável entre nós, de modo que, se eles dizem a verdade tal qual ela está em Jesus, sou falsa testemunha perante

Deus; mas se eu ensino o caminho de Deus em verdade, eles são cegos guias dos cegos.

*Diário: "Quinta-feira, 13 de setembro de 1739" (II, 275-76).*

\*\*\*

Sejam quais foram as outras implicações da salvação pela fé, ela é uma salvação presente. É alguma coisa atingível, sim, atualmente alcançável na terra por aqueles que são participantes desta fé. Pois assim disse o Apóstolo aos crentes de Éfeso, e por eles a todos os crentes de todos os tempos, não que vós sereis (embora isso seja também verdade) mas "vós sois salvos pela fé".

Vós sois salvos, enfeixando todos numa palavra, do pecado. Está é a grande salvação predita pelo anjo antes de Deus fazer vir ao mundo o seu unigênito Filho: "Chamarás o seu nome Jesus, pois Ele salvará o seu povo dos seus pecados". Nem nesta nem em nenhuma outra parte do Sagrado Escrito há qualquer limitação ou restrição. "Ele salvará dos seus pecados" todos os que crêem nele, do pecado original e do atual, do passado e do presente, da "carne e do espírito". Eles são salvos tanto da culpa como do poder do pecado pela fé.

Primeiramente, da culpa de todo pecado passado, pois, visto que todo o mundo é culpado diante de Deus a ponto de ele "usar medidas drásticas contra os erros praticados, ninguém podi a; suportá-lo", e visto que "pela lei só há o conhecimento do pecado" e não a libertação do mesmo, de modo que "pelo cumprimento dai lei nenhuma carne pode ser justificada à sua vista", "a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo é manifesta a todos os que crêem". Agora "são justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção em Jesus Cristo". "Ele, Deus, entregou-se para propiciação pela fé em seu sangue, para declarar a sua justiça para a remissão dos pecados passados". Cristo levou a "maldição da lei, sendo feito maldição por nós". "Apagou a escrita que existia contra nós, tirando-a do nosso caminho, pregando-a na sua cruz". "Não há, portanto, condenação para aqueles que crêem em Cristo Jesus".

Sendo salvos da culpa, são salvos do temor. Não de um temor filial de ofender, mas de todo temor servil; daquele que atormenta; do temor do castigo; do temor da ira de Deus, a quem agora não mais têm como senhor severo, mas como Pai indulgente. "Eles não receberam de novo o espírito de servidão, mas o de adoção pelo qual eles o clamam: Abba, Pai; dando o mesmo espírito testemunho com o seu espírito de que são filhos de Deus". São, também, salvos do temor, embora não da possibilidade de caírem da graça de Deus e privarem-se das grandes e preciosas promessas. São selados com o Santo Espírito da Promessa que é a garantia da sua herança - (Ef. 1:13). Assim têm eles "paz com Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo. Regozijam-se na esperança da glória de Deus. E o amor de Deus é derramado abundantemente em seus corações através do Espírito Santo que lhes é dado". São assim persuadidos, embora não constantemente ou com o mesmo grau de persuasão, de que "nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, será capaz de separá-los do amor de Deus que é em Cristo Jesus nosso Senhor".

Através dessa fé são salvos do poder e da culpa do pecado. Assim o Apóstolo declara: "Sabeis que Ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado. Todo aquele que vive nele não peca" - I João 3:5 e contextos. "Filhinhos, ninguém vos engane. Aquele que comete pecado é do diabo. Todo aquele que crê é nascido de Deus. E todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado, pois a sua semente permanece nele e não pode pecar, porque é nascido de Deus". Ainda mais: "Nós sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca, mas aquele que é gerado de Deus guarda-se a si mesmo e o ímpio não pode tocá-lo" - I Jo. 5:18.

O que é nascido de Deus pela fé não comete 1) qualquer pecado habitual, pois o pecado habitual é o pecado reinando, mas o pecado não pode reinar naquele que crê; 2) pecado voluntário, pois <sup>a</sup> sua vontade, enquanto ele vive na fé, é contra todo pecado e o <sup>ab</sup>orrece como veneno mortal; 3) desejo pecaminoso, pois <sup>a</sup> continuamente deseja a santa e perfeita vontade de Deus, e mata no seu <sup>nas</sup>cimento, pela graça de Deus, toda a tendência para qualquer desejo impuro; 4) pecado por hábitos doentios, quequer por atos,

palavras ou pensamentos, pois as suas fraquezas não têm o auxílio da sua vontade, e sem isto eles não são propriamente pecados. Deste modo, "aquele que é nascido de Deus não comete pecado", e embora não possa dizer que não pecou, agora ele "não peca".

É esta, então, a salvação que é pela fé, mesmo no mundo presente; uma salvação do pecado e das suas conseqüências, ato esse freqüentemente expresso pela palavra justificação que, tomada no seu sentido mais amplo, implica uma libertação da culpa e do castigo pela expiação de Cristo atualmente aplicada à alma do pecador que agora crê nele, e uma libertação de todo pecado corporal através de Cristo formado em seu coração. De modo que aquele que assim é justificado ou salvo pela fé, é realmente nascido de novo. É novamente nascido do espírito para uma nova vida que "está escondida com Cristo em Deus". É uma nova criatura, as coisas velhas passaram-se; nele todas as coisas se tornaram novas. E como uma criança de novo nascida, ele alegremente recebe o adolon, "leite sincero da palavra e cresce por ele", continuando no poder do Senhor seu Deus, de fé em fé, de graça em graça, até que afinal "se torne um homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo".

*Sermões: "Salvação pela fé", II, 1-7 (S, I, 41-45).*

\*\*\*

## 2 - Salvação pela graça

Todas as bênçãos que Deus tem concedido ao homem são simplesmente por sua graça, generosidade ou favor. Seu favor gratuito e que não merecemos, não tendo o homem nenhum direito à menor das suas misericórdias. Foi a graça gratuita que "formou o homem do pó da terra, soprou nele uma alma vivente", estampou na sua alma a imagem de Deus, e "colocou todas as suas sob seus pés". A mesma graça gratuita continua a dar-nos, no presente, vida, respiração e todas as coisas. Pois nada existe em nós, ou temos, ou

fazemos que possa fazer-nos merecedores da menor coisa das mãos de Deus. "Todas as nossas obras, tu, ó Deus tens feito em nós". Esses são, portanto, muitos outros exemplos de misericórdia gratuita; e seja qual for o grau de justiça que possa ser encontrado no homem ainda *é*, também, dom de Deus.

Por que meios então expiará um pecador mesmo os seus menores pecados? Por suas próprias obras? Não. Fossem elas tantas e tão santas, não são suas, mas de Deus. Mas elas todas, na verdade, são impuras e pecadoras em si mesmas, de modo que todas elas necessitam de expiação. Uma árvore corrupta produz apenas frutos corruptos. E o coração do homem *é* corrupto e abominável, "destituído da glória de Deus" e da gloriosa justiça impressa a princípio em sua alma segundo a imagem do seu grande Criador. A sua boca se cala totalmente perante Deus, pois que nada tem para apresentar, nem justiça nem obras.

Se então os pecadores encontram favor de Deus *é* "por graça sobre graça!" Se Deus ainda condescende em derramar bênçãos sobre nós, sendo a salvação a maior delas, que podemos dizer a respeito dessas coisas senão: "Graças a Deus por seu dom indizível!" Assim *é*. Deste modo "Deus ordena seu amor para conosco em que sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu" para salvar-nos. "Sois salvos pela graça através da fé." A graça *é* a fonte e a fé a condição da salvação.

*Sermões: "Salvação pela fé", introdução, 1-3 (S, I, 37-38).*

\*\*\*

Se perguntardes: "Como são os homens capazes de cumprir o seu dever?" eu respondo: pela graça, embora não por natureza. Todos os homens recebem um certo grau da mesma.

*Obras: "A doutrina do pecado original" (IX, 273).*

Sabeis como Deus trabalhou em vossa própria alma quando vos capacitou a dizerdes: "A vida que agora vivo, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e deu-se a si mesmo por mim". Ele não vos tirou o entendimento, mas iluminou e fortaleceu-o. Não destruiu qualquer das vossas afeições, antes são elas mais vigorosas do que antes. Muito menos tirou a vossa liberdade, o vosso poder de escolher o bem ou o mal; não vos forçou, mas sendo assistidos pela sua graça, como Maria, escolhesteis a melhor parte. Do mesmo modo Ele ajudou a cinco numa casa a fazerem aquela feliz escolha, a 50 ou 500 numa cidade e milhares numa nação, sem privar a qualquer deles da liberdade que é essencial a um agente moral.

Não nego que há casos em que o poder dominador da graça salvadora age, durante a algum tempo, tão irresistivelmente quanto ao raio que cai do céu. Mas falo da maneira geral de Deus agir e conheço inumeráveis exemplos, talvez mais nos últimos 50 anos passados do que nunca na Inglaterra ou na Europa. Mesmo com referência a estes casos, embora Deus opere irresistivelmente no momento, não creio que haja qualquer alma humana em que Deus tenha sempre operado irresistivelmente. Estou inteiramente persuadido de que não há. Estou certo de que não há homens vivos que não tenham "resistido ao Espírito Santo" muitas vezes e tornado sem efeito "o conselho de Deus contra eles". Estou persuadido de que todos os filhos de Deus tiveram, alguma vez "a vida e a morte postas perante eles", a vida eterna e a morte eterna, e que ouviram em si mesmos a voz de reprovação. É verdadeiro o brocardo muito conhecido de S. Agostinho (um dos mais nobres que ele produziu): "Qui fecit nos sine nobis, non salvabit nos sine nobis", aquele que nos fez sem nós não nos salvará sem nós. Assim do mesmo modo que Deus converteu tantos a si sem destruir-lhes a liberdade, sem dúvida, pode converter nações inteiras ou todo o mundo, e é tão fácil para Ele converter um mundo quanto uma só alma.

*Sermões: "A propagação geral do evangelho", 11-12 (I, VI, 280-281).*

Não há obras em excesso; nunca podemos fazer mais do que é nosso dever; tudo que temos não é nosso, mas de Deus, e tudo que podemos fazer é devido a Ele. Não recebemos dele isto ou aquilo, nem muitas coisas mas tudo; portanto, tudo lhe é devido. Ele que tudo nos dá deve ter direito a tudo, de modo que se lhe pagarmos um pouco menos não poderemos ser mordomos fiéis.

*Sermões: "O bom mordomo", IV, 3 (S, II, 479).*

\*\*\*

A graça de Deus da qual nos vem a salvação é gratuita em tudo e para todos.

É gratuita em todos a quem é concedida. Não depende de nenhum poder ou mérito no homem, em nenhum grau, nem no todo, *nem* em parte. Do mesmo modo ela não depende das boas obras ou da retidão daquele que recebe, de coisa alguma que tenha feito ou que seja. Não depende dos seus esforços, dos seus bons sentimentos, bons desejos, bons propósitos ou intenções, pois todos estes fluem da graça gratuita de Deus; são apenas a corrente, não a fonte. São os frutos da graça gratuita e não a raiz. Não são a causa, mas os efeitos da mesma. Seja o que for de bom que haja no homem ou que seja feito por ele, é Deus o autor e quem o faz. Assim é a sua graça gratuita em tudo, isto é, não depende de nenhum poder ou mérito no homem, mas somente de Deus que nos deu gratuitamente o seu próprio filho, e "com Ele deus nos gratuitamente todas as coisas".

*Sermões: "Graça gratuita", 2-3 (J", VII, 373-74).*

\*\*\*

### 3 - Graça Salvadora



agrado, opera em nós tanto o querer como o fazer". Esta posição das palavras ligando a frase pelo seu próprio agrado à palavra opera remove toda a imaginação de mérito no homem e dá a Deus a toda a glória da sua obra. Do contrário, poderíamos ter tido motivos de nos vangloriarmos de quem foram nosso mérito, alguma bondade nossa, ou alguma coisa boa feita por nós que levou Deus a agir. Mas esta expressão impede todos os conceitos vãos e mostra claramente que o motivo da ação está totalmente nele, na sua graça e na sua misericórdia que não merecemos.

É somente por estas que Ele é impelido a operar no homem tanto o querer como o efetuar. A expressão comporta duas interpretações, sendo ambas inquestionavelmente verdadeiras. Primeira: o querer pode incluir todo o mundo interior, o fazer toda a religião externa. E se for assim entendido, implica-se que é Deus que opera tanto a santidade interior como a exterior. Segunda: o querer pode compreender todo o bom desejo; o fazer, todos os resultados daquele. E então a sentença significa: Deus coloca em nós todo bom desejo e leva a bom termo todo bom desejo.

Nada pode afastar mais diretamente o orgulho do homem do que uma profunda e duradoura convicção desta verdade. Se tivermos inteira compreensão de que nada possuímos que não tenhamos recebido, como nos poderemos gloriar como se não tivéssemos recebido? Se soubermos e sentirmos que todos os movimentos para o bem vêm de cima, bem como o poder que os conduz até o fim, se é Deus que não só infunde todo bom desejo, mas que o acompanha, pois do contrário desapareceria, então segue-se evidentemente que "todo aquele que se gloria deve gloriar-se no Senhor"...

Primeiro. Deus opera em vós; Ele, portanto, pode operar. Do contrário seria impossível. Se Ele não operasse, seria impossível para vós o efetuades a vossa própria salvação. "Para o homem, disse o Senhor, é impossível um rico entrar no reino do céu". Sim, é impossível a qualquer homem, a qualquer nascido de mulher, a menos que Deus opere nele. Visto que todos os homens são, por natureza, não somente doentes, mas "mortos em transgressões e pecados", não lhes é possível fazer qualquer coisa boa enquanto Deus não os levantar dos mortos. Foi im-

possível para Lázaro sair da sepultura, enquanto o Senhor não lhe deu vida. E é, do mesmo modo, impossível a nós sairmos dos nossos pecados ou realizarmos qualquer movimento nesse sentido, até que aquele que tem todo poder no céu e na terra chame nossas almas mortas para a vida.

Entretanto não é isto desculpa para os que continuam no pecado e culpam o seu Criador dizendo: "Só Deus pode avivarnos, pois não podemos dar vida às nossas próprias almas". Admitindo-se que todas as almas dos homens estão, por natureza, mortas em pecados, isto não é desculpa para ninguém, visto que não há homem que esteja num mero estado de natureza, totalmente destituído da graça de Deus, a menos que tenha extinguido o espírito. Nenhum homem vivo está inteiramente destituído daquilo que é vulgarmente chamado consciência natural, embora esta não seja natural, e sim mais propriamente chamada graça salvadora. Todo homem a possui em grau maior ou menor, a qual não espera pelo chamado do homem. Todos têm, mais cedo ou mais tarde, bons desejos embora a maioria deles os afluente antes que lancem raízes profundas ou produzam qualquer fruto considerável. Todos os homens têm um certo grau da luz que mais cedo ou mais tarde, mais ou menos, ilumina a todos que vêm ao mundo. E os homens, ao menos que pertençam ao pequeno grupo de consciência endurecida, sentem-se mais ou menos mal quando agem contra a luz da sua consciência. De maneira que nenhum homem peca porque não possui a graça, mas porque não faz uso da graça que possui.

Vós sois agora, portanto, capazes de operar a vossa salvação à medida que Deus agir em vós. Visto que Ele efetua em vós, por seu próprio agrado, tanto o querer como o fazer, sem que haja mérito em vós, é possível cumprirdes toda a justiça. É possível "amardes a Deus porque ele nos amou primeiro", e "andar em amor" segundo o exemplo do nosso grande Mestre. Sabemos, realmente, que a sua palavra "sem mim nada podeis fazer" é absolutamente verdade. Mas sabemos de outro lado que todo crente pode dizer: "Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece".

Apóstolo; do contrário Ele deixa de agir. A regra geral pela qual as suas dispensações procedem invariavelmente é: "Àquele que tem será dado, mas será tirado daquele que não tem", (isso não desenvolve a graça que já foi dada), "será tirado o que ele certamente tem". Assim devem ser as palavras. Mesmo Santo Agostinho que, geralmente, é considerado a favor da doutrina contrária, faz aquela feliz observação: "O que nos fez sem nós, não nos salvará sem nós". Ele não nos salvará a menos que "nos salvemos desta geração má", a menos que "combatamos o bom combate da fé e nos apoderemos da vida eterna"; a menos que "sofram os o entrar pela porta estreita"; que "nos neguemos a nós mesmos e tomemos a nossa cruz diariamente", e nos esforcemos por todos os meios possíveis por "tornarmos certos o nosso chamado e a nossa eleição".

*Sermão: "Sobre a realização da nossa própria salvação", I, 1 aqui e ali (J, VI, 508-9, 511-13).*

Não têm os cristãos em comum com os outros homens... um princípio imaterial, uma natureza espiritual dotada de entendimento, e afeições e um certo grau de liberdade, um poder de movimento e governo próprios? Do contrário seríamos meras máquinas, blocos e pedras. E tudo que vulgarmente se chama consciência natural com a implicação de um certo discernimento da diferença entre o bem moral e o mal, com aprovação de um e desaprovação de outro, por um ajudador interno que desculpa ou acusa? Esta é certamente encontrada, pelo menos em grau diminuto, em todos os filhos dos homens, quer seja natural ou dada pela graça de Deus. Acha-se um pouco da mesma no coração de todo homem, discernindo o bem do mal, não somente dos cristãos, mas de todos os maometanos, todos os pagãos e até mesmo do mais vil dos selvagens.

*Sermões: "O tesouro celeste em vasos terrestres", I, 1, (J, VII, 345).*

A consciência... é a faculdade pela qual somos cômicos dos nossos pensamentos, palavras e ações, e do seu mérito ou demérito, de serem eles bons ou maus, e, conseqüentemente, mercedores de elogio e de censura. Um certo prazer segue geralmente o primeiro estado, e desconforto segue o segundo. Mas isto varia grandemente de acordo com a educação e milhares de outras circunstâncias.

Pode-se negar que exista um pouco disto em todos os homens nascidos no inundo? Não aparece ela logo que se abre o entendimento, logo que se desabrocha a razão? Não começam todos então a saber que existe uma diferença entre o bem e o mal, seja qual for a imperfeição das várias circunstâncias deste senso do bem e do mal? Não sabem todos os homens, por exemplo, a menos que tenham sido cegados pelos preconceitos da educação, que é bom honrarem a seus pais? Não admitem todos os homens, mesmo os deseducados ou bárbaros, que é justo fazermos aos outros o que queremos que nos façam? Não são todos os que sabem disso, condenados pela sua própria mente quando fazem algo em contrário? De outro lado, não sentem a aprovação da sua consciência quando agem convenientemente?

Parece ser esta faculdade a que se referem usualmente aqueles que falam de consciência natural, expressão encontrada amiúde em alguns dos nossos melhores autores, contudo não estritamente certa, pois, embora num sentido possa ser chamado natural por achar-se em todos os homens, não é, todavia, natural, propriamente falando-se, mas um dom sobrenatural de Deus acima de todos os seus dotes naturais. Não, não é a natureza, mas o Filho de Deus que é "a verdadeira luz que alumia a todo homem que vem ao mundo", de modo que podemos dizer a toda criatura humana: "Ele, não a natureza, te há mostrado, ó homem, o que é bom". É o seu Espírito que te dá um exame interno que te faz sentir-te incomodado, quando andas de maneira contrária à luz que te foi dada.

*Sermões: "Sobre a consciência", I, 3-5 (I, VII. 187-88)*

## 4 - Arrependimento

Um homem mau, estúpido, sem sentimentos continua no seu caminho quando Deus lhe vem despercebido, talvez por um sermão avivador ou uma conversa, talvez por uma providência terrível ou por um toque imediato de seu Espírito convincente, sem nenhum meio exterior. Possuindo agora o desejo de fugir da ira vindoura, ele propositadamente vai ouvir como fazê-lo. Se ele encontra um pregador que lhe fale ao coração, fica estupefacto e começa a pesquisar as Escrituras para ver se essas coisas são assim. Quanto mais ouve e lê, mais convencido fica e mais medita dia e noite. Talvez encontre um outro livro que lhe explique e lhe reforce o que ouviu e leu nas Escrituras. E por todos estes meios a flecha da convicção penetra mais profundo na sua alma. Ele, também, começa a falar das coisas de Deus as quais sempre ocupam o primeiro lugar nos seus pensamentos; sim, a falar com Deus; a orar a Ele, embora saiba escassamente o que dizer, através de temor e de vergonha. Mas possa ele falar ou não, pode orar mesmo que seja "por gemidos que não possam ser expressos". Estando em dúvida se o "Altíssimo que habita a eternidade" atenderá um pecador como ele, quer orar com aqueles que conhecem a Deus, com os fiéis na grande congregação. Mas aqui ele observa os outros que vão à mesa do Senhor. Ele considera: "Cristo disse: fazei isto! Como não faço eu? Eu sou um enorme pecador. Não estou preparado. Não sou digno". Depois de lutar com estes escrúpulos por algum tempo, ele vence, e assim continua no caminho de Deus, ouvindo, lendo, meditando, orando e participando da Ceia do Senhor até que Deus, da maneira que for do seu agrado, lhe fala ao coração: "A tua fé te salvou. Vai em paz".

*Sermões: "Os meios de graça", V, 1 (S, 1, 257-58).*

\* \* \*

Há duas espécies de arrependimento: o arrependimento chamado legal e o evangélico. O primeiro é uma completa convicção de pecado e é o mesmo de que falamos aqui. O último é mudança

do coração e, conseqüentemente, de vida, de todo pecado para toda santidade.

*Notas: "Mateus 3:8".*

\*\*\*

O homem natural não somente vê, mas sente em si mesmo, por uma emoção da alma, que não pode descrever que, por causa dos pecados do seu coração, a sua vida não é imaculada nem pode ser vista, pois a "árvore má não pode dar bom fruto", e que merece ser lançado no fogo que nunca se apaga. Sente que "o salário, a justa recompensa do pecado, do seu pecado acima de tudo, é a morte", a segunda morte, a morte que não morre, a destruição do corpo e da alma no inferno.

Aqui termina o seu sonho agradável, o seu descanso enganador, a sua falsa paz, a sua segurança vã. A sua alegria desvanece-se como uma nuvem; os prazeres uma vez amados, não mais agradam. Tornaram-se insípidos, a sua doçura tornou-se enjoativa; ele se aborrece em suportá-los. As sombras de felicidade fogem e caem no esquecimento de modo que ele fica privado de todos e vagueia de um lado para outro, procurando descanso, mas sem encontrá-lo.

Desvanecendo-se agora o fumo daqueles ópios, sente ele a dor de um espírito ferido. Descobre que o pecado na alma (seja o orgulho, a ira, os maus desejos, a obstinação, a malícia, a inveja, a vingança ou qualquer outro) é perfeita miséria. Sente tristeza de coração pelas bênçãos que perdeu e a maldição que cai sobre ele; remorso por ter assim destruído a si mesmo e desprezado as suas próprias misericórdias; temor, por um senso vivo da ira de Deus e das suas conseqüências, do castigo que ele justamente merece e que vê pendendo-se sobre a sua cabeça; medo da morte que é para ele os portões do inferno, a entrada da morte eterna; medo do diabo - o executor da ira e da vingança de Deus; medo dos homens que, se fossem capazes de matar o seu corpo, lançá-lo-iam e à sua alma no inferno; medo que às vezes cresce tanto que a pobre alma pecadora, culpada, fica terrificada por tudo, por nada, pelas sombras, por uma folha movida pelo vento. Sim, às vezes pode chegar às raias

da distração, fazendo um homem "bêbado não de vinho", suspendendo o exercício da memória, do entendimento, de todas as faculdades naturais. Às vezes pode chegar à margem do desespero, de modo que aquele que treine diante da palavra morte pode estar pronto a mergulhar-se nela a todo momento, "preferindo o estrangulamento à vida". Bem pode tal homem gritar como aquele do passado pela inquietude do seu coração. Poderá clamar: "O espírito do homem pode resistir às suas fraquezas; mas um espírito ferido, quem o pode suportar?"

Agora procura livrar-se do pecado e começa a lutar contra ele. Mas embora o faça com todas as suas forças, não pode vencê-lo; o pecado é mais forte do que ele. Ele escaparia com prazer mas está tão preso que não pode livrar-se. Toma resolução contra o pecado, contudo continua pecando. Vê a armadilha, odeia e corre para ela. A sua razão orgulhosa muito faz para aumentar a sua culpa e a sua miséria! Tal é liberdade da sua vontade, livre apenas para o mal, para "beber a iniquidade como água", para afastar-se mais e mais de Deus e fazer mais "apesar do espírito de graça".

Quanto mais se esforça, deseja e luta por ser livre mais ele sente as suas cadeias, as tristes cadeias do pecado, pelas quais Satanás o ata e o "tem cativo sob sua vontade"; é seu servo embora deseje muito o contrário; embora se rebelde, não pode prevalecer. Ainda está preso e teme em virtude do pecado, geralmente de algum pecado exterior ao qual *ele* particularmente se dispõe, quer por natureza ou costume, quer por circunstâncias externas, mas sempre de algum pecado interior, algum sentimento mau ou afeição impura. E quanto mais luta contra, mais o pecado prevalece; pode morder, mas não pode quebrar a corrente. Assim trabalha pesadamente sem fim, arrependendo-se e pecando continuamente até que afinal o pobre pecador, desgraçado sem auxílio está no fim da sua razão e pode gemer sem resultado: "Ó desgraçado homem sou eu! Quem me livrará do corpo desta morte?"

*Sermões: "O espírito de escravidão e de adoção", II, 4-8 (S,I, 187-89).*

O método comum do Espírito de Deus é convencer os pecadores pela lei. É este que, uma vez alojando-se na consciência, torna as rochas em pedaços. É especialmente esta parte da palavra de Deus que é dzôn Kai energês, vivo e poderoso, cheio de vida e energia, "e mais aguda do que uma espada de dois gumes". Está, nas mãos de Deus e daqueles a quem ele enviou, penetra o íntimo do coração cheio de engano e "separa a alma e o espírito", sim, as "juntas e a medula". Por esta o pecador descobre-se a si mesmo. Todas as suas folhas de figueira são destroçadas e ele vê que é "infeliz, pobre, miserável, cego e nu". A lei faz a condenação brilhar por todos os lados. Ele sente-se um mero pecador. Nada tem para pagar. Sua "boca está calada", e ele é "culpado perante Deus".

*Sermões: "A origem, natureza, propriedade e uso da Lei", IV, 1 (S, II, 52).*

De tarde ouvi um sermão no qual foi afirmado que o nosso arrependimento não era sincero, mas falho e hipócrita: 1) se cairmos em pecado logo após o arrependimento; 2) especialmente se não evitarmos todas as ocasiões para o pecado; 3) se cairmos freqüentemente; 4) e sobretudo se o nosso coração se endurecer. Oh! quão hipócrita seria eu durante quase 20 anos se isto fosse assim! Mas sei que não é. Sei que todos os que estão sob a lei são como eu. Todos, quando começam a ver o seu estado de decadência e a sentir a ira de Deus sobre si, voltam ao pecado que mais facilmente os rodeia logo depois de se arrepender. Às vezes evitam-no e muitas vezes não podem persuadir-se a evitar as ocasiões para o mesmo. Assim a sua volta é freqüente e os seus corações se endurecem mais e mais. No entanto, durante todo este tempo estão lutando sinceramente contra o pecado. Podem dizer sem hipocrisia. "O que eu faço não aprovo, o mal que não quero, esse o faço". "O querer está presente para eles", mas "como fazer o que é bom eles não descobrem". Nem podem eles com toda a sua sinceridade evitar qualquer dessas quatro marcas da hipocrisia até que, "sendo justificados pela fé", tenham "paz com Deus por Jesus Cristo nosso Senhor".

*Diário: "Sexta-feira, 31 de agosto de 1739", (II, 266).*



Preguei novamente em Plaistow sobre "Bem-aventurados os que choram". Foi do agrado de Deus dar-nos naquela hora dos exemplos vivos daquele senso penetrante da culpa e do poder do pecado, do medo da ira de Deus e da inteira convicção da inabilidade do homem para remover o poder ou expiar a culpa do pecado (chamado pelo mundo de desespero), em que consiste propriamente aquela pobreza de espírito e choro que são os portões das bênçãos cristãs.

*Diário: "Segunda-feira, 17 de setembro de 1739" (II, 278-79).*

Precisamos arrepender-nos antes de podermos crer no evangelho. Precisamos deixar de dependermos de nós mesmos, antes de podermos depender realmente de Cristo. Precisamos abandonar toda a confiança em nossa própria justiça, do contrário não poderemos ter inteira confiança na sua. Enquanto não nos livrarmos da confiança nas coisas que fazemos, não poderemos confiar totalmente nas que Ele fez e sofreu. Primeiramente recebemos a sentença de morte em nós mesmos, então confiamos nele que viveu e morreu por nós".

*Sermões: "O Senhor a nossa justiça", II, 11 (5,11,433).*

== == ==

Deus, sem dúvida, ordena que nos arrependamos e demos frutos dignos do nosso arrependimento; se nós o negligenciarmos voluntariamente, não poderemos esperar que sejamos justificados. O arrependimento e os seus frutos são, portanto, de certo modo, necessários à justificação. Mas não no mesmo sentido que a fé, nem no mesmo grau, pois aqueles frutos são necessários condicionalmente, se houver tempo e oportunidade para eles. Um homem pode ser justificado sem esses frutos, como foi o ladrão na cruz (se podemos chamá-lo assim, pois um escritor mais tarde descobriu que *ele*

não era ladrão, e sim uma pessoa muito honesta e respeitável), mas não se pode ser justificado sem fé; isto é impossível. Pode o homem arrepender-se profundamente e produzir muitos frutos do seu arrependimento, contudo isso não lhe traz proveito, pois, não será justificado, enquanto não crer. Mas o momento em que ele crê, com ou sem aqueles frutos com mais ou menos arrependimentos, é justificado. Não no mesmo sentido, pois o arrependimento e os seus frutos são apenas remotamente necessários, à fé, enquanto que a fé é imediata e diretamente necessária à justificação. Permanece, pois, a fé como única condição imediata e aproximadamente necessária à justificação.

*Sermões: "O modo escriturístico da salvação", III, 2 (S, II, 451-52).*

## 5 - Fé

A fé é definida, de modo geral pelo Apóstolo como pragmatôn elegxos ou blepomenôn - uma evidência, divina e convicção (a palavra tem ambos os sentidos) das coisas não vistas. Não é visível nem perceptível, quer pela vista quer por qualquer um dos outros sentidos externos. Ela implica uma evidência sobrenatural de Deus e das suas coisas, uma espécie de luz divina exposta à alma, uma visão sobrenatural ou percepção da mesma. Por isso a Escritura fala de Deus concedendo às vezes luz, às vezes poder para discerni-la. Assim S. Paulo: "Deus, que ordenou que a luz brilhasse nas trevas, brilhou em nosso coração para dar-nos a luz do conhecimento da glória de Deus no rosto de Jesus Cristo". Em outra parte o mesmo apóstolo fala dos "olhos do nosso entendimento sendo abertos". Por esta dupla operação do Espírito Santo, tendo os olhos, da nossa alma abertos e iluminados, vemos as coisas que o "olho natural não viu nem o ouvido ouviu". Temos um prospecto das coisas invisíveis de Deus; vemos o mundo espiritual que está ao nosso redor embora não discernido pelas nossas faculdades naturais como se não fosse

ser. Vemos o mundo eterno penetrando o véu que se levanta entre o tempo e a eternidade. As nuvens e as trevas não mais pairam sobre ele, mas j vemos a glória que será revelada.

Tomando-se a palavra num sentido mais particular, a fé é uma evidência e convicção divinas não só que "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo", mas também que Cristo me amou e deu-se a si mesmo por mim. E por esta fé (quer a chamemos a essência ou melhor uma propriedade dela) que recebemos Cristo, que nós o recebemos em todas as suas posições - como nosso Profeta, Sacerdote e Rei. É por esta que "Ele foi feito sabedoria de Deus para nós, justiça, santificação e redenção".

"Mas é esta a fé que envolve certeza ou a que implica adesão"? A Escritura não menciona tal distinção. O Apóstolo diz: "Há uma fé e uma esperança da nossa vocação"; uma fé cristã e salvadora; "pois há um Senhor" em quem cremos e "um Deus e pai de todos nós". É certo que esta fé implica necessariamente certeza, que é aqui apenas uma outra palavra ao invés de evidência, sendo difícil dizer qual a diferença entre elas, que Cristo me amou e deu-se a si mesmo por mim. Pois "aquele que crê" com a fé verdadeira e viva "tem o testemunho em si mesmo" - "o espírito testemunha com o seu espírito de que ele é filho de Deus". "Porque ele é um filho, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao seu coração clamando: Abba, Pai", o qual lhe dá certeza de que é assim e uma confiança como a da criança em Deus. Mas observe-se que, na sua verdadeira natureza, a certeza vem antes da confiança, pois um homem não pode ter uma confiança em Deus como a da criança, enquanto não sabe que é filho de Deus. Portanto, a confiança, dependência, adesão, ou seja qual for o nome que se lhe dê, não é o primeiro ramo ou ato de fé, como muitos têm suposto, mas o segundo.

É por esta fé que somos salvos, justificados e santificados, tomando-se aquela palavra no seu sentido mais elevado.

*Sermões: "O modo escriturístico da salvação", II, 1-4 (S, 448-51).*

\*\*\*

não está condenado", e desde que não creia, a condenação não pode ser removida, "mas a ira de Deus paira sobre ele". Visto que "não há outro nome dado sob o céu" a não ser e de Jesus de Nazaré, nenhum outro mérito pelo qual um pecador possa ser salvo da culpa do pecado, assim não há outro meio de se obter uma parte no seu mérito senão pela fé em seu nome. De maneira que se não tivermos esta fé, seremos "estranhos à aliança da promessa", "estrangeiros na comunidade de Israel e sem Deus no mundo". Sejam quais forem as virtudes que um homem possa possuir (falo daqueles a quem o evangelho é pregado, pois por que julgar os que não o têm?), sejam quais forem as boas obras que ele pratique, de nada lhe adiantará; ele ainda é um filho da ira, ainda sob a maldição, até que creia em Jesus.

A fé, portanto, é a condição necessária da justificação, sim, e a única condição necessária. Este é o segundo ponto a ser observado cuidadosamente: no momento exato em que Deus concede a fé (pois ela é dom de Deus) ao "ímpio que não age", essa "fé lhe é imputada para justiça". Antes disto ele não possuía justiça ou inocência. Mas a "fé lhe é imputada para justiça" no momento em que ele *crê*. Não que Deus, como foi observado anteriormente, pense que ele seja o que realmente o que não é, mas "como Ele fez de Cristo pecado por nós", isto é, tratou-o como pecador, punindo-o por nossos pecados, assim Ele nos tem como justos desde a hora em que cremos nele, isto é, não nos pune por causa dos nossos pecados; sim, trata-nos como se fôssemos sem culpa e justos.

Certamente a dificuldade de assentimento a esta proposição - a fé é a única condição da justificação, deve surgir do não entendê-la. Queremos dizer por isto que é a única coisa sem a qual ninguém é justificado; a única coisa imediata, indispensável, absolutamente exigida para que haja perdão. De um lado, embora o homem tenha tudo mais, se não tiver fé, não pode ser justificado; de outro lado, embora ele queira tudo, mas, se não tiver fé, não pode ser justificado. Suponhamos que um pecador de qualquer espécie ou grau, no sentido total da sua impiedade, da sua completa inabilidade para pensar, falar ou praticar o bem, estando absolutamente preparado para o fogo do inferno, sim, suponhamos que este pecador desamparado e sem esperança se lance totalmente à misericórdia de Deus em Cristo (o que ele não pode fazer senão pela graça de Deus),

quem pode duvidar de que ele seja perdoado naquele momento? Quem pode afirmar que qualquer outra coisa a mais seja absolutamente exigida para que esse pecador seja justificado?

Agora, se há houve desde o começo do mundo um tal exemplo ( e não tem havido, não há aos milhares?), segue-se simplesmente que a fé é, no sentido acima exposto, a única condição da justificação.

*Sermões: "Justificação pela fé", IV, 4-6 (S,I, 126-27).*

\*\*\*

"Mas qual é a fé pela qual somos santificados, salvos do pecado e aperfeiçoados em amor?" É uma divina evidência e convicção, primeiro, que Deus a prometeu nas Sagradas Escrituras...

É uma evidência divina e convicção, em segundo lugar, que Deus é capaz de cumprir...

É, em terceiro lugar, uma evidência divina e convicção que Ele é capaz e quer fazê-lo agora. E por que não? Não é um momento para Ele, o mesmo que mil anos? Ele não pode querer mais tempo para realizar o que é da sua vontade. E Ele não pode querer ou esperar mais dignidade ou preparação das pessoas a quem é do seu agrado honrar...

Precisamos acrescentar a esta confiança de que Deus é capaz e quer santificar-nos agora, mais uma coisa: a evidência divina e convicção de que Ele o faz...

Se vós o procurais pela fé, podeis esperá-lo como sois, e como o sois, esperai-o agora. É importante observar-se que há uma conexão inseparável entre três pontos: esperai-o pela fé; esperai-o como sois, e esperai-o agora. Negar um deles é negar todos; admitir um é admitir todos.

A fé não é um assentimento vazio a esta proposição: "Jesus é o Cristo", nem a todas as proposições contidas no credo ou no Velho e no Novo Testamentos. Não é um mero assentimento a uma ou a todas estas coisas críveis, como críveis. Dizer isto seria dizer (quem pode ouvir?) que os demônios nasceram de Deus, pois eles têm esta fé. Eles tremendo crêem que Jesus é o Cristo, que toda a Escritura, tendo sido dada pela inspiração de Deus, é tão verdadeira quanto Deus é. Não é apenas um assentimento à verdade divina, ao testemunho de Deus ou à evidência dos milagres, pois eles também ouviram as palavras da sua boca e conheceram que Ele era testemunha fiel e verdadeira. Não podiam deixar de receber o testemunho que deu de si mesmo e do Pai que o enviou. Viram, do mesmo modo, as poderosas obras que Ele realizou e então creram que "Ele saiu de Deus". Contudo, apesar desta fé, ainda estão "reservados em cadeias e trevas para o julgamento do grande dia".

Porque tudo isto nada mais é do que fé morta. A fé verdadeira ; viva e cristã, sendo nascidos de Deus todos que a possuem, não é apenas um assentimento, um ato do entendimento, mas uma disposição que Deus operou no seu coração, uma "confiança segura em Deus que, pelos méritos de Cristo, os seus pecados são perdoados e ele é reconciliado ao favor de Deus". Isto implica que o homem primeiramente renuncia a si mesmo; que, para ser "achado em Cristo", ser aceito através *dele*, totalmente rejeita toda a "confiança na carne"; que, "nada tendo com que pagar", não possuindo nenhum merecimento pelas suas obras nem justiça de qualquer espécie, ele chega-se para Deus como um pecador perdido, miserável, autodestruído, autocondenado, desfeito e desamparado; como alguém cuja boca está totalmente calada e que é também "culpado diante de Deus". Tal senso do pecado (comumente chamado desespero por aqueles que falam mal das coisas que não conhecem) juntamente com uma completa convicção, tal qual nenhuma palavra pode expressar, de que somente de Cristo vem a nossa salvação e um desejo sincero dessa salvação, deve preceder a fé viva, a confiança nele que "pagou por nós pela sua morte e cumpriu por nós a lei em sua vida". Esta fé, portanto, pela qual somos nascidos de Deus, "não é apenas uma crença em todos os artigos da nossa fé, mas também uma verdadeira confiança na misericórdia de Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo".

*Sermões: "As marcas tio novo nascimento", I, 2-3 (S,I,284-85).*

\* \* \*

Crer em Deus implica confiança nele como nossa força, sem o qual nada podemos fazer. É Ele quem a todo momento nos dá poder do alto, sem o qual é-nos impossível agradá-lo; como nosso auxílio, nosso único auxílio nos tempos de dificuldades que os coroa com hinos de vitória; como nosso escudo, nosso defensor e quem levanta a nossa cabeça acima de todos os nossos inimigos ao nosso redor.

Implica a confiança em Deus como nossa felicidade, como o centro dos espíritos, o único descanso de nossas almas, o único bem adequado a todas as nossas capacidades e suficiente para satisfazer todos os desejos que Ele nos deu.

Implica (o que é quase aliado ao outro) a confiança em Deus como nosso fim, termos os olhos voltados para Ele em todas as coisas, a usar todas as coisas somente como um meio de agradá-lo; estejamos onde estivermos, façamos o que fizermos, seja de modo que aquele que é invisível olhe para nós com prazer e refiramos todas as coisas a Ele em Cristo Jesus.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: IX", 4 (S,I,498).*

\*\*\*

Pergunta n° 7. Quais são os frutos imediatos da fé justificadora?

Resposta: paz, alegria, amor, poder sobre todos os pecados exteriores e poder para dominar os pecados interiores.

Pergunta n° 8 . Crê que aquele que não tem o testemunho em si ou durante mais tempo do que ele vê, ama e obedece a Deus?

Resposta: nós não entendemos; sendo Deus a verdadeira essência da fé e sendo o amor e a obediência as suas propriedades inseparáveis.

Pergunta n° 9. Que pecados estão de acordo com a fé justificadora?

Resposta. Nenhum pecado intencional. Se um crente voluntariamente peca, lança fora a sua fé. Não lhe é possível ter novamente a fé justificadora sem prévio arrependimento.

Pergunta n° 10 . Precisa todo crente chegar a um estado de dúvida, medo ou trevas? Age ele assim por ignorância ou falta de fé? Do contrário afastar-se-ia Deus dele?

Resposta: é certo que o crente não precisa voltar a ser condenado. Parece que ele não tem de entrar num estado de dúvida, medo ou trevas e que (pelo menos ordinariamente) não o fará a menos que o faça por ignorância ou falta de fé. Contudo, é verdade, que a primeira alegria raramente dura muito, que ela é comumente seguida de dúvidas e temores, e que Deus freqüentemente permite grandes lutas antes de maior manifestação de si mesmo.

Pergunta n° 11. São as obras necessárias à continuação da fé?

Resposta. Sem dúvida, pois o homem pode perder o dom gratuito de Deus quer pelos pecados de comissão quer pelos de omissão.

Pergunta n° 12. Pode alguém perder a fé apenas por falta de obras?

Resposta. Ela só pode ser perdida por desobediência.

Pergunta n° 13. Como se "aperfeiçoa a fé pelas obras"?

Resposta: quanto mais exercitamos a nossa fé, mais ela se desenvolve.

*Obras: "Minutos de conversações tardias", Segunda-feira, 25 de junho de 1744 (VIII, 276-77).*



## 6 - Justificação pela fé "perdão e aceitação"

É evidente, do que já se observou, que a justificação não é o tornar-se atualmente justo e reto. Isto é santificação, que é, realmente, até certo ponto, o fruto imediato da justificação, mas, contudo, é um dom distinto de Deus e de natureza totalmente diferente. Uma implica no que Deus faz por nós através do seu Filho, a outra no que Ele opera em nós pelo seu Espírito. De modo que, embora se encontrem alguns raros exemplos, em que o termo justificado ou justificação é usado com sentido tão amplo que incluía também a santificação, elas são, no uso geral, suficientemente distintas uma da outra tanto em S. Paulo como nos outros escritores inspirados.

Nem é também aquele rebuscado conceito de que a justificação seja o liberta-nos da acusação, particularmente da de Satanás, facilmente comprovada por qualquer texto claro dos sagrados escritos. Parece que nem o acusador nem a sua acusação são aceitos *levando-se* em conta tudo que a escritura diz sobre este assunto, como foi exposto acima. Não se pode realmente negar que Satanás é o "acusador" dos homens, assim enfaticamente chamado. Mas não parece de modo nenhum que o grande Apóstolo tenha feito mais ou menos referência a isto em tudo o que ele escreveu a respeito da justificação, quer aos Romanos quer aos Gálatas.

É também muito mais fácil tomar como provado do que provar pelo testemunho claro das Escrituras que a justificação é a libertação da acusação que a lei nos faz, pelo menos se este meio forçado, não natural de se falar signifique mais ou menos do que isto, que, desde que transgredimos a lei de Deus e por isso merecemos a condenação do inferno, Deus não impõe àqueles que são justificados o castigo que mereciam.

A justificação implica menos ainda que Deus é enganado naqueles que Ele justifica; que Ele pense que eles são o que de fato não são; que os tem na conta daquilo que não são. Ela, de modo nenhum, implica que Deus julga com referência a nós de maneira contrária à verdadeira natureza das coisas; que Ele nos atribui mais valor do que realmente temos ou nos *crê* justos quando somos injustos. Certamente não. O julgamento do Deus onisciente é sempre feito de acordo com a *verdade*. Nem pode estar de acordo com a sua

sabedoria que nunca erra o pensar que sou inocente, o julgar que sou justo ou santo porque um outro é assim. Ele não pode, deste modo, confundir-me mais com Cristo do que Davi ou com Abraão. Que todo homem a quem Deus deu entendimento pese isto sem preconceito, e perceberá que tal noção de justificação não condiz nem com a razão nem com as Escrituras.

A noção escriturística pura de justificação é perdão de pecados. É o ato de Deus - o Pai, pelo qual, pela propiciação feita pelo sangue de seu Filho, "Ele mostra a sua justiça ( ou misericórdia) pela remissão dos pecados que são passados". Esta é a descrição fácil e natural feita por S. Paulo através de toda a epístola. Assim ele mesmo a explica, mais particularmente neste e no capítulo seguinte. Assim nos versículos seguintes: "Bem-aventurados são aqueles cujas iniquidades são perdoadas e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa pecado". Aquele que é justificado ou perdoado, Deus "não imputa pecado" para sua condenação. Ele não o condenará por isso quer neste mundo quer no vindouro. Todos os seus pecados passados, por pensamentos, palavras ou obras, são cobertos, são apagados, não serão mencionados ou lembrados contra ele, são como se não tivessem existido. Deus não aflige àquele pecador o que ele merecia sofrer porque o Filho do seu amor sofreu por ele. E desde a hora em que "somos aceitos através do bem-amado, reconciliados com Deus através do seu sangue, Ele nos ama, abençoa e guarda para o bem como se nunca tivéssemos pecado.

O Apóstolo, na verdade, numa passagem parece estender muito mais o sentido da palavra, onde diz: "Não os ouvintes da lei, mas os cumpridores da lei serão justificados". Ele parece referir-se à sentença do grande dia quanto a nossa justificação. O Senhor mesmo assim o faz inquestionavelmente quando diz: "Por tuas palavras serás justificado" provando por isso que os "homens darão conta no dia do julgamento de toda palavra ociosa que disserem", mas dificilmente, talvez, possamos produzir outro exemplo do uso da palavra feito por S. Paulo naquele distante sentido. No teor geral dos seus escritos, ele não o faz evidentemente, e muito menos no texto que está diante de nós que fala inequivocamente não daqueles que já "terminaram a sua carreira", mas daque-

les que estão agora apenas iniciando "a trajetória que lhes foi posta à frente".

Este é o terceiro ponto que tinha de ser considerado, especialmente "quem são os justificados"? E o Apóstolo nos diz expressamente: os ímpios: "Ele", isto é, Deus, "justifica o ímpio"; o ímpio de qualquer espécie e grau, e nenhum outro senão o ímpio. Visto que "os que são justos não necessitam de arrependimento", não precisam de perdão. Somente os pecadores têm ocasião de perdão; somente o pecado admite perdão. O perdão tem, portanto, uma referência imediata ao pecado, e, neste respeito, a nada mais. É para com a nossa falta de justiça que o Deus perdoador é misericordioso; é da nossa iniquidade que Ele "não mais se lembra".

Não parece que isto seja totalmente considerado por aqueles que tão veementemente querem que o homem seja santificado, seja, santo, antes de que possa ser justificado, especialmente por aqueles que afirmam que a santidade universal ou a obediência precisa preceder à justificação, a menos que se refiram à justificação do último dia, a qual está totalmente fora da presente questão. Está tão distante que a simples suposição não só é absolutamente impossível, pois onde não há o amor de Deus não há santidade, e não há o amor de Deus senão um senso do seu amor para conosco, mas também grosseiramente, intrinsecamente absurda, contrária a si mesma. Pois não é um santo, mas um pecador que é perdoado, e sob a noção de um pecador. Deus justifica não o justo, mas o ímpio; não aqueles que já são santos, mas os que não o são. A condição sob a qual Ele faz isto será rapidamente considerada, mas seja qual for não pode ser santidade. Afirmar isto é dizer que o Cordeiro de Deus tira apenas os pecados que antes foram tirados.

*Sermões: "Justificação pela fé", II, 1-III, 2 (5, I, 119-122).*

\*\*\*

Creio que 3 coisas devem caminhar juntas na nossa justificação: da parte de Deus, a sua grande misericórdia e graça; da parte de Cristo, a satisfação da justiça de Deus, pela oferta do seu corpo e o derramamento do seu sangue; e da nossa parte, fé viva e verdadei-

ra nos méritos de Jesus Cristo. De maneira que não há na nossa justificação apenas a misericórdia e a graça de Deus, mas também a sua justiça. Assim a graça de Deus não oculta a sua justiça na nossa justificação, mas apenas oculta a justiça do homem, isto é a justiça das nossas obras.

S. Paulo, por isso, nada requer da parte do homem, senão fé viva e verdadeira. Contudo esta fé não dispensa o nosso arrependimento, esperança e amor os quais se unem com a fé em todos os homens que são justificados. Mas ela os exclui da sua missão justificadora. De maneira que, embora estejam todos presentes naquele que é justificado, eles não justificam.

Nem exclui a fé as boas obras que devem ser necessariamente praticadas depois. Mas não podemos praticá-las com a intenção de sermos justificados por elas. A nossa justificação vem gratuitamente da simples misericórdia de Deus, pois, enquanto que todo o mundo não é capaz de pagar qualquer parte da sua redenção, foi do seu agrado, sem que tivéssemos nenhum merecimento, preparar-nos o corpo e o sangue de Cristo pelos quais o nosso rasgaste pudesse ser pago e a sua justiça ser satisfeita. Cristo é, portanto, agora, a justiça de todos aqueles que verdadeiramente crêem nele.

Observe-se, porém, que o verdadeiro sentido da expressão "somos justificados somente pela fé em Cristo", não que este ato nosso de "crer em Cristo" ou a fé que está dentro de nós nos justifique, pois isto seria atribuir a justificação a algum ato ou virtude existentes em nós, pois embora tenhamos fé, esperança e amor e pratiquemos muitas boas obras, ainda assim, precisamos renunciar o mérito de todos: da fé, da esperança e do amor e todas as virtudes e boas obras que tenhamos feito, faremos ou possamos praticar como demasiadamente fracos para merecer a nossa justificação. Temos portanto de confiar somente na misericórdia de Deus e nos méritos de Cristo para conseguí-la. Pois Ele foi o único a tirar nossos pecados. Temos de ir somente a Ele para isto, esquecendo as nossas virtudes, boas obras, pensamentos, palavras e confiando somente em Cristo.

Portanto, estritamente, nem a nossa fé nem as nossas obras nos justificam, isto é, merecem a remissão dos nossos pecados. Mas Deus somente, através da sua misericórdia e pelos méritos de seu filho nos justifica. No entanto, a Escritura diz que a fé nos justifica, porque pela fé sem obras abraçamos a promessa da misericórdia de

Deus e da remissão dos nossos pecados. Assim pode-se dizer que "a fé sem obras" e "somente a fé nos justifica". Por isso os antigos pais às vezes diziam: "Somente a fé nos justifica". E porque recebemos a fé somente pelos méritos de Cristo e não através dos méritos e virtudes que tenhamos ou das obras que praticamos, nesse sentido renunciamos de novo à fé, às obras e a todas as outras virtudes. Pois a nossa corrupção pelo pecado original é tão grande que toda a nossa fé, caridade e obras não podem merecer qualquer parte da justificação que nos é concedida. Portanto, assim falamos, humilhando-nos perante Deus, e dando a Cristo toda a glória da nossa justificação.

\*\*\* *Obras: "Os princípios de um metodista", 3-7 (VIII, 361-363).*

Tal tem sido o meu julgamento durante esses 60 anos, sem nenhuma alteração material. Somente há cerca de 50 anos atrás tive uma visão mais clara do que antes da justificação pela fé, e desde aquela hora nunca mudei a respeito dela nem a espessura de um fio de cabelo. Contudo um homem ingênuo me acusou publicamente de mil mudanças. Peço a Deus que não lhe impute a culpa disto! Estou agora às portas da sepultura, mas, pela graça de Deus, ainda testemunho a mesma confissão. Alguns têm, na verdade, suposto que, quando comecei a declarar: "Pela graça sois salvos através da fé", retratei-me daquilo que antes mantinha: "Sem santidade nenhum homem verá o Senhor". Mas é um erro completo; estas passagens estão de acordo uma com a outra, sendo o sentido da primeira simplesmente isto: "Pela fé somos salvos do pecado e feitos santos". A suposição de que a fé sobrepuja a santidade é a medula do antinomismo.(1)

*Sermões: "Sobre as vestimentas de núpcias", 18 (J, VII, 316-17).*

\*\*\*

---

(1) *Nota do tradutor: Antinomismo foi a escola teológica que negava o valor da lei moral da dispensação do evangelho, visto que a salvação é pela [e].*

O ser justificado pela graça e o ser pelas obras estão de tal maneira em descordo entre si que, se aceitardes uma, necessariamente excluiréis a outra. Pois o que se dá por obras é o pagamento de uma dívida, no entanto a graça implica um favor imerecido. De modo que o mesmo benefício não pode, segundo a verdadeira natureza das coisas, ser derivado de ambos.

*Notas: "Romanos 11:6".*

\*\*\*

De tarde fui informado de que muitos homens sábios (que não podem em termos negá-lo porque os nossos Artigos e homilias ainda não foram repelidos) explicam a justificação pela fé. Eles dizem: 1) A justificação tem dois aspectos - o primeiro nesta vida, e o segundo no último dia. 2) Ambos são somente pela fé, isto é, pela fé objetiva ou pelos méritos de Cristo que são o objeto da nossa fé. E dizem que isto é tudo o que S. Paulo e a Igreja querem dizer por "nós somos justificados somente pela fé". Mas acrescentaram: 3) não somos justificados pela fé subjetiva, isto é, pela fé que existe em nós. Mas também as obras precisam ser acrescentadas a esta fé como condição conjunta, tanto da primeira como da segunda justificação.

O sentido dessas palavras difíceis é simplesmente este: Deus nos aceita aqui e depois somente através daquilo que Cristo fez e sofreu por nós. Esta é a causa única da nossa justificação. Mas a sua condição não é somente a fé, mas a fé e as obras juntamente.

Em oposição total a isso, não posso senão sustentar (pelo menos até que eu seja mais esclarecido): 1) Que a justificação de que S. Paulo fala aos Romanos e está nos nossos Artigos não tem dois aspectos. É uma e nada mais. É a remissão presente dos nossos pecados ou a nossa aceitação por Deus. 2) É verdade que os méritos de Cristo são a única causa da nossa justificação, mas não é verdade que isto seja tudo de que S. Paulo e a Igreja querem dizer por sermos justificados somente pela fé, nem é verdade que tanto S. Paulo como a Igreja queiram dizer que os méritos de Cristo pela fé. 3) Mas tanto S. Paulo como a Igreja querem dizer que a condição da

nossa justificação é somente a fé e não as boas obras, ainda mais que "todas as obras feitas antes da justificação têm em si a natureza do pecado". Por último, a fé que é a única condição da justificação é a fé que existe em nós pela graça de Deus.

*Diário: "Quinta-feira, 13 de dezembro de 1739" (II, 326).*

## 7 - Novo Nascimento (regeneração)

Antes de nascer, a criança tem olhos, mas não vê, tem ouvidos, mas não ouve. Pode usar os outros sentidos de maneira muito imperfeita. Não tem conhecimento de nada do mundo nem entendimento natural. Nem mesmo damos o nome de vida àquele tipo de existência. Dizemos que um homem começa a viver somente quando nasce, pois logo que nasce, começa a ver a luz e os vários objetos com que entra em contato. Seus ouvidos são então abertos e ele ouve os sons que recebe sucessivamente. Todos os outros órgãos dos sentidos começam, ao mesmo tempo, a ser exercitados. Do mesmo modo *ele* respira e vive de maneira inteiramente diversa da anterior. Como é verdadeiro o paralelo em todos esses exemplos! Enquanto o homem está num estado meramente natural, antes de nascer de Deus, tem, no sentido espiritual, olhos mas não vê, e um véu espesso e impenetrável paira sobre eles; tem ouvidos mas, não ouve, é totalmente surdo ao que ele mais devia ouvir. Todos os outros sentidos estão fechados; está na mesma condição que estaria se não os tivesse. Daí o não ter ele nenhum conhecimento de Deus, nenhuma relação com Ele; não tem amizade com Ele. Não tem conhecimento verdadeiro das coisas de Deus nem das coisas espirituais ou eternas; embora seja, portanto, um homem vivo, é um cristão morto. Mas logo que ele nasce de Deus, há uma mudança total em todos estes aspectos. "Os olhos do seu entendimento são abertos" (tal é a linguagem do grande Apóstolo), e aquele que desde a antigüidade "ordenou que a luz brilhasse nas trevas brilhando no seu coração, vê a luz da glória de Deus", o seu glorioso amor, no rosto de Jesus Cristo.

Seus ouvidos são abertos, e é agora capaz de ouvir internamente a voz de Deus que diz: "Tem bom ânimo, os teus pecados te são perdoados", "vai e não peques mais". Este é o sentido daquilo que Deus diz ao seu coração, embora talvez não nestas mesmas palavras. Ele agora está pronto a ouvir o que for do agrado "daquele que dá o conhecimento ao homem". "Ele sente em seu coração", para usar a linguagem da nossa Igreja, "as obras poderosas do Espírito de Deus", não no sentido grosseiro e carnal em que os homens do mundo estúpida e voluntariamente, entendem; embora lhes tenha sido ditos repetidas vezes, queremos dizer nada mais nem menos do que isto: ele é internamente sensível à graça que o Espírito de Deus opera no seu coração. Ele sente, é cômico da "paz que excede a todo o entendimento". Muitas vezes sente uma tal alegria em Deus que é "indizível e cheia de glória". Sente "o amor de Deus derramado no seu coração pelo Espírito Santo que lhe é dado" e todos os sentidos espirituais são então exercitados a discernir o bem espiritual do mal. Pelo uso que faz destes, desenvolve diariamente o conhecimento de Deus, de Jesus Cristo a quem Ele enviou e de todas as coisas pertencentes ao seu reino interior. E agora podemos dizer propriamente que ele vive, tendo-o Deus vivificado pelo seu Espírito, vive para Deus através de Jesus Cristo. Vive a vida que o mundo não conhece, "a vida que está escondida com Cristo em Deus". Deus opera continuamente sobre a alma e a sua alma se volta para Deus. A graça desce ao seu coração; orações e louvores sobem ao céu; e por esta comunicação de Deus com o homem, por esta amizade com o Pai e o Filho, a vida de Deus mantém-se na alma como por uma espécie de respiração espiritual, e o filho de Deus cresce até chegar à "plenitude da estatura de Cristo".

*Sermões: "O novo nascimento", II, 4 (S, II, 232-34).*

\*\*\*

"Se alguém está em Cristo é uma nova criatura; as coisas velhas passaram-se, eis que tudo se fez novo".

Primeiro: seus julgamentos são novos: de si mesmo, da felicidade e da santidade.



Julga-se a si mesmo como tendo sido destituído da gloriosa imagem de Deus, como nada possuindo de bom, mas tudo o que é corrupto e abominável. Numa palavra: como sendo totalmente terreno, sensual e diabólico - uma mistura de besta e de demônio.

Assim julgo a mim mesmo pela graça de Deus em Cristo; sou, portanto, neste sentido, uma nova criatura.

É novo o seu julgamento a respeito da felicidade. Esperava cavá-la da terra, achá-la nas riquezas, na honra, no prazer ou, realmente, na alegria de qualquer criatura. Sabe que não pode haver felicidade na terra senão na alegria de Deus e no antegozo dos "rios de prazer que fluem eternamente à sua direita".

Assim julgo a felicidade, pela graça de Deus em Cristo. Sou, portanto, neste sentido, uma nova criatura.

É novo o seu julgamento a respeito da santidade. Não mais a julga como sendo coisa externa consistindo em não fazer o mal, em fazer o bem ou em usar as ordenanças de Deus. Ele vê que a vida de Deus na alma, a imagem de Deus de novo estampada no coração, uma renovação completa da mente em todo o sentimento e pensamento segundo a semelhança daquele que a criou.

Assim, pela graça de Deus, julgo a santidade. Sou, portanto, neste sentido, uma nova criatura.

*Diário: "Sábado, 14 de outubro de 1738" (II, 89-90).*

\*\*\*

Se quaisquer doutrinas dentro de todo o sistema do Cristianismo podem ser chamadas "fundamentais", são sem dúvidas estas duas: a doutrina da justificação e a do novo nascimento, estando a primeira relacionada com a grande obra que Deus faz por nós, perdendo os nossos pecados; a segunda, a grande obra que Deus realiza em nós, renovando a nossa natureza decaída. Nenhuma destas é anterior à outra no tempo. Somos no momento justificados pela graça de Deus através da redenção em Cristo, e somos, também, "nascidos do Espírito"; mas com relação ao pensamento, como é chamado, a

justificação precede ao novo nascimento. Concebemos primeiramente a retirada da sua ira e então a operação do seu Espírito no nosso coração.

*Sermões: "O novo nascimento", introdução, I (S, II, 226-27).*

\*\*\*

O novo nascimento não é o mesmo que santificação. Isto é realmente aceito como provado por muitos, particularmente por um escritor eminente no seu último tratado sobre a natureza e os fundamentos da Regeneração Cristã. Abandonando-se diversas outras objeções pesadas contra isto, fica esta que é palpável: fala-se da regeneração como uma obra progressiva levada a efeito na alma por graus lentos desde a primeira vez em que nos voltamos para Deus. Isto é verdade inegável a respeito da santificação, mas não da regeneração - o novo nascimento. Isto é uma parte da santificação mas não o todo; é a entrada para ela. Quando somos nascidos de novo, começa a nossa santificação, a nossa santidade interna e externa, e daí em diante temos de "crescer gradualmente naquele que é nossa cabeça". Esta expressão do Apóstolo ilustra admiravelmente a diferença entre uma e a outra e pontos ulteriores da analogia que há entre as coisas naturais e as espirituais. Uma criança nasce de uma mulher no momento ou pelo menos num curtíssimo espaço de tempo, depois cresce gradual e vagarosamente até que atinge a estatura de um homem. Do mesmo modo uma criança nasce de Deus num curtíssimo espaço de tempo senão num momento. Mas é lentamente que ela alcança a medida da plena estatura de Cristo. A mesma relação que existe portanto entre o nosso nascimento natural e o nosso <sup>c</sup> rescimento, existe também entre o novo nascimento e a nossa santificação.

*Sermões: "O novo nascimento", IV, 3, (5, II, 239-40).*

Expus assim claramente os pontos condizentes com o novo nascimento conforme eu os encontro nas Escrituras. Assim responde o próprio Deus à pesada pergunta: "O que é nascer de Deus?" Se eu fizer apelo aos oráculos *de* Deus, a resposta é: "Todo aquele que é nascido do Espírito". No julgamento do filho de Deus é isto o ser-se filho de Deus; é crer em Deus através de Cristo para não pecar e gozar sempre e em todos os lugares a paz de Deus que excede a todo entendimento. É ter esperança em Deus através do Filho do seu amor de modo que só tenha o "testemunho de uma boa consciência", mas também o Espírito de Deus "dando testemunho com o vosso espírito de que sois filho de Deus". Disso brotam as fontes da alegria constante naquele de quem recebestes a expiação. É amar a Deus que vos amou mais do que tendes amado a qualquer criatura, de modo que sois constrangidos a amardes a todos os homens como vos amais a vós mesmos, com um amor que não só arda constantemente no vosso coração, mas que também lance labaredas em todas as vossas ações e na vossa conversa, e que faça de toda a vossa vida uma "obra de amor", uma contínua obediência àqueles mandamentos: "Sede misericordiosos como Deus é misericordioso", "sêde santos como eu o Senhor sou santo", "sêde perfeitos como vosso Pai que está no céu é perfeito".

*Sermões: "As marcas do novo nascimento", IV, 1 (S, I, 294).*

\*\*\*

## 8 - O pecado nos crentes

Há pecado naquele que está em Cristo? Permanece o pecado naquele que *crê* nele? Há qualquer pecado naquele que é nascido *de* Deus, ou está ele liberto do mesmo? Não pense alguém que isto seja apenas uma curiosidade ou que seja de pouca importância o decidirmos estar de um lado ou do outro. É do contrário um ponto de maior atualidade para todo cristão consciencioso, a solução daquilo que concerne a sua felicidade presente e futura.

Entretanto não sei se este ponto foi controvertido na Igreja Primitiva. Na verdade não havia razão para disputas sobre esse ponto, porque não havia divergência entre eles. Pois tanto quanto tenho observado, todos os cristãos antigos que nos deixaram qualquer coisa escrita declaram a uma voz que mesmo os crentes em Cristo enquanto não "são fortes no Senhor e na força do seu poder", precisam lutar "contra a carne e o sangue", contra a natureza má e mesmo contra "os principados e poderes"...

Uso indiferentemente as palavras regenerados, justificados e crentes visto que, embora não tenham precisamente o mesmo sentido, implicando a primeira numa mudança interna e atual, a segunda numa mudança relativa e a terceira nos meios pelos quais as outras duas se realizam, elas chegam ao mesmo objetivo, pois que todo aquele que crê é justificado e nascido de Deus.

Falo aqui do pecado interior; qualquer sentimento, paixão ou afeição pecaminosos, tais como o orgulho, a obstinação, o amor do mundo, de qualquer espécie ou grau, tais como, a cobiça, a ira e a queixa; qualquer disposição contra a mente que há em Cristo.

A questão não se refere ao pecado exterior, se um filho de Deus comete ou não pecado. Todos nós concordamos francamente no seguinte: "Todo o que comete pecado é do diabo", e "todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado". Não inquirimos também se o pecado interior permanecerá sempre nos filhos de Deus, se o pecado continua na alma, enquanto ela está no corpo, nem se uma pessoa justificada pode cair no pecado exterior ou interior, mas simplesmente isto: "Fica um homem, justificado ou regenerado, liberto do pecado logo após a sua justificação? Não há então pecado no seu coração daí em diante, a menos que caia da graça"?...

Há em toda pessoa, mesmo depois da sua justificação, dois princípios contrários: natureza e a graça, chamados por S. Paulo a carne e o espírito. Daí o serem mesmo as crianças santificadas em Cristo, embora o sejam apenas em parte. Até certo ponto, segundo a medida da sua fé, elas são espirituais, embora o sejam carnis num certo limite. De modo que os crentes são exortados continuamente a que estejam vigilantes contra a carne, o mundo e o diabo. A experiência constante dos filhos de Deus comprova isto. Enquanto sentem o testemunho em si mesmos sabem que a sua vontade não está totalmente submissa à vontade de Deus. Sabem que estão nele, mas

o seu coração está pronto a desertar; tem uma tendência para o mal em muitos dos seus aspectos e a voltar as costas ao bem. A doutrina contrária é totalmente nova; a Igreja de Cristo nunca ouviu a respeito dela, desde a vinda do Mestre ao mundo, até o tempo do Conde Zinzendorf, e é responsável pelas conseqüências mais fatais. Ela elimina a nossa vigilância contra a nossa natureza má e contra a Dalila que ainda reside no nosso íntimo, embora os partidários dessa doutrina digam que ela já se foi. Ela destrói o escudo dos crentes fracos, priva-os da sua fé e, dessa maneira, deixa-os expostos aos assaltos do mundo, da carne e do diabo.

Mantenhamos, pois, a sã doutrina "uma vez dada aos santos" e por eles transmitida aos outros por meio da palavra escrita: "embora sejamos renovados, lavados, purificados e santificados no momento em que verdadeiramente cremos em Cristo, não somos totalmente, pois, a carne e a natureza má, embora vencidas, ainda continuam e guerreiam contra o espírito". Usemos, portanto, toda diligência "combatendo a boa peleja da fé". "Vigiemos e oremos", portanto, o mais possível, contra os inimigos internos. Façamos todo esforço por "tomarmos e vestirmos toda a armadura de Deus", de maneira que, embora "lutemos contra a carne e o sangue, contra os principados e os poderes, contra os espíritos ímpios nas alturas, posamos vencer no dia mau, e, tendo feito tudo, ficar firmes".

*Sermões: "O pecado nos crentes", I, 1-2, II, 1-3, V, 1-2 (S, II, 361, 365, 377-78).*

\*\*\*

Devemos convencer-nos de maneira semelhante de que, visto que o pecado permenece no nosso coração, ele se apega a todas as nossas palavras e ações. Devemos temer, porque muitas das nossas palavras estão mais do que misturadas com o pecado, de que elas são pecaminosas, pois assim é, sem dúvida, toda conversação descarridosa; toda a que não se origine do amor fraternal; toda a que não se coadunar com a regra áurea: "Fazei aos outros o que quereis que eles vos façam"...

Se tivermos a nossa consciência inteiramente acordada, podemos sentir que o pecado se apega às nossas ações também. Não há

muitos que, embora vivam de maneira que o mundo não os condene, não podem, contudo, ser recomendados ou desculpados se os julgarmos pela Palavra de Deus? Não deixam muitas das suas ações de serem, como eles mesmos sabem, feitas para glória de Deus? Sim, muitas, mesmo que não tenham tido esse objetivo, que não foram praticadas com os olhos voltados para Deus?...

De quantos pecados de omissão são eles responsáveis! São conhecidas as palavras do Apóstolo: "O pecado é para aquele que sabe fazer o bem e não faz". Não sabem eles de milhares de ocasiões em que podiam ter feito o bem aos inimigos, aos estranhos e a seus irmãos?...

Mas não podem eles encontrar defeitos internos sem número além daquelas omissões exteriores? Defeitos de toda espécie: não têm o amor que é devido ao próximo, a todos os filhos dos homens; nem mesmo o que é devido aos seus irmãos, a todos os filhos de Deus, quer os que estão distantes quer os que estão em contacto imediato com eles.

*Sermões: "O arrependimento dos crentes", I, 11, 13-15 (S, II, 385-88).*

\*\*\*

A convicção que temos do pecado interior é cada dia mais profunda. Quanto mais crescemos na graça, mais sentimos o estado desesperadamente iníquo do nosso coração. Quanto mais avançamos no conhecimento e no amor de Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo (pode parecer isto tão grande mistério àqueles que não conhecem o poder de Deus para salvação), mais conhecemos o nosso afastamento de Deus, a inimizade que existe em nossa mente carnal e a necessidade de sermos inteiramente renovados em justiça e em verdadeira santidade.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: I", 1, 13 (S, I, 329).*

Podeis ver o progresso indiscutível da graça para o pecado: de degrau em degrau. 1) a semente divina da fé amorosa e conquistadora permenece naquele que é nascido de Deus. "Ele guarda-se a si mesmo" pela graça de Deus e "não pode pecar". 2) Uma tentação aparece, não importa que seja do mundo, da carne ou do diabo. 3) O Espírito de Deus o avisa que o pecado está perto e lhe concede vigilância mais abundante pela oração. 4) Ele cede à tentação que agora passa a gradar-lhe. 5) O Espírito Santo se entristece ; a fé enfraquece e o amor a Deus se esfria. 6) O Espírito reprova-o mais severamente e lhe diz: "Este é o caminho, segue-o". 7) Ele vira as costas à voz de Deus e escuta a voz agradável do tentador. 8) O mau desejo começa e se alastra na sua alma até que a fé e o amor se desvanecem; ele então é capaz de cometer pecados exteriores e o poder do Senhor o abandona.

*Sermões: "O grande privilégio daqueles que são nascidos de Deus", II, 9 (S, I, 309).*

Estritamente falando-se, só é pecado a transgressão consciente de uma lei de Deus. Portanto toda quebra da lei do amor é pecado; e nada mais, propriamente falando-se. Forçar-se o assunto para mais do que isto é abrir caminho ao Calvinismo. Pode haver milhares de pensamentos errantes e intervalos esquecediços, sem haver quebra do amor, embora não o seja sem transgredir a lei Adâmica. Deixai que o amor encha o vosso coração, e isso é o suficiente!

*Cartas: "À Sra. Bennis" (V,322).*

== == ==

Falando-se daquelas palavras: "Em muitas coisas ofendemos a todos", observei 1) que a nossa alma está ligada ao corpo, enquanto vivemos; 2) que, enquanto ela está assim ligada, não pode pensar sem o auxílio dos órgãos corporais; 3) que, sendo estes órgãos imperfeitos, estamos sujeitos a erros especulativos e práticos; 4) sim, e um erro pode fazer com que eu ame a um bom homem menos do que eu devia, o que é um defeito de caráter; 5) que, por todas essas

razões, necessitamos realmente do sangue expiador para todos esses defeitos ou omissões; 6) que, portanto, todos podem ter necessidade de dizer: "Perdoa as nossas transgressões".

*Diário: "Sexta-feira, 24 de julho de 1761" (IV, 471).*

\* \* \*

Sempre que o nosso coração tiver sede de todas as grandes e preciosas promessas; que suspiramos pela plenitude de Deus, assim como a corça o faz pelas correntes de água; que a nossa alma explodir num desejo fervente: "Por que o seu carro vem tão lentamente?", Satanás não perderá oportunidade de tentar-nos a murmurarmos contra Deus. Ele usará de toda a sua sabedoria, de toda a sua força, se felizmente para ele, numa hora de descuido, formos influenciados a nos entristecermos contra o Senhor pela sua demora em vir. Ele, pelo menos, se esforçará por despertar em nós um certo grau de descontentamento ou de impaciência, e, talvez, de inveja daqueles que julgamos já terem alcançado o preço da sua alta vocação. Ele bem sabe que, dando vazão a qualquer desses sentimentos, estamos lançando por terra aquilo que devemos construir. Mas desse modo, procurando a perfeita santidade, tornamo-nos menos santos do que antes. Sim, há grande perigo de que o nosso último estado seja pior do que o primeiro como aqueles de quem o Apóstolo fala nestas palavras terríveis: "Seria melhor para eles que não tivessem conhecido o caminho da justiça a que, depois de conhecê-lo, afastaram-se dos santos mandamentos que lhes foram dados".

*Sermões: "Os meios de Satanás", I, 13 (S,II,199).*

\* \* \*

## 9 - O arrependimento dos crentes



da nossa pecaminosidade, culpa e abandono, e que precede o recebermos aquele reino de Deus que nosso Senhor diz "estar dentro de nós"; uma fé pela qual recebemos aquele reino, "a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo".

Mas, apesar disso, há também um arrependimento e uma fé (tomando-se as palavras num outro sentido, um sentido que não é exatamente o mesmo nem muito diferente) que são exigidos "depois que cremos no evangelho"; sim, e em todos os estágios subsequentes da nossa carreira cristã, ou, do contrário, não podemos "correr a carreira que é posta diante de nós". Este arrependimento e esta fé são tão necessários à nossa continuação e crescimento na graça como os primeiros o foram à nossa entrada no reino de Deus.

Mas em que sentido temos de arrepender-nos e de crer depois que somos justificados?...

O arrependimento significa, freqüentemente, uma mudança interna, uma transformação da mente do pecado para a santidade. Mas agora falamos do arrependimento num sentido muito diferente, como sendo uma espécie de conhecimento de nós mesmos, de saber que somos pecadores; sim, pecadores culpados e abandonados, embora saibamos que somos filhos de Deus.

Quando na verdade primeiramente sabemos isto: quando achamos pela primeira vez redenção no sangue de Jesus; quando o amor de Deus foi pela primeira vez derramado no nosso coração e o reino de Deus aí foi colocado, é natural supor-se que não mais somos pecadores, que todos os nossos pecados não só foram cobertos mas destruídos.

Como não mais sentimos o mal no nosso coração, prontamente imaginamos que não há mal ali, e alguns homens inteligentes têm imaginado isso não só naquele tempo, mas muito depois, tendo-se persuadido a si mesmos de que, quando justificados, foram totalmente santificados; sim, estabeleceram isso como regra geral a despeito da Escritura, da razão e da experiência. Estes crêem e afirmam sinceramente que todo pecado é destruído quando somos justificados, e que não há pecado no coração de um crente, que é limpo desde aquele momento. Mas embora reconheçamos prontamente que "todo o que *crê* é nascido de Deus" e "que aquele que *é* nascido de Deus não comete pecado", não podemos admitir que não o sintam

dentro de si; ele não reina mas permanece. A convicção do pecado que permanece no nosso coração é um grande ramo do arrependimento de que estamos falando.

Pois aquele que imaginou que todos os pecados tinham desaparecido, ainda sente que há orgulho no seu coração. Está convencido de que tem atribuído mais importância a si mesmo do que devia em muitos aspectos, e de que gostou do louvor que recebeu por alguma coisa e se tem gloriado nisso como se não tivesse recebido, sabendo contudo que está no favor de Deus... Não lhe leva muito tempo a sentir a obstinação no coração e mesmo uma vontade contrária à de Deus. O homem precisa ter vontade enquanto tiver entendimento. Ela é parte essencial da natureza humana, da natureza de todo ser inteligente. O próprio Senhor teve vontade como homem do contrário não seria homem. Mas a sua vontade humana o homem era invariavelmente sujeita à do seu Pai. Em todas as ocasiões, mesmo na mais profunda aflição, Ele podia dizer: "Não como quero, mas como tu queres". Mas isto não se dá sempre, mesmo com um verdadeiro crente em Cristo...

A convicção de culpa é outro ramo do arrependimento que pertence aos filhos de Deus. Mas deve-se ter preocupação ao entendê-lo e num sentido particular. Pois é certo que "não há condenação para os que estão em Cristo Jesus", os que crêem nele, e, no poder daquela fé, "não andam segundo a carne, mas segundo o espírito". No entanto não podem manifestar mais a justiça de Deus agora do que antes de crer. Isto mostra que ainda são dignos de morte em todos os pontos precedentes. Isso os condenaria absolutamente não fosse o sangue expiador. Estão, portanto, totalmente convencidos de que ainda merecem a punição, embora ela tenha sido afastada deles...

A convicção de seu total abandono é também outro ramo desse <sup>a</sup> arrependimento. Quero dizer com isso duas coisas: 1) que não são mais capazes, de, por si mesmos, pensarem em coisas boas, formar um bom desejo, de dizer uma palavra boa ou de fazer qualquer boa obra do que antes de ser justificados; que ainda não possuem de si mesmos nenhuma bondade ou grau de força; nenhuma habilidade para vencer ou resistir ao mundo, ao diabo ou à sua própria natureza má. É certo que podem fazer todas estas coisas, mas não por suas próprias forças. Têm poder para vencer todos esses inimigos, pois

"o pecado não mais tem domínio sobre eles", mas isto não provém da natureza, nem no todo nem em parte; é o simples dom de Deus; não é também dado imediatamente como se o fosse tido em estoque para muitos anos, mas de momento em momento.

Por abandono quero significar, em segundo lugar, a absoluta inabilidade para nos libertarmos da culpa ou fugirmos da punição das quais ainda temos consciência; sim, inabilidade para remover, com toda a graça que possuímos, nada dizendo dos nossos poderes naturais, o orgulho, a obstinação, o amor do mundo, a ira e a tendência geral de nos afastarmos de Deus, os quais, e o sabemos por experiência própria, permanecem no coração, mesmo no daqueles que são regenerados; ou o mal que se apegua a todas as nossas palavras e ações a despeito de todos os nossos esforços. Adicione-se a isto uma total inabilidade para evitarmos os pecados de omissão ou de nos corrigirmos dos inumeráveis defeitos dos quais estamos convictos, especialmente a falta de amor e outros sentimentos para com Deus e para com o homem.

*Sermões: "O arrependimento dos crentes", introdução, 2-1, 4, 16-18 (S,II, 379-381, 388-90).*

\*\*\*

O arrependimento que é conseqüência da justificação é muito diferente daquele que a antecede. Ele não implica em culpa, em nenhum senso de condenação e nenhuma consciência da ira de Deus. Não supõe qualquer dúvida do favor de Deus ou qualquer "temor que atormenta". É propriamente uma convicção construída pelo Espírito Santo a respeito do pecado que ainda permanece no nosso coração, da mente carnal que "ainda permanece ( como diz a nossa Igreja) "mesmo naqueles que são regenerados", embora não mais reinem, não tenham agora mais domínio sobre eles. É uma convicção da nossa tendência para o mal, de um coração inclinado a cair, da tendência que a carne ainda tem de cobiçar contra o espírito...

Com essa convicção do pecado que permanece no nosso coração, liga-se a convicção clara do pecado que permanece na nossa vida; que ainda se apegua a todas as nossas palavras e ações. Mesmo nas

melhores destas, nós agora discernimos uma mistura de mal, quer no espírito, quer na matéria ou no modo de ambas; alguma coisa que não podia suportar o justo julgamento de Deus fosse Ele extremado em marcar o que é feito errado. Onde menos suspeitamos encontramos um pouco de orgulho ou de obstinação, de descrença ou de idolatria, de maneira que nos envergonhamos mais dos nossos melhores deveres agora do que fazíamos anteriormente dos nossos piores pecados; daí o sentirmos estar o melhor que temos, tão longe de ser meritório, tão longe de ser capaz de resistir ao olhar da justiça divina e que somos também por isso culpados diante de Deus se não fosse o sangue da aliança.

A experiência mostra que, além da convicção da permanência do pecado em nosso coração, e da sua aderência a todas as nossas palavras e ações, da culpa a que incorreríamos por isso se não fôssemos continuamente espargidos pelo sangue expiator; este arrependimento implica uma outra coisa: especialmente uma convicção de abandono (inabilidade de ajudar-se), de nossa inabilidade total de pensarmos coisas boas, de formarmos um bom desejo, e, muito mais do que isto, de dizermos uma palavra reta ou de realizarmos uma boa ação senão pela sua graça gratuita, onipotente, primeiramente livrando-nos e então acompanhando-nos em todos os momentos.

*Sermões: "O modo escriturístico da salvação", III, 6-8 (S,II, 454-55).*

\*\*\*

## 10 - Santificação completa

"Credes que somos santificados pela fé? Sabemos que credes que somos justificados pelas nossas obras?" Assim tem sido afirmado taxativamente e veementemente durante estes 25 anos, mas tenho declarado constante e exatamente o contrário, e o fiz por todos os meios. Tenho testificado continuamente, tanto em particular como em publico, que somos santificados e justificados pela fé. Na verdade uma daquelas verdades ilustra a outra de maneira sublime. Somos

justificados pela fé exatamente como da justificação. Ela é a condição; ninguém é santificado senão aquele que crê; sem fé nenhum homem é santificado. E ela é a única condição; é suficiente para a santificação. Todo aquele que crê é santificado, não o que ele possua ou não a mais. Noutras palavras, ninguém é santificado, enquanto não crer; todos são santificados quando crêm.

*Sermões: "O modo escriturístico da salvação", III, 3 (S,II,452-53).*

\*\*\*

Desde o momento em que somos justificados, pode haver uma santificação gradual, um crescimento na graça, um avanço diário no conhecimento e no amor de Deus. Se o pecado cessar antes da morte, deve haver um último momento em que ele exista e um primeiro momento em que ele não exista. "Mas devemos insistir na pregação sobre ambos"? Devemos certamente insistir na mudança gradual, e devemos fazê-lo constante e sinceramente. Não há pessoas com as quais devamos insistir também na mudança instantânea? Se há essa abençoada mudança antes da morte, não devemos encorajar a todos os crentes a que a esperem? Certamente porque a experiência constante mostra que quanto mais vigiam contra o pecado, procuram mais cuidadosamente crescer na graça, mais zelosos se tornam pelas boas obras e mais pontuais na obediência a todas as ordenanças de Deus. No entanto, observam-se efeitos exatamente opostos a esses, sempre que essa esperança desaparece. São "salvos pela esperança", por esta esperança de mudança total com uma salvação que se desenvolve gradualmente. Destruindo-se esta esperança, a salvação tornar-se-á estacionária, ou melhor, diminuirá diariamente. Portanto todo aquele que quiser desenvolver nos crentes a mudança gradual deverá insistir fortemente na mudança instantânea.

*Obras: "Minutos de diversas conversações" (VIII, 329).*

\*\*\*

Resposta: eles admitem: 1) que todos devem ser inteiramente santificados no artigo de morte. 2) Que, até então, o crente cresce diariamente na graça, aproxima-se mais e mais da perfeição. 3) Que devemos insistir sobre isso continuamente e exortar a todos a fazerem o mesmo.

Pergunta nº 2. Até onde concordamos com isso?

Resposta: admitimos: 1) que muitos daqueles que morreram na fé, sim, a maior parte daqueles que conhecemos, não foram santificados totalmente nem alcançaram a perfeição no amor até um pouco antes da morte. 2) Que o termo "santificados" é continuamente aplicado por S. Paulo a todos os que foram justificados, a todos que eram verdadeiros crentes. 3) Que por este termo isolado, o Apóstolo raramente, se o fez, quis dizer salvos de todos os pecados. 4) Que, conseqüentemente, não é próprio usá-lo neste sentido sem acrescentar-se a palavra "inteiramente" ou outra semelhante. 5) Que os escritores inspirados falam quase continuamente dos que são justificados ou para eles, mas muito raramente dos ou para os que foram inteiramente santificados. 6) Que, conseqüentemente, devemos falar em público quase constantemente do estado de justificação, mas muito raramente, em termos claros, da santificação completa.

Pergunta nº 3. Qual é então o ponto que nos divide?

Resposta: é se devemos esperar ser salvos de todo pecado antes da morte.

Pergunta nº 4. Há na Bíblia passagens claras em que Deus promete salvar-nos de todo pecado?

Resposta: há. Ele remirá a Israel de todos os seus pecados"- Sal. 130:8. Isso é mais desenvolvido na profecia de Ezequiel: "Então espargirei água limpa sobre vós, e ficareis limpos. De todas as vossa iniquidades e de todos os vossos ídolos vos limparei. Eu vos salvarei também de toda a vossa impureza" - Ezeq. 36:25,29. nenhuma promessa pode ser mais clara. O Apóstolo refere-se a isto claramente naquela exortação: "Tendo estas promessas, purifiquemo-nos de toda a impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus"- II Cor. 7:1. Igualmente clara e expressiva é aquela antiga promessa: "O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração e o coração da tua descendência, a fim de que ames ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma" - Deut. 30:6.

Pergunta n° 5. Mas há qualquer afirmativa a respeito disso no Novo Testamento?

Resposta: há, e em termos simples. Assim diz S. João: "Por este objetivo o Filho de Deus manifestou-se, a fim de que pudesse destruir as obras do diabo"- 3:8; as obras do diabo sem qualquer limitação ou restrição e todo pecado é obra do demônio. Há aquela afirmativa de S. Paulo paralela a esta: "Cristo amou a sua Igreja e deu-se a si mesmo por ela para que Ele pudesse apresentá-la a si mesmo, uma Igreja gloriosa, não possuindo mancha ou ruga ou qualquer coisa assim, mas que ela deve ser santa e irrepreensível" - Ef. 5:25,27. No mesmo sentido ele afirma aos Romanos: "Deus enviou o seu Filho, para que a justiça da lei pudesse ser cumprida em nós, andando não segundo a carne, mas segundo o espírito"- Rom. 8:3-4.

Pergunta n° 6. Há no Novo Testamento alguma outra base para que se espere ser salvo de todos os pecados?

Resposta: há, sem dúvida, nas orações e nos mandamentos que equivalem às mais fortes afirmações.

Pergunta n° 7. A que orações o sr. se refere?

Resposta: orações a favor da inteira santificação, as quais, se não existissem, seriam zombaria contra Deus. São particularmente estas: 1) "livra-nos do mal" ou melhor "do maligno". Quando isto se realiza, quando somos libertados de todo o mal, não pode haver permanência de pecado. 2) "Não oro só por estes, mas por todos os que crerão em mim através da sua palavra, para que todos possam ser um, como tu, Pai, és em mim e eu em ti; para que eles também sejam um em nós; eu neles e tu em mim para que possam ser perfeitos em unidade"- Jo. 17:20,21,23. 3) "Eu me ajoelho diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo para que Eles vos conceda que, sendo vós arraigados e alicerçados em amor, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, a profundidade e a altura, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que possais ser cheios de toda a plenitude de Deus" - Ef. 3:14, 16-19. 4) "O verdadeiro Deus de paz vos santifique totalmente, e rogo a Deus para que todo o vosso espírito, alma e corpo sejam preservados irrepreensíveis até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" - I Tet. 5:23.

Pergunta n° 8. Quais são os mandamentos sobre o assunto?

Resposta: 1) "Sede perfeitos como vosso Pai está no céu é per-

feito" - Mat. 5:48. 2) "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente"- Mat. 22:37. Se o amor de Deus enche todo o coração, não pode haver pecado ali.

*Obras: "Minutos de conversações tardiais", quarta-feira, 17 de junho de 1747 (VIII, 293-96).*

\*\*\*

Os crentes que não estão convencidos da profunda corrupção do seu coração ou estão apenas superficial ou mentalmente convencidos, pouco se preocupam com a santificação completa. Eles podem possivelmente manter a opinião de que isso se realizará na ocasião da morte ou antes da mesma nalguma época que desconhecem. Não sentem a necessidade dela, não têm fome ou sede por ela. Não podem tê-lo, enquanto não se conhecerem a si mesmos melhor, enquanto não se arrependem no sentido acima descrito, enquanto Deus não desvendar o rosto do monstro interior e mostrar-lhes o estado real das suas almas. Somente quando sentirem a carga, gerarão por sua libertação. Então, não antes disso, clamarão na agonia da sua alma: quebra o jugo do pecado interior e liberta totalmente o meu espírito! Não posso descansar, enquanto o meu íntimo não for puro, enquanto não me perder totalmente em ti.

*Sermões: "O arrependimento dos crentes", III, 2 (S,II,395-96).*

\*\*\*

Primeiramente, conhecemos um grande número de pessoas, de todas as idades e de ambos os sexos, que desde a infância até a extrema velhice, têm dado provas, que a natureza do estado admite, de que foram "santificadas totalmente", "lavadas de toda impureza da carne e do espírito", de modo que "amavam ao Senhor seu Deus de todo o seu coração, alma e força", que continuamente "apresentavam as suas almas e os seus corpos num vivo, santo e aceitável sacrifício a Deus", e, em consequência disso, "regozijavam-se sempre, orando sem cessar e em tudo davam graças". E esta, e nenhuma outra, é a que cremos ser a verdadeira e escriturística santificação.



Em segundo lugar, é comum àqueles que são assim santificados crerem que não podem cair, suporem que são "colunas no templo de Deus e que dele não sairão mais". No entanto, temos visto alguns dos mais fortes deles deixarem a sua firmeza depois de algum tempo. Às vezes rapidamente, mas mais freqüentemente por graus vagarosos cedem à tentação, e o orgulho, a ira ou os desejos tolos voltaram novamente ao seu coração. Às vezes perderam totalmente a vida de Deus, e o pecado tornou a dominá-los,

Em terceiro lugar, diversos desses, contudo, depois de sentirem completamente a sua queda, e profundamente envergonhados diante de Deus, foram novamente cheios do seu amor, e não somente aperfeiçoados por ele mas fortalecidos, aceitos e pacificados. Receberam a bênção que tinham antes com abundante desenvolvimento. É notável que muitos que caíram, quer da graça justificadora quer da santificadora, até um ponto em que dificilmente podiam ser contados entre os servos de Deus, foram restaurados (mas raramente isso se deu enquanto não foram estreitados como se estivessem na boca do inferno) a tudo que tinham perdido e, na maioria das vezes, num instante. Recuperaram imediatamente a consciência do seu favor e a experiência do amor puro de Deus. Receberam num momento a remissão dos pecados e parte entre aqueles que foram santificados.

Mas ninguém infira desta compaixão de Deus que Ele tenha dado permissão a qualquer um para pecar, nem ouse alguém continuar a pecar por causa destes extraordinários exemplos da misericórdia divina. Esta é a suposição mais desesperada e irracional e conduz a uma destruição total e irrecobrável. Em toda a minha experiência, não conheci alguém que se tenha fortalecido no pecado na suposição de que Deus afinal o salvaria, que não ficasse miseravelmente desapontado e não morresse nos seus pecados. Tornar a graça de Deus em encorajamento ao pecado é caminho seguro para o inferno mais profundo!

*Sermões: "Chamado aos transviados", V, 7-10 (J, VI, 525-26).*

Se as Escrituras são verdadeiras, aqueles que são santos ou justos no julgamento do próprio Deus; os que possuem a fé que purifica o coração, que produz uma boa consciência; os que estão ligados à boa oliveira - a Igreja espiritual e invisível; os que são ramos da verdadeira videira, de quem Cristo diz: "Eu sou a videira, vós sois as varas"; os que de tal modo conhecem a Cristo que, através desse conhecimento, escaparam da poluição do mundo; os que vêm a luz da glória de Deus no rosto de Jesus Cristo e que são participantes do Espírito Santo, do testemunho e dos frutos do Espírito; os que vivem pela fé no Filho de Deus; os que são santificados pelo sangue da aliança, podem, contudo, cair e perecer eternamente.

Portanto, aquele que está em pé veja que não caia.

*Obras: "Pensamentos sérios sobre a perseverança dos santos", 30 (X, 298).*

**VII**  
**O Ideal Moral**

## VII

# O Ideal Moral

*Este capítulo diz respeito ao ideal moral da vida cristã que é, para o homem de fé, objeto de esforço contínuo e de esperança com oração. Para Wesley, a santificação completa é um acontecimento, um ato subjetivo trabalhado por Deus na alma humana, tendo por condição a fé. A perfeição cristã é um processo, a vida objetiva resultante da santidade, que nunca é completa, mas sempre sujeita a desenvolvimento. A perfeição cristã se define em relação a um padrão obrigatório realizável pelos homens sob a graça e a uma lei moral perfeita e absoluta - a perfeição Adâmica - a qual não pode completar-se. A expiação de Cristo é necessária a ambos esses aspectos. A pessoa feita "perfeita em amor" não comete pecado que é definido como uma violação consciente de uma lei conhecida, embora esteja sujeita à ignorância, a erros e fraquezas que resultam em transgressões involuntárias da lei. Os conselhos da lei e o profundo exemplo do amor redentor de Deus estão sempre diante do cristão sincero, para guiá-lo, e ajudam-no a firmar-se no caminho da perfeição. O reino de Deus é definido por Wesley como sendo um reino interior, e como tal estreitamente relacionado com a sua descrição da perfeição cristã.*

\*\*\*

### 1 - A Lei

pedir uma prova escriturística de que dois e dois são quatro. Adão no paraíso era capaz de entender todas as coisas distintamente e de julgá-las realmente; era por isso, seu dever agir dessa maneira. Mas nenhum homem é atualmente capaz disso; portanto, isso não é dever do homem que agora vive. Outrossim, não há um homem atualmente no corpo que pratique ou ande pelo exemplo ditado pela lei a que Adão estava sujeito. Pode haver coisa mais clara do que esta - que Adão podia e que eu não posso evitar o erro? Pode alguma coisa ser mais clara do que esta: que se ele podia evitá-lo, devia ele? Ou do que esta: se eu não posso, não devo? Eu digo que não é meu dever, pois a razão é clara sobre que ninguém pode fazer o impossível. Nada no Sermão ou na lei contradiz isto. Se alguma coisa o faz, está errado.

*Cartas: "A Samuel Furly" (IV, 98).*

A lei é realmente pura, casta, limpa e santa no mais alto grau. Do contrário, ela não poderia ser o produto imediato nem muito menos a semelhança expressa de Deus que é santidade essencial. Ela é isenta de todo pecado, sem mancha de qualquer toque do mal. Ela é uma virgem casta, incapaz de qualquer impureza, de qualquer mistura com o que não é santo. Não se comunica com qualquer espécie de pecado, pois, "que comunhão tem a luz com as trevas?" Como o pecado é em si mesmo inimizade contra Deus, assim a sua lei é inimizade contra o pecado.

É por isso que o Apóstolo rejeita com tamanho horror a suposição blasfema de que a lei de Deus é em si pecado ou sua causa. Deus nos proíbe de supormos que ela seja a causa do pecado, porque ela é a descobridora do mesmo, porque ela revela as coisas ocultas das trevas e as traz para a luz do dia. Por este meio, como o Apóstolo observa em Rom. 7:13, "o pecado se mostra ser pecado". Todos os seus disfarces são destruídos e ele se apresenta na sua deformação natural. É verdade também que o "pecado, pelo mandamento, torna-se excessivamente maligno"; sendo cometido contra a luz e o conhecimento e sendo destituído até mesmo da pobre desculpa da ignorância, perde toda possibilidade de desculpa, todo disfarce e se

torna odiosíssimo tanto a Deus como ao homem. Sim, e é verdade que "o pecado opera a morte por aquilo que é bom", que é em si puro e santo. Quando ele é trazido à luz, ira-se grandemente; quando se oculta, explode com maior violência...

Em segundo lugar, a lei é justa. Dá a todos o que lhes é devido; prescreve exatamente o que é reto, precisamente o que *deve* ser feito, dito ou pensado com referência ao autor do nosso ser, a nós mesmos e a toda criatura que Ele criou...

"Mas é a vontade de Deus a causa da sua lei? É a sua vontade a origem do que é reto e do erro? É portanto uma coisa certa, porque Deus o quer? Ou quer Ele isso porque é certo?"

Temo que esta célebre questão seja mais curiosa do que útil. E talvez pelo modo como ela é geralmente tratada não condiga muito com o respeito que a criatura deve ao seu criador e governador de todas as coisas. Não é muito decente ao homem convocar o Deus supremo para que lhe dê a razão de alguma coisa. No entanto, com temor e reverência podemos falar um pouco. O Senhor nos perdoa se falamos erradamente!

Parece então que toda dificuldade surge do considerar-se a vontade de Deus como distinta de Deus, de outro modo a dificuldade desaparece. Pois ninguém pode duvidar de que Deus é a causa da lei de Deus. Mas a vontade de Deus é o próprio Deus. É Deus considerado como querendo assim ou assim. Conseqüentemente, dizer-se que a vontade de Deus ou que o próprio Deus é a causa da lei é a mesma coisa...

A lei é, portanto, certa e justa com referência a todas as coisas. E ela é boa tanto quanto justa. Podemos inferir isso facilmente da fonte da qual brota. Pois que foi isto senão a bondade de Deus? Que fez Deus imprimir a sua semelhança divina aos santos anjos senão unicamente a sua bondade? A que outra coisa podemos atribuir a concessão da própria natureza divina ao homem? E que outra coisa, senão o seu eterno amor, o constrangeu a manifestar a sua vontade ao homem decaído - Adão ou a qualquer dos seus descendentes que, com ele, "estavam destituídos da glória de Deus"? Não foi simplesmente o amor que o moveu a publicar a sua lei, depois que o entendimento dos homens tornou-se obscurecido? A enviar os seus profetas, para declarar essa lei aos cegos e descuidados filhos dos homens?...

Falta-nos apenas mostrar, em quarto e último lugar, os usos da lei. O primeiro é, inquestionavelmente, convencer o mundo do pecado. Esta é, na verdade, a atividade peculiar do Espírito Santo que pode realizá-lo sem quaisquer meios ou pelos meios que forem do seu agrado, sejam eles insuficientes em si mesmos ou impróprios para produzirem tal efeito. De fato, há alguns cujos corações, num momento, se quebraram em pedaços quer caindo em tristeza ou sem saúde, sem nenhuma causa visível ou qualquer meio exterior; e outros foram despertados pelo senso da "ira de Deus pesando sobre eles" quando ouviram que "Deus estava reconciliando o mundo consigo por meio de Cristo". Mas é o método comum do Espírito de Deus o convencer os pecadores pela lei. É esta que, passando a residir na consciência, geralmente torna as rochas em pedaços. É especialmente esta parte da palavra de Deus que é - *dzôn kai energês* - viva e poderosa, cheia de vida e energia, e "mais aguda do que qualquer espada de dois gumes". Esta, na mão de Deus e daqueles a quem Ele enviou, penetra através de todos os domínios de um coração enganoso e "separa a alma e o espírito"; sim, as "juntas e a medula". Por ela o pecador descobre-se a si mesmo. Todas as suas folhas de figueira são rasgadas e ele vê que é "infeliz, pobre, miserável, cego e nu". A lei faz a convicção brilhar por todos os lados. Ele sente-se um simples pecador. Não tem com que pagar. A sua "boca se cala" e ele está "culpado perante Deus".

O primeiro uso da lei é, então, matar o pecador; destruir a vida e a força nas quais *ele* confia, e convencê-lo de que está morto em vida, não somente sob a sentença de morte, mas realmente morto para Deus, destituído de toda vida espiritual, morto em "transgressões e pecados". O segundo uso da mesma é trazê-lo à vida, a Cristo, para que ele possa viver. É verdade que, ao realizar essas duas missões, ela desempenha o papel de um severo mestre-escola. Ela nos conduz mais pela força do que pelo amor. Mas afinal o amor é a fonte de tudo. É o espírito de amor que, por este meio doloroso, es-traçalha a nossa confiança na carne que não nos deixa nenhuma vara quebrada à qual confiar, e, assim, constrange o pecador, destituído de tudo, a clamar na amargura da sua alma ou gemer na profundidade do seu coração: abandono de toda desculpa; Senhor, estou condenado, mas tu morreste.

O terceiro uso da lei é conservar-nos vivos. É o grande meio pelo qual o Bendito Espírito prepara o crente para maiores comunicações da vida de Deus...

Admitindo-se, pois, que todo crente tenha cumprido a lei, isto é, a lei cerimonial judaica ou a inteira dispensação Mosaica, pois Cristo as cumpriu; sim, admitindo-se que tenhamos cumprido a lei moral como um meio para a busca de nossa justificação, pois "somos justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção que há em Jesus"; contudo, num outro sentido, não cumprimos esta lei, pois ela ainda é de indizível utilidade: primeiramente para convencer-nos do pecado que ainda está no **nosso** coração e na nossa vida, e por esse meio manter-nos ligados a Cristo para que seu sangue possa lavar-nos em todo momento; segundo, para derivar força da nossa cabeça para os seus membros vivos, com a qual Ele os fortalece, a fim de que façam o que a sua lei manda; terceiro, para confirmar a nossa esperança de tudo o que ela ordena e que ainda não atingimos - o recebermos graça sobre graça até que consigamos a posse total da plenitude de suas promessas...

Se o Senhor já cumpriu a sua palavra, se Ele já "escreveu a sua lei no teu coração", então "firma-te na liberdade com a qual Cristo te libertou". Tu não estás somente livre das cerimônias judaicas, da culpa do pecado, e do medo do inferno (esta liberdade está muito longe de ser a liberdade total; ela é a parte menor e mais baixa da liberdade cristã), mas tens infinitivamente mais, estás livre do poder do pecado, de servir o demônio e de ofender a Deus. Oh! firma-te nesta liberdade! Em comparação com esta, todo o resto não é digno nem mesmo de ser nomeado! Firma-te no amor a Deus de todo o teu coração, no seu serviço com todas as tuas forças! Assim o guardar a sua lei e andar em todos os seus <sup>m</sup> andamentos sem culpa são liberdade perfeita. "Não te embaraces de novo com o jugo da escravidão".

Não me refiro à escravidão judaica nem à escravidão do medo do inferno; creio que estas estão longe de ti. Mas, toma <sup>c</sup>uidado, para que não te embaraces novamente com o jugo do pecado, de qualquer transgressão interna ou externa da lei. Deves ter muito mais horror do pecado em si do que do castigo para ele. Foge da escravidão do orgulho, do desejo, da ira, de todo



mau sentimento, palavra ou ação. "Olha para Jesus"; e, para conseguires isto, olha mais e mais para a lei perfeita, "a lei de liberdade" e continua nisso; deste modo "crescerás diariamente na graça e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo".

*Sermões: "A origem, natureza, propriedade e uso da lei", III, 3-7, 10, IV, 1-4, 10 (S,II,47-54, 56-57).*

\*\*\*

Como podemos estabelecer a lei em nosso coração, de modo que ela possa exercer total influência na nossa vida? Somente pela fé podemos fazê-lo.

Como aprendemos da experiência diária, somente a fé responde a este fim, porque tanto quanto andarmos pela fé e não pela vista, avançamos rapidamente pelo caminho da santidade. Enquanto olharmos firmemente, não para as coisas que são vistas, mas para as que não são vistas, somos mais e mais crucificados para o mundo, e o mundo é crucificado para nós. Se os olhos da alma estiverem constantemente fixos, não nas coisas temporais, mas nas eternas, as nossas afeições serão mais e mais libertas da terra e firmadas nas coisas de cima. De maneira que a fé, em geral, é o meio mais direto e efetivo na promoção de toda justiça e verdadeira santidade, no estabelecimento da lei santa e espiritual no coração daqueles que crêem.

*Sermões: "A lei estabelecida pela fé: II", III, 2 (S,II,80-81).*

\*\*\*

Lutero comete blasfêmia ao falar das boas obras e da lei de Deus, ligando constantemente a lei com o pecado, com a morte, o inferno ou o diabo, e ensinando que Cristo nos livra de todos eles de maneira semelhante, visto que não se pode provar pelas Escrituras que Cristo nos livra da lei de Deus mais do que da

santidade ou do céu. Entendo que nisto está a verdadeira fonte do grande erro dos Moravianos. Eles seguem a Lutero, seja para melhor ou seja para pior. Daí o seu "nem obras, nem lei, nem mandamentos". Mas quem és tu que "falas mal da lei e que a julgas?"

*Diário: "Segunda-feira, 15 de junho de 1741" (II, 467).*

\*\*\*

"O sr. diz: um erro não é pecado, se o amor é o único princípio da ação; contudo é uma transgressão da lei perfeita; portanto, o amor perfeito não é a lei perfeita!" Certamente, pois por "lei perfeita" quero dizer a que foi concedida a Adão na sua criação. Mas o Deus amorável com todo o seu coração não era o tudo daquela lei; ela implica muito mais - o pensar, o falar, e o agir corretamente em todos os casos - em que ele era então capaz e, portanto, obrigado a fazê-lo. Mas nenhum de seus descendentes é capaz de consegui-lo; portanto, o amor é o cumprimento da sua lei.

Talvez o sr. não tenha sido alertado a respeito disso. A lei do amor, que é toda a lei que nos foi dada, é apenas um ramo da lei perfeita que no começo foi dada a Adão. A sua lei era muito mais ampla do que a nossa, visto que as suas faculdades eram mais extensivas. Muitas coisas, conseqüentemente, podem ser transgressões da última e que não eram da primeira.

"Mas se a ignorância for transgressão da lei perfeita", quem disse ou pensou tal coisa? A ignorância não é, mas o erro é, e este, Adão era capaz de evitar,. A ignorância que ele possuía não o constrangia a errar como a nossa freqüentemente o faz.

"Mas a transgressão voluntária de uma lei conhecida é definição apropriada de pecado"? Penso que é para todo pecado que nos é imputado para condenação. E é uma definição que passou na Igreja sem censura durante pelo menos 1500 anos...

Isto é simples. Todos que estão no corpo estão sujeitos a erros tanto práticos como especulativos. Chamá-los-emos de pe-

cados ou não? Respondo constantemente: chame-os como lhe aprouver.

*Cartas: "A John Hosmer" (IV, 155).*

\* \* \*

## 2 - Amor cristão

"Amados, se Deus assim nos amou. Devemos nós também amar uns aos outros. Se Deus ASSIM nos amou - observe-se que a ênfase do argumento está neste ponto: ASSIM nos amou de modo a entregar o seu único Filho, para sofrer morte amaldiçoada para nossa salvação. Amados, que tipo de amor é este com o qual Deus nos amou de maneira a dar o seu único Filho igual ao Pai em glória e co-eterno em majestade? Que tipo de amor é este com o qual o unigênito Filho de Deus nos amou de modo a esvaziar-se tanto quanto possível de sua divindade eterna, a despir-se de toda a glória que tinha com o Pai antes do começo do mundo, a tomar a forma de servo tendo a forma de homem, e, então, a humilhar-se ainda mais, sendo obediente à morte e morte de cruz?! "Se Deus ASSIM nos amou, quão grande amor devemos ter uns para com os outros"!

*Sermões: "O amor de Deus para com o homem decaído", 5 (J, VI, 235).*

\* \* \*

Precisamos amar a Deus, antes de podermos ser santos; esta é a raiz de toda a santidade. Mas não podemos amar a Deus, enquanto não sabemos que Ele nos ama. "Nós o amamos, porque Ele nos amou primeiro". E não podemos conhecer o seu amor perdoador para conosco, enquanto o seu Espírito não der testemunho com o nosso espírito. Portanto, este testemunho do seu Espírito deve pre-

*ceder* o amor de Deus e toda a santidade; em conseqüência, ele deve preceder a nossa consciência interior do mesmo ou o testemunho do nosso espírito a respeito deles.

Então, e não até então, quando o Espírito de Deus der aquele testemunho com o nosso espírito, "Deus ter-te-á amado e dado o seu próprio Filho pela propiciação dos teus pecados; o Filho de Deus ter-te-á amado e lavado os teus pecados pelo seu sangue". "Amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro", e, por amor dele amamos também ao nosso irmão. Precisamos ter consciência disto. "Conhecemos as coisas que Deus nos dá gratuitamente". Sabemos que amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos, e "por este meio sabemos também que somos de Deus". Este é o testemunho do nosso espírito, que, enquanto continuarmos a amar a Deus e a guardar os seus mandamentos, continua *ele* ligado com o testemunho do Espírito de Deus, "de que somos filhos de Deus".

*Sermões: "O testemunho do Espírito: I", I, 8-9 (5, I, 208-209).*

\*\*\*

No amor não há medo - Não pode haver medo escravizante, onde o amor reina, mas o amor perfeito e adulto lança fora o medo escravizante, porque tal temor traz consigo o tormento, e, por isso, não condiz com a felicidade do amor. Um homem natural não tem temor nem amor; aquele que é despertado sente temor sem amor; uma criança em Cristo, amor sem temor; um pai em Cristo, amor sem temor.

Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro - esta é a soma de toda a religião, o modelo genuíno do cristianismo. Ninguém pode dizer mais. Por que haveria alguém de dizer menos? Ou menos inteligível?

*Notas: "I R). 4:18-19".*

A razão, embora cultivada e desenvolvida, não pode produzir o amor de Deus, o que é claro deste fato: ela não pode produzir nem a fé nem a esperança, das quais este amor pode fluir. É somente quando "contemplamos" pela fé "que amor o Pai nos dispensou", dando o seu unigênito Filho, para que não perecêssemos, mas tivéssemos vida eterna, que "o amor de Deus é derramado em nosso coração, pelo Espírito Santo que nos é dado". É somente então, quando "nos regozijamos na esperança da glória de Deus" que "nós o amamos porque Ele nos amou primeiro". Mas que pode fazer a razão fria neste assunto? Ela nos pode dar belas idéias; pode traçar um lindo quadro do amor, mas isto é apenas um fogo pintado. Não pode ir além disso. Tentei tal coisa durante muitos anos. Colecionei os mais belos hinos, orações e meditações que pude encontrar nas línguas, e as repeti, cantei e li muitas vezes com toda a seriedade e atenção possíveis. Mas, mesmo assim, eu era ainda como o vale de ossos da visão de Ezequiel: "a pele cobriu-os, mas não havia fôlego nos mesmos".

E visto que a razão não pode produzir o amor de Deus, ela, também, não pode produzir o amor ao próximo - uma benevolência calma, generosa e desinteressada para com todos os filhos dos homens. Esta boa vontade sincera e firme para com os nossos semelhantes nunca fluíra de qualquer fonte, senão da gratidão para com o nosso Criador.

*Sermões: "O caso da razão considerado imparcialmente", II, 8-9 (I, VI 358-59).*

\*\*\*

Não tendo conhecimento, não podemos ter o amor de Deus; não podemos amar a quem não conhecemos. A maioria dos homens diz que ama a Deus e talvez imagina que o faz; pelo menos poucos reconhecem que o não amam; mas o fato é demasiadamente claro para ser negado. Nenhum homem ama a Deus por sua natureza, mas do que o faz a uma pedra ou à terra que ele pisa. Temos prazer naquilo que amamos, mas ninguém tem naturalmente qualquer pra-

zer em Deus. No nosso estado natural não podemos conceber porque alguém deve ter prazer nele. Não temos prazer nele; Ele nos é inteiramente insípido. Amar a Deus! Isso está muito acima e fora da nossa vista. Pela natureza não podemos atingi-lo.

*Sermões: "Pecado original", II, 5 (S, II, 217).*

\*\*\*

Logo que cremos, amamos a Deus... "Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro"; a fé é a evidência disso. O amor de um Deus perdoador "é derramado abundantemente em nosso coração pelo Espírito Santo que nos é dado". Este amor pode realmente admitir milhares de graus, mas mesmo assim, desde que creiamos, todos nós podemos verdadeiramente declarar perante Deus: "Senhor, tu sabes que te amo. Sabes que o meu desejo é para ti e a lembrança do teu nome".

*Sermões: "Sobre a religião da família", 1-2 (J, VII, 78).*

\*\*\*

Oh! esteja o vosso coração bem para com Deus! Procurai a felicidade nele e somente nele. Não vos apegueis ao pó! "A terra não é o vosso lugar". Não abuseis no uso que fazeis do mundo; usai-o e tente prazer em Deus. Tende tão pouco<sup>a</sup> pego às coisas aqui de baixo como se fôsseis pobres mendigos. Sede bons mordomos dos variadíssimos dons de Deus, para que quando fordes chamados a dar contas da vossa mordomia, Ele possa dizer: "Bem está servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor".

*Sermões: "Sobre a riqueza", II, 12 (J, VII, 221-22).*

Não podíamos amar a nossos irmãos, sem que passássemos da morte espiritual para a vida, isto é, fôssemos nascidos de Deus... E o que não é nascido de Deus não pode amar a seu irmão.

*Notas: "I Jo. 3:14".*

\*\*\*

Vai e faze o mesmo - Vamos e façamos o mesmo a todos os homens como o nosso próximo que necessita de nossa assistência. Renunciemos à teimosia e à parcialidade que tomam o nosso coração insensível a toda a raça humana, exceto a um pequeno número, cujos sentimentos e práticas são semelhantes aos nossos, de modo que o nosso amor para eles é o reflexo do nosso egoísmo. Com mente honestamente aberta, lembremo-nos sempre da bondade que deve existir entre os homens, e cultivemos aquele instinto feliz pelo qual, na constituição original da nossa natureza, Deus ligou-nos fortemente uns aos outros.

*Notas: "Lucas 10:37".*

\*\*\*

O amor cristão é em si mesmo generoso e desinteressado; nasce não de qualquer ponto de vista de vantagem para nós mesmos, nem de lucro ou de valor, nem ainda do prazer do amor. Este é filho, não o pai da nossa afeição. Sabemos por experiência que o amor social, se isto significa o amor ao próximo, é absolutamente diferente do amor egoísta, mesmo que seja da mais elevada qualidade, tão diferente quanto o são os objetos aos quais ele se dirige. É, contudo, certo que, se obedecerem determinadas regras, cada um proporcionará uma força adicional ao outro, até que se unam para nunca serem divididos.

*Cartas: "Ao Dr. Conyers Middleton " (II, 377).*

### 3 - Perfeição cristã

É provável que o preconceito geral contra a perfeição cristã surja principalmente da falta de compreensão da sua natureza. Admitimos de boa vontade e continuamente declaramos que não existe tal perfeição, nesta vida, que implique na dispensa da prática do bem e da obediência a todos os mandamentos de Deus, na libertação da ignorância, do erro, da tentação e de mil fraqueza necessariamente ligadas à carne e ao sangue.

Primeiro. Não somente admitimos, mas sinceramente re-  
futamos que haja, nesta vida, uma perfeição que implique na dispensa da obediência de todos os mandamentos de Deus ou da prática do bem a todos os homens, enquanto temos tempo, especialmente aos domésticos da fé. cremos que não somente os crentes novos, os que encontraram recentemente a redenção no sangue de Cristo, mas também os que já alcançaram a estatura de varões perfeitos estão indispensavelmente obrigados, sempre que tiverem oportunidade, a comer o pão e a tomar o cálice em memória dele, a pesquisar as Escrituras e, tanto pelo jejum como pela temperança, a manter os seus corpos em sujeição, e, sobretudo, a derramar a sua alma na oração quer privada, quer na grande congregação.

Segundo. cremos que não há, nesta vida, tal perfeição que implique na libertação completa da ignorância ou do erro nas coisas não essenciais à salvação, das muitas tentações ou das inumeráveis fraquezas com as quais o corpo corruptível mais ou menos sujeita a alma. Não podemos encontrar base nas Escrituras para supormos que qualquer habitante de uma casa de barro esteja totalmente isento quer das fraquezas corporais quer da ignorância de muitas coisas, ou para imaginarmos que alguém seja incapaz de erro ou de cair nas diversas tentações...

Mas, então, que quer dizer o sr. por aquele que é perfeito...? Queremos significar aquele em que existe a mente que houve em Cristo e que anda como Cristo andou; um homem que tem as mãos limpas e um coração puro, que foi lavado de todas as impurezas da carne e do espírito; aquele que não é motivo de tropeço para os outros, e aquele que de fato não cometa pecado.



Dizemos de modo mais particular: entendemos pela expressão escriturística - um homem perfeito - como sendo aquele em que Deus cumpriu a sua palavra fiel: Eu vos lavarei ou limparei de todas as vossas impurezas. Entendemos que seja aquele a quem Deus santificou totalmente o corpo, a alma e o espírito, aquele que anda na luz como Ele está na luz, em quem não há nenhuma treva, tendo sido lavado de todo o pecado pelo sangue de Jesus Cristo seu Filho.

Este homem pode agora testificar a toda a humanidade: estou crucificado com Cristo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Como Deus que o chamou é santo, ele o é tanto na vida como em toda a sua conversa. Ama o senhor seu Deus de todo o seu coração e o serve com todas as suas forças. Ama ao seu próximo (a todos os homens) como a si mesmo; sim, como Cristo nos amou, especialmente aqueles que o desprezam e o perseguem porque não conhecem ao Filho nem ao Pai. A sua alma é realmente toda amor, cheias de entranhas de misericórdias, bondade, mansidão, magnanimidade e tolerância. A sua vida está de acordo com estas qualidades, cheia das obras de fé, da paciência, da esperança e da obra do amor. Tudo quanto faz, quer em palavras quer em atos, ele o faz em nome, no amor e no poder, do Senhor Jesus. Numa palavra, ele faz a vontade de Deus na terra como é feita no céu.

Este tem de ser um homem perfeito, tem de ser totalmente santificado... Haverá "de ter um coração tão cheio do amor chamejante de Deus de modo que ofereça continuamente todo pensamento, palavras e obras como um sacrificio espiritual, aceitável a Deus por Cristo" (palavras do Arcebispo Usher). Temos de demonstrar o louvor daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz em todo o pensamento do nosso coração, em toda palavra da nossa língua e em todas as obras das nossas mãos! Oh! que nós e todos os que procuram ao Senhor Jesus Cristo com sinceridade sejamos feitos perfeitos em um!

*Poesias: "O prefácio" (II, 45-48).*

"Vós, portanto, sereis perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos céus". E quem diz: vós não sereis, ou, pelo menos, não sereis enquanto a vossa alma não se separar do corpo? É doutrina de S. Paulo, S. Tiago, S. Pedro e de São João; e não poderia ser outra a do Sr. Wesley e de todos os que pregam o evangelho puro e total. Eu lhe digo, do modo mais simples que posso, onde e quando eu a encontrei. Achei-a nos oráculos de Deus, no Antigo e no Novo Testamento quando os li com nenhum outro desejo que não o de salvar a minha alma. Mas pergunto: que mal há em que esta doutrina seja deste ou daquele? Olhai para ela novamente, examinai-a sob todos os ângulos, fazei isto com a máxima atenção. Sob um ponto de vista é pureza de intenção com a dedicação de toda a vida de Deus. É darmos todo o nosso coração a Deus; são um desejo e um objetivo governando todos os nossos sentimentos. É o devotamento de tudo que somos a Deus. Sob um outro ponto de vista, é a mente que houve em Cristo, capacitando-nos a andarmos como Cristo andou. É a circuncisão do coração cortando toda impureza interior e exterior. É a renovação, no coração, de toda a imagem de Deus, da completa semelhança com aquele que o criou. E ainda sob outro aspecto, é o amarmos a Deus de todo o nosso coração e ao nosso próximo como a nós mesmo. Agora tomai-a sob qualquer destes pontos de vista que vos agradar, pois não há diferença material entre eles, e esta é a perfeição total e única como muitos escritos provam, a qual tenha crido e ensinado durante 40 anos, de 1725 a 1765.

*Obras: "Urna exposição simples da perfeição cristã", 27 (XI, 444).*

\*\*\*

Fazendo uma revisão de todo o assunto, em 1764, escrevi um sumário daquilo que eu havia observado nas seguintes proposições curtas:

1) Existe a perfeição, pois ela é constantemente citada nas Escrituras.

2) Ela não vem cedo como a justificação, pois as pessoas justificadas precisam "prosseguir para a perfeição" - Hebreus 6:1.

h 3) Não é tão tardia quanto a morte, pois S. Paulo nos fala de omens vivos que eram perfeitos - Fil 3:15.

4) Não é absoluta. A perfeição absoluta não pertence ao homem, nem aos anjos, mas somente a Deus.

5) Ela não torna o homem infalível; ninguém é infalível enquanto está no corpo.

6) É ela sem pecado? Não vale a pena contendermos a respeito de termos. Ela é "salvação do pecado".

7) É "amor perfeito" - I Jo 4:18. Este é a essência da mesma. As suas propriedades ou frutos inseparáveis são: alegria constante, oração sem cessar e em tudo darmos graças - I Tes. 5:16, etc.

8) Não podemos prová-la. Não pode de maneira nenhuma permanecer como um ponto indivisível, ser incapaz de desenvolvimento, pois uma pessoa aperfeiçoada em amor pode crescer na graça muito mais rapidamente do que o fazia antes.

9) Pode ser perdida. Temos muitos exemplos disto. Mas não tínhamos inteira convicção disso até 5 ou 6 anos atrás.

10) É constantemente precedida e seguida de um trabalho gradual.

*Obras: "Uma exposição simples da perfeição cristã", 26 (XI, 441-42).*

\*\*\*

De modo que é certo que aqueles que amam a Deus de todo o seu coração e a todos os homens como a si mesmos são perfeitos, segundo as Escrituras. E certamente existem esses, pois, do contrário a promessa de Deus seria uma simples zombaria da fraqueza humana. Mantende isto com firmeza. Mas lembrai-vos, de outro lado, que tendes este tesouro num vaso de barro; morais numa pobre e danificada casa de argila que impele o espírito mortal para baixo. Donde o serem todos os vossos pensamentos, palavras e ações tão imperfeitos, estarem tão longe do padrão - aquela lei do amor à qual a vossa alma responderia em todos os instantes se não fosse o corpo corruptível, que podeis dizer até

que vades para Aquele a quem amais: em todos os momentos, ó Senhor, necessito dos méritos da tua morte.

*Cartas: À "Srta. March" (IV, 208).*

\*\*\*

1) Não somente o pecado propriamente dito, que é uma transcrição voluntária de uma lei conhecida, mas o pecado impropriamente assim chamado que é uma transgressão involuntária de uma lei divina conhecida ou não, necessitam do sangue expiador. 2) Creio que não existe uma perfeição nesta vida que exclua essas transgressões involuntárias, as quais penso serem naturalmente conseqüências da ignorância e dos erros inseparáveis da mortalidade. 3) Perfeição sem pecado é, portanto, uma frase que nunca uso, a menos que parecesse contradizer a mim mesmo. 4) Creio que uma pessoa cheio do amor de Deus ainda esteja sujeitas a estas transgressões involuntárias. 5) Se quiserdes podeis chamar tais transgressões de pecados, eu não o faço pelas razões mencionadas acima.

*Obras: "Uma exposição simples da perfeição cristã", 19 (XI, 396).*

\*\*\*

Eu estava com duas pessoas que crêem serem salvas de todos os pecados. Seja assim ou não, porque não nos regozijarmos na obra de Deus tanto quanto tenha sido inquestionavelmente trabalhava nelas? Pergunto, por exemplo, a João C.: "O sr. sempre ora? Regozija-se em Deus em todos os momentos? Dá graças em todas as coisas? no prejuízo? na dor? na doença? na tristeza? nos desapontamentos? nada deseja? nada teme? sente o amor de Deus continuamente em seu coração? em tudo quanto fala ou faz, tem o Sr. testemunho de que isso está agradando a Deus?" Se ele puder responder solene e deliberadamente na forma afirmativa, por que não nos regozijar-me e louvar a Deus por ele? Talvez porque tenho uma vida <sup>Exc</sup>essivamente complexa da santificação ou de um homem santificado. Desse modo, por causa do temor de que ele não atingido tudo

que eu incluo naquela idéia, não posso regozijar-me naquilo que *ele* atingiu.

*Diário: "Domingo, 2 de dezembro de 1744" (III, 154).*

\*\*\*

Não concebo a perfeição referida aqui como sendo a dos anjos. Visto que aqueles seres gloriosos nunca "deixaram o seu primeiro estado", nunca declinaram da sua perfeição original, todas as suas faculdades nativas são inigualáveis; particularmente o seu entendimento ainda é uma lâmpada luminosa, a sua compreensão de todas as coisas é clara e distinta, e o seu julgamento é sempre verdadeiro. Donde, embora o seu conhecimento seja limitado, pois são criaturas; embora ignorem um número ilimitado de coisas, não estão sujeitos ao erro; na sua espécie, o seu conhecimento é perfeito. E visto que todas as suas afeições são constantemente guiadas pelo seu entendimento sem erro, todas as suas ações por isso convenientes; assim fazem em todos os momentos não a sua, mas a vontade boa e aceitável de Deus. Por isso não é aceitável ao homem, cujo o entendimento é obscurecido, a quem o erro é tão natural quanto a ignorância, cujo pensamento se processa por meio de órgãos fracos e depravados como as outras partes do seu corpo corruptível, não é possível, repito, ao homem pensar sempre certo, compreender as coisas distintamente e julgá-las retamente. Em consequência disto, as suas afeições, as quais dependem dos seu entendimento, são muitas vezes desordenadas. E as suas palavras e ações são influenciadas mais ou menos pela desordem do seu entendimento e afeições. Segue-se que nenhum homem pode possivelmente atingir a perfeição Angélica, enquanto estiver no corpo.

O homem não pode, também, enquanto estiver no corpo corruptível, atingir a perfeição Adâmica. Adão, antes da sua queda, era indubitavelmente tão puro e tão livre do pecado quanto os santos anjos. Do mesmo modo, o seu entendimento era tão claro como o deles, e as suas afeições, tão regulares quanto as deles. Em virtude disto, visto que ele sempre julgava retamente, era sempre capaz de falar e de agir retamente. Mas desde que o homem se rebelou contra Deus, o caso tornou-se inteiramente diferente. Não é mais capaz

de evitar a queda em erros inumeráveis; não pode, conseqüentemente, evitar sempre as afeições errôneas, nem pode sempre pensar, falar e agir retamente. O homem, por isso, no seu estado presente, não pode atingir mais a perfeição Adâmica do que a angélica.

*Sermões: "Sobre a perfeição", I, 1-2 (J, VI, 411-12).*

\*\*\*

Esforçar-me-ei por mostrar, em primeiro lugar, em que sentido os cristãos não são perfeitos. Parece, tanto da experiência como da Escritura, que eles não são perfeitos no conhecimento; não são tão perfeitos nesta vida de maneira a serem livres da ignorância. Sabem talvez em comum com os outros homens, muitas coisas relacionadas com o mundo presente e conhecem as verdades gerais que Deus revelou com referência ao mundo vindouro. Conhecem do mesmo modo (o que o homem natural não recebeu, pois estas coisas são discernidas espiritualmente) o amor com que o "Pai" os amou "de modo que fôssem chamados de filhos de Deus". Conhecem a obra poderosa do seu Espírito do seu coração, a sabedoria da sua providência dirigindo os seus caminhos e fazendo com que todas as coisas contribuam para o seu bem. Sim, conhecem, em todas as circunstâncias da vida, o que o Senhor requer deles e sabem como manter uma consciência isenta de ofensa contra Deus e contra o homem...

Ninguém é, pois, tão perfeito nesta vida que esteja isento da ignorância e do erro, sendo este uma conseqüência quase inevitável daquela. Aqueles que "conhecem apenas em parte" estão sujeitos a errar com referência às coisas que não conhecem. É verdade que os filhos de Deus não erram quanto às coisas essenciais à salvação; eles não "tomam as trevas pela luz nem a luz pelas trevas", nem "procuram a morte nos erros da sua vida". Pois são "ensinados por Deus", e a maneira pela qual Ele os ensina, o caminho da santidade é tão simples que "o viajante, mesmo sendo tolo, não pode errar". Mas nas coisas não essenciais à salvação eles erram frequentemente. Os homens melhores e mais sábios erram constantemente mesmo com referência aos fatos, crendo que essas coisas não eram o que realmente eram ou que foram feitas quando não o foram. Suponhamos que não se enganam quanto aos fatos em si, eles podem enganar-se

quanto às circunstâncias crendo que elas, ou muitas delas, foram inteiramente diferentes do que realmente eram. Disto podem surgir muitos outros enganos. Podem crer que certas ações passadas ou presentes que eram ou são más, são boas, e que, outras, que eram ou são boas, como sendo más. Daí o poderem também julgar erroneamente o caráter dos homens não somente supondo que homens bons sejam melhores ou que homens ímpios sejam piores do que são, mas crendo terem sido ou serem bons os homens muitos maus ou talvez pensando terem sido ou serem maus homens santos e irrepreensíveis...

Portanto, nem os cristãos são tão perfeitos que sejam isentos da ignorância e do erro, e, podemos acrescentar, em terceiro lugar, nem das fraquezas. Tenhamos cuidado em entender esta palavra no sentido exato, não demos a pecados conhecidos aquele título suave como é o costume de alguns. Assim, um homem nos diz: "Todos os homens têm as suas fraquezas e a minha é a bebida"; um outro é impuro; outro toma o nome de Deus em vão e ainda um outro tem a fraqueza de chamar o seu irmão de "tolo" ou de retribuir "ofensa por ofensa". É certo que todos que assim falam, se não se arrependem, irão rapidamente para o inferno com todas as suas fraquezas! Não citamos aqui somente as propriamente chamadas de fraquezas corporais, mas todas as imperfeições internas ou externas que não são de natureza moral. Tais são a fraqueza ou lentidão do entendimento, falta de capacidade ou confusão na compreensão, a incoerência do pensamento, a rapidez irregular ou incapacidade da imaginação. Para não mencionarmos outras da mesma espécie, tais são devidas à falta de prontidão e de tenacidade da memória. Tais são, de outro lado, aquelas que são comumente, até certo ponto, seqüências destas, especialmente a lentidão da linguagem, a falta de propriedade da mesma, e a pronúncia imperfeita e deselegante, às quais podem-se acrescentar milhares de defeitos quer na conversação quer no comportamento. São estas as fraquezas encontradas nos melhores homens em maior ou menor proporção. Ninguém pode esperar libertar-se perfeitamente delas, enquanto o espírito não voltar para Deus que o deu.

Não podemos esperar libertar-mos totalmente da tentação enquanto estivermos aqui. Tal perfeição não pertence a esta vida. É verdade que há aqueles que se abandonam à impureza com avidez, de modo que não percebam as tentações às quais eles não resistem,

e desse modo parece-lhes que não são tentados. Há também aqueles a quem o sábio inimigos das almas vê dormindo pausadamente na forma mortal de impiedade e não os tenta a aumentá-la, a menos que eles se despertem antes de caírem no fogo eterno. Sei, também, que há aqueles que não sentem tentações no presente, tendo sido justificados gratuitamente e encontrado redenção no sangue de Cristo. Deus disse aos seus inimigos: "Não toqueis no meu ungido e não façais mal aos meus filhos". Por esta razão Ele os faz, talvez durante semanas ou meses, cavalgarem as alturas e os conduz como que *em* asas da águias por cima dos dardos inflamados do maligno. Mas esse estado não durará sempre como podemos aprender da simples consideração de que o próprio Filho de Deus, quando estava na carne, foi tentado até o fim da sua vida. Portanto o seu servo deve esperar sê-lo, pois, "é-lhe suficiente que seja como o seu Mestre".

A perfeição cristã, portanto, não implica na isenção da ignorância ou dos erros, das fraquezas ou das tentações, como alguns parecem ter imaginado. Ela é realmente um outro termo para a santidade. São dois nomes para a mesma coisa. De modo que todo aquele que *é* santo *é* perfeito, no sentido das Escrituras. Contudo podemos observar finalmente que, no mesmo sentido, não há perfeição absoluta na terra. Não há perfeição de graus como *é* chamada e nem perfeição que não admita desenvolvimento contínuo. De maneira que quanto mais o homem a tenha atingido ou quanto mais alto o grau da sua perfeição, ainda necessita de "crescer na graça" e avançar diariamente no conhecimento e no amor de Deus, o seu Salvador.

Portanto, de conformidade com a doutrina de S. João e de todo o teor do Novo Testamento, podemos tirar esta conclusão: um cristão *é* perfeito a ponto de não cometer pecado.

Esse é o privilégio de todo cristão, embora seja ele uma criança em Cristo. Mas somente daqueles que são fortes no Senhor e "venceram o maligno", ou melhor, daqueles que conhecem "Aquele que *é* desde o princípio", se pode afirmar que são, em tal sentido, perfeitos, de modo que sejam, em segundo, libertos de todos os maus pensamentos e maus sentimentos. Primeiro, do mal e de pensamentos pecaminosos. Mas observemos aqui que os pensamentos a respeito do mal não são sempre maus pensamentos, e que um pensamento a respeito do mal e um pensamento pecaminoso são coisas



muito diferentes. Um homem, por exemplo, pode pensar no assassinato que um outro cometeu, sem que isto seja mal, ou um pensamento pecaminoso. Assim, nosso Bendito Senhor, sem dúvida, pensou ou entendeu aquilo que o diabo disse: "Todas estas coisas te darei se prostrado me adorares". Entretanto Ele não teve pensamentos pecaminosos, nem cometeu mal, nem era capaz disso. Disto se segue que os verdadeiros cristãos também não os têm, pois, todos aqueles que são perfeitos são como o seu Mestre - Lucas 6:40. Portanto, se Ele era isento do mal ou de pensamentos pecaminosos, do mesmo modo o são os verdadeiros cristãos...

Visto que os cristãos são na verdade libertos dos maus pensamentos, são também dos maus sentimentos. Isto é evidente da declaração de nosso Senhor: "O discípulo não é maior do que o seu Mestre, mas todos os que são perfeitos serão como o seu Mestre". Ele acabara de expor algumas das mais sublimes doutrinas do cristianismo e algumas das mais tristes para a carne e o sangue. "Eu vos digo: amai aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e ao que te bater numa face oferece também a outra". Ele sabia bem que o mundo não receberia estes ensinamentos, e, por isso, acrescentou imediatamente: "Pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no buraco?" Como se tivesse dito: "Não consulteis a carne e o sangue a respeito dessas coisas, isto é, aos homens faltos de discernimento espiritual e cujos olhos do entendimento não foram abertos por Deus, para que não pereçais com eles". No versículo seguinte Ele remove as duas grandes objeções que estes tolos sábios não apresentam constantemente: "Estas coisas são demasiadamente graves para serem suportadas", ou "são muito altas para serem atingidas"; dizendo, "o discípulo não é maior do que o seu Mestre"; portanto, se eu sofri, tende contentamento em seguir os meus passos. Não duvideis, portanto, pois cumprirei a minha palavra: "Pois todo aquele que é perfeito será como o seu Mestre". Mas o seu Mestre era isento de todos os sentimentos pecaminosos. Assim é, portanto, o seu discípulo, o verdadeiro cristão.

*Sermões: "Perfeição cristã", I, 1, 4, 7-9, 20-21, 24 (S, II, 152-56, 168-71).*

Satanás sabe que poucos são capazes de distinguir (e muitos não querem fazê-lo) entre o mau uso acidental de uma doutrina e a tendência de usá-la desse modo. Estes aspectos serão, por isso, continuamente misturados com referência à doutrina da perfeição cristã, a fim de criar preconceitos na mente dos homens descuidados contra as gloriosas promessas de Deus. E quão freqüentemente, quão geralmente, e quase tenho dito quão universalmente, tem ele prevalecido nisto! Pois quem há que observe quaisquer destes efeitos ruins acidentais desta doutrina que não conclua imediatamente que esta é a sua tendência natural e não exclame prontamente: "Vêde, são estes os frutos (significando os frutos naturais e necessários) de tal doutrina?" Não é assim; são frutos que podem surgir acidentalmente do mau uso de uma grande e preciosa verdade; mas o mau uso desta ou de qualquer outra doutrina espiritual não destrói, de modo nenhum, o seu uso. Nem pode a infidelidade do homem, pervertendo os seus retos caminhos, tornar a promessa de Deus sem efeito. Não; seja Deus verdadeiro e todos os homens mentirosos. A palavra do Senhor permanecerá: "Fiel é aquele que prometeu; Ele também o fará".

*Sermões: "Os ardis de Satanás", I, 14 (S, II, 199-200).*

## 4 - O reino de Deus

O reino do céu e o reino de Deus são expressões sinônimas. Elas significam não um estado feliz somente para o céu, mas um estado a ser gozado aqui na terra; é mais uma disposição adequada à glória do céu do que a posse da mesma. Ele está à mão, como se Ele dissesse: Deus vai dirigir aquele reino falado por Daniel no capítulo 2:44 e 7:13-14, o reino do Deus do céu. Ele significa propriamente aqui a dispensação evangélica em que os súditos seriam reunidos para Deus, pelo seu Filho, e uma sociedade seria formada, a qual substituiria primeiramente na terra e depois com Deus em glória. Nalguns lugares da Escritura a frase indica mais particularmente o

estado na terra; em outras, indica somente o estado de glória, mas ela geralmente inclui a ambos. Os judeus entenderam-no como reino temporal com sede em Jerusalém, e aprenderam de Daniel que o esperado soberano deste, reino seria chamado o Filho do Homem.

*Notas: "Mateus 3:2".*

A falta que mais prevalece entre os metodistas é o serem eles muitos exteriorizados em religião. Nós nos esquecemos continuamente de que o reino de Deus está dentro de nós, e de que o nosso princípio fundamental é que somos salvos pela fé, alcançando toda a santidade interior, não pelas obras nem por qualquer coisa externa.

*Cartas: "A John Valton", (V, 289).*

== == ==

A santidade e a felicidade reunidas uma à outra, são às vezes chamadas nos escritos inspirados de "o reino de Deus", como o foi por nosso Senhor no texto, e às vezes de "o reino do céu". Chama-se o reino de Deus, porque é o fruto imediato do reinado de Deus na alma. Logo que Ele com o seu poder estabelece o seu trono no nosso coração, ficamos instantaneamente cheios da "justiça, paz e alegria no Espírito Santo". Chama-se o reino do céu porque é, até certo ponto, o céu aberto na alma. Pois a pessoa que experimentar isso poderá assegurar perante os anjos e os homens: "A vida eterna foi conquistada e a glória começada na terra", de acordo com o teor constante das Escrituras que relata em toda parte que "Deus nos deu a vida eterna e que esta vida é em seu Filho. Aquele que tem o Filho (reinando em seu coração) tem vida e vida eterna" - I Jo 5:11-12. "Pois esta é a vida eterna, que conheçam a ti, único e verdadeiro Deus, e a Jesus Cristo a quem enviaste" - Jo 17:3. E aqueles a quem esta for concedida, poderão dirigir-se a Deus confiantemente, embora estejam no meio de um fogo devorador, nesses termos: "A ti, Senhor, protegido

pelo teu poder, a ti, Filho de Deus, Jeová, nós adoramos; na forma de homem quis descer e aparecer; a ti sejam dadas aleluias incessantes; louvor, como no céu perante o teu trono, te oferecemos aqui; pois onde está a tua presença, aí é céu".

E este reino de Deus ou do céu está à mão ou entre nós. Como estas palavras foram originalmente ditas, elas implicam que o "tempo" estava então cumprido, tendo sido "Deus manifesto na carne", quando Ele estebeleceria o seu reino entre os homens e reinaria no coração do seu povo. Não está o tempo cumprido agora? Disse Ele: "Pois eis que sempre estarei convosco, vós que pregais a remissão dos pecados em meu nome, até o fim do mundo" - Mat 28:20. Portanto, onde quer que esse evangelho de Cristo seja pregado, esse reino está à mão. Não está longe de cada um de vós. Neste momento podeis entrar nele, se ouvirdes a sua voz: "Arrependei-vos e crede no evangelho".

*Sermões: "O caminho do reino", 1, 12-13 (S, 1, 154-55).*

\*\*\*

Pois o reino de Deus, isto é, a religião verdadeira, não consiste em atos externos, mas na justiça, na imagem de Deus estampada no coração, no amor a Deus e ao próximo acompanhado daquela paz que excede a todo entendimento, e de alegria no Espírito Santo.

*Notas: "Rom . 14:17".*

\*\* \*\*

Oramos para que o seu reino, o reino de Cristo, venha para que o nome de Deus seja santificado. Então este reino vem a uma determinada pessoa quando "ela se arrepende e crê no evangelho", quando é ensinada por Deus a não somente conhecer-se a si mesma mas, também, a Cristo crucificado. Visto que "esta é a vida eterna, que <sup>é</sup> onheçam o único verdadeiro Deus e a Jesus Cristo a quem Ele <sup>envio</sup>u", o reino de Deus começou aqui, estabeleceu-se no coração

do crente: "o Senhor Deus Onipotente então reina quando é conhecido através de Cristo Jesus. Ele lançou mão do seu poder para que pudesse submeter a si todas as coisas. Ele continua conquistando almas até que tenha posto todas as coisas sob os seus pés, até que tenha subjugado a todo pensamento ao cativo da obediência a Cristo".

Portanto, quando Deus "der ao seu Filho os pagãos por herança e as mais longínquas partes da terra por possessão", "quando todos os reinos se curvarem perante Ele e todas as nações o servirão", "quando o monte da casa do Senhor, a Igreja de Cristo, for estabelecida no topo das montanhas", "quando a plenitude dos gentios vier e todo o Israel for salvo", então ver-se-á que "o Senhor é rei e se vestiu de glorioso aparato", aparecendo a todas as almas como rei dos reis e senhor dos senhores. E convém a todos os que amam a sua vinda que orem para que Ele apresse o tempo; para que o seu Reino, o reino de graça, venha depressa e subjugue todos os reinos da terra; para que toda a humanidade, recebendo-o como seu rei, e crendo verdadeiramente em seu nome, seja cheia da justiça, de paz e de alegria, de santidade e felicidade; até que todos sejam levados para o seu reino celestial para reinarem com Ele eternamente.

Nestas palavras "venha o teu reino", oramos também para que venha o seu reino eterno, o reino de glória no céu que é a continuação e a perfeição do reino de graça na terra, Este petição, bem como a precedente, é conseqüentemente interessada neste grande acontecimento - a renovação final de todas as coisas, pondo Deus um fim à miséria em suas mãos e estabelecendo o reino que permanecerá para sempre.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: VI", 111,8 (S,I,436-37).*

**VIII**  
**O Padrão Moral**

## VIII

# O Padrão Moral

*Wesley indica freqüentemente vários deveres e traços de caráter, aos quais o cristão está sujeito para regular a vida das suas sociedades. Fazendo tal, ele entra muitas vezes em detalhes de casuística em numerosas cartas, ensaios e no seu diário, nos quais se preocupa com prescrições éticas preciosas. Algumas destas parecem ter sido removidos hoje da teologia vital que fez com que o reavivamento vivesse, embora a maioria das mesmas dissesse respeito a problemas específicos que o seu povo enfrentava. A ética prática de Wesley é primariamente individual, sendo a sua ética social uma extensão daquela aplicada ao indivíduo. Isto, contudo, de modo nenhum restringia o seu criticismo ativo, em nome do amor cristão, aos muitos males sociais que prevaleciam na Inglaterra do século 18. O primeiro amor redentor de Deus que coloca a todo cristão sob obrigação provocou o intenso interesse ético do movimento wesleyano e tem espalhado conseqüências sociais, não somente nos dias de Wesley, mas através de toda a história do metodismo.*

\*\*\*

## 1- Caráter cristão

A todos os que têm a religião de Jesus Cristo é impossível e escondê-la. Nosso Senhor tornou isto claro através de uma dupla comparação: "Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre o monte", Vós, cristãos, "sois a luz do mun-

do" quanto aos vossos sentimentos e ações. A vossa santidade vos torna tão visíveis quanto o sol ao meio-dia. Como não podeis sair do mundo, assim não podeis ficar nele sem serdes vistos por toda a humanidade. Não podeis fugir dos homens; e enquanto estais no meio deles, é-vos impossível esconder a vossa humanidade e mansidão e as outras disposições a que aspirais, para serdes perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito.

O amor não pode ser escondido assim como a luz, e menos ainda quando ele brilha nas ações, quando vós o exercitais nas obras de beneficência de toda espécie. Pensar em ocultar-se uma grande cidade; sim, assim como não se pode ocultar uma cidade construída sobre um monte, assim não se pode fazê-lo com aquele que é zeloso, santo e ativo no amor a Deus e ao próximo...

Do mesmo modo é impossível impedirmos que a nossa religião seja vista, a menos que nós a atiremos fora; é vão o pensamento sobre ocultar-se a luz, a menos que a extingamos. Certamente uma religião secreta, que os outros não vêem, não pode ser a religião de Jesus Cristo. Toda religião que possa manter-se oculta não é cristianismo. Se um cristão pudesse ocultar-se, ele não poderia ser comparado a uma cidade sobre o monte, à luz do mundo, ao sol que brilha no céu e é visto por todo o mundo embaixo. Portanto, nunca entre no coração daquele que foi renovado por Deus no espírito da sua mente o ocultar aquela luz, o conservar a sua religião para si mesmo, considerando-se especialmente que não somente é impossível esconder-se o verdadeiro cristianismo, como também é absolutamente contrário aos designios do seu grande autor.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: IV", 11,2, 4 (S,I, 388-89).*

\*\*\*

Será que a pessoa que pratica os bons princípios da moral é o mesmo que um bom cristão? Que o homem não precisa preocupar-se se ele somente pratica do cristianismo o que foi escrito no portão do imperador pagão: "Fazei aos outros o que quereis que eles vos façam", especialmente se não é infiel ou herético, mas crê em tudo o que a Bíblia e a Igreja dizem ser verdadeiro?



Eu não seria entendido se desprezasse essas coisas, se desvalorizasse as opiniões corretas, a verdadeira moralidade ou o zelo respeitoso pela constituição que recebemos de nossos pais. No entanto, que valerão essas coisas se forem isoladas? Que valor terão elas para nós naquele dia? Que valerá dizermos ao Juiz de todos: "Senhor, não fui como os outros homens, injusto, adúltero, mentiroso nem imoral"? Que nos adiantará se tivermos feito todo bem e não tivermos prejudicado a ninguém, se tivermos dado todos os nossos bens para alimentar os pobres e não tivermos caridade? Como consideraremos aqueles que nos ensinaram a continuarmos dormindo e descansando apesar do "amor do Pai não achar-se em nós"? Ou que, ensinando-nos a procurar a salvação pelas obras, privaram-nos de recebermos aquela fê gratuita, único meio pelo qual o amor de Deus é derramado abundantemente em nosso coração?

*Sermões: "Defesa do verdadeiro cristianismo", I, 9-10 (J, VII, 456-57).*



Aprendemos aqui que o grande e primeiro objetivo de Deus em permitir que sejamos tentados, o que traz tristeza aos seus filhos, é provar a sua fê como o ouro o é pelo fogo. Ma sabemos que o ouro ao ser provado pelo fogo é por esse meio purificado e separa-se de suas impurezas. Assim é a fê no fogo da tentação: quanto mais provada mais purificada; e não somente purificada, mas fortalecida, confirmada e abundantemente desenvolvida e por muitas outras provas da sabedoria, do poder, do amor e da fidelidade de Deus. O desenvolvimento da nossa fê é, pois, um objetivo gracioso de Deus ao permitir que sejamos tentados de muitos modos.

Elas servem, também, para provar, purificar, e confirmar e desenvolver aquela esperança viva para a qual "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo no gerou de novo da sua misericórdia abundante". A nossa esperança se desenvolve na mesma proporção da nossa fê. Ela se firma neste fundamento: crendo em seu nome, vivendo pela fê no Filho de Deus, temos esperança confiante na glória que será revelada; conseqüentemente o que forta-

lece a nossa fé, também desenvolve a nossa esperança, ao mesmo tempo que aumenta a nossa alegria no Senhor, a qual é seguida por uma esperança plena de imoralidade. O Apóstolo exorta os crentes no outro capítulo neste sentido: "Regozijai-vos por serdes participantes dos sofrimentos de Cristo". Por esta mesma razão "sois felizes, porque o Espírito de glória e de Deus está sobre vós", e, por este meio, sois capacitados a "regozijardes com alegria indizível e cheia de glória", até mesmo no meio dos sofrimentos.

Eles ainda mais se regozijam, porque as provas que desenvolvem a sua fé e esperança aumentam também o seu amor; a sua gratidão para com Deus pela sua misericórdia e a sua boa vontade para com toda a humanidade. Do mesmo modo, quanto mais sensíveis são à bondade de Deus seu Salvador, tanto mais o seu coração se inflama de amor para com "Aquele que nos amou primeiro". Quanto mais clara e mais forte evidência eles têm da glória que será revelada, tanto mais amam Aquele que lha comprou, e da mesma lhes "deu a certeza em seu coração". O desenvolvimento do seu amor é um outro objetivo da permissão, para que as tentações nos venham.

Ainda um outro é o crescimento da sua santidade do coração, na conversa, sendo que esta resulta naturalmente da primeira, pois, a boa árvore dá bons frutos. Toda santidade interior é fruto imediato da fé que opera pelo amor. Por esta o bendito Espírito purifica o coração do orgulho, da obstinação e da paixão, do amor do mundo, dos desejos tolos e prejudiciais e das afeições vis e vãs. Além disso, as aflições santificadas têm, através da graça de Deus, uma tendência imediata e direta para a santidade. Através da operação do seu Espírito elas humilham mais e mais e fazem com que a alma se prostre perante Deus. Elas acalmam e suavizam o nosso espírito turbulento, domam a ferocidade da nossa natureza, abrandam a nossa obstinação, crucificam-nos para o mundo e nos levam a esperarmos toda a nossa força e procurarmos toda a nossa felicidade em Deus.

E tudo isto termina no grande objetivo de que a nossa fé, esperança, o nosso amor e a nossa santidade, se ainda não o são, venham a ser motivo de louvor do próprio Deus; de honra dos

homens e dos anjos e de glória concedidos pelo grande Juiz todos os que permanecem fiéis até o fim.

*Sermões: "Aflição através de muitas tentações", IV, 2-6 (S,II, 275-76).*

\*\*\*

A humildade cristã nos livra dos extremos, quer para mais, quer para menos. Não destrói, mas equilibra as afeições, as quais o Deus da natureza não determinou que fôsem arrancadas, mas postas sob regulamentações adequadas. Ela guia a mente na direção certa. Mantém um equilíbrio quanto à ira, à tristeza e o medo, preservando o meio termo em todas as circunstâncias da vida, e não se desviando nem para direita nem para a esquerda.

A mansidão, portanto, parece referir-se propriamente a nós mesmos, mas pode ser também em relação a Deus e ao nosso próximo. Quando esse estado mental refere-se a Deus, chama-se usualmente "resignação", uma calma aquiescência a tudo que seja da sua vontade para conosco mesmos que não seja agradável à natureza, dizendo continuamente: "E o Senhor, faça Ele o que achar conveniente". Quando a considerarmos de maneira mais restrita, com referência a nós mesmos, chamamo-la "paciência" ou "contentamento". Quando ela é exercida para com os outros homens é "moderação" no bem e "brandura" no mal.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: II", 1,3-4 (S,I, 336-37).*

\*\*\*

A alegria cristã é alegria na obediência; alegria no amar a Deus e em guardar os seus mandamentos, e não guardá-los como se tivéssemos de cumprir os termos de um convênio de obras, como se por qualquer tipo de obras ou de justiça nossa tivéssemos de procurar o perdão e a aceitação de Deus. Não; já somos perdoados e aceitos pela misericórdia de Deus em Cristo Jesus. Não como se tivesse-

mos de procurar a vida contra a morte do pecado, pela nossa própria obediência; temos esta, também, através da graça de Deus. "Ele reviveu-nos a nós que estávamos mortos nos pecados"; desse modo estamos "vivos para Deus através de Jesus Cristo nosso Senhor". Regozijamo-nos em andarmos de acordo com a aliança da graça em santo amor e obediência feliz. Regozijamo-nos em sabermos que "sendo justificados pela sua graça", não "recebemos a graça de Deus em vão"; que Deus reconciliando-nos consigo mesmo gratuitamente, fê-lo não por nossa vontade ou por nossos atos, mas pelo sangue do Cordeiro e seguimos, pela força que Ele nos deu, o caminho dos seus mandamentos. Ele "nos cingiu com força para a guerra" e nós, alegremente, "combatemos o bom combate da fé". Regozijamo-nos, através daquele que vive no nosso coração pela fé, em "apoderarmo-nos da vida eterna".

*Sermões: "O testemunho do nosso espírito", 20 (S,I,236).*

\*\*\*

Esforcei-me por mostrar, através de Mat. 18:3, àqueles que usam a palavra sem entendê-la, o que é propriamente a simplicidade cristã e o que ela não é. Não é ignorância ou tolice, não é entusiasmo nem credulidade. É fé, humildade, boa disposição para receber o ensino e libertação dos maus pensamentos.

*Diário: "Domingo, 19 de dezembro de 1762" (IV, 541).*

\*\*\*

É a verdade, não esta ou aquela opinião, mas o amor de Deus, que humilha o homem e somente ela o faz. Logo que esta é derramada abundantemente em seu coração, ele odeia a si mesmo e usa pó e cinza. Logo que ela entra na sua alma, a vergonha cobre seu rosto. Aqueles pensamentos: "O que é Deus?", "O que fez Ele por mim?" são seguidos imediatamente por este: "Que sou eu?" e não sabe o que fazer, onde esconder-se ou como humilhar-se suficientemente perante o grande Deus de amor, a respeito de quem ele agora sabe

que como é a sua majestade assim é a sua misericórdia. Diga aquele que sentiu isto, seja qual for a sua opinião, se pode gloriar-se, se pôde desempenhar qualquer parte da sua salvação ou se merece a glória de quaisquer palavra ou pensamento bons. Procure, então, humildade aquele que quiser, naquele caniço quebrado; mas que o amor de Deus humilhe a minha alma!

*Obras: "A predestinação calmamente considerada", 84 (X, 256).*

\*\*\*

## 2 - Os deveres cristãos

Podemos perceber claramente a grande diferença existente entre cristianismo e moralidade. Nada pode ser mais certo, na verdade, do que o verdadeiro cristianismo não poder existir sem a experiência interior e a prática exterior da justiça, misericórdia e verdade; estas sozinhas são moralidade genuína. Mas é igualmente certo que toda moralidade, toda justiça, misericórdia e verdade que possam possivelmente existir sem o cristianismo para nada aproveitam, não têm valor à vista de Deus para aqueles que estão sob a dispensação cristã. Acrescento de propósito que elas devem ser observadas por eles, porque não tenho autoridade pela palavra de Deus para "julgar os que estão de fora", nem concebo que qualquer um tenha o direito de sentenciar a todo mundo dos pagãos e dos maometanos à condenação. É muito melhor deixá-los para Aquele que os fez e que é "o Pai dos espíritos de toda carne", que é o Deus tanto dos pagãos como dos cristãos e que não odeia a qualquer das coisas feitas por Ele. Mas isso nada quer dizer para aqueles que nomeiam o nome de Cristo, todos aqueles que estando sob a lei cristã serão julgados por ela, sem dúvida. A menos que os primeiros sejam mudados, tenham novos sentimentos, idéias e paixões não serão cristãos. Seja qual for o grau de justiça, de verdade e de misericórdia que tenham, não passam ainda de ateus!

Talvez haja pessoas sensatas que levam isso mais longe, afirmando que, seja qual for a mudança operada no coração e na vida dos homens, se eles não tiverem uma visão clara das doutrinas capitais - a queda do homem, a justificação pela fé e a expiação pela morte de Cristo e da sua justiça que se transfere para eles, não poderão ter benefício na sua morte. Não ousou afirmar tal coisa. Realmente não o creio. Creio que o Deus misericordioso olha mais para a vida e para os sentimentos dos homens do que para as suas idéias. Creio que Ele respeita mais a bondade do coração do que a clareza mental e que se o coração do homem for cheio (pela graça de Deus e pelo poder do seu Espírito) de amor humilde, suave e paciente para com Deus e o próximo, Deus não o lançará no fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos, porque as suas idéias não sejam claras, ou porque as suas concepções sejam confusas. Afirmando que "sem santidade ninguém verá o Senhor", mas não ousou acrescentar: "sem claras idéias".

*Sermões: "Sobre a vida sem Deus", 14-15 (J, VII, 353-54).*

\*\*\*

Os meios de graça são instituídos ou ditados pela prudência.

I - Os instituídos são:

a) Oração particular, em família e em público, consistindo de deprecação, intercessão e ações de graça. Usa o sr. cada uma dessas? Ora o sr. particularmente de manhã e à noite? Se o sr. pode, à tarde? Antes e depois da pregação? Separa sr. diariamente, onde quer que seja, tempo para isso? Confessa isso em toda parte? Pergunta o sr. em toda parte: "Faz o sr. oração em família?" Pratica o sr. o recolhimento às 17 horas?

1 - Pesquisa das Escrituras:

a) Pela leitura: constantemente - uma parte de cada dia; regularmente - toda a Bíblia seguida; cuidadosamente - com as Notas; seriamente - com oração antes e depois; frutiferamente - praticando imediatamente o que aprendeu.

b) Pela meditação em horas determinadas e seguindo regras.

c) Pelo ouvir todas as manhãs, cuidadosamente com oração, antes e depois, e pondo-a em prática imediatamente. Tem o sr. um Novo Testamento sempre em seu poder?

2 - A *ceia* do Senhor. Usa o sr. deste meio em todas as oportunidades? Com oração solene antes dela? com sincera e deliberada devoção?

3 - O jejum - Como jejua o sr. todas as sextas-feiras?

4 - Conversação cristã. Está o sr. convencido da importância e da dificuldade em manter-se uma conversação reta? É ela sempre atraente? Temperada com sal? É conduzida de modo a ajudar aos que ouvem? Não fala o sr. às vezes demasiadamente? Não é uma hora comumente suficiente? Não seria bom ter sempre um fim determinado em vista e orar antes e depois da conversa?

## II - Os da prudência

Estes meios podem ser usados por nós, pelos cristãos comuns, como metodistas, como pregadores ou como assistentes.

1) Como cristãos comuns. Que regras particulares tem o sr. para crescer na graça? Que arte tem para uma vida santa?

2) Como metodista. Freqüenta o sr. sempre a sua classe ou o seu grupo?

3) Como pregadores. Visita o sr. a todas as congregações? Aos líderes e aos grupos, se existem?

4) Como assistentes. Tem o sr. considerado claramente a sua missão? Tem o sr. a consciência tranquila de ter executado todas as partes dessa missão?

Esses meios podem ser usados sem que produzam frutos, mas há alguns que não podem, especialmente a vigilância, a renúncia a nós mesmos, o tomarmos a nossa cruz e o exercício da comunhão com Deus.

*Obras: "Minutos de várias conversações" (VIII, 322).*

Acrescente constantemente ao público os meios particulares de graça, principalmente a oração e a leitura. A maioria de vós tem sido grandemente faltosa nisso, e sem esses meios, nunca podereis crescer na graça. Assim como não é possível uma criança crescer sem alimento, a alma não pode fazê-lo sem a oração em particular, sendo a leitura da palavra de Deus um excelente auxílio para ela.

*Cartas: "Às congregações em Bristol" (IV, 272).*

\*\*\*

Primeiramente todos os que desejam obter a graça de Deus têm de esperá-la por meio da oração. Esse é o caminho traçado por nosso Senhor. No sermão do monte, depois de explicar detalhadamente de que a religião consiste, e descrever os seus principais elementos, Ele acrescenta: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á, pois todo aquele que pede recebe e o que procura acha e àquele que bate abrir-se-lhe-á" - Mat. 7:7-8. Eis aqui o modo mais simples indicado de pedirmos e recebermos, de procurarmos e acharmos a graça de Deus, a pérola de grande preço e de continuarmos batendo, pedindo e procurando se quisermos entrar no seu reino.

Para que não fique dúvida alguma, nosso Senhor esclarece este ponto de maneira mais peculiar. Ele apela ao coração de todos os homens nesses termos: "Qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem", Ele o Pai dos anjos e dos homens, o Pai dos espíritos de toda carne? - versículos 9-11 Ou como Ele se expressa numa outra ocasião, incluindo todas as coisas numa só: "Quanto mais dará o vosso Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" - Lucas 11:13. Devemos observar particularmente nesse ponto que as pessoas levadas a pedirem não tinham então recebido o Espírito Santo, no entanto nosso Senhor as convence a usarem esse meio, e promete que ele deve realizar-se, e que ao pedirem devem receber o Espírito Santo daquele cuja misericórdia se estende a todas as suas obras...



Em segundo lugar, todos os que desejam a graça de Deus precisam esperá-la através da pesquisa das Escrituras.

A direção dada por nosso Senhor com referência ao uso desse meio é também simples e clara. "Examinai as Escrituras", disse Ele aos judeus que não criam, "pois elas testificam de mim" - Jo. 5:39. Ele os conduziu a examinarem as Escrituras com o fim específico de crerem nele.

A objeção de que "isto não é um mandamento, mas apenas uma afirmação de que examinassem as Escrituras", é vergonhosamente falsa. Desejo que aqueles que assim argumentam nos esclareçam o modo pelo qual um mandamento possa ser expresso de maneira mais clara do que nesses termos: "Examinai as Escrituras". É tão peremptório quanto quaisquer outras palavras o podem fazer...

Terceiro: todos os que desejam crescer na graça de Deus têm de esperá-lo participando da Ceia do Senhor, pois essa é, também, uma direção indicada por Ele: "Na mesma noite em que Ele foi traído, tomou o pão, partiu-o e disse: "Tomai e comei-o, este é o meu corpo", isto é, o sinal sagrado do meu corpo; "fazei isto em memória de mim". Do mesmo modo "tomou o cálice, dizendo: este cálice é o Novo Testamento ou aliança no meu sangue", o sinal sagrado daquela aliança, "fazei isto em memória de mim". Pois todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice anunciais a morte do Senhor até que Ele venha"- I Cor. 11:23 e seguintes. Manifestais, por meio desses sinais visíveis, abertamente perante Deus, os anjos e os homens, a vossa solene lembrança da sua morte até que venha nas nuvens dos céus.

*Sermões: "Os meios de graça", 111,1-2, 7, 11 (S,I, 245-46, 248-49, 251-52).*

\*\*\*

A cura das doenças espirituais, assim como as do corpo, deve ser variada de acordo com as suas causas. A primeira coisa, portanto, é descobrir-se a causa; esta apontará naturalmente qual deve ser a cura. Por exemplo: é o pecado que produz as trevas? Que pecado? É qualquer espécie de pecado exterior? Porventura a vossa consciên-

cia vos acusa de cometerdes algum pecado pelo qual entristeceis ao Espírito Santo de Deus? É por isso que Ele separou de vós e com Ele foram, também, a alegria e a paz? Como podeis esperar que voltem, enquanto não abandonardes a coisa maldita? "Abandone o ímpio o seu caminho"; "Lavaí as vossas mãos, vós pecadores"; "Apartai de vós a maldade das vossas ações"; assim a vossa "luz afastará a escuridão"; o Senhor voltará e "perdoará abundantemente".

Se depois de cuidadoso exame não achardes nenhum pecado por comissão que cause nuvem sobre a vossa alma, procurai descobrir se existe algum pecado por omissão que vos separa de Deus, até que o pecado, por omissão ou por comissão, seja removido, pois todo conforto é falso e enganoso. É preciso descarnar a ferida, limpando-a das impurezas que ainda permanecem sob a casca. Não procureis a paz, enquanto não estiverdes em paz com Deus, a qual não pode existir sem "frutos dignos de arrependimento".

*Sermões: "o estado desolador", III, 1-3 (S,II,256-57).*

\*\*\*

O que é a renúncia? Em que devemos negar a nós mesmos? E de onde surge essa necessidade? respondo que a vontade de Deus é a regra suprema e inalterável para toda a criatura inteligente, a qual abrange a todos os anjos no céu e a todos os homens na terra. Não pode ser de outro modo; este é o resultado natural e necessário da relação entre as criaturas e o seu Criador. Mas se a vontade de Deus é uma regra para as ações, grandes e pequenas, segue-se; como consequência inegável, que não temos de fazer a nossa vontade em coisa alguma. Vemos, portanto, aqui, imediatamente, a natureza, o fundamento e a razão de ser da renúncia. A natureza da renúncia é o negarmos ou recusarmos seguir a nossa própria vontade por uma convicção de que a vontade de Deus é a única regra de ação para nós. A razão da mesma é que somos criaturas, pois, "foi Ele que nos fez e não nós mesmos".

*Sermões: "Renúncia", 1,2 (S,II, 285-86).*

Não há emprego do nosso tempo, nenhuma ação ou conversa que sejam inteiramente indiferentes. Tudo é bom ou ruim porque todo o nosso tempo, assim como tudo que temos não é nosso. Todas essas coisas são, no dizer de nosso Senhor, *allogria propriedade de outro*, de Deus o nosso criador. Mas essas coisas são ou não empregadas conforme a sua vontade. Se são, são boas, se não são, são más. É ainda sua vontade que crescamos continuamente na graça e no conhecimento vivo de nosso Senhor Jesus Cristo. Conseqüentemente, todo pensamento, toda palavra ou obra pelos quais desenvolvemos esse conhecimento, faz-nos crescer na graça, são bons; e tudo aquilo que faz com que este conhecimento diminua, é verdadeiramente ruim.

*Sermões: "O bom mordomo", IV, 2 (S, 478-79).*

\*\*\*

"Vêde que não deis esmolas diante dos homens, para serdes vistos por eles, do contrário não recebereis galardão de vosso Pai que está no céu". "Que não deis as vossas esmolas". Embora sejam essas as únicas especificadas, esse ato inclui toda a obra de caridade, tudo que damos, falamos ou fazemos e através dele o nosso próximo possa melhorar a sua situação, pela qual uma outra pessoa possa receber alguma vantagem quer no seu corpo quer na sua alma, tais como: alimentar os famintos, vestir os nus, prestar assistência ao estrangeiro, visitar os doentes e os presos, confortar os aflitos, instruir os ignorantes, reprovar o ímpio, exortar e encorajar os que praticam o bem; se houver qualquer outro ato de misericórdia está igualmente incluído nessa instrução.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: IV", I, 1 (S,I,426).*

\*\*\*

Tenhamos cuidado de afligir a nossa alma bem como o nosso corpo. Que toda época de jejum público ou particular seja ocasião para exercitarmos todas as santas afeições que estão implícitas num

coração contrito e quebrantado. Seja uma ocasião de choro devoto, de piedosa tristeza pelo pecado, tristeza como aquela de que o Apóstolo fala em Coríntios: "Regozijo-me não porque fostes constribados, mas porque vos entristecestes para arrependimento. Pois tivestes a tristeza de modo piedoso, a fim de que em nada recebêsseis dano de nós. Pois a tristeza piedosa - *he kata Theou Iupê* - a tristeza que é segundo Deus, que é o precioso dom do seu Espírito, elevando a alma a Deus de quem ela procede, produz arrependimento para salvação, da qual não se deve arrepender".

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: VII", IV, 5 (S, I, 468).*

\*\*\*

"Não vos preocupeis com o dia de amanhã". Não somente pelo ajuntar tesouros sobre a terra, isto é, desenvolverdes a vossa riqueza temporal, mas em procurar mais alimento do que podeis comer ou mais vestidos do que o necessário para os objetivos razoáveis e simples da vida e de cada dia, e, também, em referência às coisas que são absolutamente necessárias ao corpo. Não vos preocupeis pensando no que fareis num futuro distante. Talvez esse tempo nunca venha ou não seja da vossa conta; pode ser que venhais a entrar na eternidade, tendo passado através de todas as ondas. Todas essas paisagens de um futuro distante não vos pertencem, vós que sois criaturas de um dia. Falando-se mais estritamente, que tendes vós com o dia de amanhã? Por que vos tornais perplexos sem necessidade? Deus provê o que vos é necessário para manter-vos a vida que Ele vos deu, no dia de hoje. Isso é suficiente; entregai-vos nas suas mãos. Se viverdes mais um dia, Ele proverá, também, para aquele.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: IX", 24 (S,I, 509).*

\*\*\*

Se um cristão vir qualquer coisa que ele não aprove, isso não deve sair dos seus lábios, senão para a pessoa a que isso se refere, se ele felizmente puder ganhar o seu irmão. Longe esteja dele o fazer

das faltas e fraquezas dos outros assunto da sua conversação; não deve falar do ausente a menos que possa falar bem.

Só há exceção. Às vezes o cristão se convence de que o faz para glória de Deus ou para o bem do próximo, não encobrimdo um mal. Neste caso, para o bem do inocente, ele é obrigado a declarar a culpa. Mas mesmo neste caso 1) ele não o dirá até que o amor superior o tenha constrangido; 2) ele não pode fazê-lo mediante uma visão geral e confusa da prática do bem ou da promoção da glória de Deus, mas de uma visão clara de algum objetivo particular, algum bem determinado que ele procura atingir. 3) Ele ainda não o dirá a menos que esteja totalmente convencido de qual tal coisa seja necessária àquele objetivo e de que tal objetivo não pode ser alcançado por nenhum outro meio, pelo menos não com tão bons resultados. 4) Então o faz com a maior tristeza e relutância, usando tal meio como o último e pior remédio, um remédio desesperador num caso grave, uma espécie de veneno que nunca deve ser usado senão como contraveneno. 5) Conseqüentemente, ele o usa com a maior parcimônia possível. Fã-lo com temor e tremor de que esteja transgredindo a lei do amor falando demasiadamente, trasngressão essa maior do que se ficasse calado.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: II", III, 14 (S,I,352).*

\*\*\*

É certo que todos os homens não verão todas as coisas de modo semelhante, visto que conhecemos apenas em parte. É uma consequência inevitável da presente fraqueza e pequenez do entendimento humano o terem os homens pensamentos diferentes tanto na religião como na vida comum. Tem sido assim desde o começo do mundo e será do mesmo modo "até a restituição de todas as coisas".

Embora todos os homens creiam necessariamente que todas as suas opiniões particulares sejam verdadeiras (pois o crer que alguma opinião não seja verdadeira é o mesmo que não possuí-la), nenhum pode estar certo de que todas as suas opiniões sejam verdadeiras quando tomadas em conjunto. Todo homem inteligente está certo de que não são, visto que "humanum est errare et nescire -

ignorar muitas coisas e errar em algumas - é a condição necessária da humanidade". Portanto o homem sente que este é o seu caso. Sabe que, de modo geral, *ele* mesmo erra, embora talvez não possa saber em que particulares erra ou não.

Eu digo "talvez ele não possa saber", pois, quem pode dizer até onde vai a ignorância invencível? Ou, o que quer dizer a mesma coisa, preconceito invencível? Este às vezes se fixa de tal maneira nas mentes tenras que mais tarde torna-se impossível arrancar-se aquilo que lançou raízes tão profundas. E quem pode dizer, a menos que conheça todas as circunstâncias que cercam o caso, até onde um erro é culpável? Isto porque toda culpa deve supor a concorrência da vontade, a qual somente aquele que sonda o coração pode julgar.

Todo homem sábio permitirá, portanto, que os outros tenham a mesma liberdade de pensar que ele deseja ter e não insistirá que os outros abracem as suas opiniões mais do que deseja que os outros o façam com ele. Tolera aqueles que pensam diferentemente e faz àqueles a quem ele quer unir-se pelo amor somente esta simples pergunta: "É o teu coração reto como o meu o é com o teu?"

*Sermões: "Espírito católico", 3 -6 (S, II, 131-33).*

\*\*\*

### 3- A família

Inculquei fortemente a religião familiar, grande "

afinal adotaram a resolução de Josué: "Eu e minha casa serviremos ao Senhor".

*Diário: "domingo, 16 de dezembro de 1766"(V, 193).*

Que ninguém vos engane com palavras vãs; as riquezas e a felicidade raramente vivem juntas. Se fordes, portanto, sábios, não procurareis riquezas para vossos filhos através do seu casamento. Sejam os vossos olhos simples também nisto: buscai simplesmente a glória de Deus e a felicidade real dos vossos filhos no tempo e na eternidade.

*Sermões: "Sobre a religião na família", III, 17 (J, VII, 85).*

\*\*\*

Tendes ambos o consentimento de vossos pais? Sem isto raramente há bênção. Em segundo lugar, é ele capaz de sustentá-lo do modo como foi até agora? Do contrário, lembre-se: "Quando a pobreza entra pela porta, o amor sai pela janela".

*Cartas: "A Jane Hilton" (V,109).*

\*\*\*

Sendo o casamento santo e honrado não pode ser usado como uma pretensão em dar largas aos nossos desejos. Realmente "foi dito que aquele que quiser deixar a sua esposa deve dar-lhe o divórcio" e então tudo estava bem, embora ele não alegasse causa alguma, senão que não gostava dela ou que amava mais a outra, "Mas eu vos digo que aquele que deixar a sua esposa, exceto por causa de adultério, (isso é adultério, sendo que a palavra *porncia* significa falta de castidade em geral, quer do casado quer do solteiro) fã-la cometer adultério", se ela tornar a casar-se, e "o que casar com ela cometerá adultério" (versículos 31-32).

Toda poligamia é claramente condenada nestas palavras em que nosso Senhor declara expressamente que é adultério para a mulher que tem marido vivo o casar-se novamente. Por igual razão é, também, adultério para o homem casar-se de novo tendo esposa viva, embora sejam divorciados, a menos que esse divórcio tenha

sido por causa de adultério. Somente nesse caso, o novo casamento para a pessoa inocente não encontra proibição nas Escrituras.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: III", 1, 5 (S, I, 359-60).*

\*\*\*

A pessoa que exige as suas primeiras atenções na sua casa é, sem dúvida, a sua esposa, visto que o sr. tem de amá-la como Cristo amou a sua Igreja, quando deu a sua vida para que pudesse "purificá-la para si mesmo, para que ela não tivesse mancha nem ruga ou qualquer outra coisa semelhante". Todos os maridos devem ter o mesmo objetivo em todas as suas relações com as suas esposas, usando de todos os meios possíveis para que elas possam ser limpas de toda mancha e andar de cabeça erguida em amor.

Em segundo lugar vêm os filhos - espíritos imortais que Deus confiou ao seu cuidado, por algum tempo, para que possa treiná-los em toda santidade e prepará-los para a alegria de Deus na eternidade. Esta confiança é importante e gloriosa, visto que uma alma é mais valiosa do que todo o resto do mundo. O sr., portanto, tem de ter todo o cuidado com as crianças para que quando for chamado a dar contas ao Pai dos espíritos a respeito delas, possa fazê-lo com alegria e não com tristeza...

É indiscutivelmente verdade que se o sr. determinou andar neste caminho, a esforça-se por todo os meios possíveis para que o sr. e a sua casa sirvam ao Senhor, a fim de que todos os membros da sua família possam cultuá-lo, não somente na forma, e sim em espírito e em verdade, o sr. terá necessidade de usar toda graça, toda coragem, toda sabedoria que Deus lhe concedeu, pois, o sr. encontrará no caminho, obstáculos que somente o poder de Deus poderá capacitá-lo a vencer.

*Sermões: "Religião da família", II, 1-2 (I, VII, 78-79, 85).*



Há dois modos para escrever-se ou falar-se às crianças: um consiste em descermos até elas, o outro em elevá-las até nós. O Dr. Watts seguiu o primeiro escrevendo com admirável sucesso, falando-lhes como criança e deixando-as como ele as encontrou. Os seguintes hinos foram escritos seguindo o segundo plano; eles contêm sentido forte e másculo, mas em linguagem tão fácil que mesmo as crianças podem entendê-la; mas quando elas os entendem, já não são mais crianças, sendo-o apenas na idade e na estatura.

*Poesias: "Prefácio à edição resumida dos Hinos para Crianças", (VI, 369).*

\*\*\*

Embora se deseje mais do que se espera uma modificação do plano de educação moderna, um tratado sobre o assunto, impresso na Inglaterra há alguns anos atrás, alcançou sucesso. Apenas alguns têm ousado sair da estrada comum e educar os seus filhos de maneira cristã e alguns orientadores na universidade têm treinados os que estão sob os seus cuidados de maneira digna dos cristãos primitivos.

*Cartas: "A Sociedade Pró Fé e Cristianismo" (VI, 196-97).*

\*\*\*

## 4 - A ordem econômica

A pobreza não traz consigo coisa pior que o fazer com que os homens se tornem sujeitos à mofa... Mas não é a falta de alimento pior do que isso? Deus proclamou como maldição sobre o homem o fato de que ele deveria "ganhar o pão com o suor do seu rosto". Mas quantos há neste país cristão que trabalham e suam e afinal não têm senão que lutar contra a tristeza e a fome? Não é triste para alguém,

depois de um dia pesado de trabalho, chegar à sua casa pobre, suja e sem conforto, e não encontrar pelo menos o alimento necessário à reparação de suas energias gastas? Refleti vós que tendes vida tranquila na terra e de nada tendes necessidade, senão de olhos para ver e de ouvidos para ouvir e de coração para entender o quanto Deus vos tem feito, quão terrível é o procurar o pão diariamente e não achá-lo! Talvez o encontrar o conforto de 5 ou 6 filhos, clamando por aquilo que não podeis dar! Não é porque o homem é contido por mão invisível que ele, desde logo, não "amaldiçoa a Deus e morre"? Oh, falta de pão! Falta de pão! Quem pode dizer o que isso significa enquanto não o sente em si mesmo? Fico atônito, porque isso não causa mais do que tristeza mesmo naqueles que crêm.

*Sermões: "A tristeza através de muitas tentações", III, 3 (S,II, 2 70-71).*

\*\*\*

"Ganhai tudo e puderdes". Podemos falar nisso como os filhos do mundo. É nosso dever expresso fazê-lo. Devemos ganhar tudo o que pudermos, sem comprarmos o ouro por preço demasiadamente elevado e sem pagarmos mais do que vale. Mas não devemos ganhar dinheiro prejudicando a nossa vida ou a nossa saúde. Portanto, não devemos entrar ou continuar em coisa alguma ou emprego de trabalho mais pesado ou mais longo do que a nossa constituição física o permite. Outrossim, não devemos começar ou continuar em qualquer trabalho que necessariamente nos prive do alimento e do sono na proporção que o nosso organismo requer. Há realmente uma grande diferença aqui, são aqueles em que se lida muito com arsênio ou outros minerais igualmente prejudiciais, ou em que se respira ar misturado com correntes de chumbo que se funde, o que afinal destrói o corpo mais resistente. Outros talvez não sejam absolutamente insalubres, mas que somente servem para pessoas fisicamente fortes. Tais são os que exigem muitas horas seguidas de escritas, especialmente se a pessoa escreve assentada, debruçada sobre seu estômago ou permanece durante muito tempo em posição incômoda. Não devemos submeter-nos ao que a razão ou a experiência mostra que é prejudicial à saúde ou às forças físicas,

visto que "a vida vale mais do que a carne e o corpo mais do que o vestido". Se já estivermos obrigados a tais empregos, devemos mudá-los, o mais cedo possível, por outro que, embora nos proporcione salário menor, não prejudicará a nossa saúde.

Devemos, em segundo lugar, ganhar tudo o que pudermos sem prejudicar a nossa mente. Não podemos maltratá-la, pois devemos preservar, a todo custo, o espírito de uma mente. Não podemos, portanto, desempenhar ou continuar em qualquer ofício pecaminoso que contrarie a lei de Deus ou de nosso país...

Devemos, em terceiro lugar, ganhar tudo o que pudermos sem prejudicarmos o nosso próximo. Não podemos fazê-lo, se o amamos como a nós mesmos. Se o amamos como a nós mesmos não podemos prejudicar a sua propriedade. Não podemos devorar o produto de suas terras, talvez as próprias terras e as casas, por meio de jogo, do aumento de taxas quer por causa física, ou de lei ou qualquer outra, ou cobrando juros maiores do que as leis do país permitem. Toda penhora é excluída, pois, seja qual for o bem que façamos por esse meio, todos os homens sem preconceitos vêm com tristeza o grande excesso cobrado pelo mal. E se fosse de outro modo, ainda assim não nos seria permitido "fazer o mal para que o bem venha". Fiéis ao amor fraternal, não podemos vender as nossas mercadorias abaixo do preço do mercado; não podemos procurar descobrir os meios de arruinar os negócios do nosso próximo de maneira a desenvolver o nosso; muito menos podemos procurar tirar ou receber os empregos que lhe são necessários. Ninguém pode lucrar, devorando os bens do próximo, sem ganhar a condenação do inferno!

Não podemos ter lucro, prejudicando o corpo do nosso próximo. Não podemos, portanto, vender qualquer coisa que prejudique a saúde, principalmente bebidas alcoólicas. É verdade que o álcool pode ser usado pela medicina; pode ser útil em algumas desordens físicas, mas raramente a sua necessidade aparece, a não ser pela falta de habilidade do facultativo. Portanto os que preparam e vendem exclusivamente com esse objetivo podem ter a sua consciência tranquila. Mas quem são eles? Quem fabrica tais bebidas somente com esse fim? Conhece o sr. dez desses fabricantes na Inglaterra? Então desculpemo-los. Mas todos os que as vendem comumente são envenenadores gerais. Assassnam os súditos de sua majestade por atacado sem terem piedade deles. Conduzem-nos ao inferno como ove-

lhas. E qual é o seu lucro? Não é o sangue desses homens? Quem, pois invejaria a sua fortuna e os seus palácios? Existe maldição no meio deles - a maldição de Deus se apega às pedras, à madeira e aos móveis dos mesmos! Ela está nos seus jardins, nas suas passagens, nos seus bosques; um fogo que arde até o inferno mais profundo! O sangue está ali: no alicerce, no assoalho, nas paredes, no texto; essas coisas estão manchadas de sangue! Ó homem sanguinário, embora "vestido em escarlate e em linho fino e te banqueteies suntuosamente todos os dias", pensas que transmitirás estes campos de sangue à terceira geração? Não, porque há um Deus no céu, e, portanto, o teu nome será desarraigado muito em breve. Como aqueles de que tens destruído o corpo e a alma, a "tua memória perecerá contigo!" Não participam do mesmo crime, embora em grau menor, os operadores, os médicos e os farmacêuticos que brincam com a vida e a saúde dos homens para aumentar o seu lucro? Aqueles que propositadamente prolongam a dor ou a doença que podiam remover rapidamente? Aqueles que protelam a cura do corpo dos seus pacientes, para poderem entrar na sua fortuna? Pode um homem, que não abrevia o sofrimento removendo a doença e a dor tão logo quando possa, ter consciência tranqüila diante de Deus? Não, pois nada pode ser mais claro do que o fato de que "ele não ama ao seu próximo como a si mesmo", de que "ele não faz aos outros o que quer que eles lhe façam".

Este é um ganho a preço muito elevado. E o é também tudo aquilo que é conseguido à custa de prejuízo causado à alma do nosso próximo, constribuindo-se indireta ou diretamente para a sua intemperança, o que todo aquele que teme a Deus ou que tem qualquer desejo de agradá-lo não pode fazer. Devem considerar isto todos aqueles que freqüentam as tavernas, as casas que servem alimentos e bebidas, os teatros ou quaisquer outros lugares de diversão pública. Se isso traz lucro à alma, estais certos, estais fazendo o bem e o vosso ganho é justo; mas se são pecaminosos tais lugares, devem ser temidos; tendes conta pesada a prestar. Oh, tomai cuidado para que Deus não venha a dizer naquele dia: "Estes pereceram na sua iniqüidade, mas requererei o seu sangue das tuas mãos!"...

Depois de haverdes ganho tudo que podeis por meios honestos e diligência sensata, vos vem a segunda regra da prudência cristã: "Economizai tudo o que puderdes". Não atireis o talento precioso ao mar; deixai essa loucura aos filósofos pagãos. Não o esbanjeis,

o que é o mesmo que lançá-lo ao mar. Não o gasteis somente para satisfazer o desejo da carne, dos olhos ou o orgulho da vida...

E por que esbanjariéis o vosso dinheiro com os vossos filhos em alimento caro, em folguedos, vestimentas luxuosas ou em coisas supérfluas de qualquer espécie? Por que compraríeis para eles mais orgulho ou cobiça, mais vaidade ou tolice e desejos prejudiciais? Eles não necessitam mais, eles já têm o suficiente; a natureza lhes fez ampla provisão. Por que gastareis mais aumentando as suas tentações e cobiça, e trazendo-lhes muitas tristezas?

Não permitais que eles esbanjem. Se tendes razão suficiente para credes que desperdiçam o que é vosso, dando largas, por esse meio, ao desejo da carne, dos olhos e ao orgulho da vida, correndo o perigo das suas e da vossa alma, não coloques tais armadilhas no seu caminho...

Nenhum homem imagine que já fez alguma coisa, atingindo a tal distância simplesmente "ganhando e economizando tudo que pode", se tiver de parar aqui. Tudo isso de nada vale se ele não prosseguir para um alvo ulterior. Nem pode um homem pensar convenientemente que economizou alguma coisa se apenas separou-a. Podeis atirais o vosso dinheiro ao mar, como podeis enterrá-lo na terra, ou guardá-lo numa caixa ou no banco. Se, portanto, vos fazeis amigos de mamom, da injustiça, acrescentai a terceira regra às duas precedentes. Tendo, primeiramente, ganho tudo que podeis e tendo, em segundo lugar, economizado tudo o que vos foi possível, então "dai tudo que puderdes"...

Se a qualquer tempo surgir-vos alguma dúvida sobre quanto gastar convosco mesmos ou com a família, tendes um meio fácil de removê-la. Perguntai calma e seriamente:

"1) Estou eu agindo de acordo com o meu caráter despendendo essa quantia? estou agindo, não como proprietário, mas como mordomo dos bens do meu Senhor? 2) Estou fazendo isso em obediência à sua palavra? Em que parte das Escrituras pede-me Ele que eu assim o faça? 3) Posso oferecer essa ação, esse gasto, como um sacrifício a Deus através de Jesus Cristo? 4) Tenho razão para crer que, por essa ação, receberei uma recompensa na ressurreição dos justos?" Raramente precisareis de qualquer outra coisa para remover a dúvida que possa surgir neste assunto, e

por esses 4 pontos receberéis luz que vos indicará o caminho a seguir.

Se alguma dúvida ainda permanece, podeis examinar a vós mesmos pela oração de acordo com aqueles 4 pontos. Tentai dizer àquele que sonda os corações, sem a condenação da vossa consciência o seguinte: "Senhor, tu vês que vou gastar esta quantia em alimento, aparelhamento e móveis. Tu sabes que vou agir com olho simples, como mordomo dos teus bens gastando, esta parte para a tingir o desígnio que tiveste ao confiar-mos. Sabes que faço isto em obediência à tua palavra, como ordenas, e porque o ordenas. Seja isto, eu te suplico, um sacrifício santo e aceitável através de Jesus Cristo! E dá-me um testemunho em mim mesmo de que, por esse ato de amor, receberei uma recompensa quando recompensares a todos os homens pelas suas obras". Então, se a vossa consciência der testemunho do Espírito Santo de que esta oração agrada a Deus, não haverá razão para dúvida de que esse gasto é justo e bom e que nunca vos envergonhará.

*Sermões: "O uso do dinheiro", I, 1-6, II, 1, 6-7, III, 1, 4-5 (S, II, 314-20, 322-25).*

\*\*\*

Adverti solenemente a todos os irmãos a que não amem ao mundo ou as suas coisas. Esse é um dos meios que Satanás usa certamente num esforço para transtornar a obra presente de Deus. A riqueza de muitos chamados metodistas se desenvolve rapidamente. Que pode impedi-los de colocarem o seu coração nelas senão o poder de Deus? Se isso acontece, a vida de Deus se desvanece.

*Diário: "Quarta-feira, 11 de julho de 1764" (V, 82-83).*

indesculpável da maioria dos médicos nos casos dessa natureza. Prescrevem drogas e mais remédios, sem saberem um jota da natureza de tais desordens. Não a conhecendo, não podem curar, embora possam matar o paciente. De onde vem a dor dessa mulher (ela nunca teria dito coisa alguma se não fosse perguntada)? Ela vem do desgosto pela morte do seu filho. De que adiantará o remédio, enquanto permanecer a tristeza? Por que então não consideram todos os médicos até onde as desordens físicas são causadas ou influenciadas pela mente, e por que não pedem a assistência de um ministro para os casos que fogem à sua alçada? Pois os ministros pedem a ajuda do médico quando descobrem que a mente está afetada pelas complicações corporais. Mas por que fogem tais casos da sua alçada? Porque não conhecem a Deus. Segue-se que nenhum homem poderá ser bom médico, sem que seja um cristão experimentado.

*Diário: "Sábado, 12 de maio de 1759"(IV, 313).*

\*\*\*

## 5 - A ordem política

Agora, não posso senão reconhecer que creio ser verdadeiro o velho livro chamado a Bíblia. Creio, portanto, que "não há poder que não venha de Deus; os poderes que existem são ordenados por Deus"- Rom 13:1. Não há poder subordinado numa nação, senão o que deriva do poder supremo. Assim o rei na Inglaterra e os Estados nas províncias Unidas são a fonte de todo poder. Não há poder supremo, poder da espada, da vida ou da morte, que não derive de Deus, o soberano de todas as coisas...

Daí o ser totalmente indefensável a suposição de que o *povo* seja a origem do poder. Ela se transtorna absolutamente pelo mesmo princípio sobre que se supõe que ela se levante especialmente, que o direito de escolher os seus governantes pertence a todos os participantes da natureza humana. Se assim é, então, pertence a todos os indivíduos da *espécie* humana, e, conseqüentemente, não aos

proprietários de terras, mas a todos os homens; não somente aos homens, mas também às mulheres; não apenas aos homens e mulheres adultos, aos que viveram 21 anos, mas também a todos os que viveram 18 ou 20 tanto quanto àqueles que viveram 60. Mas ninguém já sustentou isso, nem provavelmente o fará. Por isso, o seu princípio orgulhoso cai por terra e com ele toda a super-estrutura. De modo que o sendo comum nos leva de novo à grande verdade: "Não há poder senão de Deus".

*Obras: "Pensamentos concernentes à origem do poder", 7, 21 (XI, 47-48; 52-53).*

\*\*\*

Vedes de onde surgem esses gritos por liberdade e essas queixas comoventes de que somos roubados da nossa liberdade, os quais ecoam através da terra. Todos os homens sem preconceitos percebem com clareza que não têm fundamento. Desfrutamos neste reino tal liberdade civil e religiosa como em nenhum outro reino ou comunidade européia ou no mundo existe, e tal como nossos ancestrais nunca tiveram desde a conquista até à revolução. Sejamos gratos a Deus e ao rei por isso! Não provoquemos o Rei dos reis até que nos tire tal privilégio por causa da nossa ingratidão ou pela nossa falta de reconhecimento de que o possuímos. Ele pode, por uma pena, chamando a si aquele príncipe a quem não sabemos avaliar, mudar o cenário e pôr fim à nossa liberdade civil e religiosa.

*Obras: "Pensamento sobre a liberdade", 28 (XI, 45-46).*

\*\*\*

No domingo passado, quando um dos nossos pregadores estava começando a falar a uma congregação, um juiz vizinho enviou um soldado para prendê-lo, embora tivesse ele licença, e não o soltou enquanto não pagou a quantia de 20 libras. Disse-lhe que a sua licença não tinha valor, porque ele era um clérigo.



Agora, Sr., que podem os metodistas fazer? Estão sujeitos a ser arruinados pelo "Conventicle Act"(1) e não têm a proteção do Ato de Tolerância! Se isto não é opressão, que é? Onde está, então, a liberdade inglesa? A liberdade dos cristãos? Sim, a liberdade que tem toda criatura de cultuar a Deus conforme a sua própria consciência?

*Cartas: "A William Wilberforce" (VIII, 231).*

\*\*\*

Há ainda uma reprovação mais horrível ao nome cristão; sim, ao nome do homem, à razão e à humanidade. Há guerra no mundo! Guerra entre os homens! Guerra entre os cristãos! Quero dizer entre aqueles que trazem o nome de Cristo e "professam andar com Ele andou". Quem pode reconciliar a guerra, já não digo à religião, mas a qualquer grau de razão ou do senso comum?...

Consideremos o assunto em si, calma e imparcialmente, seja qual for a causa. Aqui estão 40 mil homens reunidos. Que vão eles fazer? Veja, há outros 30 ou 40 mil a uma pequena distância. Estes vão atirar-lhe na cabeça ou no corpo, vará-los com facas ou partir os seus crânios, e enviar a maioria de suas almas ao fogo eterno, assim que puderem. Por quê? Que mal lhes fizeram eles? Oh, nenhum! Eles não os conhecem. Mas um homem que é rei da França tem uma rixa com um outro homem que é rei da Inglaterra. De modo que os franceses terão de matar tantos ingleses quantos puderem, para provar que o rei da França está certo. Mas que argumento! Que método de prova! Que meio estonteante de se decidir controvérsias! Que deve ser a humanidade, visto que a guerra sempre foi conhecida ou pensada sobre a terra? Quão chocante, quão inconcebível falta de entendimento comum, bem como de humanidade, deve ter havido de quaisquer dos governadores ou nações no universo que pudessem pensar em tal método de decisão!

*Obras: "A doutrina do pecado original: I", II, 10 (IX, 221, 22).*

Há milhares de peritos no contrabandismo. O número desses ao longo de todas as nossas costas é muito maior do que se pode imaginar. Mas que razão, que religião têm os que pisam todas as leis divinas e humanas, roubando ou recebendo mercadorias roubadas ou pilhando o seu rei e o seu país? Digo rei e país, porque tudo que se tira do rei é tirado efetivamente do país e estes são obrigados a suprir todas as deficiências do imposto nacional. Aqueles são, portanto, ladrões, de modo geral. Roubam a vós e a mim e a todos os seus concidadãos. Recebesse o rei os devidos impostos alfandegários e poderíamos ser poupados de uma boa parte dos nossos impostos. Um contrabandista é, então, (em certa proporção todos os vendedores e todos os que comprem mercadorias contrabandeadas) um ladrão de primeira classe, salteador ou batedor de carteiras de primeira ordem. Nenhum desses fale de razão ou de religião. É exemplo estonteante de tolice humana o fato de que os governos da Europa não enviam esses vermes para as terras não habitadas.

*Obras: "A doutrina do pecado original: I", II, 11 (IX, 225-26).*

\*\*\*

Não vejo como o Sr. poderá levar avante a sua gloriosa empresa, opondo-se àquela execrável vilania - a escravidão, que é o escândalo da religião, da Inglaterra e da natureza humana. Se Deus não o levantou para esta tarefa, o Sr. será gasto pela oposição dos homens e dos demônios. Mas se Deus for consigo, quem será contra o Sr.? São eles juntos mais fortes do que Deus? Oh, não se entristeça de fazer o bem! Continue em nome de Deus e no seu poder, até que mesmo a escravidão americana, a mais vil que o sol já viu, desapareça.

*Cartas: "A William Wilberforce" ( VIII, 265).*

---

*NOTA DO TRADUTOR: (1) O "Conventicle Act" era uma lei que existia no reinado de Carlos II, proibindo as reuniões de culto que não fossem da Igreja Anglicana.*

**IX**  
**A Igreja**

## IX

# A Igreja

*Wesley era antes de tudo e afinal um clérigo e nunca deixou de ser membro e ministro da Igreja Anglicana. As suas sociedades religiosas (congregações) foram formadas a princípio para sustentar o trabalho da Igreja e suprir as necessidades dos homens que não encontravam auxílio noutra parte. A contribuição principal não está na criação de nova técnica e de novos tipos de organização, mas sim na sua seleção e desenvolvimento de objetivos práticos. Embora Wesley tivesse pensado em separar as suas congregações da Igreja mãe, isso só se tornou oficial depois da sua morte. O seu uso de pregadores leigos foi a fonte de considerável controvérsia dentro e fora do grupo metodista. Mais tarde, na sua vida, depois de muito pesquisar o coração e premido pela necessidade, Wesley ordenou alguns dos seus pregadores leigos de modo que eles pudessem ministrar os sacramentos às sociedades crescentes. Para Wesley o batismo se relaciona com o novo nascimento e o exige para que se torne efetivo, real. Ele insiste sobre o batismo de crianças que ele baseia sobre a graça salvadora, um dos benefícios universais da expiação. Wesley nunca cessou de enfatizar o dever da expiação. Wesley nunca cessou de enfatizar o dever da comunhão frequente, desejando que sou povo participasse dela pelo menos uma vez por semana.*

\* \* \*

### 1 - Natureza da Igreja

Consideramos primeiro: o que é propriamente a Igreja de Deus? Qual é o verdadeiro sentido desse termo? "A Igreja em Éfe-

so", como o próprio Apóstolo o explica, significa "os santos", as pessoas santas "que estão em Éfeso" e lá se reúnem para cultuar a Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo quer o fizessem num ou (como podemos provavelmente supor) em vários lugares. Mas é a Igreja em geral, a Igreja católica ou universal, que o Apóstolo, nesta passagem, considera como um corpo, compreendendo não somente os cristãos de uma congregação, de uma cidade, de um Estado ou nação, mas todas as pessoas sobre a terra que têm o caráter aqui referido. Podemos agora considerar mais detalhadamente os diversos pontos ali contidos.

"Há um Espírito" que anima a todos os membros vivos da Igreja de Deus. Alguns entendem que este seja o próprio Espírito Santo, a fonte de toda vida Espiritual, e é certo que "se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse não é dele". Outros entendem que seja um dos dons espirituais e santas disposições adiante mencionados.

"Há uma esperança" em todos aqueles que receberam este Espírito, uma esperança cheia de imortalidade. Sabem que morrer não é perder-se; os seus objetivos vão além da sepultura. Podem dizer alegremente: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, de acordo com a sua misericórdia abundante, nos gerou de novo para uma esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo dos mortos, para uma herança incorruptível e imaculada e que não desaparecerá".

"Há um senhor que agora tem domínio sobre eles; que estabeleceu o seu reino no seu coração e reina sobre todos os participantes dessa esperança. A sua glória e alegria estão no obedecê-lo e seguir os seus mandamentos. E enquanto fizerem isso de boa vontade, "assentar-se-ão nos lugares celestiais com Cristo Jesus".

"Há uma fé" que é o dom gratuito de Deus e é o fundamento da sua esperança. Essa não é a fé estéril de um pagão, especialmente a de que "há um Deus" e de que Ele é gracioso e justo e, conseqüentemente, "galardeador daqueles que diligentemente o procuram". Não é, também, a fé estéril de um demônio, embora esta vá além daquela, pois os demônios crêem, e não podem deixar de fazê-lo, que é verdade tudo o que está escrito no Antigo e Novo Testamentos. Mas é a fé que houve em Tomé, ensinando-o a dizer com santa ousadia: "Meu Senhor e meu Deus"! É a fé que capacita a todos os

crentes cristãos verdadeiros a testificarem com S. Paulo: "A vida que agora vivo, vivo-a pela fé no Filho de Deus que me amou e deu-se a si mesmo por mim".

"Há um batismo" de que nosso Senhor se agradou em apontar como sinal exterior de toda graça interior e espiritual que Ele está continuamente concedendo à sua Igreja. É também um meio precioso pelo qual a fé e a esperança são dados aqueles que o buscam diligentemente. Alguns, na verdade, têm sido inclinados a interpretar esse plano figuradamente como se ele se referisse ao batismo do Espírito Santo que os Apóstolos receberam no dia de Pentecostes e que, em grau menor, é dado a todos os crentes; mas é uma regra estabelecida na interpretação das Escrituras que nunca se deve fugir do sentido simples e literal, a menos que implique em algum absurdo. Além disso, se assim o entendêssemos, seria uma repetição desnecessária a sua inclusão aqui: "Há um Espírito".

"Há um Deus e Pai de todos" que tem o Espírito de Adoção que "clama em seus corações: Abba, Pai"; que "dá testemunho constantemente com o nosso espírito" de que somos filhos de Deus, "que é acima de todos", o Altíssimo, o Criador, o Sustentador, o Governador deste universo; "e através de tudo", permeando todo o espaço, enchendo o céu e a terra; "E em todos vós", de um modo peculiar vivendo em vós que sois um corpo, por um Espírito; fazendo das vossas almas a sua morada querida, os templos de Deus.

Aqui está, pois, uma resposta clara e sem exceção àquela pergunta: "O que é a Igreja?" A Igreja católica ou universal consiste de todas as pessoas no universo a quem Deus chamou do mundo concedendo-lhes as qualidades acima referidas, "como sendo um corpo unido por um Espírito, tendo uma fé, uma esperança, um batismo; um Deus e Pai de todos, que está acima de todos, através de todos e em todos".

Eis uma espécie de Igreja nativa no Novo Testamento: um grupo de homens chamados pelo evangelho, integrados em Cristo pelo batismo, animados pelo amor, unidos por toda sorte de companheirismo e disciplinados pela morte de Ananias e de Safira.

*Notas: "Atos 5:11".*

Eu ainda creio, no meu próprio julgamento, que o governo episcopal da Igreja é escriturístico e apostólico, isto é, concorda perfeitamente com a prática e os escritos dos apóstolos. Mas não creio que ele tenha sido prescrito pela Escritura. Envergonho-me sinceramente dessa opinião que espousei de coração em certa época, e o faço desde que li o *Irenicon*(1) de Dr. Stillingfleet. Penso que ele provou de maneira irresponsável que nem Cristo nem seus apóstolos prescreveram qualquer forma particular de governo da Igreja e que a defesa do direito divino do episcopado nunca existiu na Igreja Primitiva.

*Cartas: "A James Clark" (III, 182).*

\*\*\*

A conclusão que ainda não posso deixar de ter que me é legal continuar na Igreja, fica, não sei de que modo, quase sem qualquer premissa capaz de sustentar o seu peso.

A minha dificuldade aumenta grandemente por uma das suas observações. Sei que as doutrinas originais da Igreja são sãs; sei que o seu culto é puro e escriturístico.

Mas se "a essência da Igreja Anglicana, considerada como tal, consiste nas suas ordens e leis ( a respeito de muitas as quais nada posso dizer), e não no seu culto e nas suas doutrinas", então aqueles que se separam dela têm uma desculpa muito mais forte do que jamais pensei.

Admito, presentemente, que se separem da Igreja somente aqueles que renunciam às suas doutrinas fundamentais ou que se recusam a tomar parte no seu culto público. Mas não fizemos nem uma coisa nem outra, nem demos um passo além do que estávamos convencidos de que fosse o nosso dever. É em virtude

---

de uma convicção plena sobre isso que temos 1) pregado abundantemente, 2) orado a tempo e fora de tempo, 3) organizado congregações, e 4) permitido pregadores sem ordenação episcopal. Julgaríamos ser nosso dever estrito, separar-nos totalmente da Igreja, se fôssemos forçados a abandonar a qualquer desses pontos e não tivéssemos outra alternativa.

Portanto, se não pudermos evitar uma separação sem impedirnos os pregadores leigos, então, é claro, que não a podemos evitar...

É, como o sr. observa, sem dúvida "necessário tomarmos alguma resolução neste ponto", e quanto antes melhor. Regozijo-me, portanto, em saber que o sr. pensa que "isto será melhor, e organizado de maneira a encontrar um método que, conduzido com prudência e paciência, organizará devidamente o Metodismo e fará com que os metodistas sejam, com o auxílio de Deus, instrumentos úteis da religião prática".

*Cartas: "A Samuel Walker", 3-5 (///, 145-46).*

\*\*\*

Pergunta 10. Não está o sr. provocando uma divisão na Igreja, isto é, não é provável que os seus ouvintes, depois da sua morte, sejam espalhados e formem outras seitas ou se filiem a outras?

Resposta: 1) Estamos persuadidos de que o corpo de nossos ouvintes permanecerá, mesmo depois da nossa morte, na Igreja, a menos que sejam excluídos.

2) Cremos no entanto que ou eles serão excluídos ou levarão toda a massa da Igreja.

3) Fazemos e faremos todo o possível, para evitarmos as conseqüências supostas, mesmo depois da nossa morte.

4) Mas não podemos, em boa consciência, negligenciar a



oportunidade presente de salvar almas, enquanto vivemos, temendo as conseqüências que possam possível ou provavelmente acontecer depois da nossa morte.

*Obras: "Minutos de conversações tardias", quarta-feira, 27 de junho de 1744 (VIII, 281).*

\* \* \*

## 2 - As Sociedades Unidas "congregações"

Oito ou dez pessoas vieram a mim, em Londres, em fins de 1739, e pareciam profundamente convencidas do pecado e a suspirar sinceramente pela redenção. Como duas ou três fizeram no dia seguinte, desejavam que eu orasse com elas e as aconselhasse sobre como fugirem da ira vindoura, que pendia constantemente sobre as suas cabeças. Para que tivéssemos mais tempo para essa grande obra, marquei um dia em que poderiam vir juntas. Elas o fizeram todas as semanas, especialmente às quintas-feiras à noite. Dei a estas e a quantas outras desejassem, pois o seu número crescia dia a dia, os conselhos que julguei necessários, e sempre terminávamos a nossa reunião com oração adequada às suas diferentes necessidades.

Essa foi a origem da Sociedade Unida, primeiro em Londres e depois em outros lugares. Esta sociedade não é senão "um grupo de homens procurando o poder da piedade, unidos para orarem juntos, para receberem a palavra de exortação e para vigiarem uns pelos outros em amor, a fim de que possam auxiliar-se mutuamente a conseguir a sua salvação".

Para que se possa discernir mas facilmente se estão realmente realizando a sua salvação, cada sociedade é dividida em grupos menores chamados classes, de acordo com as suas residências. Há cerca de 12 pessoas em cada classe, sendo uma delas indicada para ser o líder. É dever deste: 1) Visitar cada um de sua classe pelo menos uma vez por semana, para indagar dele a respeito do progresso de sua alma; para aconselhar, reprovar, confortar ou exortar, conforme

as exigências da ocasião; para receber o que queiram dar para alívio dos pobres. 2) Encontrar-se com o ministro e com os mordomos da sociedade uma vez por semana para informar ao ministro de alguém que esteja doente, de alguém que não esteja andando bem e não aceita reprimenda; para entregar aos mordomos o que receberam das classes na semana anterior e dar conta da contribuição de cada pessoa.

*Obras: "A natureza, objetivos e regras gerais das Sociedades Unidas", 1-3 (VIII, 269-70).*

\*\*\*

Espera-se que tenhais a fé que "transtorna o mundo". Não vos causará, portanto, tristeza:

I - Absterdes-vos cuidadosamente da prática do mal, especialmente:

- 1) Não comprar ou vender no dia do Senhor.
- 2) Não tomar qualquer bebida alcoólica, a menos que seja indicada pelo médico.
- 3) Serdes de uma só palavra tanto no comprar como no vender.
- 4) Não penhorardes coisa alguma, mesmo que seja para salvar a vida.
- 5) Não mencionardes as faltas dos outros na sua ausência e impedirdes que os outros o façam.
- 6) Não usardes ornamentos desnecessários tais como anéis, brincos, colares, rendas e babados.
- 7) Fazerdes certas coisas desnecessárias tais como fumar e tomar rapé, senão quando prescrito pelo médico.

2) Chamardes a atenção de todos os que pecarem na vossa presença, e isso com amor e sabedoria.

3) Serdes exemplos de diligência, frugalidade, de renúncia e tomardes a vossa cruz imediatamente.

III - Atenderdes constantemente a todos os mandamentos de Deus; de modo especial:

1) Irdes à Igreja e comungardes todas as semanas e estardes presentes às reuniões públicas das sociedades.

2) Ouvirdes a pregação todas as manhãs, a não ser que a distância, as ocupações e a doença vos impeçam de fazê-lo.

3) Orardes, todos os dias, em particular, e em família, se sois chefes de família.

4) Lerdes as Escrituras e meditardes nelas todos os momentos vagos; e

5) observardes todas as sextas-feiras do ano como dias de jejum ou abstinência.

*Obras: "Direções dadas às Sociedades Unidas" (VIII, 273-74).*

\*\*\*

### 3 - O ministério

Os ministros ainda são meros instrumentos nas mãos de Deus, e como sempre aconteceu, dependem inteiramente da sua bênção para que o seu trabalho se desenvolva. Sem esta, eles nada são. Com ela, a sua parte é tão pequena que dificilmente merecem ser mencionados. Que os seus corações e as suas mãos sejam mais unidos! E mantendo o devido senso da honra que Deus lhes faz empregando-os, possam trabalhar fielmente, não

como se fosse para si mesmos, mas para o grande proprietário de tudo, até que venha o dia em que Ele os recompensará na proporção da sua fidelidade e diligência.

*Notas: "I Cor. 3:8".*

\*\*\*

Os ministros devem ir na frente do rebanho (como é o costume dos pastores orientais até hoje) e guiá-lo em todos os caminhos da verdade e da santidade; precisam alimentá-lo com as palavras de vida eterna"; nutri-lo com o "puro leite da palavra"; aplicando-o continuamente à doutrina; ensinando-lhe todas as doutrinas essenciais contidas na palavra; "para chamá-lo à ordem" admoestando-o se se desvia do caminho para a direita ou para a esquerda; "para corrigi-lo", mostrando-lhe como endireitar o que está errado e trazê-lo de volta ao caminho da paz; para "instruí-lo na justiça", treinando-o na santidade, "até que venha a ser perfeito, até que alcance a medida da estatura da plenitude de Cristo".

Eles têm de "velar pelas vossas almas como aqueles que não têm de dar conta das mesmas". "Como aqueles que não têm de dar conta!" Quão indizivelmente solenes e terríveis são essas palavras! Possa Deus escrevê-las no coração de todos os guias de almas!

*Sermões: "Sobre a obediência aos pastores", I, 4-5 (J, VII, 110).*

\*\*\*

É sempre difícil e freqüentemente impossível aos homens, em particular, julgarem as medidas tomadas pelos homens públicos. Nós não vemos muitas das razões que os fazem agir deste ou daquele modo. Portanto, é-nos melhor, geralmente, calar-nos, visto que podemos supor que saibam melhor do que nós a sua tarefa; mas quando são censurados sem razão e por esse meio passam a ser odiados, devemos falar em política também neste sentido, e desfazer publi-

camente essas censuras injustas, mas lembrando-nos de que isto raramente deve ser feito e somente quando se oferecer ocasião. A nossa principal tarefa é pregar "o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo".

*Obras: "Até onde é dever de um ministro cristão falar em política?", 6 (XI, 155).*

\*\*\*

Os homens me proíbem de fazer isso na paróquia de outrem; isto é, com efeito me proíbem de fazê-lo totalmente, visto que não tenho paróquia nem provavelmente virei a ter. A quem então ouvirei, a Deus ou aos homens?..

Permita-me dizer-lhes os meus princípios neste assunto. Tenho o mundo todo como a minha paróquia; assim, seja qual for a parte em que eu esteja, julgo ser meu justo e estrito dever anunciar, a todos os que queiram ouvir, as alegres novas da salvação.

Esta é a missão, para a qual Deus me chamou, disso tenho certeza, e estou certo de que a sua bênção me assiste nisso.

*Cartas: "A James Hervey" (I, 286).*

\*\*\*

É altamente importante que todos os que pregam em seu nome sejam chamados externa e internamente, mas nego que isto seja absolutamente necessário.

*Sermões: "Precaução contra a obstinação", II, 7 (S, II, 119).*

Realmente numa coisa que os ministros leigos precisam saber, eles não são ignorantes. Confio que não haja nenhum deles que não seja capaz de fazer um exame substancial, prático e experimental de teologia como poucos dos nossos candidatos à ordenação, mesmo na universidade (falo com tristeza, vergonha e com terno amor), são capazes. Mas oh, que tipos de exames a maioria daqueles candidatos tem de fazer! E que provas são tidas como testemunhas (tão solenes quanto o sejam a forma em que são expostas), daqueles a quem vão ser confiadas as ovelhas que Deus comprou com o seu próprio sangue...

Considerando-se os últimos tempos, foi Calvino ordenado? Era ele ministro - diácono ou presbítero? Não eram também leigos, na sua maioria, aqueles a quem foi do agrado de Deus usar na promoção da Reforma no exterior? Poderia aquela grande obra ter sido levada a efeito em muitos lugares se os leigos não tivessem pregado? Muito raramente os papistas lançam esta objeção contra a Reforma. Apesar de serem rigorosos como são nestas coisas, mandam, mesmo nas ordens mais exigentes, que "se algum irmão leigo crer-se chamado por Deus para pregar como missionário, o superior da ordem, sendo informado disso, o envie a fazê-lo".

*Obras: "Apelo ulterior aos homens razoáveis e religiosos", III, 10, 12 (VIII, 221-22).*

\*\*\*

## 4 - O sacramento da Ceia do Senhor

Antes de usardes de qualquer meio de graça, seja ele profundamente impresso na vossa alma. Não há poder nisto. Em si mesmo, é uma coisa pobre, morta, vazia, uma folha seca, uma sombra, se for separado de Deus. Não há, outrossim, nenhum mérito no uso que faço dele; nada que intrinsecamente agrade a Deus; nada que me faça merecer qualquer favor das suas mãos, nem unia gota de

água para refrescar a minha língua. Mas eu o pratico porque Deus o ordena; porque Ele me manda esperar, espero pela sua misericórdia gratuita pela qual me vem a salvação.

Ponde isso no vosso coração que o simples fato de haver realizado o ato para nada aproveita; que não há poder para a salvação, senão no Espírito de Deus; não há mérito, se não no sangue de Cristo; que, conseqüentemente, mesmo aquilo que é ordenado por Deus não transmite graça, senão confiardes somente nele. Do outro lado, aquele que verdadeiramente confiar nele não pode separar-se da graça de Deus, mesmo que seja excluído de todas as ordenanças exteriores, mesmo que seja fechado no centro da terra...

Procurai somente a Deus usando todos os meios de graça. Através de e em todas as coisas exteriores, vede, cantando, o poder do seu Espírito e os méritos do seu Filho. Tomai cuidado para não vos apeardes unicamente à realização desses atos; se o fizerdes, será trabalho perdido. Nada que seja separado de Deus pode satisfazer a vossa alma. Portanto, olhai para Ele em tudo, através de tudo e sobre tudo.

Lembrai-vos também de usar todos os recursos como meios ordenados, não por causa de si mesmos, mas para a renovação da vossa alma em justiça e em verdadeira santidade. Se eles, portanto, verdadeiramente tendem para isto, muito bem; mas, se não, são estérco e escória.

*Sermões: "Os meios de graça", V, 4 (S, I, 259-60).*

\*\*\*

Vou mostrar que é dever de todos os cristãos participarem da Ceia do Senhor tão freqüentemente quanto puderem.

A primeira razão de afirmamos que os cristãos têm esse dever baseia-se no fato de que é ordem de Cristo. Vemos que é ordem sua no texto: "Fazei isto em memória de mim", pelo qual, como os apóstolos eram obrigados a abençoar, partir e dar o pão a todos os que se uniam a eles, assim eram os cristãos obrigados a receberem os sinais do corpo e do sangue de Cristo. Ordenam-se, portanto, que o pão e o

vinho sejam recebidos em memória da sua morte até o fim do mundo. Observe-se também que nosso Senhor mandou que assim fizéssemos exatamente na véspera da ocasião em que deu a sua vida por nós. São, portanto, palavras daquele que estava morrendo, dadas aos seus seguidores.

A segunda razão em favor dessa prática é que os benefícios da mesma são enormes para todos os que fazem em obediência a Ele, por exemplo: o perdão dos nossos pecados passados, o fortalecimento presente e a renovação das nossas almas. Seja qual for o meio de vida que tenhamos, as condições em que estivermos, quer estajamos doentes ou com saúde, em dificuldades ou em tranqüilidade, os inimigos das nossas almas estão alertas, procurando conduzir-nos ao pecado, e muitas vezes eles vencem. Mas quando nos convencemos que pecamos contra Deus, que meio mais seguro temos de procurar o perdão que anunciarmos a morte do Senhor e suplicarmos a Deus que nos limpe dos nossos pecados em virtude dos sofrimentos do seu Filho?

A graça de Deus dada através desse ato confirma o perdão dos nossos pecados e nos capacita a deixá-los. Como os nossos corpos são fortalecidos pelo pão e pelo vinho, assim as nossas almas são pelos símbolos do corpo e do sangue de Cristo. Este é o alimento das nossas almas: dá-nos força para cumprirmos o nosso dever e nos conduz à perfeição. Portanto, se tivermos respeito à ordem de Cristo, se desejarmos o perdão dos nossos pecados, força para crermos, para amarmos e obedecermos a Deus, não devemos perder nenhuma oportunidade de participação da Ceia do Senhor; não devemos virar as costas para a festa que o Senhor nos preparou. Não devemos perder nenhuma ocasião que a providência de Deus nos prepare neste sentido. Esta é a regra verdadeira: devemos praticá-la todas as vezes que Deus nos der oportunidade. Todos aqueles que a não praticam, mas fogem da mesa santa, quando tudo está preparado, não compreendem o seu dever ou não dão importância à ordem do seu Salvador, ao perdão dos seus pecados, ao fortalecimento da sua alma e sua tranqüilização pela esperança da glória.

Portanto, todos os que desejam agradar a Deus ou que possuam amor, obedeçam a Deus e considerem o que há de bom na sua alma, comungando todas as vezes que puderem, como os cristãos primitivos que celebravam a Santa Ceia por ocasião do serviço reli-



gioso diário. Durante vários séculos eles o fizeram quase diariamente. Todos aqueles que se unem à oração dos fiéis, realmente, nunca deixam de participar do santo sacramento. Sabemos o que pensavam daqueles que o não praticavam pelo seguinte cânon antigo: "Se qualquer que se une às orações dos fiéis deixar de participar da Ceia do Senhor seja excluído, porque traz confusão à Igreja de Deus".

Para entender-se a natureza da Ceia do Senhor, é útil ler-se cuidadosamente as passagens do evangelho e da I epístola aos Coríntios, que tratam da sua instituição. Daqui aprendemos que o desígnio deste sacramento é rememorar continuamente a morte de Cristo pelo comer do pão e o beber do vinho, que são os sinais externos da graça interior, corpo e o sangue de Cristo.

É importante que todos os que quiserem participar desse sacramento, sempre que o seu tempo lhes permitir, se preparem para esta solene ordenança pela oração e pelo exame de si mesmos. Mas isto não é absolutamente necessário. Quando não tivermos tempo para fazê-lo, devemos ter o cuidado de termos o preparo habitual que é absolutamente necessário e que nunca pode ser dispensado por causa disto ou daquilo. É, primeiramente, propósito total do coração o guardar todos os mandamentos de Deus e, em segundo lugar, desejo de receber todas as suas promessas.

*Sermões: "O dever da comunhão constante", I, 1-6 (J, VII, 147-49).*

\* \* \*

Expus extensamente 1) que a Ceia do Senhor foi ordenada por Deus como meio para que os homens recebam a graça que nos impede de praticarmos o mal, a justificadora e a santificadora, de acordo com as suas diferentes necessidades. 2) Que as pessoas a quem ela foi ordenada são aquelas que sabem e sentem que querem a graça de Deus, quer para impedi-las do pecado, quer para mostrar que os seus pecados estão perdoados, quer para refazer a imagem de Deus nas suas almas. 3) Que sempre vamos à sua mesa, não para dar-lhe qualquer coisa, mas para recebermos o que Ela achar melhor para nós, não há preparação indispensavelmente necessária, mas um de-

sejo de recebermos o que for do seu agrado dar-nos. 4) Que não se exige condição adequada na ocasião da comunhão, mas um senso do nosso estado total de pecaminosidade e de incapacidade de salvação. Todos os que sabem que estão em condição de irem para o inferno, estão em condição adequada a virem a Cristo por meio desta, bem como de todas as outras ordenanças.

*Diário: "Sábado, 28 de junho de 1740" (11,361-62).*

\*\*\*

## 5 - O sacramento do batismo

Somos integrados em Cristo, no batismo, através da fé, e recebemos nova vida espiritual desta nova raiz pelo seu Espírito, que nos torna semelhantes a Ele, especialmente com referência à sua morte e ressurreição.

*Notas: "Romanos 6:3".*

\*\*\*

O que é batismo? É o sacramento iniciatório que nos faz entrar na aliança de Deus. Foi instituído por Cristo o único que tem poder para instituir um sacramento adequado, um sinal, um selo, garantia e meio de graça, perpetuamente obrigatório para todos os cristãos. Não sabemos realmente o tempo exato da sua instituição, mas sabemos que foi muito antes da ascensão do Senhor. Foi instituído na sala da circuncisão, pois, como aquela era um sinal e um selo da aliança de Deus, assim é este.

O elemento deste sacramento é a água que é o mais próprio para este uso simbólico, dado o seu poder natural de limpar. O batismo é realizado pela lavagem, pela imersão ou pela aspersão da pessoa em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e, por este

meio, a pessoa é entregue à Bendita Trindade. Digo pela lavagem, imersão ou aspersão porque a Escritura não determina qual destes meios deve ser usado quer por preceito expresse, quer por um exemplo claro o que prove, quer ainda pela força ou pelo significado da palavra batizar...

O ponto seguinte a ser considerado são os benefícios que recebemos por meio do batismo. O primeiro é que somos lavados da nossa culpa do pecado original pela aplicação dos méritos da morte de Cristo. Era senso unânime da antiga Igreja como é expresse pelo Artigo 9º da nossa, que todos nascemos sob a culpa do pecado de Adão e que todo pecado merece a miséria eterna. Pois, "como pela ofensa de um veio o julgamento sobre todos os homens para condenação, assim pela justiça de um veio o dom gratuito sobre todos para justificação da vida". E a virtude deste dom gratuito, os méritos da vida e da morte de Cristo, nos são aplicados no batismo... "É certo pela palavra de Deus que as crianças batizadas que morrerem antes de cometerem pecados atuais são salvas". Isto agrada ao julgamento unânime de todos os antigos pais.

Entramos na aliança de Deus pelo batismo; naquela aliança eterna que Ele ordenou para sempre - Sal. 111:9; aquela nova aliança que Ele prometeu fazer com o Israel espiritual, "o dar-lhes um novo coração e um novo espírito e borrifar-lhes água limpa", da qual o batismo é apenas uma figura, "e não mais lembrar-se dos seus pecados e iniquidades"; numa palavra, ser o seu Deus como prometeu a Abraão, na aliança evangélica feita com ele e com toda a sua descendência espiritual - Gên. 17:7,8. Como a circuncisão era o meio de se entrar naquela aliança, o batismo o é agora, o qual é chamado pelo Apóstolo (sendo as suas palavras reproduzidas por muitos bons intérpretes) "a condição, contrato ou aliança de uma boa consciência para com Deus".

Somos admitidos na Igreja pelo batismo e, conseqüentemente, feitos membros de Cristo, a sua cabeça. Os judeus eram admitidos à Igreja pela circuncisão; assim são os cristãos pelo batismo. Pois "todos os que são batizados em Cristo", em seu nome, por esse meio "revestiram-se de Cristo" - Gál.3:27, isto é, são misticamente unidos a Cristo e feitos um com Ele. "Somos todos batizados por um Espírito, formando um corpo" - I Cor. 12:13, especialmente a Igreja - "o corpo de Cristo" - Ef. 4:12. Dessa união espiritual e vital com Ele procede a influência da sua graça sobre aqueles que são batizados, assim como da nossa união com a Igreja nos vem uma parte em todos os seus privilégios e em todas as promessas que Cristo lhe fez.

Nós, que éramos "por natureza filhos da ira", somos feitos filhos de Deus pelo batismo. E esta regeneração que a nossa Igreja em muitos lugares atribui ao batismo é mais do que o ser simplesmente admitidos na Igreja, embora comumente ligados a ela. "Sendo enxertados no corpo da Igreja de Cristo, somos feitos filhos de Deus pela adoção e pela graça". Isto se baseia nas palavras simples de nosso Senhor: "Se um homem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" - Jo. 3:5. Assim, pela água como um meio, a água do batismo, somos regenerados ou nascidos de novo, de onde o ser ele chamado também pelo Apóstolo "a lavagem da regeneração". A nossa Igreja, portanto, não atribui maior virtude ao batismo do que o próprio Cristo o fez. Ela também não atribui esse fato à lavagem externa, mas à graça interior, a qual, adicionada ao ato, torna-o um sacramento. Um princípio de graça se nos infunde o qual não nos será tirado, a menos que extingamos o Espírito Santo de Deus por uma impiedade contínua e longa.

Somos herdeiros do reino dos céus em conseqüência de sermos feitos filhos de Deus. "Se filhos", como o Apóstolo observa, "então herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo". Assim recebemos também um título muito significativo de um "reino que não pode ser mudado". O batismo nos salva se a nossa vida corresponder-lhe, se nos arrependermos, crermos e obedecermos ao evangelho; supondo-se isso, como ele nos admite à Igreja daqui, assim também o somos na glória futura.

Mas afirmou nosso Senhor que essa pessoa permaneceria sempre na Igreja? Este é o terceiro ponto a ser considerado. Podemos fazê-lo em poucas palavras, visto que não pode haver dúvida razoável a respeito do fato. Sendo ele o meio indicado para se entrar na Igreja, deve durar tanto quanto ela. De modo comum, não há outro meio para se entrar na Igreja ou no céu...

Em resumo, portanto, é nosso dever não somente legal e inocente, mas justo e estrito, de conformidade com a prática ininterrupta de toda a Igreja de Cristo desde os primeiros tempos, consagrarmos nossos filhos a Deus pelo batismo como era ordem para que a Igreja dos judeus o fizesse pela circuncisão.

*Obras: "Um trabalho sobre o batismo", 1, daqui e dali (X, 188, 190-92, 201).*

O batismo não é o novo nascimento; este e aquela não são a mesma coisa. Muitos, na verdade, parecem imaginar que o sejam; pelo menos falam como se pensassem assim, mas não sei se essa opinião é apoiada publicamente por qualquer denominação cristã...

Não se pode ser mais simples, pois, um é obra externa, o outro é interna; um é visível, o outro invisível e, portanto, totalmente diferente um do outro. Um é ato do homem purificando o corpo, o outro é uma mudança operada por Deus na alma; de maneira que são tão distintos um do outro como a alma o é do corpo e a água o é do Espírito Santo.

Das reflexões precedentes podemos, em segundo lugar, observar que, como o novo nascimento não é a mesma coisa que o batismo, nem sempre o acompanha. Não andam constantemente juntos. Uma pessoa pode possivelmente ser "nascida da água" e, no entanto, não ser "nascida do Espírito". Pode ser, às vezes, o sinal exterior sem que haja a graça interior. Agora falo com referência às crianças: é certo que a nossa Igreja supõe que todos os que são batizados na infância são ao mesmo tempo nascidos de novo, e admite-se que todo o ritual para o batismo de crianças gira em torno dessa suposição. Não há nenhuma objeção contra isso, pois não compreendemos como esse ato se realiza nas crianças. Não podemos também compreender como ele se realiza numa pessoa adulta. Mas seja qual for o caso das crianças, é certo que todos os adultos que são batizados não são, ao mesmo tempo, nascidos de novo. "Conhece-se a árvore pelos seus frutos". Por este fato, parece muito simples para ser negado, que diversos daqueles muitos filhos do diabo antes de serem batizados, continuam a ser, mesmo depois do batismo, "pois fazem as obras do seu pai"; continuam como servos do pecado, sem nenhuma pretensão à santidade interna ou externa.

*Sermões: "O novo nascimento", IV, 1-2 (S,II,237-39).*

X  
Escatologia

# X

## Escatologia

*A doutrina da salvação tem a preparação do homem para a vida com Deus como o seu último fim. A fé e a esperança da vida cristã finalmente se fundem no amor perfeito, dado por Deus, o objetivo da vida humana. Aquele que é puro de coração verá a Deus; e Wesley crê que todo o movimento da salvação se orienta no sentido do cumprimento deste propósito redentor. A atmosfera religiosa do tempo, na sua maior parte, sustentou a crença na vida eterna. Wesley nunca duvida da sua certeza e os escritos o revelam como um tema constante. Porque ele vê o julgamento de Deus como parte intrínseca e inevitável da vida após a morte, a existência tem para Wesley uma dimensão eterna sempre presente. Há uma ênfase apocalíptica na sua pregação, embora essa não seja a sua primeira preocupação. O mesmo é verdade nos seus escritos sobre a ressurreição geral. A sua obra se liberta admiravelmente da tentativa de ganhar os homens para o reino, despertando neles o temor da ira vindoura. Visto que do ponto de vista de Wesley o mundo natural e as suas criaturas participam dos efeitos do pecado de Adão, eles serão também redimidos no último dia em que o amor de Deus a toda a sua criação será triunfante.*

\*\*\*

### 1 - Destino humano

Para que fim se concedeu a vida aos filhos dos homens? Por que fomos enviados ao mundo? Para um único fim - o prepararmos para a eternidade. Vivemos somente para isso. Para esse fim, e

não outro, a vida nos é dada e continuada. Foi do agrado do Deus onisciente, no tempo que Ele julgou ser melhor, levantar-se na grandeza da sua força e criar os céus e a terra e todas as coisas que e neles estão. Temo preparado todas as coisas para Ele, "criou o homem à sua imagem e semelhança". E qual foi o objetivo da sua criação? Foi um e não outro - ele conhecesse, amasse, gozasse e servisse ao seu grande criador por toda a eternidade...

Lembra-vos disto: nasceste para nenhuma outra coisa. Viveis para nenhum outro fim. Tendes vida sobre a terra somente para esta finalidade - conhecer, amar e servir a Deus na terra e gozá-lo por toda a eternidade. Considerar isto: não fostes criados para satisfazerdes os vossos sentidos, para gratificardes a vossa imaginação, para ganhardes dinheiro ou o louvor dos homens, para procurardes a felicidade em qualquer bem, em qualquer coisa debaixo do sol. Tudo isso é "andar numa sombra vã"; é conduzir uma vida inquieta e miserável na direção de uma eternidade miserável na direção de uma eternidade miserável. Ao contrário disso, fostes criados para procurardes e achardes a felicidade em Deus sobre a terra, para assegurardes a glória de Deus no céu. Que o vosso coração diga portanto: "Uma coisa faço", tendo um objetivo em vista, lembrando-me porque nasci e porque continuo com vida, "prossigo em direção ao alvo". Volto-me para o único fim do meu ser - Deus; sim "Deus em Cristo reconciliado o mundo consigo mesmo". Ele será o meu Deus para sempre e o meu guia até a morte!

*Sermões: "O que é o homem?" 13,15 (J,VII,229-30).*

\*\*\*

O único bem perfeito será o vosso último objetivo. Uma coisa deveis desejar - conseguir aquele que é tudo em todos. Deveis procurar a felicidade para as vossas almas - a união com aquele que as criou; ter "comunhão com o Pai e com o Filho"; unir-se ao Senhor em um Espírito. Deveis perseguir, até o fim dos tempos, o alvo que é o alegrar-vos em Deus no tempo e na eternidade. Desejai as outras coisas, desde que elas tendam para este fim. Amai a criatura, visto que isso conduz ao Criador. Mas, em cada passo que derdes, seja



isto o ponto glorioso que anima a vossa visão. Que cada sentimento, pensamento, palavra e obra seja subordinado a isto. Seja o que for que desejardes ou temerdes, procurardes ou ocultardes, pensardes, falardes ou fizerdes, fazei-o para vossa felicidade em Deus, o único fim, a única fonte do vosso ser.

*Sermões: "A circuncisão do coração", I, 12 (S, I, 273-74).*

\*\*\*

Quão verdadeiramente sábio é o cristão! Ele sabe que é um espírito eterno que saiu de Deus e foi enviado por Ele para habitar aqui numa casa de argila, não para fazer a sua vontade, mas a daquele que o enviou. Conhece o mundo, o lugar em que tem de passar alguns dias ou anos, não como um habitante, mas como um estrangeiro e viandante na sua trajetória para as moradas eternas; assim usa o mundo não abusando dele e sabendo que o melhor passará. Conhece a Deus - seu Pai e seu amigo, pai de todo bem, o centro dos espíritos de toda a carne, a única felicidade de todos os seres inteligentes. Vê mais claro do que a luz ao meio-dia, que esta é a finalidade do homem - glorificar aquele que o fez para si mesmo, amá-lo e gozá-lo para sempre. Vê com igual clareza os meios para alcançar o objetivo - gozar Deus em glória: agora, conhecer, amar, imitar a Deus e crer em Jesus Cristo a quem Ele enviou.

*Sermões: "Sobre o sermão do monte: XIII", II, 2 (5,11,29-30).*

\*\*\*

Sendo persuadidos. Os fundamentos desta persuasão são postos no versículo seguinte: "aquele que começou uma boa obra em vós a aperfeiçoará até o dia de Cristo". Tendo-vos justificado e começado a santificar-vos, levará avante a sua obra, até que a torne em glória.

*Notas: "Filipenses 1:6".*

Não quer que a expressão "a justiça dos santos" significar as "vestes nupciais" da parábola? É a "santidade sem a qual nenhum homem verá ao Senhor". A justiça de Cristo é sem dúvida necessária a todas as almas que entram na glória, mas a santidade pessoal também o é para todos os filhos dos homens. Mas é altamente necessário que se observe que são necessárias em aspectos diferentes. A primeira é necessária para dar-nos o direito ao céu; a segunda, para qualificar-nos para ele. Sem a justiça de Cristo, não teremos direito à glória; sem a santidade; não estaremos preparados para ela. Pela primeira, tornamo-nos membros de Cristo, filhos de Deus e herdeiros do reino dos céus. Pela segunda, "tornamo-nos preparados para participarmos da herança dos santos em luz".

*Sermões: "Sobre as vestes nupciais", 10 (J, VII, 314).*

\* \* \*

## 2 - A vida eterna

"Sem santidade nenhum homem verá ao Senhor", verá o rosto de Deus em glória. Nada sob o céu pode ser mais certo do que isto, "pois a boca do Senhor o disse. E embora o céu e a terra passem, a sua palavra não passará". Como não é possível Deus cair do céu, assim a sua palavra não pode cair por terra. Ninguém viverá com Deus senão aquele que agora vive para Deus. Ninguém gozará da glória de Deus no céu, senão aquele que, na terra, traz a imagem de Deus. Todo aquele que não é salvo dos pecados aqui, não poderá ser salvo do inferno depois. nenhuma pessoa poderá ver o reino de Deus lá em cima, a menos que o reino esteja nela aqui embaixo. Todos os que reinarem com Cristo no céu, devem ter Cristo reinando neles aqui na terra. Devem ter a "mente que houve em Cristo", capacitando-os a "andarem como Cristo andou".

*Obras: "Um golpe na raiz ou Cristo apunhalado na casa dos seus amigos", 1 (X, 364).*

Quando o Filho do homem vier na sua glória e conceder a todos a sua recompensa, esta será indubitavelmente proporcional 1) à nossa santidade interior, à nossa semelhança a Deus; 2) às nossas obras; 3) aos nossos sofrimentos. Portanto, se sofres no tempo, ganharás indizivelmente na eternidade. Muitos dos teus sofrimentos, talvez a maior parte deles, são passados agora. Mas a tua alegria virá! Levanta os olhos, minha cara amiga, levanta os olhos! e vê a tua coroa diante de ti! Mas um pouco e beberás dos rios de prazer que jorram à mão direita de Deus para sempre.

*Cartas: "A Ann Bolton" (VIII, 251).*

\*\*\*

"Aquele que tem o Filho tem a vida" (refere-se ele à vida eterna) e "aquele que não tem o Filho de Deus não tem esta vida". É como se ele tivesse dito: "esta é a soma do testemunho de Deus a respeito do seu Filho, que Deus nos deu não somente o direito, mas o começo real da vida eterna"; e esta vida é comprada por seu Filho e entesourada por Ele, que tem, em si mesmo, todas as fontes e toda a plenitude da mesma para comunicá-la ao seu corpo - a Igreja.

Quando é do agrado do Pai revelar-nos o seu Filho ao coração, então começa a vida eterna. Quando conhecemos a Cristo e somos capacitados a chamá-lo "Senhor pelo Espírito Santo"; quando podemos testificar, dando a nossa consciência testemunho no Espírito Santo deste modo: "A vida que agora vivo, vivo-a pela fé no Filho de Deus que me amou e deu-se a si mesmo por mim". E é então que a felicidade começa, felicidade real, sólida e substancial. É então que o céu se abre na alma, que o estado propriamente celestial se inicia, enquanto que o amor de Deus se derrama no coração, produzindo, imediatamente, o amor a toda a humanidade; benevolência geral e pura, juntamente com os seus frutos genuínos, humilde, mansidão, paciência, contentamento em qualquer situação; uma aquiescência inteira, completa, clara a toda vontade de Deus; tudo isso capacitando-nos a "regozijarmo-nos sempre e em tudo darmos graças".

À medida que o nosso conhecimento dele e o nosso amor a Ele se desenvolvem, o reino interior do céu deve desenvolver-se tam-

bém no mesmo grau e na mesma proporção, enquanto que nós "em tudo crescemos para Ele que é o nosso cabeça". E quando somos *en autô peplêrômenoi* completos nele, segundo a tradução feita pelos nossos tradutores, mas, mais propriamente, quando somos cheios dele; quando "Cristo em nós, a esperança da glória" é nosso Deus e nosso tudo; quando Ele toma posse total do nosso coração; quando ali reina sem rival, como Senhor de todos os movimentos; quando estamos em Cristo e Cristo está em nós, somos um com Cristo e Cristo conosco; então somos totalmente felizes; vivemos "toda a vida que está escondida com Cristo em Deus"; só então experimentarmos propriamente o que significa a palavra: "Deus é amor, e todo aquele que vive em amor, vive em Deus e Deus vive nele".

*Sermões: "Culto espiritual", II, 4-6 (J, VI, 430-31).*

\*\*\*

Deus acrescentou desde o começo perdão, santidade e céu. Por que abandonaria o homem tais coisas? Oh, tomai cuidado nisto! Não deixeis que um só elo da cadeia de ouro se quebre. "Deus me perdoou por amor de Cristo. Ele está agora me renovando segundo a sua própria imagem. Ele logo me torna manso para si mesmo e me toma para estar na sua presença. Eu, a quem Ele justificou através do sangue do seu Filho, sendo totalmente santificado pelo seu Espírito, subirei rapidamente à Nova Jerusalém - a cidade do Deus vivo. Ainda um pouco e virei para a assembléia geral e Igreja dos primogênitos, a Deus o juiz de todos e a Jesus o mediador da nova aliança. Logo essas sombras desaparecerão e a aurora da eternidade brilhará sobre mim! Cedo beberei do rio de água de vida que jorra do trono de Deus e do cordeiro! Lá todos os seus servos o louvarão, verão o seu rosto e o seu nome estará nas suas testas. Não haverá noite ali, não terão necessidade de candeias nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os alumiará, e eles reinarão para sempre."

*Sermões: "Objetivos de Satanás", II, 4 (S, II, 202-7).*

Meu caro irmão, S. Paulo ensina que nós nos uniremos "aos espíritos dos homens justos que se tornaram perfeitos", num sentido em que não poderemos ser na terra nem mesmo no paraíso. No paraíso, as almas dos bons descansarão dos seus trabalhos, e estarão com Cristo, da morte até à ressurreição. Não há nenhuma semelhança entre isto e o purgatório papal, onde os ímpios são atormentados pelo fogo purificador até que, sendo suficientemente purificados, tenham lugar no céu. Cremos, como o fez a Igreja antiga, que ninguém sofrerá depois da morte, senão os que hão de sofrer eternamente. Cremos que temos de ser salvos dos nossos pecados aqui, capacitando-nos a amarmos a Deus de todo o nosso coração.

*Cartas: "A George Blackall" (VII, 168).*

\*\*\*

O corpo que teremos na ressurreição será imortal e incorruptível, pois, "o corruptível deve revestir-se da incorruptibilidade e o mortal da imortalidade". As palavras imortal e incorruptível não só significam que não mais morreremos, pois nesse sentido os condenados também são imortais e incorruptíveis, mas que seremos perfeitamente libertos de todos os males corporais que o pecado trouxe ao mundo; que os nossos corpos não mais serão sujeitos à doença, à dor nem a qualquer outra inconveniência a que estamos expostos diariamente. A Escritura chama a isto "a redenção dos nossos corpos", a libertação de todas as moléstias. Se tivéssemos de recebê-los novamente sujeitos a todas as fraquezas e misérias com que somos forçados a lutar, duvido que um homem sábio, se lhe fosse dado escolher, tomá-lo-ia voluntariamente de novo; que ele não escolhesse deixá-lo apodrecer na sepultura a ser novamente preso a esta vestimenta terrena em ruínas. Tal ressurreição seria o que um sábio pagão chama de "ressurreição para um outro sono". Pareceria ser mais uma ressurreição para um nova morte do que uma ressurreição para vida...

Os nossos corpos levantar-se-ão em glória. "Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai". Temos uma

semelhança disto no brilho do rosto de Moisés, quando esteve conversando com Deus no monte.

*Sermões: "Sobre a ressurreição dos mortos", II, 1-2 (I, VII, 479-80, 481).*

\*\*\*

### 3 - Coisas eternas

Certamente não tendes desculpa, todos vós que não conheceis o dia da vossa visitação! o dia em que o grande Deus, que tem sido esquecido entre nós dias sem número, se levantará imediatamente para ser vingado dos seus adversários e visitar e redimir o seu povo. Não estão em ação os seus juízos e a sua misericórdia? Ainda assim não aprendeis a justiça? Não está o Senhor passando? Já não começou um grande e forte vento "a despedaçar as montanha e as rochas perante o Senhor?" Já não são também sentidos os terremotos? Um fogo começou a arder na sua ira. Quem sabe qual será o fim dessas coisas? Mas ao mesmo tempo Ele está falando a muitos "numa voz branda e suave". Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça, do contrário será repentinamente destruído, e o será irremediavelmente!

Que desculpa poderá haver possivelmente para aqueles que se descuidam de uma ocasião como esta? Para aqueles que estão em crise, são estúpidos, insensíveis, incompreensíveis? que não cuidam de nenhuma dessas coisas, que não se dão ao trabalho de pensar a respeito das mesmas e ainda são despreocupados? Pode haver um ponto sobre que vos seja mais necessário pensar com atenção mais fria e mais profunda? Poderá haver, enquanto durarem o céu e a terra, qualquer coisa de tão vasta importância como o último chamado de Deus a uma terra condenada já a perecer na sua iniquidade?

Vós e aqueles que estão ao vosso redor mereceis, de há muito, beber "a borra da taça da inquietação"; sim, ser "punidos com a destruição eterna feita pela presença do Senhor e a glória do seu po-

der". Mas Ele não vos tratou de acordo com os vossos pecados nem vos retribuiu segundo as vossas iniquidade. Uma vez mais Ele está misturando misericórdia ao juízo, e clamando: "Voltai-vos dos vossos maus caminhos, pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?" Não estareis vós dispostos a dar-lhe ouvidos? Se não tendes o cuidado de responder-lhe neste assunto, não fecheis os olhos ainda, não tapeis os ouvidos e não endureçais o vosso coração obstinado. Tomai cuidado para que Deus não ria da vossa calamidade, e não faça mofa quando o vosso temor chegar!

*Obras: "Apelo ulterior aos homens sensatos e religiosos: III", IV, 1-2 (VIII, 239-40).*

\*\*\*

Pregando à noite em Spitalfieds sobre: "Prepara-te para encontrares com o teu Deus", mostrei amplamente o absurdo da suposição de que o mundo terminaria naquela noite. Mas apesar de tudo quanto disse, muitos estavam com medo de irem deitar-se, e alguns vagueavam pelos campos, persuadidos de que se o mundo não acabasse naquela noite, pelo menos Londres seria engolida por um terremoto. Deitei-me à hora costumeira e às 10 horas dormia profundamente.

*Diário: "Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1763" (V,9).*

\*\*\*

Que ninguém que vive e morre nos seus pecados tenha a esperança vã de escapar à sua vingança. "Pois se Deus não poupou aos anjos que pecaram, mas lançou-os ao inferno, e os entregou a prisões de trevas reservados para o julgamento, o Senhor sabe reservar os injustos para punição no dia do julgamento" - 2 Ped.2:4-9. Naquele dia peculiarmente chamado "o dia do Senhor", "aqueles que dormem no pó da terra serão acordados, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eternos"- Dn. 12:2. Entre os Uni-

mos estarão aqueles que, pela sua impenitência obstinada, estão "entesourando para si mesmos ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus que dará indignação e ira, tribulação e angústia, à alma de todos os homens que praticam o mal"- Rom. 2:5, 8-9. Ele declarou a sentença que pronunciará sobre todos os que praticam a iniquidade: "Ide, vós malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e os seus anjos"- Mat. 25:41. E naquela hora será executado sendo "lançado nas trevas exteriores onde há choro e ranger de dentes"- versículo 30, eles serão punidos com a separação eterna da presença de Deus e da glória do seu poder"- 2 Tes. 1:9. Castigo não só eterno, mas sem interrupção. Pois uma vez "lançados naquele forno de fogo, naquele lago de fogo que arde com enxofre, o verme que rói a sua alma não morre e o fogo que atormenta o seu corpo não se apaga", de modo que "não têm descanso dia e noite e a fumaça do seu tormento sobe para sempre".

*Cartas: "A William Law"(III , 369-70).*

\*\*\*

Resta, agora, que não sendo mais mordomos, temos de dar contas da nossa mordomia. Alguns imaginam que isso aconteça imediatamente após a morte, logo que entramos para o mundo dos espíritos. A Igreja Romana assim afirma de maneira absoluta e faz disso um artigo de fé. E assim podemos admitir que no momento em que a alma deixa o corpo e fica nua perante Deus, ela fica sabendo qual será a sua porção para toda a eternidade. Terá uma visão completa, quer do gozo quer do tormento eternos, visto que não nos será mais possível enganarmo-nos no julgamento que fazemos de nós mesmos. Mas a Escritura não nos dá nenhuma razão para cremos que Deus então se assentará para julgar-nos. Não há nenhuma passagem em todos os oráculos de Deus que afirme tal coisa. O que tem sido citado freqüentemente em favor disso, parece mais provar o contrário, especialmente em favor disso, parece mais provar o contrário, especialmente Heb. 9:21: "Está ordenado aos homens morrerem uma vez e depois o julgamento", pois, com toda razão, a expressão "uma vez", aqui se aplica tanto ao julgamento quanto à morte. De maneira



que a conclusão certa a se tirar desse texto é não que há dois julgamentos - um particular e outro geral, mas que temos de ser julgados e de morrer uma vez; não uma vez imediatamente após a morte e outra depois na ressurreição geral, mas somente "quando o Filho do Homem vier na sua glória e todos os seus santos anjos com Ele". A imaginação, portanto, de que há um julgamento na morte e outro no fim do mundo, não pode ter lugar entre aqueles que fazem da palavra escrita de Deus a regra total e única de sua fé.

*Sermões: "O bom mordomo", III, 1 (S, II, 473-74).*



A mais gloriosa mudança será aquela que se operará nos pobres, pecadores e miseráveis filhos dos homens. Estes, mais do que qualquer outra parte da criação, caíram, em muitos sentidos, de uma altura maior a uma profundidade maior. Mas "ouvirão uma grande voz do céu dizendo: "Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens e Ele habitará com eles, eles serão o seu povo e Ele será o seu Deus"- Apoc. 21:3. Daqui surgirá um estado puro de felicidade e santidade muito superior àquele que Adão gozava no paraíso. Que bela descrição faz o Apóstolo do mesmo: "Deus limpará de seus olhos toda lágrima; não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois as primeiras coisas são passadas". Visto que não haverá mais morte, dor ou doença para a sua preparação e que não haverá mais tristeza pela separação de amigos, assim não haverá tristeza ou choro. Mas haverá uma libertação maior do que tudo isso, pois não haverá mais pecado. E para coroar tudo isso, haverá uma união profunda, íntima e ininterrupta com Deus; uma comunhão constante com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo através do Espírito; um gozo contínuo do Deus Trino e de todas as criaturas nele!

*Sermões: "A nova criação", 18 (J, VI, 295-96).*

Mas permanecerá a "criatura", mesmo a criatura bruta, sempre nesta condição deplorável? Deus nos proíbe de afirmar tal coisa; sim, até mesmo de pensar nisso! Quando "toda a criação geme" (quer os homens atendam ou não) os seus gemidos não são dispersos no ar, mas entram nos ouvidos daquele que a fez. Quando as suas criaturas "lutam com a dor", Ele conhece todo o seu sofrimento e está conduzindo-as para mais e mais perto do nascimento que se completará no seu devido tempo. Ele vê "a ansiosa expectativa" na qual toda a criação animada "espera pela manifestação final dos filhos de Deus", na qual "eles também serão libertos, não pela aniquilação, pois esta não é libertação, dos laços presentes da corrupção para a estrutura da gloriosa liberdade dos filhos de Deus".

*Sermões: "A libertação geral", III, 1 (J, Vi, 248).*

\*\*\*

A pessoa pela qual Deus julgará o mundo é o seu unigênito Filho, cujas "saídas são desde a eternidade" e que é "Deus sobre todos, bendito para sempre". A Ele, "sendo o esplendor da glória do seu Pai, a expressa imagem da sua pessoa"- Heb. 1:3, o Pai "entregou o julgamento porque Ele é o Filho do Homem" - Jo. 5:22, 27; porque, embora tendo "a forma de Deus, e não pensasse que fosse roubo o ser igual a Deus, esvaziou-se a si mesmo, tomou a forma de servo e se fez semelhante aos homens"- Filip. 2:6,7; sim, porque "estando na forma de homem, fez-se obediente até a morte de cruz. Por isso Deus o exaltou grandemente", mesmo na sua natureza humana e ordenou-o, como homem, a examinar os filhos dos homens e a ser "o juiz tanto dos vivos na sua vinda como daqueles que já tiverem sido reunidos a seus pais.

O tempo chamado pelo profeta - "o grande e terrível dia" é usualmente denominado nas Escrituras como o dia do Senhor. O espaço de tempo entre a criação do homem sobre a terra e o fim de todas as coisas, chama-se o dia dos filhos dos homens; o tempo em que estávamos vivendo é o nosso dia dos homens; o tempo em que estamos vivendo é o nosso dia propriamente; quando este terminar, começará o dia do Senhor. Mas quem pode dizer quanto durará? "Para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos são como um dia"- 2

Ped. 3:8. Alguns dos antigos pais tiraram desta expressão a inferência de que o que se chama comumente o dia do julgamento é na, realidade, mil anos, e parece que não foram além da verdade; provavelmente não chegaram até ela, pois se considerarmos o número de pessoas que terão de ser julgadas e de ações a serem examinadas, não parece que a duração de mil anos seria suficiente para os atos daquele dia, de modo que poderá estender-se a diversos milhares de anos. Mas Deus revelará também isto no seu devido tempo...

Quem poderá contar as pessoas a serem julgadas assim como as gotas da chuva e a areia do mar? Disse S. João: "Vi u'a maldição que nenhum homem pode contar vestida com vestes brancas e com palmas nas mãos. Quão imensa deve ser então a multidão total de todas as nações, tribos, povos e línguas, de todos os que saíram dos lombos de Adão desde o começo do mundo até que o tempo não mais seja!...

Naquele dia serão descobertas todas as ações internas de toda as almas humanas; todo apetite, toda paixão, inclinação, sentimento, com as várias combinações dos mesmos, todo sentimento e disposição que constituem todo o complexo caráter humano. Assim ver-se-á clara e infalivelmente quem foi justo e quem foi injusto e em que grau toda ação, toda pessoa, todo caráter foi bom ou mau...

Podemos considerar algumas das circunstâncias que se seguirão ao julgamento final. A primeira é a execução da sentença pronunciada sobre os maus e os bons: "Estes irão para o castigo eterno e os justos para a vida eterna". Deve-se observar que é a mesma a palavra usada na primeira e na última cláusula. Segue-se que ou o castigo será eterno ou a recompensa também terá fim. Não, a menos que Deus tivesse um fim e as suas misericórdias e verdade falhassem. "Então os justos brilharão como o sol no reino do seu Pai", e "beberão dos rios de prazer que estão à mão direita de Deus para sempre". Mas nisso toda descrição é insuficiente e toda linguagem humana falha! Somente aquele que é arrebatado até o terceiro céu pode ter uma concepção exata a respeito disso. Mas mesmo esse não pode exprimir o que viu; não é possível ao homem expressar estas coisas.

Os ímpios e todas as pessoas que se esquecem de Deus serão lançados no inferno. Serão "punidos com a eterna separação da presença do Senhor e da glória do seu poder", serão "lançados ao lago

que arde com fogo e enxofre", originalmente "preparado para o diabo e seus anjos", onde roerão as suas línguas a angústia e a dor. Eles blasfemarão contra Deus e progredirão nisso. Ali os cachorros do inferno - o orgulho, a malícia, a vingança, a ira, o horror e o desespero, continuamente os devorarão. "Não têm descanso dia e noite, e a fumaça do seu tormento sobe para sempre!" Pois "o seu verme não morre e o fogo não apaga".

Então os céus murchar-se-ão, secar-se-ão como a pele de ovelha e passarão com grande barulho; "fugirão da face daquele que está assentado no trono e não se achará lugar para eles" - Apoc. 20:11. O apóstolo Pedro nos revela o modo por que passarão: "No dia de Deus, os céus, estando em fogo, serão dissolvidos"- 2 Ped. 3:12. Todo esse lindo material será desmoronado por aquele elemento em fúria, a conexão de todas as suas partes serão destruída e todos os átomos serão separados uns dos outros. Do mesmo modo, "também a terra e tudo que nela existe serão queimados"- versículo 10. As enormes obras da natureza - as colinas e as montanhas eternas que têm desafiado a fúria do tempo e permanecido imóveis durante tantos milhares de anos, afundar-se-ão em terrível ruína. Quanto menos, as obras de arte, mesmo as mais duráveis, os maiores esforços da indústria humana - túmulos, colunas, arcos de triunfo, castelos e pirâmides, perecerá, desaparecerá como um sonho quando alguém se desperta!...

Mais uma circunstância que seguirá ao julgamento merece a nossa consideração séria. Diz o Apóstolo: "Aguardamos, segundo a sua promessa, novos céus e nova terra onde habita a justiça" -2 Ped. 3:13. A promessa está na profecia de Isaías: "Eis que crio novos céus e uma nova terra e os primeiros não mais serão lembrados" - Is. 65:17, tão grande será a glória dos últimos! S. João viu estes nas suas visões de Deus. Disse ele: "Vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram"- Apoc. 21:1. Somente a justiça habitou ali, de acordo com o que ele acrescenta: "Ouvi uma grande voz do terceiro céu dizendo: eis que o tabernáculo de Deus está entre os homens e Ele habitará com eles, eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus" - 21:3. Portanto eles serão necessariamente felizes: "Deus enxugará toda lágrima de seus olhos; não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor de espécie alguma" - 21:4. "E ali não haverá mais maldição, mas

verão o seu rosto"- 22:3, 4. Terão acesso íntimo a Ele e a mais perfeita semelhança com Ele. Essa é a expressão mais forte na linguagem das Escrituras para indicar a felicidade mais perfeita. "E o seu nome estará nas suas testas"; serão abertamente reconhecidos como propriedade de Deus e a sua gloriosa natureza brilhará neles da maneira mais visível. 'E não haverá ali noite, nem necessitarão de candeias, nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os alumia e reinarão para sempre".

*Sermões: "O grande júri", II, 1-2, 4, 7, III, 1-2, 5 (S, II, 405-9, 411-13, 415).*

Por sua própria natureza, esta Coletânea é um índice do pensamento de Wesley, visto que a referência a cada passagem torna o contexto, do qual ela foi tirada, prontamente acessível.

Esta Coletânea procura resumir as doutrinas centrais do pensamento de Wesley e dar-lhes forma sistematizada.

Todos os principais escritos de Wesley foram colecionados e examinados num esforço para que um trabalho representativo da sua teologia total fosse produzido.